

Antonia Maria Jaqueira Lirio

Memórias de um pediatra



MEMÓRIAS DE UM PEDIATRA



ANTONIO MARCIO JUNQUEIRA LISBOA

DEVE-SE TER EM MENTE QUE A TRAGÉDIA DA VIDA NÃO É NÃO PODER ALCANÇAR SEUS OBJETIVOS. A TRAGÉDIA DA VIDA É NÃO TER NENHUM OBJETIVO A ALCANÇAR. NÃO É UMA CALAMIDADE MORRER SEM PODER REALIZAR NOSSOS SONHOS, MAS É UMA CALAMIDADE NÃO SONHAR. NÃO É UM DESASTRE SER INCAPAZ DE CONQUISTAR SEU IDEAL, MAS É UM DESASTRE NÃO TER UM IDEAL A CONQUISTAR. NÃO É UMA DESGRAÇA NÃO PODER ALCANÇAR AS ESTRELAS, MAS É UMA DESGRAÇA NÃO TER ESTRELAS A ALCANÇAR.

Benjamin Mays

ÍNDICE

| | |
|---|-----|
| INTRODUÇÃO..... | 4 |
| QUEM SOU EU? | 5 |
| IDOSO OU VELHO? | 14 |
| MINHA FAMÍLIA | 16 |
| PERFIL DOS PAIS | 17 |
| HISTÓRIAS DO MEU PAI | 19 |
| HISTÓRIAS DA MINHA MÃE | 30 |
| HISTÓRIAS DO MEU AVÔ | 34 |
| MINHAS ESPOSAS | 43 |
| A FAZENDA ABAÍBA | 57 |
| MEUS COLÉGIOS | 61 |
| O SERVIÇO MILITAR | 66 |
| A PENSÃO DA CLARICE | 70 |
| A FACULDADE NACIONAL DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE DO BRASIL | 76 |
| O HOSPITAL CARLOS CHAGAS | 84 |
| A FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ-MANGUINHOS | 97 |
| O SERVIÇO DE SAÚDE DA AERONÁUTICA | 98 |
| O HOSPITAL DA AERONÁUTICA DOS AFONSOS | 99 |
| O HOSPITAL CENTRAL DA AERONÁUTICA | 107 |
| A MATERNIDADE E POLICLÍNICA ALEXANDER FLEMING | 112 |
| O HOSPITAL DOS SERVIDORES DO ESTADO | 115 |
| A UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE | 118 |
| UNIDADE INTEGRADA DE SAÚDE DE SOBRADINHO | 118 |
| A FUNDAÇÃO HOSPITALAR DO DISTRITO FEDERAL | 124 |
| A FUNDAÇÃO DO SERVIÇO SOCIAL – COPLAC | 127 |
| O MINISTÉRIO DA SAÚDE - DIVISÃO DE SAÚDE MATERNO-INFANTIL | 128 |
| A CLÍNICA | 129 |
| AS SOCIEDADES MÉDICAS – ACADEMIAS | 149 |
| AS VIAGENS | 153 |
| HOMENAGENS | 163 |
| ELOGIOS | 169 |

INTRODUÇÃO

Ao nascerem, as pessoas podem ser comparadas a uma folha de papel em branco, onde serão registrados todos os acontecimentos de sua vida: as emoções, as doenças, os vícios, os acidentes, as alegrias, as tristezas, as tragédias, as comédias, os fatos insólitos. Quanto mais e mais intensamente viver uma pessoa, mais a página se encherá de escritos, que poderão cobri-la de tal forma ao ponto de ser difícil, ou mesmo impossível, identificá-los. Antes que isso aconteça comigo, ou mesmo antes de viajar para a “terra dos búfalos”, como diriam os índios americanos, ou antes de passar desta para melhor, como nós dizemos, resolvi rever a minha página e tornar público os fatos que mais marcaram minha vida pessoal e profissional.

Eu me orgulho de pertencer a uma família de médicos que muito fizeram pelo meu país. Meu avô, Antonio Maximiano Xavier Lisboa, médico renomado e humanitário, líder político, antiescravagista, cultura elevada, tendo feito parte do triunvirato que governou sua cidade adotiva, Itajubá, após a proclamação da República; espírito empreendedor, participou ativamente, no início do século, de todas as iniciativas que visavam o progresso de sua cidade, como instalação de energia elétrica, criação de escolas, fábricas, e do primeiro hospital - a Casa de Caridade de Itajubá, Sul de Minas, cidade que adotou como sua, e que, em reconhecimento aos seus feitos, deu seu nome a uma das principais ruas da cidade e à Maternidade local - Maternidade Xavier Lisboa.

Meu pai, Irineu Lisboa, foi um dos primeiros sanitaristas e radiologistas do Estado de Minas Gerais; famoso pelos seus acertados diagnósticos epidemiológicos e radiológicos que eram solicitados pelas cidades da região, desempenhou um papel extraordinário na implantação dos Postos de Higiene no Estado de Minas Gerais; chefiou o Centro de Saúde de Leopoldina e o Serviço de Radiologia da Casa de Caridade Leopoldinense, que hoje leva seu nome. Gaspar Lisboa, meu tio, foi, sem dúvida, o mais importante e dos mais competentes médicos de Itajubá; idealizador e criador da primeira maternidade da cidade, que leva o nome de seu pai - Xavier Lisboa; criou o dispensário escolar, que dirigiu por longos anos e que, após sua aposentadoria, recebeu o seu nome; criou a Escola de Enfermagem, um dos orgulhos da cidade; participou da criação da Faculdade de Medicina local. Profundamente religioso, exerceu a clínica e a obstetrícia como um sacerdócio; nunca cobrou uma consulta dos pobres e, principalmente, jamais discriminou as pessoas, tratando todos de forma igual, independente de prestígio ou condição social. Tinha mais de mil afilhados e era chamado de “pai dos pobres”. Os três tinham em comum a competência profissional, a humildade, um profundo despreendimento pelo dinheiro e um grande amor ao próximo. Sou grato pelo exemplo e pelas lições que me deram, de medicina e de cidadania. Como uma expressão de gratidão, dedico-lhes este livro.

QUEM SOU EU

Nasci em Leopoldina, Minas Gerais, no dia 6 de janeiro de 1927, filho de Irineu Lisbôa (médico) e de Cinira Ribeiro Junqueira Lisbôa, os melhores pais do mundo. Meu pai foi o primeiro sanitarista do Estado de Minas Gerais e, minha mãe, a melhor de todas. Nasci em casa e, como minha mãe tinha pouco leite, fui amamentado por todas as nutrizes que moravam na minha rua. Talvez daí tenha nascido meu espírito comunitário.

Minha mãe, Cinira, havia estudado no colégio do Sion, em Petrópolis, considerado um dos melhores do país. Falava francês fluentemente e devorava livros. Por esse motivo, adquiri o hábito da leitura. Além dos “gibis”, eu apreciava os livros de aventuras, policiais, e também aqueles lidos por minha mãe, de grandes autores nacionais e estrangeiros. Noventa por cento dos livros que li o foram dos 10 aos 18 anos. Após essa idade, infelizmente, me dediquei quase que exclusivamente a estudar livros de medicina ou ligados às áreas da saúde.

MINHA INFÂNCIA

O Jonas Grant Ramos, catarinense de Lages, foi meu colega na Faculdade Nacional de Medicina. Enviou-me um livro chamado “Sem Segundas Intenções...”. Nele, relata episódios de sua infância de menino do interior catarinense. Inicia um dos capítulos chamado “Artesanato Infantil”, dizendo: “A infância, antes do evento dos plásticos, não era só brincadeira. Havia que trabalhar duro, com muita habilidade e imaginação, para se fazer brinquedos”.

Passo a relatar minha experiência na “fabricação” de brinquedos. O primeiro deles é a funda, chamada por nós mineiros de atiradeira ou estilingue, feita com uma forquilha de madeira, duas tiras de elástico e um pedaço de couro. As “balas” eram pedras, ou pelotas de barro, secadas no sol. Muitos as utilizavam para a caça de passarinho, outros, como eu, para tiro ao alvo, e os travessos, para quebrar vidraças ou acertar nos outros. Qual o menino do interior que nunca pegou passarinhos? Os mais abonados usavam alçapões, os habilidosos construíam sofisticadas arapucas, e outros ainda, como eu, usavam uma peneira comum, um pequeno pedaço de pau, e um barbante. Como isca, usávamos uma trilha de milho, que terminava dentro da armadilha. Com isso pegávamos todo tipo de passarinho, que eram colocados em gaiolas ou viveiros e, depois, soltos. Como os ioiôs e os bilboquês eram, para nós, muito caros, nós os fabricávamos utilizando botões, latinhas ou madeira. Com madeira e um prego sem cabeça, fazíamos os piões. Cavalos de pau, carrinhos, caminhões, aviões, lanchas, castelos, eram construídos com madeira, ferro, cabos de vassoura, cacos de telhas, o que estivesse disponível. Rodas confeccionadas com madeira ou rolimãs desprezados pelas oficinas, caixotes de madeira, carroceria, o eixo dianteiro móvel era de madeira, o traseiro fixo também de madeira, os pés eram a direção e o freio, e uma lata de goiabada fingia ser a

direção - estava pronto o veículo do século. Com ele, descíamos velozmente pelas ruas em declive. Trabalhosa era a subida, empurrando o carro ou puxando-o em locais planos. Pneus e aros de metal eram rodados pelas ruas. Os “papagaios”, pipas ou pandorgas, com longas caudas e tiras de papel soltas, para vibrarem com o vento, eram feitos com papel de seda, varetas finas de taquara e grude feito com polvilho, para colar. Presos por um barbante ou linha resistente a uma carretilha que, na maioria das vezes, era o próprio carretel da linha, eram empinados e subiam ao sabor dos ventos. Qual o mais bonito, o mais original e o que subia mais alto, era o que a garotada disputava.

Os filmes de “cowboy” estrelados por Tom Mix e Buck Jones, nossos ídolos, nos inspiravam a “matar” índios com revólver de espoleta, ou feitos de madeira e um pedaço de cano. Alguns “revólveres” mais sofisticados chegavam a atirar pequenas pedrinhas, a “bala”. Da mesma maneira eram construídas as espingardas. Com as fitas metálicas que prendiam os caixotes, ou com madeira, fazíamos facas, facões e espadas. Construíamos e andávamos em “pernas de pau”, imitando os artistas de circo; os mais exímios apostavam corridas e outros, como eu, viviam caindo. Se não tínhamos bola, providenciávamos uma meia, velha, e a enchíamos de capim ou palha de milho, e estava resolvido o problema.

Jonas, lendo seu livro, vi que os “artesãos mirins” de Lages, em Santa Catarina, de Leopoldina, em Minas, e de milhares de outras localidades tiveram, como nós, uma infância dura e cheia de “trabalho” e que, por isso, acham que ela tenha passado tão rapidamente. A nossa infância só foi assim porque fomos livres, não fomos institucionalizados. Demos asas à nossa imaginação, à nossa criatividade e aprendemos a valorizar a nossa liberdade. Somos crianças da geração “Pequeno Príncipe”, do famoso livro de Saint Exupéry. Diferente daquelas que, colocadas precocemente em creches e escolinhas, aprendem “criatividade” com e dos adultos. Conseguem descobrir sua criatividade por si própria, com o auxílio dos brinquedos e brincadeiras, ou aprendê-la com os adultos.

A professora de João Paulo, três anos, meu neto, pede que ele faça um navio. João Paulo faz o desenho: um círculo e uma série de rabiscos ao lado. Pergunta-lhe: “O que é isso, João Paulo?”. “Um navio e alguns elefantes nadando”, responde ele. “João Paulo, isso não é um navio e elefantes não nadam”, diz ela. E, em seguida, desenha no quadro negro um navio “de adulto”, tudo certinho. E o João Paulo que havia desenhado um navio redondo, o único do mundo, e elefantes que sabiam nadar, aprendeu a “criatividade do adulto”. Certamente essa professora não havia lido o Pequeno Príncipe.

Jonas, seu livro veio aumentar, ainda mais, as minhas dúvidas sobre como deveriam ser criadas e educadas as crianças pequenas.

OS BRINQUEDOS MARCIAIS - Tive uma infância feliz, cheia de revólveres, metralhadoras, soldadinhos de chumbo, aviões de guerra, tanques, combates e guerras simuladas, mas também cheia de amor, carinho e compreensão, onde a palmada nunca substituiu o diálogo. Eu, e quase todos

meus amigos e companheiros de infância, vivíamos armados com revólveres de espoleta (eu tinha três), atirávamos para o alto, em nossos familiares e “matávamos” bandidos, índios, e mesmo uns aos outros. Fui “morto” inúmeras vezes, e “matei” inúmeros companheiros. “Mãos ao alto!”, fazia parte de nosso vocabulário cotidiano. Aos seis anos os meninos gostam de atividades belicosas, de índios, vaqueiros, policiais, ladrões; atiram nos “inimigos”, colocam-se em emboscadas; gostam de ser soldados, de andar “armados”. Tudo isso faz parte das chamadas brincadeiras de faz-de-conta. Hoje, quando vejo recolherem os brinquedos marciais das crianças, trocá-los por outros, passarem vitoriosamente com um caminhão sobre eles para destruí-los, como se fossem, pelo menos parcialmente, responsáveis pela violência que por aí campeia, tento me lembrar de quantos daqueles “matadores”, “assaltantes” e “índios” mirins bandearam para a delinquência. Por mais que eu me esforce não me lembro de nenhum. Sem dúvida, alguns trocaram de esposa, o que àquela época era reprovável, hoje aceito como normal, e até defendido e promovido pelas novelas televisivas. Nos meus sessenta anos de formado, não consigo associar os brinquedos marciais à gênese de comportamentos antissociais. Assim que me formei, fiz concurso e tornei-me médico da Aeronáutica. Fui obrigado a comprar um revólver, que nunca foi usado.

Penso que os pais não devem se preocupar com o filho de quatro anos que gosta de brincar com pistolas, revólveres, espadas de brinquedo, “matando” a torto e a direito, de brigar com sua irmã de dois anos, de morder ou puxar o cabelo dos coleguinhas. Pode-se até interferir nesses comportamentos, mas não reprimi-los, pois as crianças estão aprendendo a se defender e a controlar sua agressividade, o que ocorrerá com o desenvolvimento de seu caráter e em função do seu relacionamento com os pais. Nesse meio tempo, as brincadeiras vão diminuindo seus sentimentos agressivos. Quando aponta o revólver e diz: “Matei!”, está brincando, não precisa e não deve ser repreendida. Finge disparar a arma, pois tem certeza que nada acontecerá com as outras pessoas, reais ou imaginárias. Dizem até que as crianças que sabem brincar, fingindo “ferir”, ou mesmo “matar”, são mais dóceis do que aquelas que inibem seus sentimentos hostis.

A partir dos seis anos até os dez, as crianças costumam se organizar em grupos ou equipes, que lutam umas contra as outras. Quando maiores, essas disputas passam a ser feitas nos jogos, competições esportivas ou escolares, onde os sentimentos agressivos são controlados por normas, regras ou convenções. Quando seu bebê grita raivosamente de fome, seu filho de dois anos morde e bate, o de quatro anos “atira” e “mata” os outros, o de nove lê livros de aventuras e o de catorze defende as cores de sua equipe, estão tentando dominar e controlar os seus instintos agressivos, o que contribuirá para torná-lo um bom cidadão. Armas verdadeiras, medicamentos, material de limpeza, inseticidas são perigosos, e devem ser guardados trancados e fora do alcance das crianças. Guardar armas em casa talvez seja até menos perigoso, para as crianças, do que remédios, desinfetantes, inseticidas, detergentes, que são

responsáveis por índices muito mais elevados de acidentes e mortes. Em minha vida de médico, o número de crianças que atendi vítimas de intoxicações, queimaduras, quedas no lar, foi milhares de vezes superior ao de ferimentos por armas de fogo. O que as pessoas que combatem a violência ainda não entenderam é que a arma para ferir e matar tem que ser disparada por alguém. A faca, o punhal, as barras de ferro, as armas de fogo, não matam. Quem mata é o homem, bandido, marginal, delinquente, que as maneja. Se houvesse uma possibilidade de se proibir a fabricação de todas as armas, ele continuaria matando com seus próprios punhos, como vem ocorrendo em Brasília. Já disse alguém que uma bomba atômica nas mãos de São Francisco é menos perigosa do que um canivete nas mãos de um marginal. O combate à violência como vem sendo feito, poderá até, por sorte, diminuí-la, mas não afetará a produção de bandidos. Há doze anos venho fazendo previsões trágicas sobre o nosso futuro, caso não sejam tomadas medidas urgentes para proteger as crianças, principalmente nos seis primeiros anos de vida, de agressões físicas, emocionais e sociais, que possam implantar nelas a semente da violência, que costuma germinar e dar frutos na adolescência.

“O fato de as crianças estarem sendo cuidadas por empregadas domésticas, que têm pouco ou nenhum conhecimento de psicologia infantil; as mães trabalharem fora para, juntamente com seu marido, melhorarem a renda familiar e, por isso, não terem tempo para educá-las; a exibição pela TV, no horário infantil, de desenhos e filmes que lhes incute no subconsciente a violência, onde um personagem atira no outro, agride-o com objetos pesados, atropela-o e nada acontece com a vítima; os jogos eletrônicos onde o tema principal é a violência, caça a bandidos, lutas, guerras espaciais. Não seriam esses fatores responsáveis pelo aumento de crimes cometidos por jovens e crianças, que atiram em professores e colegas em salas de aulas, ou de acidentes de trânsito graves, com vítimas fatais ou incapacidades permanentes?”. Pergunta-me Gilberto. E continua: “Permitimo-nos discordar de suas colocações, porque acreditamos que a união de fatores, como a omissão das mães na educação dos filhos, filmes e desenhos animados que pregam a violência, jogos eletrônicos e armas de brinquedo, conspiram na deturpação do caráter das crianças e as levam a serem irremediavelmente violentas”.

Estou absolutamente de acordo com você, Gilberto, sem contrariar minhas afirmações. O grande problema na prevenção da delinquência é a confusão entre fatores determinantes, os mais importantes, os que realmente têm que ser motivo de preocupação, e os predisponentes, que se tornam importantes quando não se consegue controlar os determinantes. A televisão, os brinquedos marciais, as cenas de violência etc., são fatores predisponentes, importantes em indivíduos com falhas na formação da personalidade e do caráter. Mesmo que fosse possível controlá-los, os resultados seriam pífios. A minha grande angústia é que, com relação à violência, está sendo culpada a miséria, o narcotráfico, o contrabando de armas, a televisão, a impunidade, a polícia, e até os brinquedos e os desenhos animados, não valorizando o papel

dos pais, da família, da escola, os maiores, porém não os únicos, responsáveis pela formação de cidadãos honestos ou de marginais.

ALGUNS ACONTECIMENTOS NA MINHA INFÂNCIA

A POMBINHA– Ganhei uma pequena espingarda de chumbinho. Estava na fazenda e fui ao curral ver se conseguia caçar algum passarinho. Assim que cheguei, vi uma pombinha e atirei. Acertei. A pombinha deu um pequeno voo e caiu. Fui pegá-la. Do seu corpinho, branco como a neve, corria um filete de sangue. Ela agonizava. Segurei-a até vê-la morrer. Fiquei desesperado vendo aquele bichinho inofensivo, inocente, morrendo em minhas mãos. Foi o primeiro e único tiro que dei. No mesmo dia, devolvi a espingarda. São passados oitenta anos e eu ainda não me esqueci daquela cena.

QUANDO EU MORRI– Minha mãe começou a receber telefonemas de amigas, dando-lhe os pêsames e inclusive dizendo que haviam encomendado uma missa por minha alma. Defronte à minha casa morava a Marocas, mãe do Marcio Junqueira Brugger. O Marcio pilotava pequenos aviões no aéreo clube local. Saiu de Leopoldina em uma sexta-feira para assistir a um jogo de futebol no Rio de Janeiro. Deveria voltar no domingo e não voltou...nunca mais. Não acharam nem o Marcio, nem o avião. Marcio Junqueira, morador em Leopoldina na mesma rua do que eu, só poderia ser eu, o Antonio Marcio Junqueira. Daí as pessoas inferirem que a vítima seria eu, o motivo dos telefonemas e das missas.

SAPOTI – Eu adorava sapotis. Havia uma árvore da casa de um tio meu que me fornecia bastante. Eles caíam, e eu os escondia em uma moita de bambu. Todos os dias ia apalpá-los para ver se já estavam maduros. Um dia, ao enfiar a mão na moita, dei com uma coisa viscosa que se mexia – uma cobra. Descobri que tinha uma sócia perigosa e nunca mais escondi as frutas.

OS COELHINHOS–Ganhei um casal de coelhinhos brancos. Tiveram filhotes e eu, todos os dias, ia pegá-los. Um dia, desapareceram. Mistério. Nova ninhada e tudo se repetiu. Os pais estavam comendo os filhotes. Isso costuma ocorrer quando, pegos por pessoas, os pais os rejeitam tanto, que os comem. Muitos anos após, eu li sobre o assunto.

CRIAÇÃO DE POMBOS – Comecei a criar pombos. Inclusive uns lindos denominados pombos-pavão. A população crescia, e eu cada vez mais feliz, até que comecei a notar que eles estavam diminuindo. Em pouco tempo consegui descobrir a causa. Subi ao terraço da minha casa e passei a observar meu vizinho, um juiz, pegando os meus pombos. Colocava milho no chão, e os pobrezinhos iam comendo até serem presos e, posteriormente, devorados.

O COLECIONADOR- Colecionei de tudo: caixa de fósforos, tampinha de cerveja, rótulos de garrafas, figurinhas do sabonete Eucalol, selos, figurinhas de jogadores de futebol, soldadinhos de chumbo. Quando comecei a colecionar caixas, meu pai colocou-me o apelido de Antonio Caixeta. De todas as coleções, a única que sobreviveu foi a de selos.

JOGO DE BOTÕES-. E os jogos de botões? Os botões eram conseguidos por doação, por troca ou compra. O Francisco José, meu primo, conseguiu botões grandes e bonitos, retirados de um casaco de seu pai, importado e caríssimo. Infelizmente, para tirar os botões, o casaco foi inutilizado. O “campo” estava localizado em minha casa. Vários times eram inscritos e os botões batizados com nomes de jogadores famosos. A bola era feita com papel de alumínio dos maços de cigarro. Os campeonatos eram disputadíssimos. Todos os meninos tinham suas coleções. Durante alguns anos, minha casa foi a sede dos campeonatos. E eu, o campeão por muito tempo. No final, passamos a comprar os

“botões” industrializados, com as cores dos diferentes times brasileiros. Entretanto, parece-me que o mais gostoso era conseguir os botões.

PADRE - Para não “inventarem” namoradas, eu comecei a dizer que queria ser padre. Um dia, meu pai parou o carro e perguntou ao Padre José se ele poderia arranjar uma vaga no seminário para mim. Desse dia em diante, nunca mais quis ser padre. Ainda que, naquela época, principalmente as mães, faziam promessas para serem cumpridas pelos filhos. E havia um menino, mais ou menos da minha idade, nove anos, que estava sempre vestido de padre, para cumprir uma promessa de sua mãe, e aquilo me apavorava. O menino acabou padre, largou a batina, e foi um grande juiz em Brasília.

O MOTORISTA–Comecei a dirigir carros, sozinho, aos oito anos. Aprendi em um velho Chevrolet Ramona, modelo 1928, assentado sobre um travesseiro para poder olhar o caminho. Aos sábados, costumávamos ir para a fazenda. Estrada de terra, estreita, muita poeira, eu dirigindo. Minha mãe achava uma loucura, reprovava o meu pai: “Lisboa, esse menino não tem força para frear”. O carro fervia, eu tinha que buscar água para colocar no radiador. O pneu furava, meu pai ficava assentado debaixo de alguma árvore, esperando que eu o trocasse. Se estávamos longe da sede da fazenda, pedia-me para buscar o carro. Quando passávamos pela vila, a garotada gritava: “Olha o menino dirigindo!”. O pior ocorria quando o motor parava e eu tinha que girar a manícula, pesadíssima, para que ele pegasse. Aos 17 anos tirei minha carteira de motorista. O examinador me conhecia desde pequeno e dispensou-me do exame.

A CAMISA – Eu tinha quatro anos, estava passando férias na casa de meus avós. Véspera do Natal. Minha mãe havia me levado para ver algumas lojas e eu me encantei com uns soldadinhos de madeira. Em casa sugeri, várias vezes, que gostaria de ganhá-los. No dia do Natal, minha tia Inocência presenteou-me com uma camisa azul. Frustrado, joguei-a no chão, pisei em cima, comecei a chorar e disse que eu queria os soldadinhos. Como eu era uma criança tranquila, minha reação foi um Deus nos acuda. Minha mãe reprovava minha conduta e pedia desculpas. Coitada da tia Inocência. Alguém, que presenciou a cena deume os tais soldadinhos.

ROJÕES - Em Leopoldina, desde 1933, existe uma famosa exposição anual de animais. A cidade ficava em festa. Uma das nossas brincadeiras era soltar

rojões até que, um dia, um deles entrou debaixo da saia da D. Periquita, com oitenta anos. D. Periquita saltava de todo lado. A turma ria da velhinha, que sofreu queimaduras leves. Os rojões foram proibidos.

NATAL NA CHÁCARA – Festejávamos todos os natais. Quando criança, nas chácaras do Desengano, de meus tios avós Custódio e Chane, ou na de meus tios Erico e Hermínia. O Papai Noel estava sempre presente. Um ano, ele chegou com um saco bem grande, cheio de presentes. E foi distribuindo. Por último, olhou para mim e disse que como eu havia me comportado mal, eu não iria ganhar brinquedos. Levei um choque de tristeza. Nesse momento, chega meu pai e diz ao Papai Noel que ele havia se enganado e que desse os meus presentes. O que havia sido uma brincadeira ficou gravada na minha mente durante toda minha vida. Não enganem as crianças.

O ARTISTA – Meu pai, sanitarista, usava de vários recursos par promover a saúde: teatro de mamulengos, fantasias no carnaval, teatro. Em uma das peças, desejava mostrar a efetividade do tratamento da verminose e da anemia. Construiu halteres feitos com duas grandes bolas de borracha ligadas por um cabo de vassoura. Primeiro, ele mostrava ao público que não tínhamos forças para levantá-los. Fazia uma pequena preleção sobre os efeitos benéficos do ferro no tratamento das anemias, dava-me um xarope, que dizia ser à base de ferro, e, após, pedia-me para levantar os halteres. Eu tinha quatro anos e, ao conseguir levantá-los, o público vibrava.

O que eu não gostava era do dia de vacinação contra varíola no Grupo Escolar. Eu era sempre o primeiro a ser vacinado, para dar o exemplo. Na verdade eu só recebia uns risquinhos na pele, sem a vacina.”

ESTUDANTE - Fiz meus estudos preparatórios no Colégio São José e no Ginásio Leopoldinense. Prestei vestibular para a Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil, em 1945, formando-me no dia 14 de dezembro de 1950. Durante o curso médico, fui Interno da 5ª Cadeira de Clínica Médica e Acadêmico da Secretaria de Saúde do Distrito Federal (Rio de Janeiro), por concurso. Fui eleito Presidente das Festas do Termômetro (5º ano) e de Formatura (6º ano), o que me permitiu, por recolher as contribuições, conhecer todos meus 188 colegas.

A PRIMEIRA CIRURGIA – Como havia expressado minha vontade de fazer medicina, meu pai resolveu levar-me para assistir a uma cirurgia. O operador era meu primo Álvaro Junqueira, um dos melhores cirurgiões que conheci. A operação era de sinusite. Mal começou e eu comecei a passar mal. Fui salvo pelo Dr. José Bastos, que quarenta anos após se tornaria meu sogro. Orientou-me que abaixasse a cabeça e, quando melhorei, resolvi sair da sala.

TIO FRANCISCO– Meu tio Francisco estava com grave hemorragia digestiva. Respirava com dificuldade e tinha que receber oxigênio de forma ininterrupta. Eram usados balões, que tinham que ser enchidos a todo momento. Não existiam cilindros. Após vários dias de luta, Alvaro, o médico, decidiu que não

havia nada mais a fazer. Mandou que saíssemos do quarto, para que a família se despedisse do enfermo. Por incrível que pareça, a partir desse momento, o meu tio começou a melhorar e, em poucos dias, ficou bom, e viveu muitos anos. Milagre?

TIO ZEZÉ – No Colégio tinha o apelido de “Zé Birão”, corruptela de Lorde Byron, o grande poeta inglês. Bonitão, atleta, possuidor de uma baratinha Buick, era o terror das mulheres. Sua fama de conquistador foi eternizada pelos colegas na frase: “fica bobo aí na praça / que o Zé Birão te abraça”. Namorou a Dilene por oito anos. Estava morando na pensão, no Rio, quando um amigo chega de Leopoldina e me diz: “Você sabe que seu tio José vai se casar?”. “Depois de tantos anos de namoro, não me surpreende”, respondi. “Mas não é com a Dilene e sim, com a Cibebe, irmã da Dilene”. Na hora do pedido de casamento, pediu a irmã.

MÉDICO

RECÉM-FORMADO – Assim que formei-me o Aduauto Botelho, meu primo e Diretor do Serviço Nacional de Doenças Mentais, ofereceu-me um emprego. O pedido de nomeação foi enviado à Imprensa Nacional, onde demorou algum tempo, o suficiente para o Presidente Getúlio Vargas assumir o poder e suspender todas as nomeações. Restavam duas opções: pedir ao Dr. Segadas Viana do Partido Trabalhista Brasileiro ou fazer concurso para uma das forças armadas. Optei para fazer concurso para o Serviço de Saúde da Aeronáutica. Agradeço até hoje ao Presidente Getúlio Vargas a suspensão da minha nomeação.

Durante o curso médico, eu tinha um verdadeiro pavor à disciplina de Psiquiatria. Imaginem ter que cuidar de doenças mentais durante anos, ou por toda a vida.

AERONÁUTICA - Recém-formado, fui aprovado em primeiro lugar no concurso público para médico do Serviço de Saúde da Aeronáutica, onde servi por quatro anos, onze meses e vinte e três dias. Durante esses anos fui, por quatro vezes, membro da Banca Examinadora de Clínica Médica, para médicos que desejavam ingressar na Aeronáutica, e estagiei no Hospital Walter Reed, em Washington (1954). Sempre desejei fazer pediatria, o que não conseguia na Aeronáutica. Em 1955, com cinco anos formado, surgiu o primeiro concurso público para pediatras no Rio de Janeiro. O concurso era para o Hospital dos Servidores do Estado, considerado um dos melhores do Brasil, o sonho de todos os pediatras. Disse aos meus colegas do Hospital Central da Aeronáutica que iria prestar o concurso. Foi o motivo para começar o terrorismo. “Você sabe que se não for aprovado irão transferi-lo para a Base Aérea de Belém”. “São só seis vagas e noventa candidatos”. “Das seis vagas, para quatro, já estão definidas os aprovados”. E eu respondia: “Então, estarão sobrando duas e, uma, será minha”. Durante três meses, vivi sob essa tensão. Prestei o concurso. Realmente, os quatro citados para as primeiras vagas, foram aprovados na mesma ordem que eu já sabia. Eu fiquei em o sexto lugar, e entrei para o quadro de pediatras do

Hospital dos Servidores do Estado. Desse período, guardo a lembrança de grandes amigos e múltiplos elogios. .

HOSPITAL DOS SERVIDORES DO ESTADO - Não vislumbrando a



possibilidade de fazer pediatria, como era meu desejo, em 1956 prestei concurso para médico pediatra do Hospital dos Servidores do Estado do Rio de Janeiro (HSE). Aprovado, fui lotado na recém-inaugurada Maternidade e Policlínica Alexander Fleming, onde fui eleito chefe do Serviço de Pediatria e, posteriormente, vice-diretor. Em 1961 fui transferido para o Hospital dos Servidores do Estado, onde

chefiei o Serviço de Neonatologia (Berçário) e criei, apoiado e estimulado pelo Dr. Luiz Torres Barbosa, Chefe do Serviço de Pediatria, o primeiro curso para formação de Pediatras Neonatólogos no Brasil (terceiro ano de residência em Neonatologia), o que constituiu o núcleo inicial para a formação de especialistas nessa área e a criação da especialidade de Neonatologia, no país. Durante o tempo que estive no HSE participei de inúmeras reuniões no país e no exterior, divulgando a Neonatologia, sendo considerado, juntamente com o Prof. Luiz Torres Barbosa, um dos pioneiros da Neonatologia no Brasil.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - Em 1967 fui convidado para implantar o ensino, assistência e pesquisa, em Pediatria, na recém-criada Faculdade de Ciências Médicas (FCM) da Universidade de Brasília. Transferi-me para Brasília em março desse ano. Possuidor da segunda maior clínica pediátrica do Rio, tanto em volume como em qualidade, e trabalhando no HSE, considerado à época o melhor hospital do Brasil, surpreendi meus amigos e clientes por ter tido a coragem de me lançar em uma aventura, para trabalhar em regime de dedicação exclusiva, recebendo um salário irrisório.

Na Universidade de Brasília consegui organizar um dos melhores Serviços de Pediatria do Brasil. Em 1972, a Residência em Pediatria avaliada pelo Prof. Eduardo Marcondes, então presidente do Comitê de Residência da Sociedade Brasileira de Pediatria, considerou-a como uma das mais completas do país e foi, também, considerada como modelo para a América Latina, pelo Comitê de Promoción de Residencias en Pediatria en América Latina, da American Academy of Pediatrics.

Em 1975 fui perseguido pela administração militar da Universidade de Brasília, tive um filho preso e torturado, e obrigado a me afastar até que os militares deixassem o poder.

Em 1985, a convite do Reitor Prof. Cristovam Buarque, voltei para a Faculdade de Ciências da Saúde, tendo sido eleito chefe do Serviço de Pediatria do Hospital Universitário.

FUNDAÇÃO HOSPITALAR DO DISTRITO FEDERAL - Em 1977, com 50 anos, prestei concurso para a Fundação Hospitalar do Distrito Federal, ao lado de meus ex-alunos, tendo sido aprovado em 1º lugar. Fui Diretor da Divisão de Seleção e Controle e do Centro de Desenvolvimento de Recursos Humanos (CEDRHUS); Chefe da Unidade de Pediatria de Taguatinga, onde implantei um programa de internato, que chegou a ser recomendado pelo Ministério da Educação.

FUNDAÇÃO DO SERVIÇO SOCIAL - Como Diretor da Coordenação de Planejamento e Controle da Fundação do Serviço Social propusemos um novo modelo de atendimento às crianças até seis anos- o Centro Integrado de Desenvolvimento Infantil (CIDI) - que serviu de base para a construção dos atuais CIACS, pelo Ministério da Saúde.

SOCIEDADES - Em 1968, a pedido dos neonatólogos de Brasília, fundei o Centro de Estudos Perinatais do Planalto Central. Em 1968, mesmo contrariando a posição da Sociedade Brasileira de Pediatria, mobilizamos os pediatras e fundamos a Sociedade de Pediatria de Brasília. Em 1989, fundamos a Academia de Medicina de Brasília. Fui um dos fundadores da Sociedade Latino-Americana de Perinatologia. Em 1989 fui eleito presidente da Sociedade Brasileira de Pediatria e Membro Honorário da Academia Nacional de Medicina. No mesmo ano, assumi a direção da Divisão de Saúde Materno-infantil do Ministério da Saúde.

IDOSO OU VELHO?

“Você poderia vir me dar um abraço no dia de Natal. Fico triste, porque você vem aqui, mas não entra para falar comigo”, escreve Gasparina. De Francisco, para seus familiares: "Eu gostaria de receber, como presente de Natal, a visita de vocês. Tem noites que choro muito, de saudades". De Olívia para as filhas: "O maior presente que eu poderia receber neste Natal é uma carta com notícias de vocês". "Eu não botaria minha mãe em um asilo. Quando você tira o velho de seu lugar, ele morre", diz Paulo. Infelizmente já ouvi milhares de lamentações como essas.

Os idosos, com o tempo, deixam de ser pessoas queridas para serem encaradas como problemas que devem ser descartados. A solidariedade familiar e social vem decrescendo com o passar dos anos. Os velhos são cada vez mais alijados do seu mundo familiar, colocados em asilos. Interessante que bebês e velhos, frequentemente, são colocados em creches ou asilos usando-se o mesmo tipo de argumento: é o melhor para eles, pois lá vão encontrar pessoas da mesma idade, uma convivência social mais ativa, vão ter mais diversões, etc. O que as pessoas não levam em consideração é que ambos precisam é de muito amor, carinho e segurança, no ambiente ativo e afetuoso da família, dentro de um lar (não de uma casa).

Como pediatra, luto para que os avós participem mais das famílias. Depois dos pais, quem melhor cuidará dos netos? Certamente a solução dos problemas dos idosos não está na construção de asilos ou "abrigos geriátricos", mas sim em se reexaminar as suas funções dentro das famílias. Infelizmente, não se pode fugir da associação da palavra asilo à de morte.

A falta de atenção, de amor e do que fazer é o que mais mata os velhos. O trabalho, o fato de sentirem-se úteis, de terem alguma atividade ou tarefa, os revigora. Enquanto na China, o país que mais tem crescido no mundo, não se abre mão da experiência dos idosos, em outros eles são marginalizados, descartados. Exemplo disso é o que acontece com os professores em estabelecimento públicos, que caem na "expulsória" aos 70 anos.

Sem uma razão aparente, achei que iria morrer aos 35 anos. Foi uma surpresa, agradável, seja dito, quando ultrapassei esse limite imaginário e continuei vivo, e hoje estou com 89 anos. Confesso que tive medo de me aposentar, de ficar ocioso, triste, deprimido, na frente de uma televisão, vendo os dias passarem, à espera do inexorável destino. Primeiro, aposentei-me em um dos empregos. Nada aconteceu. Rapidamente enchi o meu tempo livre. Resolvi aposentar-me do segundo. Com alegria descobri que ainda tinha muita coisa a fazer, antes de "ir caçar búfalos", como diziam os índios americanos.

Aposentado, passei a trabalhar também aos sábados e domingos. Estou ficando cada vez mais idoso e cada vez menos "velho", tal como meus antepassados. Idoso é uma questão cronológica, não tem solução; velho é um

estado de espírito. Meu avô, meu pai e meu tio foram pessoas idosas, que nunca envelheceram. Conheço "velhos" com menos de trinta anos.

O segredo de ser idoso, sem ser velho, é fácil: goste de seu trabalho, esteja sempre ocupado, tenha objetivos a alcançar, elevada autoestima, goste de ser bem sucedido, sem ser invejoso; ame, e faça por se sentir amado por sua família, sua esposa, seus filhos e netos. Imita os gatos - goste de seu lar. Vocês perceberam a diferença entre ser velho e ser idoso?

MINHA FAMÍLIA

Ah, minha família! Que saudades de meu tempo de criança! Do carinho e do desvelo de minha mãe. Minha querida Cinira, que chamava de "filhote" um velho médico pediatra. Eu costumava repousar em seu colo enquanto ela coçava-me a cabeça e contava-me as novidades de Leopoldina.

Defendia os filhos e o marido como uma leoa. Ai de quem falasse mal de nós! A felicidade da família vinha sempre em primeiro lugar.

Meu pai, médico, boêmio, carnavalesco, artista, soube exercer, como poucos, a difícil profissão de pai. Aquele pai que está escasseando no mercado, dedicado, atento, amigo, companheiro.

O diálogo foi a base de nossa educação. Palmada? Só levei uma, aos quatro anos, por haver xingado minha avó. Pessoa boa, alegre, honesta, trabalhadora, querida por todos, principalmente pelos pobres, os humildes, os desfavorecidos, esse era meu pai. Tocava música "de ouvido" - piano, sanfona, violão. Sua alegria era contagiante. Aos 80 anos ganhou uma medalha por participar da ala de frente da escola de samba vencedora do carnaval. Até morrer, aos 92 anos, quando comparecia a uma festa, era cercado por adolescentes que ouviam, embevecidos, suas histórias e aventuras.

Existem várias definições de família. Littré, em seu famoso dicionário, a define como: "O conjunto das pessoas de um mesmo sangue, que vivem sob o mesmo teto, e mais particularmente o pai, a mãe e o filho". A família se inicia com a chegada do filho e é em torno dele que se ordenam as relações familiares. Se a palavra família lhe evocar saudades, uma sensação de tristeza pela sua perda, a lembrança de momentos cheios de alegria, a vontade de dizer "como fui feliz", você teve uma família. Se as lembranças lhe despertam angústia, sufocação, evocação de acontecimentos trágicos, desamor, agressões, humilhações, realmente você não teve uma família.

No romance Anna Karenina, Leão Tolstói diz: "Todas as famílias felizes se parecem, mas cada família infeliz o é à sua própria maneira". Embora sociologicamente esta frase não seja aceitável, ela não deixa de encerrar uma verdade. Nas famílias em que o casal é socialmente estável do ponto de vista afetivo, que enfrenta coeso as realidades e as dificuldades da vida, que tem uma visão correta das responsabilidades da paternidade, o ambiente é pouco propício ao desenvolvimento, nos filhos, de problemas afetivos, da personalidade e do caráter. Diferente do que ocorre nas famílias denominadas por F. Dolto de "capengas", onde um dos parceiros é ausente, omissos ou irresponsáveis. A desestruturação da família, as famílias "capengas", o abandono do lar, a privação materna, preocupam-me como pediatra e cidadão.

Spitz, em 1949, portanto há mais de meio século, foi categórico: "Poderíamos afirmar que prevemos para o futuro um aumento proporcional ao desaparecimento da vida familiar, da associabilidade assim como do número de crianças-problema, de delinquentes e de psicopatas".

PERFIL DOS PAIS

Existe uma série de variáveis que fazem com que os pais se comportem de forma diferente quando se trata de seus filhos. Elas podem estar relacionadas à nacionalidade (brasileira, italiana, americana, árabe, judia), à idade (adolescentes, idosos), às condições socioeconômicas e culturais (pobres, ricos, solteiros, separados, divorciados), ao trabalho (em casa ou fora de casa, tempo parcial ou integral), aos filhos (demora em engravidar, gestações de risco, prematuridade, filho único, muitos filhos, primogênito, caçula, "temporão", adotivo, deficiente, portador de doença crônica ou fatal, mortes).

Reconhecer e compreender essas diferenças do comportamento dos pais, principalmente o das mães, é uma das tarefas mais fascinantes e difíceis em Pediatria. Orientar uma mãe italiana é completamente diferente de se orientar uma inglesa; assim como o é conversar com uma mãe adolescente ou uma quarentona; ou ainda com pais que só têm um filho, daqueles que têm uma penca. Dizem que a diferença entre a mãe italiana e a judia, ambas sempre preocupadas, é que a primeira mata pelo filho e a segunda se mata pelo filho. Os pais que têm um só filho são geralmente superprotetores e ansiosos. Os filhos caçulas costumam ser os queridinhos das famílias e, muitas vezes, são vítimas da permissividade dos pais. Os "temporões" recebem tratamento de neto.

Por outro lado, pode-se reconhecer profundas diferenças no comportamento dos pais, que permitem classificá-los em amorosos, "corujas", permissivos, sem personalidade, pessimistas, perfeccionistas, ansiosos, superprotetores, distraídos, alienados, preocupados, inconvenientes, despreocupados, ausentes, ameaçadores, autoritários e, até, malvados. A maioria desses perfis se enquadra dentro do denominado amor abusivo ou captativo, que se distingue do normal ou oblativo, por servirem mais aos interesses e desejos dos pais, do que aos dos filhos.

Vamos a alguns exemplos usando as mães com quem nós, pediatras, temos maior convivência nos consultórios, embora possam servir para muitos pais. A mãe "coruja": D. Gabi vai ao consultório levando sua filha de seis meses. "Doutor, minha filha é a sua mais bonita cliente, não é? E é muito inteligente. Fala algumas palavras. Já conta até três. Faz cocô no pinico. Será que o senhor tem alguma outra cliente que faça isso, nessa idade?" A mãe alienada: "D. Daniela, quando começou a febre?". Vira-se para a babá e pergunta "Quando começou a febre, Maria?" "Ontem", "Ontem, doutor". "Ele vomitou?". "Maria, ele vomitou?". "Não senhora". "Não", "Teve diarreia?". "Teve diarreia, Maria". "Não". "Não, doutor", e assim decorre toda consulta. A despreocupada: "Manuel está com febre há quanto tempo e de quanto?", "Tem tido febre há uns quatro dias, baixinha, em torno de 39°". A preocupada: "Cheguei para almoçar e meu filho estava com um febrão de 38". A perfeccionista: "Preciso que o senhor dê um remedinho para o Mario, pois faço questão que ele seja sempre o primeiro em

tudo". A superprotetora: "Não deixo meu filho andar descalço, tomar sorvetes, banho frio, jato de mangueira para não ficar resfriado. Brincar no parquinho nunca, pois pode se acidentar". Paulinho é um menino de três anos e chega no consultório sempre limpinho, cabelos bem penteados, não sai da cadeira a não ser que a mãe permita. Diagnóstico: mãe autoritária. Mãe permissiva: Marcos entra no consultório mexendo nas gavetas, nos aparelhos, no telefone, deixa a torneira aberta, retira o papel toalha, tenta quebrar o consultório sob o olhar complacente da mãe, que assiste a tudo impassível. A tirânica: "Não aguento mais essa criança. É um capeta. Dou-lhe surras todos os dias, mas não resolve". A mãe ausente: Roberta, dois anos, vai ao consultório acompanhada pela babá ou motorista, pois a mãe está sempre ocupada, nunca tendo tempo. As inconvenientes atendem ao celular a todo momento, interrompendo a consulta, ou costumam fazer perguntas do tipo "Este remédio não vai fazer mal a ele?". As desleais: "Meu filho, vamos tomar um sorvete" e levam para tomar vacina. As mentirosas prometem recompensas e não as cumprem. As irresponsáveis esquecem a receita, de comprar e dar os medicamentos, de seguir as prescrições "Ah! Eu estava tão distraída que esqueci de dar o antibiótico". As ameaçadoras, que inventam dragões, bicho-papão, lobisomens, "vou te levar ao médico que vai lhe dar uma injeção desse tamanho, se você não ficar quieto", para mudar o comportamento dos filhos. As sem personalidade, que são interrompidas, e às vezes criticadas constantemente pelo marido, pelas avós e até pelas babás durante a consulta.

Como se vê não é difícil reconhecê-las. O manejo dessas situações não é fácil, pois implica em mudanças no comportamento de pessoa adulta, que acham que estão certas e que erradas são as crianças. Felizmente, o afeto materno é capaz de compensar a maioria dessas situações.

HISTÓRIAS DO MEU PAI

Meu pai sempre foi alegre e comunicativo, inveterado boêmio, soube fazer amigos durante toda sua vida. Foi a única pessoa que conheci que nunca teve rancor ou inveja. Tinha uma capacidade impressionante de perdoar, mesmo aqueles que, de uma forma ou de outra, lhe prejudicaram. Conseguiu uma proeza: ser um bom médico e um excelente pai.

Como sua mãe e seu irmão Gaspar, tinha uma verdadeira devoção aos pobres, que o adoravam. Afável, sua linguagem amiga era de fácil compreensão por todos.

Durante suas férias era exclusivamente meu e de minha irmã Alice. Aos sábados íamos para a fazenda São Mateus, administrada por ele. Eu, dirigindo. Lá já estavam à minha espera o meu cachorro Gigonço e os meus amiguinhos, filhos dos colonos. Costumávamos pescar. Ao final da pescaria, meu pai armava uma fogueira ao lado de uma pequena mina e fritava os peixes que eram devorados por nós.



Nas viagens de trem, ele me colocava em seu colo e ia me ensinando o nome dos animais e das árvores. Nas estações descíamos para comprar doces e pastéis. Costumava colocar palavras na boca das pessoas que estavam nas plataformas, o que era muito divertido.

Além de bom médico, meu pai foi considerado o maior carnavalesco que Leopoldina já teve. Costumava dizer que não sabia se era mais conhecido como médico ou como folião.

Ele próprio descreveu suas histórias que, abaixo, passo a contar-lhes. No dia 25 de março de 1894, em uma noite fresca, silenciosa e enluarada, nascia na vila de São Sebastião da Pedra Branca, encravada na serra da Mantiqueira, uma criança do sexo masculino. Bem alimentada com leite materno, cresceu sadia e foi logo residir na cidade de Itajubá.

Quase se chamou Irineu Índio Americano de Paiva Xavier Lisbôa. Seu pai queria com isso homenagear seu amigo, conterrâneo e cientista Vital Brasil, cujo nome completo era Vital Brasil Mineiro da Campanha. Felizmente, sua mãe, Maria Cândida de Paiva Xavier Lisbôa, a D. Sinhazinha, conseguiu demovê-lo da trágica ideia. Ficou Irineu de Paiva Xavier Lisboa, mais tarde, por ele abreviado, para Irineu Lisboa.

Irineu vai crescendo, já deixou a camisola e a trouxinha. Devo explicar em que consistia a tal trouxinha: um pedaço de pano quadrado, com açúcar no centro, dobrado e amarrado com uma linha, com a forma de uma chupeta, o que não existia naquele tempo.

Chegou a idade de caçar passarinhos com alçapão, peneiras, arapucas, esparrelas, visgo etc. Era grande a quantidade e a variedade de passarinhos. O menino, taludinho, já de calças, observou, no beiral da casa, um tico-tico tratando dos filhotes. Sua mãe já lhe havia dito que tico-tico rogava praga se mexessem em seus filhotes. Não resistindo à tentação, galgou qual um macaco um gradil

de ferro com extremidades pontiagudas e atingiu o ninho. Pegou os filhotinhos, pelados, de bicos escancarados e, quando tentava descer, perdeu o equilíbrio, caiu de ponta cabeça, e ficou preso pelas calças em uma das lanças do gradil.

PELANDO O PORCO - Sinhazinha acordou de madrugada, ouvindo barulhos no casarão que morava. Prestou atenção e chegou à conclusão que alguém estava indo e voltando no corredor. Levantou-se, acendeu uma vela e resolveu verificar o que estava ocorrendo. Encontrou-me, seu filho mais velho, com uma vela acesa numa das mãos e na outra um punhado de palha de milho. Perguntou-me:

- Menino, o que você está fazendo, acordado, a esta hora da madrugada, carregando esta palha?
- Mamãe, eu vou pelar o porco.
- Como pelar o porco?

Aí que D. Sinhazinha verificou que o marido estava dormindo, cercado de palha por todos os lados, e eu, prestes a incendiá-lo. Na véspera, eu havia assistido a um espetáculo de como se queimava os pelos da pele do porco e resolvi utilizar a mesma técnica para pelar meu pai.

A ESCOLA - Vamos passar aos sete anos, idade escolar. “Lembro-me de meu mestre - Carmo Cascardo - símbolo de bondade, paciência e dedicação. Eu havia estudado pouco para uma das provas. No momento de sortear o ponto, resolvi dizer-lhe em voz baixa: “Professor, eu só sei o número sete”. Tirei o papel da sacola e ele leu em voz alta: “Irineu, o seu ponto é o número sete”. **MEU**

PAI - Lembro-me do meu pai nessa época, quando exercia a medicina numa vasta região. Usava como transporte o cavalo e algumas vezes o trem. Na cocheira da casa, havia sempre um cavalo de prontidão. As estradas eram péssimas, com atoleiros e precipícios. As pessoas batiam na porta para chamá-lo, pois não existiam os telefones. Para se examinar uma pessoa começava-se pela língua, espelho do estômago. Não eram usadas injeções. A febre puerperal e a gangrena eram comuns. Assepsia, nada. Antissepsia com solução de fenol. Anestesia dada pelo boticário, com chumaço de algodão embebido em clorofórmio. A sala de operação era a sala da casa da própria vítima. A entrada era franca. A clínica era penosa, pouca renda, pois não se cobrava de padres, soldados, viúvas, compadres, comadres, afilhados, que constituíam boa parte da população.

GINÁSIO - Passemos à época do ginásio. Na puberdade, com hormônios elevados, com rosto espinhento e voz bitonal, iniciei o curso secundário no Colégio de Itajubá, recentemente fundado. Não guardo saudades daquele tempo. Era dureza. Semi-interno, tinha que acordar às cinco e meia da manhã, estar no Colégio às seis, e só voltava para casa às nove da noite. Não tínhamos folga aos sábados, e nem férias no meio do ano. O Diretor era uma fera. Usava chinelos e um lápis grosso, à guisa de cassetete. Entrava sorrateiramente, sem fazer barulho. Se nos surpreendia balançando as pernas, ou assentados em postura contrária ao manual de bom-tom, “lapisada” na cabeça; se a gente

estava cochilando no estudo à noite, quando menos se esperava, lá vinha porretada na cabeça.

Eram muitas as matérias. Línguas, por exemplo. Estudava-se português, francês, inglês, alemão, latim, e, certa vez, até o esperanto. Além disso, tínhamos matemática, ciências físicas e naturais, mecânica e astronomia. No recreio, brincávamos de pique, bola de gude, boque, maré, carniça, roda de tatu quer sair, barras fixas e paralelas, linha de tiro e um pouco de futebol. A boia era aquela conhecida dos internos dos ginásios: arroz, feijão, carne picadinha, uma banana. Eu não me conformava em ter minha casa, com mesa farta, próxima do Colégio, e passar fome. A qualquer reclamação, a vara de marmelo cantava.

CARNAVAL - Nessa época já tinha minhas simpatias pelo rei Momo. Meu bom avô faleceu em janeiro de 1910. “Luto fechado por três meses” - sentenciou minha mãe. Chegou o carnaval: limões de cheiro, serpentinas, montanhas de confete de várias cores, confete dourado para as namoradas, bisnagas, Zé Pereiras, entrudos, mascarados. Eu, de luto fechado, pensava: “Antes o vovô não tivesse morrido agora”. À tarde passei na barbearia do João Turco, onde a rapaziada pintava a cara com rolha queimada, e um deles me perguntou se eu não queria fazer parte do bloco. “Não posso, vovô morreu. Estou de luto”, respondi. “Não faz mal. Deixe de ser bobo, vamos fazer um bigode”, retrucou. Olhei para a rolha queimada e não resisti. Em respeito à memória de meu avô, pedi que fizesse um bigode bem pequeno. Atrás do bigodinho, veio o baile no Clube, eu, de luto fechado. Só tarde da noite cheguei a casa, onde minha mãe não me perdoou.

ESCOLA DE MEDICINA - Chegara a época de seguir uma carreira. Eu gostava de fazer garatujas e sonhava estudar na Escola de Belas Artes. Meu pai ponderou: “Você quer morrer de fome! Vá estudar medicina para me ajudar”. Fui aluno da primeira turma da então Escola de Medicina de Minas Gerais, tendo me formado em 1917.

O PIANISTA - Entre as muitas passagens de minha vida acadêmica quero contar a do pianista. Tínhamos como companheiro de república, o João Beraldo, que cursava a Escola de Direito. Inteligente, poeta, jornalista, orador e, por isso mesmo, muito requisitado. Atrás dele, pegávamos bons bailes e fartávamos as panças. Por seu intermédio, fomos convidados para uma recepção na casa do deputado João Luiz Alves, político em evidência. A Aninha, amiguinha do Beraldo e da família do deputado, lembrou que eu poderia tocar o piano, pois, de vez em quando, eu sapecava umas valsas, polcas, chotes, nos assustados do bairro. Comprei um terno da moda por 60 mil réis, paletó jaquetão que ia até os joelhos. Chega o grande dia. Acompanho pelo relógio o passar das horas. Começa a escurecer. Vou tomar meu banho de chuveiro. Às oito horas, chamo os companheiros. O Beraldo me diz que ainda era cedo, pois a festa só começaria mais tarde. Como eu iria tocar piano, resolvi seguir a pé pelas ruas ainda mal iluminadas. Não conhecia a família. Cheguei à casa da festa, entrei por um portão largo de ferro, passei por uma varanda e cheguei à porta de

entrada. Bati palmas. Já se notava a movimentação no interior. Sou atendido por uma moça linda, morena, esbelta, envolvida em um vaporoso vestido azul-claro. “O que deseja?”, perguntou-me. “Eu sou o pianista, convidado pela Aninha” respondi-lhe. Mandou-me entrar e levou-me até o piano, no fundo de um corredor. Do lado esquerdo havia um salão redondo, com cadeiras ocupadas por convidados, onde se viam velhinhas emperquitadas e emproadas que me observavam. “Pode começar”, disse-me Maria, a tal moça bonita. Os pares estavam loucos para dançar. - Irei começar com a valsa “Saudades de Poços de Caldas”, disse-lhe. Sentei-me no banco, dei os primeiros acordes e, surpresa geral, a música sumiu. Dirigi-me à Maria, que estava ao lado e disse-lhe: “Senhorita, houve um enguiço no piano, que não sei explicar”. Ela risonha e penalizada, explicou-me que aquele piano tinha três pedais, que o do centro era surdina, somente utilizado para estudos, e que eu havia, distraidamente, pisado nele. O pianista ficou desmoralizado, mas o meu anjo da guarda fez com que entrassem, naquele momento, o pianista de verdade e a turma da república, que me salvaram da crítica situação.

MÉDICO – Ao me formar, fui convidado pelo Professor Dr. Samuel Libânio, para ingressar no quadro de sanitaristas do recém-criado Departamento de Higiene de Minas Gerais. Um dos meus principais trabalhos como epidemiologista foi o de acabar com a febre tifoide endêmica em Porto Novo do Cunha (Além Paraíba), o que me valeu elogios da população local e da Secretaria de Saúde do Estado de Minas Gerais.

SURTO DE FEBRE TIFOIDE - Estando para terminar o curso de Medicina, eu precisava de um tema para minha tese de formatura, sem a qual eu não obteria o título de doutor. Escolhi “Vacinação Antitífica Preventiva”, assunto que me era bastante familiar. Eu fazia as vacinas para distribuição no Estado de Minas e seria interessante que eu mesmo as aplicasse em um foco epidêmico para ter certeza de sua eficácia. Não foi difícil descobrir uma epidemia de tifo e também não me foi difícil arranjar com o Diretor de Higiene, Professor Samuel Libânio, minha designação para combater o surto epidêmico. Munido do material necessário tomei o trem até Brumadinho e daí, em lombo de burro, cheguei à velha cidade de Bonfim. Eu precisava agir e, para isso, saber o local do município assolado pela epidemia. Fui a uma venda onde os caboclos estalavam a língua com uma boa caninha e a eles me apresentei: “Sou médico, vim socorrer os doentes de febre. Queria saber onde se acham, e um homem corajoso, pago, que me acompanhasse”. Em um canto, um caboclo com chapéu de aba larga e bigodes espetados espreitava-me. Avançou em minha direção e disse: “Sô dotô, eu sô cabra ducidido, eu vou cum sinhô”. “Preciso de um animal, um burro com cangalhas, para levar os remédios”, disse. “Eu arranjo tudo”, respondeu-me. “Quanto quer?”. “Cinco mil réis”. “Combinado, amanhã de madrugada no Hotel D. Manoela. Qual seu nome?”. “Jayme”. “Você sabe onde tem as febres?”, “Sei. Lá nos Costas, Salgado, Roça Nova”. Cedo estava ele no hotel. Partimos pela estrada afora. Devo dizer que D. Manoela havia me prevenido de que Jayme

era um assassino, homem perigoso, mas que, se ele fizesse camaradagem comigo, eu estaria garantido.

Após uma caminhada de três léguas chegamos a Costas, um pequeno arraial com uma dezena de casas e uma capela. Tudo muito pobre, sem conforto. Para enfrentar a luta, eu já havia me vacinado e Jayme também entrou na agulha. Arranjamos acomodação em uma casinhola. O almoço era servido às oito horas da manhã, o jantar, às três da tarde. Colchão obeso, recheado de palhas raspadas e barulhentas; banho na bacia. Os focos epidêmicos estavam nas proximidades. Com o estojo que eu havia levado fiz soro-aglutinações que, positivas, confirmaram as infecções. Iniciamos a vacinação em massa e o Jayme, por sua vez, ia fisingando a macacada com gostosas gargalhadas. Identificamos e fichamos 43 enfermos na área rural. Tivemos apenas três óbitos, mostrando assim o valor da via “*medicatrix naturae*” O número de enfermos era grande; pobres e ignorantes, em sua maioria; dispersos e, sem enfermagem, era humanamente impossível uma assistência perfeita.

Atendemos uma doente, a Malvina, que fazia pena. Estava sendo tratada por um afamado curandeiro. Seu corpo esquelético estava coberto por uma grossa camada de gafeira; os piolhos se divertiam na sua cabeleira desgrenhada. Queimava em febre. Eu precisava tratar da Malvina, mas a tarefa era arriscada, pois eu já tinha um concorrente famoso – o curandeiro. Se ela morresse, eu poderia arrumar minha trouxa, mas se ela se salvasse, eu firmaria meu prestígio. Joguei na sorte. Disse aos familiares, contrariando as ordens do curandeiro, que iria curá-la, pois já havia atendido a casos semelhantes dessa febre que haviam ficado bons, mas que seria preciso fazer o que eu mandasse: limpeza geral, asseio, banhos, alimentação líquida em pequenas quantidades, compressas de água fria. Não havia bacia para o banho, mas apareceu uma gamela grande que deu certo. Com a ajuda de Deus, salvei a Malvina.

Passei a residir durante alguns dias dentro do foco epidêmico, cercado de doentes e de convalescentes.

José Vicente, gravemente enfermo com tifo e outras complicações, entregou sua alma a Deus. Ao seu lado, um catre, onde eu, vencido pelo cansaço, ferrei no sono. Ao amanhecer, quando tomava banho no córrego, notei no corpo pintas vermelhas. Será tifo exantemático, pensei? Conversando com uma pessoa da casa fiquei sabendo que aquilo eram picadas de percevejos. Fiquei com mais confiança na vacinação, pois os bichinhos, não tendo mais o sangue fresco do José Vicente, já morto, viraram para o meu lado, inoculando em mim milhares de bacilos de Eberth.

Uma vez morto o José Vicente, fui procurado pela sua chorosa esposa, que me pediu que fizesse um discurso no cemitério, pois o Dr. Zequinha costumava fazê-lo. Difícil tarefa para mim, mas não fazê-lo seria falta de consideração com a família. Doutor deve saber de tudo, inclusive fazer discurso. Saí para o campo matutando no bestialógico e lembrei-me da Lei de Lavoisier, ainda fresca na minha cabeça. Vou aplicá-la ao caso, pensei. Lá pelas duas horas da tarde, iniciamos a caminhada, em fila indiana, uns a pé, outros, a

cavalo. José Vicente esticado dentro do caixão, apoiado sobre duas varas, e carregado nos ombros de quatro homens. Caminhávamos rumo à igreja, uma das mais velhas de Minas, localizada no alto do morro, tendo na sua frente um tosco cemitério, ao lado de ruínas de uma casa. Chegamos. Foi feita a encomendação. No momento da descida do corpo à cova, fiz um sinal para o vigário, pedindo que esperasse um pouco, pois eu iria falar. E comecei. “Meus amigos. Perdemos o José Vicente, bom chefe de família, honrado, amante do trabalho, mas nada se perde nada se cria, na natureza, tudo se transforma neste mundo. José Vicente continuará a existir transformado nestas belas palmeiras, agitadas pelo vento; nestas flores que nos dão alegria, etc.” O discurso de estreia não esteve mau, pois comoveu até às lágrimas um dos presentes.

Uma vez sepultado o José Vicente, para efeito psicológico, tínhamos que fazer a desinfecção da casa da fazenda, para acabar com os micróbios que estivessem voando por lá, subindo pelas paredes qual correção de formigas. Mandei o Jayme pegar a bomba, os desinfetantes, e expurgar a casa. No dia seguinte fui à fazenda e, logo na entrada, veio a D. Maria, as filhas, zangadas, dizendo que o Jayme havia colocado o desinfetante nelas, em tempo de cegálas. “Dotô, esse home não presta. O sinhô precisa mandá ele simhora”, dizia ela. Intimamente achei graça, mas prometi chamar a atenção do Jayme. Chamei-o e o censurei por ter feito aquilo com o pessoal da fazenda. Ele virouse para mim e disse: “O sinhô mandô desinfetar a fazenda. Eu taquei os remédio nas muié tamém, pois assim fica tudo desinfetado”.

Já estava no final de nossa missão. Três meses de luta, bem recompensados. A epidemia cessou, e eu regresssei a Belo Horizonte, convicto da eficácia da vacinação antitífica e deixando um amigo: o Jayme.

VERMÍFUGO - Logo que cheguei a Leopoldina (1919), iniciei a medicação contra verminose pelas crianças da Rua da Grama. No dia seguinte, um dos moradores veio pedir à Câmara providências para desentupir o esgoto de sua casa. Para lá foi enviado o fiscal, que logo encontrou a causa do entupimento. Espantado, correu para o Posto, e dirigindo-se aos médicos disse: “Olha Dr. Maurício, olha Dr. Lisboa, os senhores não podem imaginar o que estava entupindo o esgoto. Eu não estou mentindo não, um bolo de lombrigas”.

INAUGURAÇÃO DE UMA LATRINA (Divinópolis) - Fazia parte da campanha de profilaxia a construção de instalações sanitárias, de fossas liquefadoras, em todas as moradias. Havia um hotel na rua principal em que os hóspedes ainda tinham o velho hábito de usar “a sombra das bananeiras”. Seu dono era um velho italiano, conservador, senhor Caricatti, que não aceitava as exigências da Saúde Pública. Então pedimos ao guarda Chico Gontijo que, com seu palavrear convincente, resolvesse o caso. Deu certo, e o serviço foi inaugurado com um ótimo almoço, cerveja e discursos (consta que o Dr. Lisboa, jovem médico e bom partido, teve que namorar a filha do dono do hotel para conseguir que fossem construídas as instalações sanitárias). No dia da inauguração teve até banda de música e a presença das autoridades locais e um discurso onde o Chico Gontijo enaltecia os méritos de Caricatti.

AMPUTAÇÃO DE MÃO - Por não haver outro médico, fui chamado para atender um rapaz com a mão direita esfacelada por uma bomba, durante uma pescaria. Pedi ao Jadir, dentista, para me auxiliar. Ele fez a anestesia com cloretila e eu terminei o serviço da bomba, amputando a mão ao nível do punho. Como não se fazia corretamente a cicatrização, encaminhei-o ao Doutor Dorinato, meu amigo, afamado cirurgião de Itaúna, que não cobrou nada e ainda elogiou o meu trabalho.

O AUTOMÓVEL E O PONTO CHIC- Comprei, em Belo Horizonte, um automóvel Ford de segunda mão, partida com manivela, que apelidei de Pássaro Preto. Em Divinópolis não havia automóvel, posto de gasolina, nem oficina. A gasolina vinha em latas de querosene. O carro enguiçava muito e vivia aos empurrões. Dadas minhas boas relações com os engenheiros, às vezes recorria aos operários da E. F. Oeste de Minas. Sendo as ruas esburacadas, para aproveitar mais o carrinho, mandei construir uma estrada que começava no alto de uma colina, depois da ponte de madeira, na margem direita do Itapecerica. Lá no alto, de onde se descortinava bela vista panorâmica da cidade, mandei construir um rancho coberto de sapé e nele havia cerveja, cigarros. O gelo vinha de Belo Horizonte em caixote de serragem. O crioulo Bertolino tomava conta. Quando fui pegar a “grana”, o Bertolino me disse: "Doutor, não tem dinheiro não. O pessoá que vem aqui é por causa da vista...". A solução foi liquidar o boteco e as cervejas, com o companheiro Raul me ajudando. Quanto ao carro, troquei-o por um terno que eu havia encomendado para o meu casamento.

O “PASSO PRETO” – Em 1927, comprei um Ford. Dei-lhe o apelido de “Passo Preto”. Uma noite, indo do bar para minha casa, senti uma diferença ao dirigi-lo. Notei que balançava muito. Pela manhã, pedi ao meu motorista que verificasse o que estava acontecendo. Voltou e disse-me: Doutor, o senhor perdeu uma roda”.

A FRIAGEM - Eu costumava fazer palestras nas vilas e fazendas, levando um projetor, então chamado de “lanterna mágica”. Reuni os habitantes da vila e fiz uma palestra sobre prevenção das verminoses. Então um dos maiores problemas de saúde pública era um verme – o ancilóstomo, causador da denominada “opilação”, que acarretava uma anemia grave. Tão importante, que Monteiro

Lobato escreveu um folheto sobre o tema, criando um famoso personagem - o Jeca Tatú - portador da doença, onde ensinava como preveni-la. Durante quarenta minutos falei sobre a importância de as pessoas andarem calçadas, com sapatos, pois o verme entrava pela sola dos pés e daí para o sangue e se localizava no intestino. Todos assistiram atentos à exposição e, ao final, resolvi perguntar ao Manuel se havia entendido.

- Manuel, você pode dizer-me como é que se pega o amarelão?

- Dotô, o que dá o “amarelão” é a “friage”. “Por causa disso a gente tem que usar sapato”.

JOSÉ CECÍLIO - Um dia apareceu para consulta um homem, maltrapilho, barbudo, edemaciado, amparado no seu porrete. Esse é um dos bons, opilação no mais alto grau, pensei. Seu nome, perguntei-lhe. José Cecílio. Profissão. Professor, na roça. Vou tratá-lo. Eu não tenho onde ficar para tomar os remédios, disseme ele. Arranjei uma cama, comida no Hotel da D. Anita e pus mãos à obra. Quatro gramas de timol, purgativo salino, colheita de fezes que foram passadas em uma peneira fina, de arame. Quatro mil ancilóstomos foi o resultado da pescaria. Daí a dez dias, novo tratamento, e os vermes baixaram para cerca de 400. Ferruginosos, arroz, feijão, angu e carne. Depois, um terno de casimira, gravata borboleta e estava o mendigo transformado em professor.

CAMPANHA CONTRA O FUMO - De outra feita, estava eu com minha “lanterna mágica” em Santa Izabel, município de Leopoldina, Minas, falando sobre os malefícios do fumo. Minha obrigação como sanitarista, embora eu usasse fumo de rolo, considerado o pior de todos. Reuni os colonos de algumas fazendas vizinhas e vendi o meu peixe: os malefícios do hábito de fumar. Entre eles, estava um negro com os cabelos já um pouco encanecidos. Perguntei-lhe se fumava. Respondeu que sim. Disse-lhe: se você parar de fumar poderá chegar aos 70 anos. Respondeu-me “Dotô, tenho 76”. Sem dúvida, atrapalhou um pouco o meu trabalho de convicção. Ao final resolvi perguntar-lhe se estava convencido de que deveria parar de fumar. Respondeu-me que não. Porque? Perguntei-lhe novamente. “Dotô, eu sou gêmeo. Meu irmão não bebia e não fumava. Só mamava. Morreu com seis meses”.

O GALO – Os colonos não tinham relógio, o que dificultava o estabelecimento de horários para o uso de medicamentos. O Manuel estava com prisão de ventre. Disse-lhe para usar um supositório, uma vez ao dia, ao cantar do galo. Um mês após encontrei-o e perguntei-lhe se estava melhor. Respondeu-me: “Doto eu estou ótimo, mas o galo morreu”. Havia colocado o supositório no galo.

CONCURSO DE ROBUSTEZ INFANTIL - Houve uma época em que os concursos de robustez infantil estavam em moda. Robustez talvez pudesse ser considerada como um eufemismo. Na verdade, os bebês eram avaliados pela gordura. Organizei o “Primeiro Concurso de Robustez Infantil”, no início da década de 30. Cartazes espalhados pela cidade solicitavam aos pais que inscrevessem seus bebês no concurso. Leopoldina, cidade do interior de Minas, naquela época não tinha mais que 9.000 habitantes, poucas diversões, fervilhava com a novidade. Em torno dos bebês, formaram-se partidos, cada um enaltecendo as qualidades do seu candidato. Inscreveram-se 32. No dia do concurso, a cidade vibrava, torcia e aguardava os resultados. Como Chefe do Posto de Saúde, eu presidia a comissão examinadora. Após algumas horas, dois candidatos assumiram a ponta: o filho de um dos principais comerciantes da cidade e o Francisco José, meu sobrinho, portanto, do Presidente da Comissão. Francisco José era, sem dúvida, o mais robusto, porém, o mais gordo era o filho do comerciante. O prêmio foi para ele, o que criou uma revolta na população, principalmente nas famílias dos bebês perdedores. Protecionismo, injustiça, falta de vergonha, cartas marcadas, etc., eram palavras

dirigidas ao Dr. Lisboa. Embora anos mais tarde, os chamados “concursos de robustez infantil” tenham sido abolidos, sendo um dos motivos para isso a confusão extremamente inconveniente de se considerar o bebê mais gordo como o mais robusto. Em Leopoldina esse foi o primeiro e o último. Sem dúvida o Francisco José era o mais robusto, não o mais gordo. O prêmio recebido foi justo. Tomei uma decisão. O concurso de robustez infantil seria o tema no próximo carnaval. Fantasiei-me de bebê, com uma chupeta imensa. Um garrafão com um bico de borracha com mais de dois litros de chope, representava a mamadeira. O Funchal fantasiou-se de mãe, com mamas imensas e caídas e carregando nas mãos uma fralda com um conteúdo semelhante a fezes. Saímos os dois pela cidade. O Funchal mostrava o seu “bebê”, que teria sido um dos prejudicados pelo Chefe do Posto de Saúde, as mamas, para mostrar que “seu filho” era amamentado somente no seio, mostrava as “fezes” do “bebê”, e pedia que as pessoas olhassem o seu aspecto, as cheirassem ou até provassem, para ver sua boa qualidade (nesse ponto o pessoal saía correndo). Percorremos toda a cidade e, durante todo tempo, o Funchal ridicularizava o concurso e exaltava as qualidades do seu “bebê”, que pesava quase 100 quilos, e que havia perdido o concurso. A tal “mamadeira” que continha chope, e era sugada a curtos intervalos pelo “bebê”, destoava um pouco, mas não chegou a prejudicar a promoção da amamentação. Visitamos o hospital, os asilos, o prefeito, o delegado, as casas dos bebês que haviam concorrido e, sobretudo, nos confraternizamos com o povo, que ria a valer. Com o Carnaval, acabaram-se os problemas do Chefe do Posto de Higiene.

O CARNAVAL - Todos os anos, eu e meu inseparável amigo, o grande pintor Funchal Garcia, nos reuníamos e planejávamos o que iríamos fazer nos três dias de folia. Treinávamos os números, escolhíamos as fantasias, e saíamos pelas ruas e clubes. Nunca deixávamos de visitar o hospital - as irmãs de caridade e os doentes, o bispo, os idosos e enfermos em suas casas e o asilo de velhos, que esperavam sempre por nós. Cada dia, um número. Por várias vezes, usei o carnaval como um meio de educação sanitária.

Em 6 de março de 1976, noticia a Gazeta de Leopoldina: “Princesa Leopoldina quatro vezes campeã”. A Comissão de Frente da Princesa Leopoldina foi o grande destaque da escola. Outra vivacidade da “Princesa” foi a de apresentar uma Comissão de Frente bacanérrima e, entre seus membros, colocar o Dr. Irineu Lisboa, o queridíssimo



folião de todos os tempos, cuja presença, por si só, despertaria a simpatia da Comissão

Julgadora”. O Dr. Lisboa tinha então 82 anos e recebeu uma medalha. No mesmo carnaval, ainda noticia a Gazeta: “O pintor Funchal Garcia, famoso paisagista brasileiro, como não podia deixar de acontecer, compareceu fantasiado juntamente com o seu inseparável amigo, Dr. Lisboa, que trazia numa sacola uma garrafinha com um “remédio” que, segundo ele, era um “tônico para os idosos”. O rótulo da garrafa era uma sensacional mulher, em trajes sumários”.

Comemorando uma década de existência, o bloco, “Unidos da Cana”, curva-se ante a grandiosidade dos eternos foliões leopoldinenses em uma homenagem de carinho e admiração ao Dr. Lisboa, Funchal, Berbari, Vitalino, Tufi, Fizinho, a baiana dos Cotubas, o Justino com seu trombone e, até mesmo, o “Zé

Pereira com seu boi-bumbá”. Eis o samba enredo do Bloco Unidos da Cana: Leopoldina com suas lendas e tradições/ Relembrando antigos carnavais / Tenho saudades / Do Zé Pereira com seu boi-bumbá / Da baiana do Cotuba / E do Justino com seu trombone a tocar / De famosos foliões / Que faziam todo este povo vibrar / Tudo era maravilha / Era mesmo genial / Ver a dupla desfilando / Dr. Lisboa com seu parceiro Funchal / E com sua imaginação / Berbari o eterno rei das gozações / Vitalino, Tufi, Fizinho e outros mais / Já marcaram presença / E entraram para a história / Dos nossos carnavais” (Gazeta de Leopoldina, 06.02.1982).

A MORENA - Durante um carnaval aconteceu um fato interessante. Foi em um Zé Pereira (bloco de carnaval) que eu organizei com o pessoal do Posto de Saúde. Saímos à noite e na altura da Rua Tiradentes, uma garota aproximou-se e me abraçou. Eu gostei. No outro dia, quando eu fui ao Posto, encontrei o Pedrinho Alencar, que era meu servente, e perguntei: “Pedrinho, por que você não foi ao Zé Pereira?”. Ele, surpreso, respondeu-me: “Fui sim, doutor, estava vestido de mulher, o senhor até pulou comigo”.

O FIM DA CLÍNICA - Estava eu no Clube Lepopoldinense, fantasiado, quando fui procurado por um rapaz, esbaforido, pedindo-me que fosse com urgência à casa dele, pois sua mãe estava à beira da morte. Fantasiado, com uma grande flor na lapela, fiz-lhe ver a inconveniência de atender a senhora com aquelas vestimentas. Implorou-me. Saímos e quando cheguei à casa, a mãe estava morta. O quarto cheio de familiares, chorando, e eu mascarado e fantasiado. A família nunca mais me procurou. Nessa noite cheguei à conclusão que clinicar e brincar no carnaval eram incompatíveis. Fechei o consultório. **O**

GRAVADOR - A partir dos 79 anos, aposentei-me. A partir daí passei a gravar músicas e as festas que frequentei. Meu gravador quebrou e eu pedi a um amigo, dono de uma loja de eletrodomésticos, que o consertasse. Alguns dias depois, disse-me que não conseguia consertá-lo e propôs vender-me um novo. Comprei-o. Eu tinha um hábito antigo: escrever ou gravar meu nome em livros e objeto. Passados alguns dias, desconfiado da compra, resolvi conferir se aquele gravador não seria o meu. Dito e feito: lá estava o meu nome. Procurei “meu amigo” e mostrei-lhe a marca. Ficou cheio de dedos, não conseguiu se explicar e me devolveu o pagamento. Minha esposa, Cinira, proibiu sua entrada em nossa casa. Após algum tempo, sentindo falta daquela amizade, procurei justificar o ato junho a Cinira e disse-lhe: “Você não acha que uma pessoa tão amiga como o J., que nos visitava com frequência, para fazer o que fez, não deveria estar em uma situação financeira muito difícil? Não acha que podemos perdô-lo?” O J. voltou a frequentar nossa casa.

A MORTE -- Trabalhou até os 79 anos e morreu com 92. Nos últimos dias de vida, internado na Casa de Caridade Leopoldinense, onde havia trabalhado mais de meio século, foi visitado por uma verdadeira multidão. A população queria dar o adeus àquele que havia dedicado sua vida a ela. Vendo aquela romaria, aproveitou para me dar sua última lição; “Antonio Marcio você viu as pessoas que têm vindo aqui? O prefeito, o bispo, o Juiz de Direito, o delegado, médicos, advogados, comerciantes, pedreiros, carroceiros, lavradores, operários. Muitos, eu nem conheço. Feliz é o homem que, ao chegar ao final da sua vida, recebe essas manifestações de carinho, respeito e amizade de todos, sejam ricos ou pobres”.

Qual a diferença entre ser idoso e velho? "Velho é uma pessoa que tem dez anos mais do que nós", dizia meu pai, **Irineu Lisboa**, que ganhou uma medalha ao participar da linha de frente de uma escola de samba aos 84 anos. Para ele a velhice nunca chegou, pois, até quase sua morte, costumava dizer "quando eu for velho, vou fazer...". Competente radiologista, o primeiro membro honorário da Sociedade Mineira de Radiologia, o primeiro sanitarista de Minas Gerais, organizador de grande número de Postos de Saúde de Minas Gerais, boêmio, carnavalesco, amigo de todos, aposentou-se aos 79 anos. Passou a gravar músicas e as festas em que comparecia para, posteriormente, ouvi-las e comentá-la. Recebia inúmeras visitas, principalmente de pessoas que com ele haviam trabalhado; enviava mensagens, geralmente humorísticas, em cartões por ele confeccionados e ilustrados, aos parentes e amigos nos aniversários, no Natal e Ano Novo. Cartões que são guardados até hoje pelos destinatários. Fazia pequenos concertos, fabricava vinhos, perfumes. Enfim, até seus últimos dias tinha sempre algo a fazer. Alegre, lúcido, agarrado à minha mãe, nunca o surpreendi parado, deprimido, pensando no futuro.

HOMENAGEM PRESTADA PELO DR. RONALD ALVIM- “Chegará fevereiro e, com ele, o Carnaval. / Muita alegria, mas já não tanta,/ pois uma ponta de saudade indicará/ que morreu um pouco da nossa festa./ Um toque do humor sadio/ deixará de existir./ Dr. Lisboa já não estará entre nós./ Chegará junho e com ele as festas do mês.../ Haverá fogos, fogueiras, quentão,/ Santo Antonio, São Pedro e São João./ Os fogos já não terão tanto brilho,/ o casamento estará incompleto,/ O Dr. Lisboa não estará entre nós./ Chegará dezembro, o Natal, o pequeno Jesus.../ Renascerá em nós o desejo da paz, esperança e fé./ Mas os sinos dobrarão diferentes./ As crianças da Pediatria não verão o Papai Noel,/ Dr. Lisboa não estará entre nós. Mas há uma esperança! Nascemos, vivemos e nos transformamos. / Dependerá da pureza de nossos corações/ reencontrarmos, novamente, Dr. Lisboa. / Claro, é questão de tempo.../ Um dia voltaremos a sentir sua alegria, / seu humor, sua bondade. Meu Deus faça com que eu tenha um coração puro, sem rancor e sem maldade, / para que um dia eu possa rever um velho amigo.”

HISTÓRIAS DE MINHA MÃE

Mãe significa amor, um dos três pilares da segurança – amor, aceitação e estabilidade. O amor materno, a pedra angular do desenvolvimento afetivo da criança, é também carinho, ternura, compreensão, bondade. Ele é importante desde a concepção. Hoje não se tem mais nenhuma dúvida de que a afetividade materna tenha influência sobre o comportamento fetal. E isso é tão importante que deu origem a uma nova área em Pediatria – a Psicologia Fetal. O amor materno é uma troca entre mãe e filho. Há tantos amores maternos quanto mães. A ausência ou carência afetiva das mães é uma verdadeira catástrofe, documentada por um sem número de estudiosos. Negar o papel do amor paterno seria tão incorreto quanto compará-lo com o materno. Bowlby considera a privação materna a causa mais importante na geração da delinquência. Alguém perguntou a uma criança qual seria a maior invenção do mundo. “Minha mãe”, ela respondeu. Eu teria respondido o mesmo.

CINIRA - A minha mãe, que se chamava Cinira, possuía todas as virtudes e defeitos de uma boa mãe. Era uma tremenda "coruja", e dizia que não me superprotegia, que não me tratava como filho único etc., o que talvez não fosse muito verdadeiro. Quantas vezes, ao chegar à casa de madrugada, encontrei-a à minha espera: "Meu filho, como foi a festa? Tem café no bule, leite na geladeira, e fiz uns biscoitinhos para você, que estão no armário da copa". Eu questionava: "Mamãe, são quatro horas da madrugada, você deveria estar dormindo". "Eu estava sem sono, acordei quando você entrou", respondia ela, negando que estivesse aguardando minha chegada.

DISCIPLINA – Usava técnicas extremamente eficientes para disciplinar e estabelecer limites. Exemplifico. Uma noite, eu e meu primo Eduardo fomos dar uma volta. Tínhamos em torno de seis anos. Ao passarmos em frente ao cinema, tomamos conhecimento que o filme daquela noite se chamava o "O Ouro Escondido", e era estrelado por Tom Mix, um de nossos ídolos. Estávamos namorando o cartaz, quando fomos convidados pelo dentista da família para assistir ao espetáculo. A sessão acabou às nove horas da noite. Ao chegarmos à casa, nossas famílias estavam transtornadas, e já haviam nos procurados por toda a cidade. Eduardo morava em frente à minha casa. Minha mãe levou-me para a varanda do segundo andar, e ali fiquei durante uma hora, ouvindo os berros do meu amigo, que estava sendo devidamente castigado. Ao terminar o choro, minha mãe disse: "Pode ir dormir". Nunca mais fugi.

CARINHO – Eu costumava ficar horas recostado no seu colo, conversando até que eu adormecesse. Hoje vejo o mesmo quadro, protagonizado por meu filho Luis Felipe e minha esposa Beth. Costumo dizer-lhe: "Não tenho inveja de você, pois tive uma mãe igual a sua". Já sexagenário, minha mãe ainda me chamava de "filhote", como se eu fosse uma criancinha. Ela e o meu pai foram os grandes responsáveis pela minha infância feliz.

A ESPOSA - Casou-se em 11 de julho de 1925. Muito bonita, foi premiada em um concurso de beleza realizado em Leopoldina. Presidente da Sociedade de Assistência aos Lázaros e Defesa contra a Lepra, participou ativamente das campanhas de educação sanitária, trabalhou durante muitos anos como auxiliar de seu marido no Serviço de Radiologia da Casa de Caridade Leopoldinense. Só não o acompanhava durante os festejos do carnaval. Bonita, simpática, agradável, mãe coruja, não admitia mentiras ou falsidades. Não mentia, nem socialmente. Franca, não perdoava comportamentos desonestos e desleais. Seu pai, Antonio Monteiro Ribeiro Junqueira, faleceu quando ela tinha vinte anos e, sua mãe Alice, seis meses após. Seu irmão mais velho, Érico, e ela, tiveram que educar sete irmãos, o menor deles com um ano.

O ESPÓLIO - Logo após a morte dos seus pais, foi ao banco administrado por tios e primos, para conferir suas contas. Foi informada que o pai nada havia deixado. Os diretores ignoravam que era ela quem fazia toda a contabilidade, o livro caixa, da fazenda Abaíba, desde a época de seu pai. Voltou ao banco e insistiu sobre a existência de depósitos. Recebendo novas negativas, mostrou o livro caixa. Os parentes assustados perguntaram-lhe por que não o havia mostrado antes. A resposta: “Para saber com quem eu estava lidando”.

DEFENSORA DA FAMÍLIA - Desejava enviar minha irmã, Alice, para o colégio Sion, onde havia estudado. Meu pai havia parado de clinicar havia muitos anos e vivíamos com seu curto salário de sanitaria. Também trabalhava na Casa de Caridade como radiologista, sem receber salários, havia nove anos. Essa situação obrigava minha mãe a economizar e trabalhar, fazendo inclusive as minhas roupas e as de minha irmã. O sonho de enviar minha irmã para o Sion ficava cada vez mais difícil. O provedor da Casa de Caridade alegava, para não pagar os salários, as dificuldades financeiras da instituição.

Um dia, minha mãe proibiu meu pai de ir ao hospital. Meu pai disse que teria que ir, pois havia doentes a serem atendidos. “Se você for, eu me desquito”, disse ela. Em pouco tempo, começaram os telefonemas do hospital. Minha mãe chamou o provedor, aliás, seu primo, e lhe disse: “Ou vocês pagam os atrasados ou ele não trabalhará mais aí”. Meu pai foi chamado ao hospital e voltou felicíssimo, com o pagamento recebido. Minha mãe conferiu e disse-lhe que iria falar com o provedor. “Deixa, Cinira, está tudo bem”. “Não está” respondeu-lhe. Encontra o provedor e tem com ele a seguinte conversa:

- Fulano, você sabe quanto ganha o carroceiro da limpeza pública? Não? Duzentos e cinquenta mil reis por mês. Você mandou pagar ao meu marido, um médico radiologista, um salário menor do que o do carroceiro? Você sabe quanto você recebe da companhia em que você trabalha, somente para ir lá e assinar uns papéis, uma vez por mês? Cinco contos de reis, vinte vezes mais do que você pagou ao meu marido. Você não se envergonha?
- Cinira...
- Ele só voltará a trabalhar aqui, quando for combinado um salário decente.

Daí para frente, meu pai passou a receber 50% dos clientes pagantes, atendendo de graça a todos os pacientes internados e abrindo mão, voluntariamente, de sua parte, quando considerava que eles não tinham condições financeiras que permitissem fazer o pagamento integral.

E foi graças à minha mãe que minha irmã estudou no Colégio Sion e hoje eu sou médico.

O DESASTRE DE AVIÃO - Estava passando as férias de julho em Leopoldina. Meu primo Eduardo, cadete da Aeronáutica, também. Estávamos voando todos os dias. Eduardo fazia voos rasantes e piruetas. Voava tão baixo que espantava galinhas nas fazendas e fazia com que pessoas tivessem que pular de trampolim, para não serem acertadas. As nossas aventuras tornaram-se conhecidas em toda a cidade, inclusive por minha mãe. Preocupada, fez-me um pedido:

- Antonio Márcio, eu estou sabendo dos seus voos com o Eduardo. Não vou pedir-lhe que deixe de voar e sim que você comungasse.

No dia seguinte, levantei-me às cinco e meia e fui confessar e comungar. Às nove horas, um amigo meu, Aurélio Columbani, passou em minha casa e perguntou à minha mãe se eu não iria voar. Ela respondeu-lhe que eu tinha acordado muito cedo, ainda estava dormindo, e iria mais tarde. O Aurélio pediu minha bicicleta emprestada e seguiu para o campo.

Acordei às onze horas. Descendo a escada, ouvi o telefone tocar e o atendi:

- Antonio Márcio, localize seu pai com urgência. O Eduardo caiu de avião e está sendo levado para o Hospital.

Às cinco da tarde fui assistir ao enterro do Columbani. Filho único de mãe viúva. Morreu torrado. O caixão parecia de criança. O Eduardo foi ejetado do avião em chamas. Tentou tirar o companheiro, mas foi contido por colonos que trabalhavam no local. No Hospital só perguntava por mim. Pensava que eu estivesse com ele. Só ficou tranquilo quando me viu. Anos após, o Eduardo sofreria outro grave acidente. Se minha mãe tivesse me acordado...

VIAGEM A PORTO ALEGRE – Convenci meus pais de irem comigo a um congresso em Porto Alegre. Eles não gostavam de viajar de avião. A ida foi ótima. Melhor ainda o congresso. Meu pai se divertiu muito e virou amigo de todos. O encerramento foi em um barracão muito grande, com comida e bebidas fartas. Queriam encerrar a festa, mas meu pai ainda tentava acabar um garrafão de vinho. Pedi ao Simão Lewgoy, pediatra e que havia ficado muito amigo do meu pai, que o convencesse a sair da festa. O que ele fez: “Dr. Lisboa, vamos continuar tomando vinho em outro lugar”. Saímos todos. Meu pai nunca se esqueceu de que havia sido enganado. O Congresso, coordenado pelo Ênio Pilla, foi um sucesso, como todos os outros coordenados por ele. E a volta? O avião era um Viscount, turbo hélice. Entramos em um temporal tremendo. O avião jogava para todos os lados. Eu me lastimava de haver convencido meus pais viajarem. Olhando pela janela, vi que um dos motores estava pegando fogo. Chamei a atenção do meu vizinho de poltrona. Ele respondeu-me, tranquilamente:

“E você acha que os pilotos ainda não viram?” Passou a chover torrencialmente e o fogo apagou. Ao sair do avião, vi um dos pilotos olhando para o motor, todo chamuscado, e dizendo para o outro: “Aconteceu uma coisa estranha. A pressão deste motor caiu muito e, de repente, voltou a funcionar bem”. Eu disse “Este motor pegou fogo”. Riram, e seguimos no mesmo avião.

DESASTRE DE CARRO - Pedi a minha mãe que me acordasse às quatro de madrugada. Íamos de Leopoldina para Salvador, 1.400 quilômetros, e eu não queria dirigir à noite. Fui acordado às seis e meia. Não dava para chegar a Salvador. Quando passamos por Vitória da Conquista, sugeri que dormíssemos aí.

Disse ao meu pai que poderíamos descansar, jantar e tomar umas cervejinhas. Minha mãe achou que ainda estava cedo e poderíamos viajar mais um pouco. Após pouco tempo, a noite caiu. Estava em uma reta, asfalto negro, os faróis iluminavam pouco, quando uma pessoa entrou na frente do carro e eu atropeliei-a. Para não passar por cima, capotei o carro. Certifiquei-me de que meus pais estavam bem, saí do carro e fui atender o atropelado. Ao lado da estrada havia um boteco e logo um bando de bêbados, boa parte deles armados de facas, cercou-nos. Velas foram colocadas ao lado do “cadáver”. O homem estava vivo e necessitava ser transportado para um hospital. Ninguém atendia meus apelos, inclusive dizendo que o homem estava morto. Minha mãe conseguiu que um caminhão nos pegasse. Fomos para o hospital de Jequié, eu e quatro amigos do atropelado, todo armados. Meus pais conseguiram uma carona. Fui controlando as pulsações do acidentado até chegarmos ao hospital. Fomos prontamente atendidos, e a vítima, colocada em uma maca, pronunciava palavras desconexas. Neste momento tive uma das maiores alegrias da minha vida. O atropelado olhava para mim e repetia, continuamente a palavra “Seu filho da p.” Apresenteime à polícia, que constatou o profundo estado de embriaguez da vítima e fez o boletim de ocorrência. Fomos para o hotel. Assim que chegamos, meu pai disse: “Antonio Márcio, a pessoa não morreu e está sendo bem atendida. Já estamos no hotel. Que tal tomarmos aquela cervejinha? Respondi-lhe: “Agora não desejo nem água”.

Os médicos do hospital já tinham tomado conhecimento das minhas palestras em Salvador e ofereceram-me um jantar de despedida. Meu carro foi consertado e peguei-o na volta. Sou extremamente grato ao tratamento que recebi dos médicos e das pessoas que me ajudaram naquele momento difícil. E o atropelado? Quando voltei, fui visitá-lo. Havia quebrado o fêmur, estava sentado na beira da cama, almoçando.

MORTE - Fui passar o Natal de 1986, em Leopoldina, com minha mãe. Meu pai era a pessoa que alegrava o nosso Natal. Para começar, pela manhã, colocava para tocar músicas natalinas. À noite, distribuía os presentes, com comentários alegres ou jocosos. Era uma festa. Esse era o primeiro Natal sem ele. Minha mãe, muito doente, nos preocupava. Lá pelas tantas, aparece andando na sala, um Papai Noel de brinquedo, comprado por minha mãe, lembrando a figura de meu pai. A emoção tomou conta de todos.

Na noite de primeiro de janeiro, à uma da madrugada, estava deitado, no segundo andar de minha casa, lendo uma revista, quando ouvi uma campainha tocando. O mesmo som da campainha usada pelo meu pai, durante anos, para chamar minha mãe. Achei muito estranho. Pela manhã, tentei identificar o autor. Ninguém tinha tocado, ou mesmo ouvido, o som da campainha. Tive que sair e, no carro, recordando o acontecido, pensei: “Parece até que foi o meu pai, chamando minha mãe”. Ao voltar, às onze horas, encontrei-a com dores fortíssimas e vomitando. Foi atendida por dois cunhados meus, médicos, e, como não melhorasse foi levada para o hospital. As dores continuaram, apesar da medicação. Pouco antes de morrer, às seis horas da tarde, estava balbuciando e eu consegui ouvir: “Dentro da fruteira, dentro da fruteira”. Deu um grito lancinante, e morreu. Curioso, fui olhar o que estava dentro da fruteira: a conta de uma bola, não paga, que ela havia comprado para o neto.

VISITA AO TÚMULO - Com a morte de minha mãe, um problema estava me angustiando: conseguir alguém que tomasse conta da casa, pois eu teria que voltar para Brasília. Estava visitando o túmulo dela quando se aproximou de mim o Geraldo. O Geraldo tinha sido o mestre de obras na construção de nossa casa, em 1935. Chegou e disse-me:

- Dr. Antonio Marcio, não conheci, em toda minha vida, uma mãe que gostasse tanto do filho, como a D. Cinira do senhor.

- Eu também não, Geraldo. Aproveitando a oportunidade, eu preciso de alguém que pinte umas grades e de alguém que tome conta de minha casa.

- As grades, eu pinto. E vou ver se consigo uma pessoa para ficar em sua casa.

Procurou-me dois dias após para entregar as grades, pintadas.

- Dr. Antonio Marcio, quanto à pessoa, se o senhor quisesse, eu poderia ficar.

O Geraldo era muito querido por meus pais e por toda população da cidade. Aceitei radiante. Mais tarde, soube que o Geraldo e a família estavam vivendo um momento difícil. Tinham sido despejados e lhe foi dado um prazo de quinze dias para entregar a casa. E eles não tinham para onde ir.

Pensei. Mesmo depois de morta, minha mãe continua nos protegendo.

MINHA IRMÃ – ALICE

Alice tinha um ano menos do que eu. Fora as briguinhas de crianças, crescemos muito unidos. Eu fui um bebê bem gordinho. Minha mãe dizia que uma coqueluche havia me tornado magro. Comia mal e ficava doente com frequência. Para que eu comesse, era ameaçado de ficar doente, inclusive, tuberculoso. Minha irmã, ao contrário, era chamada de “alemã”: forte, corada e raramente ficava doente. Para conseguir engordar, eu bebia, escondido do meu pai, todas as vitaminas que ele ganhava como amostra. Consegui sobreviver.

Alice era uma pessoa muito querida. Fazia amizades com grande facilidade. Foi estudar no Colégio Sion, no Cosme Velho, Rio, como sempre havia desejado minha mãe.

Nos fins de semana, ela saía e ficava em casa de uma senhora nossa conhecida, em Laranjeiras, perto do Colégio. Praticamente todas as sextas-feiras, ou sábados, eu ia buscá-la, e a levava de volta aos domingos à noite. Saía para levá-la ao cinema, para fazer visitas ou para se encontrar com os namorados.

No Sion, fez grandes amizades e costumava levar colegas para passar férias em Leopoldina. Como pediatra, tratei de filhos de várias dessas, que se tornaram nossas amigas. Em especial, era amiga da Yeda Finamore, natural de Vitória, com quem compartilhou muitas férias.

A DOENÇA - Em 1951, véspera de meu casamento, na Rua Uruguaiana, Rio, seus joelhos incharam repentinamente e ela não conseguiu mais andar. O quadro cedeu espontaneamente. Foram feitos exames e suspeitou-se que a origem fosse as amígdalas inflamadas. Naquela época, ou eram as amígdalas, ou os dentes. As amígdalas foram retiradas. Voltou para Leopoldina. Uma sexta-feira, dez horas da noite, minha mãe me telefona dizendo que a Alice estava doente e que eu ficasse tranquilo, pois ela já havia sido vista por um médico. Não sei por que, senti que algo grave estaria acontecendo. Peguei o carro, dirigi 240 quilômetros, cheguei a Leopoldina às duas da madrugada. Alice deveria ser operada de vesícula, pela manhã. Estava com ascite (líquido no abdome), derrame pleural e pericardite. Levei-a de avião para o Rio e aí começou o seu martírio. Estava com uma forma maligna de doença - lúpus eritematoso disseminado. Daí para frente, só poderia sair à noite, nunca durante o dia por causa do sol. Tinha que tomar corticoide, que não existia à venda. Consegui-o, durante algum tempo, na Aeronáutica até o dia que disseram que aquele medicamento era de uso exclusivo do seu pessoal. Passou a tomar ACTH, um hormônio, que era dado na veia. **PREMONIÇÃO** – Alice estava muito doente, com lúpus. Eu morava em Botafogo, ela, em Copacabana. Meu trabalho era no Hospital de Aeronáutica dos Afonsos, em Marechal Hermes. Durante certo tempo, minha irmã tomou um medicamento na veia, chamado ACTH, como dito anteriormente. Eu tinha que levantar às cinco horas, ir até Copacabana colocar o medicamento na veia, e chegar ao Hospital antes das sete e meia. Às quatro da tarde eu voltava, para retirar o soro.

Precisando pagar o aluguel do consultório, onde eu costumava ir uma vez por mês, pedi licença para sair um pouco mais cedo do hospital. Na altura da Tijuca, senti uma vontade irresistível de ir para a casa de minha mãe. Eram duas horas, eu precisava chegar lá às quatro; eu estava devendo o aluguel e, assim, eu tentava me convencer de que deveria passar primeiro no consultório. Resolvi ir, o mais rápido possível, ver minha irmã. Chegando, soube que minha mãe estava me procurando, desesperadamente, desde as duas horas, hora que o soro havia saído da veia.

PETRÓPOLIS – O calor estava intenso no Rio. Um casal de amigos suíços – D.Clara e Dr. Lussy, que haviam morado em Leopoldina, convidou a Alice para passar uns dias em Petrópolis. Eles moravam de frente ao Quitandinha, um famoso cassino àquela época. Eu tinha que vê-la todos os dias e levava comigo o Jacques Bulcão, cardiologista e meu colega de Faculdade. Saíamos do Rio às sete horas da tarde, chegávamos às nove. Jantávamos, o Jaques examinava a Alice. Às quatro da madrugada saíamos, eu levava o Jaques para sua casa na Lagoa e, às sete e meia, eu tinha que estar no Hospital da Aeronáutica dos Afonsos. Todas as noites, as viagens tornaram-se cansativas. Em uma das noites, comecei a fazer curvas na contramão. O Jaques avisou-me e eu respondi-lhe que, à noite, não haveria problema porque eu enxergaria o farol do outro carro. Mal acabei de falar, dei de cara com um automóvel subindo a serra, com os faróis apagados. De outra feita, a situação ficou mais séria. Cansado, dormi ao volante e acordei fazendo uma curva, na descida da serra. Devo ter sido acordado pelo meu anjo da guarda.

JOÃO MARIA - Pouco antes de ficar doente, Alice ficou noiva do João Maria. Ele ia visitá-la quase diariamente. Foi incansável. Mesmo sabendo que a doença dela era fatal, faziam planos para o futuro. Creio que ela viveu mais tempo graças ao João Maria.

Um dia, ele escarrou sangue. Mandei fazer uma radiografia. Estava tuberculoso e tinha que se tratar. Não queria se afastar da Alice. Fiz-lhe ver que a doença da minha irmã não tinha solução, que a dele era facilmente curável, e que não poderia aceitar seu sacrifício. No primeiro dia em que ele não foi à casa de minha mãe, a Alice perguntou por ele. Demos desculpas. No terceiro dia, ela disse a minha mãe:

- Mãe, eu não disse que o João Maria iria me abandonar? E não perguntou mais por ele.

A MORTE – Cinco dias após a Alice ter dito que havia sido abandonada, meu único filho, à época com de dez meses, sofreu um trauma na cabeça. Formouse um imenso hematoma frontal. Pouco tempo após a queda, uma sensação irresistível me mandava ver a Alice, que já estava morrendo há meses. Fui para a casa de minha mãe. Alice estava morrendo. Chamei meu amigo Jaques e ele deu a ideia de aplicarmos uma adrenalina na veia. Alice, agonizante, cianótica, ainda teve forças para dizer: “Tonio, não me dê injeção. Vocês não conseguiram me curar em três anos. Deixe-me morrer”. E morreu.

Foi embalsamada para ser levada para Leopoldina. Nunca consegui esquecer a visão dela, na mesa do necrotério, sendo embalsamada.

E a história não acabou. Passados alguns meses, o João Maria me pede para vê-lo. Estava doente. Quando cheguei ao seu apartamento, levei um choque. Embora os edifícios fossem diferentes, a janela do seu quarto, dava para a janela do quarto da Alice, no outro prédio, mas a uma distância de três metros. Aconselhei-o a mudar de apartamento e mudar de vida. Foi o que fez. Casou-se com uma boa moça e teve uma filha: Alicia.

HISTÓRIAS DO MEU AVÔ

Antonio Maximiano Xavier Lisboa, meu avô, nasceu em Campanha, Sul de Minas, no dia 21 de fevereiro de 1860. Filho de Justino Xavier de Mello Lisboa e de Inocência Claudina de Magalhães Lisboa. Um dos membros mais ilustres da família foi o famoso navegador Fernão de Magalhães.

Graças à singularidade de sua vida urbana e à sua projeção em relação a outras cidades mineiras, Campanha atraía habitantes de cidades vizinhas e até de outras regiões longínquas.

Como aluno do famoso Colégio Brandão, Xavier Lisboa já demonstrava grande vontade de aprender e, com bons e dedicados mestres, adquiriu amor pela leitura e pela poesia, o que cultivou até sua morte.

Terminados os preparatórios para atender seus anseios vocacionais, deixou Campanha e seguiu para o Rio de Janeiro, onde se matriculou na Faculdade de Medicina da Corte, dirigida pelo Visconde de Sabóia, famoso cirurgião, onde teve professores notáveis como Torres Homem, Andrade Pertence, Domingos Freire, Cipriano de Freitas.

Tendo ele e seus colegas de turma se incompatibilizado com um dos professores, foram todos obrigados a se transferir para a Faculdade de Medicina da Bahia. Em 13 de agosto de 1887 defendeu, com brilhantismo, tese sobre “Hidroterapia” e, em 15 de setembro, tornou-se médico. Logo após diplomar-se, fez estágio com Torres Homem (clínica médica) e Andrade Pertence (clínica cirúrgica).



Era muito culto, lia bastante, participou ativamente das campanhas contra a escravidão, pela Proclamação da República,

e de todas as iniciativas que visavam o progresso de Itajubá. Ao anunciar seu consultório nos jornais, escrevia sempre a frase “**POBRES NÃO PAGAM**”. Adorava conversar. Era extremamente irônico, o que tornava suas conversas muito agradáveis.

Xavier Lisboa, pai de meu pai, Irineu Lisboa, e de meu tio, Gaspar Lisboa. Foram Médicos, Cidadãos, Pais, Avós, com letra maiúscula. Todos com grande compromisso social que se destacaram, no exercício da medicina, pelo amor ao próximo, principalmente se ele pertencesse às classes menos favorecidas.

Meu tio Gaspar exerceu a Medicina até aos 90 anos. Era chamado o “pai dos pobres”. Com 92 anos, foi surpreendido subindo no telhado da casa para apanhar mangas. Lia bastante, gostava de fazer visitas e ser visitado. Muito querido, tinha mais de mil afilhados.

Os dois, tio Gaspar e meu pai, tinham uma coisa em comum: estavam sempre ocupados, viviam com suas famílias e gostavam de viver. Talvez por

isso eu fique tão triste e emocionado ao ler artigos sobre o destino, as mensagens e as tristezas dos "velhinhos" internados em asilos.

NOSSA SENHORA DO PARTO - O tio Gaspar estava desesperado. Havia perdido uma paciente durante um trabalho de parto. Estávamos presentes eu, meu pai e meu avô. Eu e meu pai tentávamos consolá-lo, mostrando-lhe que, apesar de raras e trágicas, essas situações, infelizmente, eram previsíveis em Medicina. Nesse momento de consternação geral, meu avô, então com 88 anos, diz, num comentário absolutamente injusto:

- Gaspar, morre muita mulher de trabalho de parto com você!

Segue-se o seguinte diálogo:

- Você nunca perdeu uma mulher em trabalho de parto?

- Eu, não! Nunca!

- Então, no mínimo, você deve ser um protegido de Nossa Senhora do Parto.

- Melhor do que você, Gaspar, que deve ser um protegido de Nossa Senhora do Óbito.

BRINCALHÃO - Quando ia a Itajubá, de férias, eu mantinha longas conversas com meu avô. Muito culto, ele me embevecia com suas palavras. Tomava um copo de vinho tinto no almoço e no jantar, e depois fumava uma cigarrilha "Talvis", que era moda na época. Muito inteligente, as suas conversas, com frequência, assumiam um tom irônico, que hoje denominaríamos de gozação - era um gozador. Um dia, como ele exagerasse um pouco, olhei para suas imensas orelhas e disse-lhe, em tom jocoso, como se fizesse pouco caso de sua inteligência; - Vovô, eu não costumo levar muito em consideração o que os animais orelhudos dizem. Assim, é melhor você mudar de argumentação.

Levantando o copo e sorvendo lentamente um gole de vinho, responde-me:

- Tenho um neto, médico pediatra, que mora no Rio, portador de orelhas bem pequeninas e nem por isso...

LEITURA DO JORNAL - Após o almoço, costumava me pedir para ler o movimento das docas de Santos, tanto importações quanto exportações. E lá eu ficava um bom tempo falando sobre milhares de sacas de café, de milho, de soja, de algodão, veículos, com suas respectivas cotações, o que para mim era extremamente desagradável. De vez em quando, o velhinho cochilava e eu aproveitava para parar a leitura e, em seguida, tentava escapulir daquela situação. Aí, ele entreabria os seus olhos miúdos e dizia:

- Continua.

Um dia não aguentei mais e perguntei-lhe:

- Vovô, eu não consigo entender porque você se interessa tanto por um assunto tão maçante quanto este?

Respondeu-me:

- Muito simples. Essa é a leitura que mais me dá sono.

CONCURSO DE POESIAS - Na época do Natal, a família Lisboa se reunia em Itajubá. Os primos, crianças, se reencontravam. Organizávamos festas,

brincadeiras, almoços, onde os mais alegres eram meu pai e tia Inocência, que era a pianista oficial dos bailes, ou “saraus dançantes”, como eram chamados. Numa dessas reuniões, meu avô lançou um desafio aos netos: aquele que declamasse uma poesia inteira receberia um prêmio. Foi uma vergonha. Nenhum conseguiu recitar, ao menos, um trecho de uma poesia. Desse dia em diante passei a “devorar” os livros de minha mãe, inclusive os de poesia. Dos dez aos dezessete anos li mais do que nos restantes anos de minha vida. Ainda me lembro de meu avô a declamar trechos do “Fausto”, de Goethe.

A HOMENAGEM - Queríamos prestar uma homenagem ao nosso avô, que adorávamos. Alguns netos que moravam em Itajubá, entendiam um pouco de eletrônica e montaram um sistema de transmissão no porão, ligado ao rádio da casa. Avisamos a ele que, às seis da tarde, seria transmitido um programa de seu interesse. Um grupo ficou no porão e o outro, onde eu estava, ao lado do velhinho, junto ao rádio. Às seis horas começou o programa, que, de vez em quando, merecia comentários de meu avô, Dr. Xavier Lisboa:

Locutor - Esta é a Radio PRK, 86 mega-hertz, transmitindo diretamente de Campanha, Sul de Minas. Hoje iremos prestar uma homenagem a um dos maiores médicos brasileiros, Dr. Antonio Maximiano Xavier Lisboa, nosso conterrâneo, somente comparável a outro campanhense, o Dr. Vital Brasil Mineiro da Campanha...

X. L. - Sou eu! Quem será que está falando?

Locutor - O Dr. Xavier Lisboa, conhecido em todo Sul de Minas pelo seu caráter, competência, dignidade, é a maior personalidade de nossa vizinha cidade de Itajubá.

X. L. - Nem tanto, nem tanto. Eu fiz alguma coisa, mas, a maior personalidade daqui é o Wenceslau (Braz). Ele sim foi Presidente da República. Locutor - O Dr. Xavier Lisboa merecia ser condecorado pelo Governo pelos relevantes serviços prestados como cidadão, tanto pela luta contra a escravidão e pela causa republicana, quanto como profissional da Medicina, onde, até hoje, não foi suplantado por ninguém...

X. L. - Isso é coisa do Vadinho, lá de Campanha. Ele me pediu uns “cobres” e nunca me pagou. Talvez esteja querendo que eu o perdoe. Mas tem tanto tempo que nem lembrava mais disso. Ou será o José Manuel? Ele é nosso contraparente e deve estar dizendo tudo isso para melhorar o nome da família, que também é dele.

Durante quase uma hora, o primo falava no microfone do porão e o nosso avô, intrigado, fazia os mais diversos comentários, alguns até meio perigosos. De repente, ouviu-se o seguinte:

Locutor - Dr. Xavier Lisboa, o senhor gostou do que dissemos do senhor? O velhinho levou um susto e respondeu:

- “Muito”.

Locutor - Pois isso, vovô, é o que nós, netos, pensamos do senhor. E aí, levamos uma boa meia hora para explicar-lhe o que havia acontecido.

E ele terminou dizendo: “Estava gostando muito de saber o que meus conterrâneos pensavam de mim, porém fiquei muito mais feliz quando soube que eram vocês”.

A RELIGIÃO - D. Sinhazinha (Maria Cândida de Paiva Lisboa), minha avó, era profundamente religiosa. Comungava todos os dias e praticava os ensinamentos de Cristo. A porta de sua casa vivia cheia de pessoas necessitadas a quem, carinhosamente, ouvia e ajudava. Aos sábados formavam-se filas. Meu avô não gostava das filas e de ir à igreja, pois dizia não acreditar na religião. Um dia, ficou seriamente enfermo. Minha avó chamou um padre, que passou a visitá-lo todos os dias. Parecia que havia se convertido. Porém, assim que se sentiu melhor, virou para a mulher e disse:

- Sinhazinha, eu não quero mais saber de padre entrando no meu quarto!

Parece que eles não têm nada que fazer e vêm aqui me aborrecer.

Qual foi a surpresa da família quando, ao completar 80 anos, o velho médico passou a frequentar a missa aos domingos.

Perguntei-lhe:

- Vovô, o que houve? Você nunca acreditou em religião!

- É verdade, mas agora, estou com 80 anos e, por via das dúvidas... **CAFÉ**

COM LEITE – - Antonio Márcio, você não deveria tomar café com leite. Há muitos anos atrás, um li um trabalho sobre os malefícios do café com leite, principalmente para os idosos.

- Mas vovô, você toma uma xícara de leite e depois toma uma de café.

Você não acha que seja a mesma coisa?

- Não! Tomados separados, eles não são nocivos.

- Como, vovô, se vão se misturar no estômago. Que diferença faz tomar os dois juntos, ou separados? Você, um médico famoso, não deveria acreditar nesses tabus, sem nenhuma base científica.

- Vai chegar um dia em que você irá me dar razão. Continue a tomar seu café com leite e eu continuarei a tomá-los separadamente. Vamos ver quem viverá mais.

Morreu com 96 anos, absolutamente lúcido. Como tenho 89, ainda não sei quem estará com a razão.

O PINHEIRO DE NATAL – O caçula dos filhos chamava-se Antonio. Casouse com Maria Helena, que hoje com 92 anos, é a única tia viva. Antonio morreu em um acidente de carro, protegendo uma de suas filhas do impacto. Em uma das minhas idas a Itajubá, na época do Natal, passei por uma grande plantação de pinheiros. Pensei em pegar um deles para levar para Leopoldina. Ao chegar em Itajubá, pedi ao Antonio para arranjar-me uma faca. Perguntou-me o motivo do pedido e disse-lhe que eu queria uma faca para cortar um pinheirinho da plantação que eu havia visto na estrada. No dia de minha volta para casa, deume de presente um pinheirinho e disse-me: “Antonio Márcio: existem muitos casos de “pinguços” na família, mas não existe nenhum ladrão”.

MORTE - Após completar 80 anos, às vezes, tinha a impressão de que iria morrer e mandava chamar a família. Morávamos em Leopoldina e ele, em Itajubá. Naquela época era extremamente complicada a viagem, que tinha que ser feita por trens, levava um dia ou mais, e exigia muitas baldeações.

Até chegarmos a Itajubá, a crise já havia passado. Ficávamos uns dois a três dias, para recuperarmos as forças. Ao se despedir de nós, olhava sentido para meu pai e dizia:

- Irineu, desculpe-me por não haver morrido. Você veio de tão longe para nada.

Ao que meu pai respondia:

- Papai, eu estou feliz ao vê-lo recuperado. Espero que, todas as vezes que você me chamar, eu perca a viagem, como desta vez.

Esses episódios repetiram-se por várias vezes. Ao final de todas as nossas férias, durante mais de vinte anos, ele se despedia de mim, dizendo.

- Meu neto, adeus! Quando você voltar, não estarei mais vivo.

Morreu com 97 anos. Quinze dias antes de sua morte, visitei-o. Estava sendo alimentado com soro na veia, esperando seu fim. Sorriu-me e, com voz fraca e débil, fez um discurso enaltecendo os meus méritos. Lúcido, inteligente, brilhante, até o fim.

NECROLÓGIO - O Dr. Albino Alves Filho, sob o pseudônimo de Allonso de la Flora, publicou em o jornal A VERDADE, de 2 de novembro de 1985, estes versos para desenhar o perfil do Dr. Antonio Maximiano Xavier Lisboa: “Em versos de redondilha/Vou tirar certo perfil, / Que entre outros, certo brilha / Em versos de redondilha. / Assim, ó lira, dedilha / Sonoro triolet gazil.../ Em versos de redondilha / Vou tirar certo perfil. / O seu todo é simpatia, / Tem de pomba o coração.../ Na prosa expande alegria, / O seu todo é simpatia, / Tem grande sabedoria / Esse ilustre cidadão! / O seu todo é simpatia /Tem de pomba o coração. / Da medicina é doutor/ E político finório./ É um grande operador./ Da medicina é doutor / Opera a gente sem dor.../Faz parte de um Diretório./ Da medicina é um doutor / E político finório... / Chegam-lhe, aos centos, clientes / Que surgem de toda parte./ Ausculta doentes, mais doentes,/ Chegam-lhe, aos centos, clientes / Tem olhos inteligentes / Porquanto é notável na arte;/ Chegam-lhe, aos centos, clientes / Que surgem de toda parte,/ É rico só na ciência;/ Que é liberal, caridoso,/ Pois, tendo alta consciência/ É rico só na ciência/ Tem com o enfermo paciência.../ E na cura é cauteloso.../ É rico só na ciência,/ Que é liberal, caridoso.”

“Foi o esculápio que sabia dar / Conforto e paz ao desolado doente, / Não só com drogas e compressa quente / Mas com carinho e com amor sem par./ Foi um artista para formular / Vinhos, xaropes e poções. E crente; Em tudo fazia que honestamente / Foi um campeão na arte de curar. / De Horácio e Virgílio ele gostava / E de Camões sonetos declamava / De um modo original. / E agora, que ele está junto de Deus / Talvez ouça feliz, os versos meus, / Num canto de saudades perene”.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ITAJUBÁ DECRETO N.64

O Prefeito Municipal de Itajubá no uso de suas atribuições decreta:

Art. 1 – Como testemunho de pesar pelo falecimento do eminente e benemérito médico Dr. Antonio Maximiano Xavier Lisboa fica decretado luto oficial por três dias.

Art. 2 – Revogadas as disposições em contrário este decreto entrará em vigor a partir de 10 do corrente mês. Registra-se, publique-se e cumpra-se.

Prefeitura Municipal de Itajubá, 11 de março de 1957.

Antonio Rennó Pereira – Prefeito Municipal.

MINHAS ESPOSAS

Casei-me duas vezes. A primeira, com Therezinha Coimbra Luz, que faleceu em 1978, em Brasília, vítima de atropelamento. A segunda, com Maria Elizabeth Cunha Freire, minha conterrânea. Duas pessoas maravilhosas.

THEREZINHA

Eu a conheci em casa de seu tio, o ex-presidente Carlos Luz, casado com uma prima, e ex-deputado por Leopoldina, minha cidade natal. Um ano após, brincamos o carnaval em Leopoldina. Outro ano, sem nos vermos. Novo reencontro no carnaval, e passamos a namorar.

A FAMÍLIA – O pai de Therezinha, Waldemar Coimbra Luz, e a mãe, Elmira, eram primos e tiveram que obter uma permissão do papa para se casarem. Elmira teve duas filhas. Therezinha era a mais velha. Elmira faleceu logo após o nascimento da segunda filha, deixando-a com poucos meses. Waldemar entrou em profunda depressão e entregou a filha menor para os avós maternos cuidarem. Mas eles não sabiam que a avó estava tuberculosa, e ela transmitiu a doença para a criancinha que morreu de meningite tuberculosa. Therezinha foi cuidada pelo pai e pela tia, Cecília, que desempenhou o papel de mãe amorosa. Cecília, pessoa querida por todos, foi um dos esteios de nosso casamento.

O Dr. Waldemar foi diretor da Estrada de Ferro Central do Brasil e o responsável pela construção de sua sede no Rio de Janeiro, que ostenta um famoso relógio. Foi diretor do Banco Hipotecário de Minas Gerais, no Rio de Janeiro, durante muitos anos, e Presidente do Rotary Club.

Teve um fim de vida triste. Aposentado, recebia uma miséria, e tinha que ser ajudado financeiramente pela Cecília, algumas vezes por mim. Vítima de arteriosclerose cerebral perdeu o sentido das coisas. Começou a falar com um tom de autoridade, dizendo palavras sem sentido.

Resolvi trazê-lo para morar comigo em Brasília. A viagem foi terrível. Andava pelo avião e queria voltar para a casa. Um temporal interrompeu o voo. Pousamos em Belo Horizonte e pegamos um ônibus. No ônibus queria descer, e andava todo tempo.

Em um domingo chuvoso, fugiu de casa. Foi encontrado por um taxista sentado no meio fio, no eixo rodoviário, centro de Brasília. Por sorte, o taxista me conhecia e o trouxe para casa.

Desde que o conheci ficava horas no banheiro. Um dia, meu filho Antonio Carlos estranhou a demora e resolveu abrir o banheiro. Estava morto, debaixo do chuveiro aberto.

O PRIMEIRO JANTAR - Waldemar Luz, viúvo, rotariano, engenheiro, diretor de banco, sempre jantava de terno e gravata. Convidou-me para um jantar. Mandou servir-me um uísque. Eu, com 20 anos, nunca havia sequer provado uma bebida alcoólica. Por educação, aceitei. Durante o jantar, comecei a sentir-

me tonto, com a vista turva. Fiquei apavorado, com medo de desmaiar. E isso acontecendo na minha primeira visita ao meu futuro sogro. Consegui sobreviver. De outra feita, insistiu para que eu tomasse um vinho francês. Aos nacionais, ele chamava de vinagre. Como eu não gostasse de bebida alcoólica, coloquei água e açúcar no vinho. Ele viu, não gostou, levantou-se da mesa, disse que aquilo era um crime e saiu da sala.

Ao ficarmos noivos, minha mãe disse à Therezinha: “Entrego-lhe meu filho que nunca tomou bebidas alcoólicas. Cuide bem dele”.

Se eu tivesse me tornado um alcoólatra, meu sogro seria o responsável. **A RECEPÇÃO** -No dia do noivado, houve uma recepção. Foram convidados todos os colegas da minha pensão, Lá pelas tantas, notei que um deles aceitava todos os doces e salgados e os jogava pela janela do apartamento, em Copacabana. Perguntei-lhe por que estava fazendo isso. Respondeu-me que não aceitar seria uma falta de educação.

O CASAMENTO – Dia oito de julho de 1951, na Candelária, catedral do Rio de Janeiro, cinco horas, igreja lotada. Eu e o padre no altar. E a noiva? Não chegava. Cinco e meia, seis horas e nada. O padre nervoso, disse-me que se demorasse mais, ele mandaria fechar a igreja. A igreja esvaziando e o padre cada vez mais nervoso. Em dado momento eu resolvi responder-lhe:

- O senhor está nervoso? E o que o senhor acha que está mais ou menos do que eu? Se o senhor quiser fechar a igreja, feche-a! Às seis e meia chega a noiva. Metade dos convidados já havia saído. Motivo do atraso: na época era de bom tom a noiva chegar atrasada.

LUA DE MEL – Therezinha e eu havíamos decidido sair do Rio. Eu tinha recebido um convite para clinicar em Presidente Prudente, São Paulo. Como eu poderia tirar uma licença de uma semana da Aeronáutica, resolvemos viajar para saber se atenderíamos ou não ao convite. Durante a ida, ao passarmos pela Presidente Dutra, mudamos os planos e fomos para São Lourenço e depois, São Paulo. E ficamos no Rio até 1967.

O JANTAR - Acabávamos de voltar da lua de mel. Era o primeiro jantar em casa. Foi servido um líquido, que parecia uma sopa, com maionese, intragável. Perguntei se havia outra coisa. Alguém bateu na porta. Era o meu sogro. Therezinha abraçou-o aos prantos, e ele, raivoso, perguntou-me: “O que está acontecendo?”. Nesse momento, fiquei sabendo que Therezinha havia feito, carinhosamente, a “sopa”. Disse ao meu sogro que se eu soubesse eu a teria tomado.

Todos os anos, oferecíamos uma festa para os residentes do Hospital dos Servidores e depois, para os de Brasília. Em 1972, durante um Curso Internacional de Perinatologia, coordenado por mim, convidamos os bolsistas e os professores, vários estrangeiros, para um carnaval em minha casa. A turma ficou deslumbrada.

Em 1975, demos o “grito de Carnaval”, em um hotel na Tchecoslováquia, ainda ocupada pelos russos. Éramos 35 bolsistas de diversos países, quase

todos nunca tinham assistido nada parecido, e caíram no samba. No outro dia, a conta da quebradeira.

Therezinha e eu sempre abríamos os bailes nos congressos. Na Argentina, o presidente disse-nos:

- Vocês quebraram uma antiga tradição. Os argentinos começam a bailar após a sobremesa e vocês principiaram na salada.

E ganhamos um diploma de melhores bailarinos do congresso.

TRABALHO DE PARTO – Estávamos noivos. A empregada que estava grávida e eles não sabiam, entrou em trabalho de parto no apartamento. Therezinha, apavorada, pediu-me para ir até lá. Não havia como removê-la, pois o bebê nasceria a qualquer momento. Tive que fazer o parto no quarto da empregada. Felizmente, àquela altura, eu já havia feito dezenas de partos no Hospital Carlos Chagas. Sem dúvida, o meu prestígio, na família, aumentou bastante. **EMPREGADA MALUCA** - Therezinha contratou uma empregada. Estava encantada. A mulher trabalhava dia e noite. Achei que ela não batia bem da cabeça e transmiti minhas preocupações. Therezinha respondeu-me:

- Você acha que só por trabalhar muito uma pessoa pode ser considerada maluca?

Os dias foram passando. A mulher lavava o banheiro quatro vezes por dia. Uma madrugada, foi flagrada lavando o chuveiro e os ralos do banheiro, a parte de cima e a de baixo. A bomba estourou mesmo quando foi pega fumando maconha e dizendo palavras desconexas. Seu quarto tinha virado um terreiro.

NO MOTEL- Margarida, nossa empregada, sonhava em passar uma noite em um motel. Foi. Voltou na segunda feira radiante. “D. Therezinha, a senhora já esteve em um motel? É ótimo. Tomei um banho em uma banheira bem grande. À noite, ganhei uns bombons. Na saída, o porteiro perguntou-me se eu havia gostado. Respondi-lhe que muito. E sabe o que ele me disse? “Se a senhora vier com um homem, vai gostar muito mais”.

ROUBO – Senti que estavam tirando dinheiro do meu bolso. Falei com Therezinha e ela respondeu-me que era impressão minha. Vários meses se passaram e eu sempre desconfiado. Um dia resolvemos tirar a prova. Deixamos uma nota de 1000 cruzeiros, marcada, no bolso de minha calça. Ao chegar à casa, dependurei-a no banheiro. Passados alguns minutos, a empregada passou pela sala, foi em direção ao banheiro, e logo voltou. Acabamos de almoçar e fomos conferir. A nota havia sumido e aparecido na bolsa da empregada. Chamamos os pais e falamos sobre o acontecido. Conseguimos recuperar uma pequena parte do perdido, confiscando suas lindas toalhas e roupas de cama, compradas com o produto do roubo.

O PRIMO – O Sérgio era a ovelha negra da família. Tomando banho de piscina no Minas Clube, em Belo Horizonte, subiu no trampolim, e, gago, deu um grito: “Oooobaaaaa!”. A dentadura pulou para dentro da piscina e ele... ficou.

Quando o Carlos Luz, tio da Therezinha, foi Ministro da Justiça, Sérgio vivia querendo tirar vantagens de seu parentesco. Certa vez, solicitado por

alguém para ajudar a resolver um processo naquele Ministério, cobrou um preço alto. A pessoa reclamou, e ele respondeu: “E o do Carlos?”. Sabendo do caso, sua entrada no Ministério foi proibida.

PASSEIO NA BAÍA DE GUANABARA– Eu, Therezinha, Antonio Márcio, 3 anos, e Antonio Carlos, 2 anos, fomos convidados para um passeio de lancha na Baía. Manhã de domingo, sem uma nuvem. Saímos do late e fomos para Jurujuba, em Niterói. Aí, paramos para nadar. De repente, o céu ficou nublado e, em questão de minutos, começou um temporal. O casal nosso amigo, resolveu voltar para o Rio. Therezinha e as crianças foram para o porão, onde não chovia. As ondas passavam de cinco metros. A lancha subia e, quando baixava, parecia que iria estilhaçar. Pensei em colocar salva-vidas. Não existiam. A todo momento eu descia para ver a turma, apavorada. Passamos por duas lanchas emborcadas. Depois de muito sofrimento, chegamos ao late Club. O cais apinhado de pessoas, esperando os parentes. Depois dessa, atravessei a baía várias vezes... na barca.

AOS DOMINGOS – Os programas eram quase sempre os mesmos. As crianças e a Therezinha me acompanhavam nos chamados domiciliares, que eram muitos. Pela manhã a turma já se levantava gritando: “Vamos ver doentes!”. Desciam do carro, brincavam, jogavam bola nos pilotis. Depois, íamos à missa e almoçar na casa dos avós. De vez em quando, ao Clube Piraquê, na Lagoa. Só mesmo a juventude pode explicar esse comportamento trágico de um pediatra, pai de quatro filhos.

BRASÍLIA - Em 1967, convidado para implantar a Pediatria na Faculdade de Ciências Médicas da Universidade de Brasília, deixei o Rio de Janeiro, para trabalhar em dedicação exclusiva e ganhando a quinta parte do que recebia.

Poucos dias antes de minha ida, a Loi, uma vizinha do nosso apartamento, procurou a Therezinha e disse-lhe que, em uma festa em Petrópolis, um conhecido homeopata havia dito aos presentes que o motivo da aceitação do convite não era nada altruísta e, sim, que eu teria uma amante e iria levá-la para Brasília. Naquela época, os professores convidados iam sem as famílias, para conhecer as condições de trabalho. Não abalou nosso casamento porque a Therezinha iria na frente para montar nosso apartamento.

PREMONIÇÃO - Em julho de 1975, havíamos chegado da Europa após um curso de três meses. Toda a família reunida no apartamento do meu sogro, no Rio de Janeiro. De repente, Márcia, uma de nossas filhas, começa a chorar, porque havia visto o lugar onde Therezinha estava assentada, vazio, embora ela estivesse lá. Achou de mau presságio. Durante todo mês de agosto, Márcia telefonou quase diariamente para Brasília. Havia sonhado que, no mês de agosto, Therezinha seria atropelada e morta. Em fins de agosto, ouvi as duas conversando e perguntei o motivo. “A Márcia me telefona, toda hora, para dizer-me os cuidados que devo tomar ao atravessar as ruas. Acabo de dizer a ela que eu sou burra velha e ela é quem deveria se cuidar. Ela está feliz, por estarmos no final de agosto e nada ter acontecido”.

O ACIDENTE FATAL - Em inícios de setembro, Therezinha estava trabalhando na nossa clínica. Os médicos adoravam o seu trabalho e diziam que se sentiam bem quando ela chegava ao consultório. Um dia, estava particularmente feliz. Não queria sair do consultório. Lembrei-lhe que o Fernando, seu primo, filho do Carlos Luz, iria jantar lá em casa. Chegamos à casa e ela saiu para comprar uns salgadinhos. Pouco depois, eu e o Fernando recebemos a notícia de que ela havia sido atropelada, em cima da calçada, e levada ao hospital. Foram 54 dias de agonia. Em coma, foi examinada por um grande neurologista que disse acreditar que ela tinha chances de se recuperar. Quando menos esperávamos, ela acordou, reconheceu-me, respondia às perguntas com a cabeça e sorria muito. Após um mês na UTI, era a única pessoa que, internada, sorria. Retiraram o cateter da traqueostomia e ela passou a apresentar um estridor, um guincho, que denotava uma obstrução. Foi-me dito que era assim mesmo. Como tinha uns problemas a resolver, deixei, um dia, de ir à UTI. Soube que ela havia piorado do estridor e levada ao centro cirúrgico. Corri para a UTI e encontrei-a asfixiada. Agarrou o meu pescoço com os olhos esgazeados. Chamei um médico especialista que recolocou a cânula na traqueostomia. A respiração normatizou, ela dormiu, e voltou ao coma.

A UTI estava sendo mudada. Therezinha foi transportada em uma maca, que passou por locais onde a calçamento era irregular. Com a trepidação, um êmbolo desprende-se da fratura do fêmur e foi alojado no pulmão. E ela morreu. Fiquei desesperado. Meus filhos não queriam ou não podiam morar comigo.

Meu apartamento estava em obras, que foram paradas.

Ironia do destino. O Fernando Luz, que havia me apresentado à Therezinha, sua prima, e que morava no Rio, naquele dia fatídico, estava nos visitando.

NOSSOS FILHOS

ANTONIO MARCIO JUNIOR - O mais velho, psicólogo.

A CHUPETA - Tinha três anos e não largava a chupeta. Levei algum tempo a convencê-lo que já era hora de largá-la. Uma tarde combinamos de jogá-la pela janela. E assim ele fez. À noite, chorava pedindo a chupeta. Tive que sair e comprar outra. Perguntei-lhe por que não a largava? Respondeu-me: “Não sei papai. É que quando vai chegando de noite me dá uma vontade muito grande de chupar a chupeta”.

O PALAVRÃO - No Rio, meus filhos estudaram no Chapeuzinho Vermelho, aonde eu era médico e, depois, no São Bento.

No São Bento existia um caderno vermelho em que eram feitas anotações sobre faltas e comportamento dos alunos. Um dia, o Marquinho, como era chamado, disse-me que um colega havia xingado o outro de “f.d.p.”. Expliquei-lhe que era uma palavra muito feia e o significado muito ofensivo. Dias depois chegou felicíssimo dizendo que, quando na fila, ele havia esmurrado um colega

que o havia chamado de “f.d.p”. Disse que haviam sido levados ao gabinete do Diretor. A alegria decorria do fato de não terem escrito nada no livro vermelho, o que denotava que ele havia agido certo ao bater no colega. Daí, nova sessão de explicações.

A TURMA - Passávamos as férias em Leopoldina. Na casa da frente moravam Zequinha Reis, Lelena e 13 filhos. Tinham uma piscina que era frequentada pelos meus filhos.

Em uma das férias, para tomar banho na piscina, os meninos teriam que se filiar a uma de duas turmas: a ligada ao filho da Lelena ou a outra. Antonio Carlos respondeu que estava de férias e não quis aderir a nenhuma. Marcinho aderiu à dos vizinhos. Três dias antes de regressarmos das férias, Marcinho deixou de sair de casa, como se estivesse apavorado. Perguntei-lhe o que estava acontecendo e ele não me respondia. Até que ouvi um grupo de crianças em frente à minha casa gritando: “Sai, covarde. Vem aqui para fora!”. Dispersei a turma e voltei a perguntar o que havia acontecido. Respondeu que a turma do Zequinha havia batido em um menino da outra turma, mas que ele não havia participado. Você viu e não fez nada? Perguntei-lhe. Sim, respondeu. Então é melhor você ficar em casa até o fim das férias, recomendei-lhe.

Não ia bem nos estudos. A diretora do Chapeuzinho Vermelho, Madalena Kahn, chamou-me e sugeriu que ele repetisse o ano. E assim foi feito. Resolvemos levá-lo a uma psiquiatra infantil, Dra. Germana Figueiredo. Examinou-o, fez os testes e chamou-me para uma conversa. “O Júnior tem um QI elevadíssimo. E você não vai gostar muito do que vou dizer-lhe: ele não tem pai. O problema é você. Ou você muda o seu ritmo de vida para dar mais atenção a ele ou nada mudará. Como tinha uma clínica muito grande, geralmente chegava em casa muito tarde, quando os meninos já estavam dormindo. Passei a sair do consultório direto para casa e, depois do jantar, ia atender chamados. Ficava com eles quando iam dormir. Marcinho não falava. Após alguns meses, tive uma grande alegria: ele falou e me disse:” Você não gosta de mim”. E, após essa noite, começou o nosso diálogo.

CABELUDO – Houve uma época que os adolescentes gostavam de ter os cabelos compridos, usar roupas mal cuidadas e, às vezes, rasgadas. Marcinho não fugia à regra. Percebeu que eu não gostava muito de suas madeixas. Um dia tivemos o seguinte diálogo: “Papai, você gosta de mim?”. “Sim”. “Você gostaria mais de mim se eu cortasse o cabelo?”. “ Não”. “Se você gosta de mim igualmente com o cabelo longo ou curto, por que você não me deixa tê-lo do jeito que eu quiser?”. Passados alguns dias, entrei no quarto dele e lá estava um quadro de Jesus Cristo com os cabelos na cintura. Captei a mensagem.

MÉDICO –Querida ser médico. Levei-o para assistir a um parto no hospital. Não aguentou cinco minutos. Desistiu.

GEÓLOGO - Durante algum tempo, desejou ser geólogo. Começou a colecionar pedras. Em minhas viagens cheguei a comprar algumas. Um dia, desistiu da coleção. Eu acredito que tenha sido no dia que descobriu que ser dono de poços de petróleo não tinha nada a ver com a profissão de geólogo.

JORNALISTA – Em torno dos vinte anos trabalhou em um jornal. Foi um período em que escreveu lindos artigos.

Fez dois implantes de rins. Na segunda vez, recebeu o rim do irmão, Antonio Carlos.

Cresceu, tornou-se pai, avô e cheio de amigos. Foi casado com Selma, com quem teve dois filhos: João e Pedro. E, depois, com Eliane. Já é avô.

ANTONIO CARLOS – Meu segundo filho foi um aluno brilhante. No Rio, estudou no São Bento. Fim do ano, distribuição de medalhas. Ganhou medalhas como o melhor aluno da turma, em esportes e em religião. Marcinho não ganhou nenhuma, mas suas notas haviam melhorado bastante. Ficou revoltado e disse que se sentia injustiçado. Dizia que o Antonio Carlos sempre tirava boas notas que não haviam reconhecido o esforço enorme que tinha feito para ficar entre os primeiros. Aprendi a lição. Passei a ser contrário à distribuição de medalhas, mas favorável a outros incentivos.

Quando pequeno, no Rio, ao passarmos pelo Túnel Novo para irmos para Copacabana, gritava: “Olhe o cunel. Olhe o cunel!”. Vendo um coelho, o mostrava a seu irmão mais velho e dizia: “Olhe o telho!”. E o irmão respondia: “Carlinhos, não é um telho, é um quelho”.

Brigavam muito. O Marcinho, forte, o mais velho, e o Antonio Carlos, mirrado, o mais novo. Therezinha não aguentava e, um dia, disse: “Brigando deste jeito vocês vão acabar se matando”. O Antonio Carlos retrucou: “Mamãe, não estamos brigando, estamos lutando”.

Marcinho resolveu jogar xadrez. Convidava os amigos do prédio e venciam todos. Antonio Carlos pediu-me que lhe comprasse livros sobre xadrez. Passou um mês lendo-os. Convidou o Marcinho para uma partida, ganhou-a levou uma tabuleirada na cabeça.

Marcinho resolveu aprender a tocar violão. Antonio Carlos também, e aprendeu em um mês. O aprendizado acabou quando o violão foi quebrado pelo Marcinho, que não aceitava a concorrência.

LEOPOLDINENSE AUSENTE – Recebi uma homenagem de meus conterrâneos. Durante a festa, o Antonio Carlos, com oito anos, fez um discurso que me emociona até hoje.

PETROBRAS - Formado em engenharia química, foi contratado pela Petrobras como estagiário. Formado, foi trabalhar no Centro de Pesquisas. A esposa Claudia foi assaltada em frente ao seu apartamento, em São Conrado. Pediu transferência para São Mateus, no Paraná. Resolveu fazer mestrado e doutorado em Vancouver, no Canadá. Negada a licença, pediu demissão e foi para o Canadá. Voltou, e foi contratado pela Universidade de Campinas (UNICAMP), onde é professor, querido por seus alunos.

Antonio Carlos casou-se com Claudia Bela. Tiveram três filhos: Alice, Eduardo e Carolina.

MÁRCIA - Foi a mais sensível de meus filhos, quando criança. Só o fato de chamá-la em voz alta, era o suficiente para induzir o choro.

Um dia, sentei para jantar e a Márcia se retirou. Perguntei à Therezinha o motivo e fiz menção de segui-la. Não levante, disse-me Therezinha. Há mais ou menos um mês ela lhe falou alguma coisa e você não prestou atenção. Ela relembrou hoje.

O ANIVERSÁRIO – Resolvemos, pela primeira vez, comemorar o aniversário da Márcia, que se encarregou de convidar suas amigas. Começada a festa, entraram os adolescentes e, entre eles, um rapaz negro, mais velho que os outros convidados, e um outro, mulato, ambos desconhecidos da Marcia, que avisou à Therezinha. Com a lista de convidados na mão, Therezinha chamou um deles e perguntou-lhe:

- Qual é o seu nome?

- Arthur.

- Você não está nessa lista. Por onde você entrou?

- Pela cozinha.

- E é por lá que você vai sair, já.

O mesmo diálogo se repetiu com o outro desconhecido.

Desceram e, com outros adolescentes, passaram a gritar ameaças em frente ao nosso prédio. Marcia chorava. Acabei com a gritaria.

Terminada a festa, convidamos a mãe de uma das meninas para conversar conosco. Falamos que aquela era a primeira festa de aniversário que fazíamos e perguntamos se ela conhecia os adolescentes presentes. Respondeu-nos que sim.

- Aquele escuro e alto era o “Negrão”. É um bom menino. Ele costuma entrar nas festas de penetra. Se ninguém diz nada, ele fica. Se reclamam, ele sai. O outro, aquele mulatinho, é o Dulcídio. O pai dele é um médico muito conhecido, o Dr. Avelino, anestesista. O senhor deve conhecê-lo.

Aí, o mundo veio abaixo. Filho do Avelino, meu colega de turma, meu amigo, cujo único defeito era o complexo de cor. Fui até a janela, para tentar corrigir o erro. Todos já haviam ido embora.

Passado algum tempo, encontro o Avelino.

- Antonio Márcio! Agora você deu para expulsar a ameaçar crianças!

Milhões de desculpas. Nunca mais o vi.

Márcia é atualmente professora da escola da Enfermagem Ana Nery. Carreira docente brilhante, possuidora de vários títulos e responsável pela edição de vários livros.

Com dois anos, Márcia teve a única doença séria - uma gastroenterite (diarreia e vômitos). Fizemos uma hidratação venosa e dieta rígida. Não melhorava. Um dia ela começou a chorar de fome. Não aguentei, e mandei que lhe fosse dado o que quisesse. Ficou boa. Vá entender a medicina.

Márcia teve um filho do primeiro casamento com Paulo Cesar – João Paulo. E outro, do segundo casamento, com Francisco de Castro: Pedro.

CLÁUDIA – Nasceu às quatro horas da madrugada. Ao chegar em casa, cansado, antes de entrar no quarto, tomei todo cuidado para evitar que uma lebre que criávamos entrasse comigo. Ao acordar, tive a desagradável surpresa de

constatar que ela havia entrado e comido boa parte de meus sapatos e de um cinto. Havia conseguido me driblar.

A DOENÇA - Logo após nascer, a Cláudia teve uma diarreia de longa duração. A cultura de fezes acusava monília, o fungo do sapinho. Com um mês tinha o mesmo peso do nascimento. Minha sorte é que havia surgido naqueles dias um remédio contra a monília – a nistatina. Com uma semana de uso, ficou curada.

LEVADA - Therezinha ligou para o consultório e disse-me:

- Venha para casa imediatamente, senão eu mato a Cláudia.
- Cláudia era a caçula. Desmarquei os clientes para atender ao apelo.

Chegando à casa, ouvi as histórias. Primeira: a Cláudia havia se pendurado no armário do banheiro, que caiu, quebrando quase todos os vidros que existiam no seu interior. Segunda: enquanto Therezinha recolhia os cacos, Cláudia, silenciosamente, cortava, com uma gilete, figurinhas em cima de um divã de couro que acabara de ser restaurado. Cortava as figurinhas e o divã. Terceira: Cláudia pegou uma lata de graxa preta, para sapatos, e engraxou os móveis de pau marfim. Aí, Therezinha não aguentou.

Eram sete horas da manhã. Cláudia, três anos, não estava em casa. Procuramos por todo o prédio, no térreo, em um terreno baldio. Ninguém a havia visto. Quase oito horas e ela chega. Perguntei-lhe onde ela estava. “No 904, vendo o neném mamar”.

Morávamos no quarto andar. Quatro horas da madrugada. Chovia muito. Acordei e resolvi ir até o quarto das meninas. Cláudia estava assentada no parapeito da janela. Aproximei-me da janela silenciosamente para não assustá-la. Segurei-a e perguntei o que ela estava fazendo. Respondeu-me: “Estou vendo a chuva. Gosto muito de olhar a chuva”.

Perguntaram-lhe de onde vinha o leite que ela bebia. “Do muro”, respondeu. Era onde o leiteiro colocava os vidros de leite.

Nossos filhos passavam as férias em Leopoldina, com meus pais. A Cláudia era tão levada que minha mãe dizia que eu poderia deixar os três sozinhos com ela. A Cláudia seria benvinda desde que nós ficássemos.

CINEMA – Cláudia estava com três anos e Márcia, com quatro. Levei-as ao cinema. Lá pelas tantas, surge da tela um imenso tigre, que escancara a bocarra e dá um tremendo rugido. Márcia pula para o meu colo, agarra o meu pescoço, fica de costas para a tela e chora copiosamente, de medo. Cláudia fica em pé na cadeira, dá pulos de alegria e grita: “Olha o gato! Olha o gato! Olha o gato”. Tive que sair do cinema.

O JANTAR –Um dos pratos estava cheio de linguiça, em pedaços. Cláudia, quatro anos, passou a metade para o seu prato. Perguntei-lhe se ela conseguiria comer tudo, caso contrário, que devolvesse. Respondeu-me que conseguiria. Passados alguns minutos, ela parou de comer.

- Cláudia, você não disse que comeria tudo? Então continue comendo.

Passados mais alguns minutos:

- Papai, não consigo, vou vomitar!

- Você tem que aprender o que está errado. Você vai terminar o jantar e ficará de castigo.

As crianças foram deitar e eu fiquei estudando com ela ao lado. Às onze e meia eu estava morto de cansado e disse:

-Cláudia, agora você pode ir dormir.

- Papai, eu posso ficar mais um tempo acordada fazendo um desenhinho? **O**

ROUBO DO CHOCOLATE – Márcia ganhou um chocolate e colocou-o na mesa, ao seu lado, enquanto almoçava. Cláudia saiu do seu lugar e ficou em pé, próximo ao chocolate e olhando-o fixamente. Quando percebeu que a Márcia estava distraída, deu um bote no chocolate, e comeu-o em segundos. Só restou o choro da vítima, pois nada mais havia a fazer. O chocolate já havia sido comido.

DESPARECEU O DINHEIRO –Desapareceu uma cédula de valor alto. Começamos a procurá-la e perguntamos às empregadas se a haviam encontrado. Já desconfiávamos de uma delas. Entretanto, ao perguntarmos à Cláudia, três anos, ela disse: “Fui eu e não digo onde escondi”. Procuramos em todo canto e nada. Cláudia persistia dizendo que tinha sido ela. Meses depois, descobrimos a ladra.

O ACIDENTE DE CARRO– Estava no consultório quando recebi um telefonema dizendo que a Cláudia havia sofrido um acidente de carro, que estava sendo atendida no Pronto Socorro do Hospital Distrital, e que estava bem. Terminado o consultório, fui para o Hospital. Cláudia estava no Centro Cirúrgico, com traumatismo de crânio, um corte de vinte centímetros no couro cabeludo e havia recebido meio litro de sangue. Situação bem diferente da que me haviam contado pelo telefone. Um mês internada, alguns dias em coma e o resto do tempo desorientada. Foi salva graças à dedicação de meu colega neurologista Kunio Suzuki. Após a alta, ainda continuou desorientada por algum tempo.

Quando melhorou, passou a pedir-me que indenizasse a amiga que lhe havia emprestado o carro que, completamente destruído, estava parado defronte à minha casa. O carro era um velho Fiat Mille, 1974. Eu e o namorado da amiga fomos a uma concessionária. Na ida ele disse-me que ficaria satisfeito se eu lhe desse o meu carro, um Fiat novinho e, como eu lhe dissesse que não, na concessionária passou a escolher carros mais novos e caros. Pedi que fizessem uma avaliação do carro destruído e paguei-lhe o valor real.

O COLÉGIO CHAPEUZINHO VERMELHO – Fui médico desse colégio durante dez anos Era um dos mais conceituados do Rio, dirigido por uma grande educadora – Madalena Kahn. Eu costumo dizer que, naquele tempo, as crianças tinham muitas botinhas e poucas amígdalas. Crianças com amígdalas grandes, normais para a idade, iam diretamente aos otorrinos, que as retiravam. Crianças com os chamados “pés chatos”, iam aos ortopedistas, que mandavam colocar “botinhas”. Com os estudos de desenvolvimento chegou-se à conclusão de que esses achados eram normais para crianças pequenas e, hoje, poucas são operadas de amígdalas e poucas usam botinhas.

A TIA ALBINA – Era uma das professoras mais queridas do colégio, apesar de ser a única a usar a régua para bater na cabeça das crianças. Um dia, perguntei a um dos meus filhos por que as crianças gostavam dela? A resposta: “Papai, ela bate em todas”. Em outras palavras, ela era justa.

MARIA ELIZABETH

Maria Elizabeth Cunha Freire era filha de José Bastos Faria Freire, médico e grande amigo meu, e de meus pais, e de Irecê, minha contemporânea no curso primário. Como tinha muita dificuldade em fazer composições, com alguma frequência eu ficava no colégio até mais tarde, para aprender a fazê-las. Quando não conseguia, a Irecê me ajudava. A família de Beth era muito querida pelos meus pais.

COMO COMEÇOU - Beth e Irecê foram à missa de 7º dia rezada pela alma da Therezinha, em Leopoldina. Cumprimentaram-me e, após a missa, Beth disse a Irecê: “Mãe, vou casar-me com ele”. Irecê levou um susto.

Em janeiro do ano seguinte, fui passar meu aniversário em Leopoldina e assistir ao casamento do irmão da Beth. Como não tivesse chegado a tempo, fomos, eu e o meu pai, cumprimentar a Irecê, mãe do noivo e, lá, encontramos a Beth. No mesmo dia, à noite, meus pais expressavam suas preocupações sobre eu estar morando sozinho em Brasília. Achavam que eu deveria me casar, pois eu era um jovem (de 50 anos). Em determinado momento, não sei por que, eu lhes disse que, com a Beth, eu me casaria. Foi uma alegria geral. Beth era queridíssima. Meu pai disse-me que era ela quem o ajudava a atravessar as ruas. Fiz-lhes ver que o casamento seria impossível, pela nossa diferença de idade. Ela tinha 33 anos. No dia seguinte, retornei à Brasília.

MINHAS INTENÇÕES -Em fevereiro, procurei a Sonia, minha contemporânea de colégio, prima da Beth, e perguntei-lhe se a Beth se disporia a trabalhar comigo no consultório. Em uma semana, ela chegou. Fomos almoçar juntos e ela perguntou-me quais seriam suas atividades. O consultório e as obras inacabadas em minha casa, disse-lhe. Respondeu-me que tudo bem, mas que ela queria ter certeza de que era só aquilo que eu queria ou se eu tinha outras intenções. Respondi-lhe que sim, tinha. Fez-me uma proposta: que viria para cá e, se desse certo, nos casaríamos.

Eu havia recebido um convite da Academia de Ciências de Pequim para visitar a China, em início de maio, e perguntei-lhe se poderia ir comigo. Só casada, respondeu-me. Para casar, eu teria que fazer um curso para noivos, o que recusei.

O PADRE - Foi marcada nossa ida a uma igreja, vizinha de minha casa, em um domingo, às seis da manhã. O padre custou a atender-nos, pois estava completamente bêbado. No chão da sacristia havia uma imensidão de garrafas.

Olhou-nos, e disse: “Fizemos uma festinha ontem”. Levou-nos até a um mapa para localizar onde estava nossa residência. Passou a mão, várias vezes sobre ele e, afinal, desistiu. Perguntou meu nome. Disse-lhe:

- Antonio Márcio Junqueira Lisboa.
- Oliveira?
- Não, Junqueira.
- Antonio Marcio Pereira?
- Não, Junqueira.
- Antonio Marcio, Moreira?

Foi uma luta.

O CASAMENTO - Eu, viúvo recente, não queria casar-me com festa e na igreja. Mas, estavam proibidos os casamentos em casa. Pedi à Beth que procurasse o padre Marreco, no Colégio São Bento, meu conhecido. Inicialmente, negou, mas, ao saber que era eu o noivo, aceitou com alegria e nos casou, em minha residência.

A LUA DE MEL - John Lane, cirurgião da Universidade de Campinas, foi quem indicou-me à Academia de Ciências de Pequim. Foram convidados dez casais, de diferentes especialidades médicas, entre eles, Ivo Pitanguy, Euriclides Zerbine, Kentaro Takaoka, José Aristodemo Pinotti.

Casados, fomos para a China, passando pela Alemanha e Hong Kong. Na volta, passamos pela Índia, Tailândia, Japão, Nepal, Singapura e voltamos pela Alemanha.

A viagem foi paga pelos patrocinadores. Ficamos em hotéis de luxo. Na China um carro ficava à disposição de cada casal, com um guia ou um professor nos acompanhando. A viagem foi linda. Resolvi escrever um capítulo deste livro sobre a viagem na China, onde fiquei muito impressionado com o que vi. Em alguns países, o sucesso da Beth foi tão grande que, por exemplo, no Nepal, ela foi tão assediada, que não conseguia sair da van.

A COZINHEIRA –Algumas pessoas não entenderam nosso casamento, principalmente algumas amigas de Therezinha e outras fofoqueiras. Uma dessas últimas, esposa de um colega médico, dizia que, estando eu viúvo, bateu à minha porta uma pessoa pedindo emprego. Eu perguntei-lhe se sabia cozinhar. Respondeu que sim, e fez o meu almoço. Tão bom, que resolvi casar-me com ela, a Beth. Embora fofoca, existe um fundo de verdade. A Beth sempre foi uma excelente cozinheira.

LEVANTAR CEDO –Beth costumava levantar cedo para trabalhar. Casada, continuou levantando muito cedo e disposta a conversar. Muitas vezes, ela me dizia que havia me contado um determinado fato e perguntava se eu me lembrava. E eu respondia-lhe que não, pois naquele momento eu estava dormindo.

Um dia pedi-lhe: “Beth, vamos começar a conversar às sete horas?”. E, assim, passei a dormir mais um pouquinho.

BRUXA? - Costumo dizer que a Beth é meio bruxa. Tudo que ela deseja, consegue. Começou casando-se comigo. Se ela expressa um desejo, ele é realizado. Exemplos das centenas de acontecidos: Beth queria servir champanhe francês no meu aniversário. Disse-lhe que não era possível, pois só havia uma garrafa. No dia do aniversário, o embaixador da França enviou-nos cinco garrafas. Ganhou um jogo de copos azuis e queria uma jarra, não demorou uma semana e ganhou a jarra. Se vou a um local onde exista dificuldade de estacionamento levo a Beth, que sempre consegue que um carro saia e deixe uma vaga para nós.

SALVADORA- Outra característica é seu amor ao próximo. Ajuda até quem não deveria, o que justifica o apelido de “Salvadora”, que recebeu de seu pai. Costumo dizer que, quando eu morrer, São Pedro, ao perguntar-me o que eu fiz de bom na terra, irei responder-lhe: “Financiei as obras sociais da Beth”.

DOAÇÕES – Tem a mania de doar as coisas: sapatos, roupas, camas, geladeira, fogão. Um dia, procurei um sapato novinho e não o achei. Perguntei à Beth sobre o sapato e ele respondeu-me: “Dei para o Márcio (seu irmão)”. Você não o usava”. Respondi-lhe; “Eu o usava pouco, só em festas, por ser muito bonito. Por isso você pensou que eu não gostasse dele”.

OS CÂNCERES – Beth teve quatro cânceres: intestino, estômago e seios. O do intestino foi diagnosticado por acaso. Fomos ao cardiologista e eu lhe pedi que examinasse a Beth. Ele solicitou vários exames e um deles para detectar câncer de intestino, que foi positivo. Foi operada e ficou curada. Em 2014, resolveu fazer uma endoscopia e lá estava um câncer do estômago, também em fase inicial. Fez um exame para detectar se existiam metástases. Não existiam, mas foram detectados cânceres nos dois seios. Foi operada do estômago e retirou os dois seios. Está ótima, cada vez mais bonita.

O EDU– É um cunhado da Beth. Estava reformando a casa e um dos peões foi esfaqueado. Edu levou-o rapidamente a um Pronto Socorro. Lá o peão foi colocado em uma maca e ficou esperando ser atendido. Edu, preocupado, chamou um médico e disse-lhe: “Doutor, será que o senhor poderia atender este rapaz? Eu me responsabilizo”. O paciente foi imediatamente atendido e operado. Edu foi buscá-lo no dia da alta. O doutor apresentou seus honorários. Recebeu como resposta: “O senhor está aqui para atender a população. Vai querer receber o que?”. E fim de papo.

LUIS FELIPE

SEQUESTRADO - Como todos ou outros filhos, foi um visitante noturno, ou seja, passava para nossa cama durante a noite. Um dia, resolvemos que já era o momento de ele dormir sozinho e não deixamos que ele entrasse no nosso quarto. Ele tinha uns três anos e, chorando, nos disse: “Eu vou ser raptado e, bem feito, vocês ficarão sem seu filho. Amanhã, vocês não vão me achar mais”.

A ESCOLINHA - A maioria das crianças estará pronta para frequentar as escolas aos três anos. Luís Felipe estava com dois anos e meio. Filho único, a

mãe achou que já era tempo de colocá-lo em uma escolinha, para que tivesse contato com outras crianças. No primeiro dia, chorou um pouco. No segundo, mesmo com o auxílio das professoras, urrou tanto que teve que voltar para casa. No terceiro dia, os urros começavam ao sentir que a mãe se dirigia à escola.

Ficou em casa mais um ano e, quando voltou, se adaptou muito bem. **A**

FORMAÇÃO - Foi colocado em um dos melhores colégios de Brasília. Fomos chamados à direção do colégio. Estava totalmente desestimulado, não estudava. Resolvemos mudá-lo de colégio. Um colégio considerado inferior ao anterior. Voltou a estudar e foi aprovado em três vestibulares.

Ameaçou estudar medicina, desistiu. Ama sua profissão e, hoje, é um advogado realizado. Costumo brincar com ele, dizendo: “Você está tão feliz que eu lhe perdoe por não ter feito pediatria”.

A FAZENDA ABAÍBA

Meu avô materno, Antonio Monteiro Ribeiro Junqueira, tinha várias fazendas em Santa Izabel, município de Leopoldina, Minas. A maior delas era chamada Abaíba, em tupi-guarani, “casa dos noivos”. Aí, eu costumava passar parte dos fins de semana da minha infância, onde conheci alguns tipos interessantes.

O JUQUINHA- Meu tio-avô, irmão da minha avó, morava em São Paulo, e vendia queijos. Muito gordo e glutão. Na Revolução de 30 foi encarregado da seção de suprimentos. Grande erro dos paulistas, porque ele deve ter comido grande parte dos suprimentos. Foi a Leopoldina se despedir dos irmãos, sobrinhos e familiares. Por último, foi à Abaíba e aí ficou se “despedindo”, durante mais de vinte anos.

O PÔQUER - Praticamente todas as noites os moradores da fazenda jogavam pôquer. O Juquinha era um dos mais fanáticos. Ele criava perus na fazenda, os vendia, e o resultado era gasto no pôquer e com a cachaça. Uma noite, cheguei à fazenda no meio do jogo. Juquinha havia enfiado um saco vazio de açúcar na cabeça, com três buracos: dois para os olhos e um para a boca. Cigarro na boca, cartas na mão, balançando a cabeça para os lados, ou melhor, o saco de açúcar. Não resisti, e perguntei o que estava acontecendo.

- O Juquinha vinha perdendo bastante. O Erico (meu tio), disse que ele estava perdendo por não conseguir disfarçar as emoções. Olhando para ele, todo mundo sabia se ele tinha ou não um bom jogo. E, sabendo, apostavam ou não. Daí, ele resolveu jogar com esse saco na cabeça, para que ninguém pudesse ver o rosto dele.

MORTE DOS PERUS – O Juquinha vendia e matava os perus. Amanhecendo, ele saiu com um peru debaixo do braço e com uma garrafa de cachaça que deveria ser dado para a ave. Meu tio Erico resolveu segui-lo. Juquinha estava sentado debaixo de uma árvore, tomando a cachaça, e dando bordoadas na cabeça do peru.

- Juquinha, você está bebendo a cachaça do peru?

- Erico, ele é um condenado. Vai ser morto. Por que tomar a cachaça?

Em tempo: a cachaça é dada para temperar o peru.

O ARCO-IRIS - A conversa versava sobre como as lagoas, em altos de morros, tinham peixes. Cada um dava o seu palpite. Juquinha gritou:

- Esta eu sei e quero responder. Os peixes sobem pelo arco-íris. **O QUINCAS**

BENJAMIM - Fazia colchões. Quando visitava a Abaíba, costumava ficar durante meses. Pequeno, magro, encurvado, nariz adunco, desdentado. Era uma figura. Enquanto o Juquinha tinha frequentado bons colégios, o Quincas tinha o primário.

Um dia, o Juquinha disse-lhe:

- Quincas, você é um filantropo.

E ele respondeu-lhe:

- Lembre-se que a nossa situação nesta casa é a mesma!”. Confundi filantropo com filante.

A HERANÇA – Quincas estava metido em um processo para receber uma herança. Dessas heranças com um grande espólio, com milhares de herdeiros. Para recebê-la, ele teria que ser mentalmente sadio. E Quincas sabia disso. O Érico, e uns primos, resolveram fazer uma brincadeira: no fundo da sala de visitas havia um rádio que podia ser ligado da copa, um local bem distante. O Érico chamou o Quincas e disse-lhe:

- Eu tenho poderes mágicos. Você está vendo aquele rádio?

- Sim.

- Com uma palavra, aqui de longe, vou ligá-lo e desligá-lo. Liga, rádio!

E o rádio ligou.

- Desliga, rádio!

E o rádio desligou.

- Você viu que eu posso ligar e desligar à distância. Você poderá confirmar com outras pessoas que eu tenho esse poder?

- Não. Eu não vi, nem ouvi nada.

O Érico repetiu várias vezes, a manobra e a pergunta. Quincas sempre negando ter visto ou ouvido alguma coisa fora do normal. Por medo de perder a herança.

O CUSTÓDIO REIS- Meu primo. Nunca trabalhou. Era um alcoólico inveterado, amigo das crianças. Até hoje eu me lembro da égua que pertencia ao Custódio – a Piuna. Várias vezes eu montei na Piuna com ele a puxando pelo cabresto. Bêbado, gostava de fazer discursos, absolutamente sem nexos: “Aquele grande que foi, um dia, o maior de todos. Não, ample sílex ad vultu est. Não mereceu, talvez, quem sabe, Custódio Junqueira, o médico, Leopoldina minha terra” e, assim, varava a tarde ou a noite. Os meninos adoravam vê-lo discursar, mas não pelo que ele falava e sim, porque, lá pelas tantas, a sua calça caía e ele ficava de cuecas. A meninada morria de rir.

Tarde da noite, na pequena Vila Isabel, em pé sobre uma pilha de dormentes, ele discursava para o nada. A Vila dormia. Perto do local, morava uma tia-avó minha e prima dele – a Marocas. À meia noite, com pena, Marocas, uma mulher idosa, sai de casa, vai falar com ele, e lhe pergunta:

- Custódio, você acha que são horas para você, nesse frio, em cima desses dormentes, fazer discurso?

- E você Marocas, acha que são horas para uma mulher casada estar na rua, chamando a atenção de bêbado?

O TIÃO – Meu tio-avô Sebastião, era deficiente mental. Tutelado, a família dava-lhe uma pequena mesada e um carro com motorista. Tião saía de Leopoldina e ia fazer a barba em Recreio, cidade a trinta quilômetros, por ser mais barato. Um dia, perguntaram-lhe se ela não achava que a ida a Recreio, gastando gasolina, não tornava a feitura da barba mais cara do que se a fizesse em Leopoldina? Tião respondeu:

- A barba eu pago. O carro, eles pagam.

Eles, significava a família. Pelo jeito, o Tião não era tão deficiente.

O QUASE DESASTRE DE AVIÃO – Meu tio José havia sido brevetado há pouco tempo. Resolveu ir até Abaíba de avião. O único local para aterrissagem era o campo de futebol de Santa Isabel. Pediu-nos para tirarmos as traves do gol. Fomos assistir seu pouso. Desceu, desceu, tocou no chão e, vendo que iria atravessar todo o campo sem conseguir parar, desviou o avião para o meio de um matagal. Fomos correndo encontrá-lo, mas ele já estava saindo do meio das plantas e pedindo-nos para ajudá-lo a retirar o avião. No dia seguinte, decolou para Leopoldina.

A ENCHENTE – A sede da fazenda ficava na encosta de um morro. De suas janelas descortinava-se uma grande várzea. A estrada de Santa Izabel para a Abaiba tinha três quilômetros. Tínhamos que descer, passar pela várzea e depois subirmos para chegar à casa. Eu estava de férias e, uma manhã, ao levantar-me, olhei pela janela e a várzea havia se transformado em um imenso rio, de mais de 100 metros de largura. Durante a noite havia caído uma tromba d'água e havia inundado toda a região. Casas destruídas e pessoas desabrigadas que haviam perdido tudo. A Margarida Magalhães, filha do gerente do Copacabana Palace, minha colega de turma na Faculdade, soube da tragédia e enviou um caminhão com roupas que foram distribuídas aos flagelados. As águas levaram dois dias a baixar.

AS DIVERSÕES—Além dos passeios a cavalo sob a luz do luar, os jogos, a delícia das jabuticabas, dos abios, das laranjinhas japonesas e dos banhos no rio Pirapitinga, ainda tínhamos:

OS BAILES—Duravam dias. A fazenda tinha muitos quartos. O do canto era o dos meninos; o do meio, das meninas. A mesa era farta e os alimentos iam sendo repostos quando necessário. Saíamos da mesa, as toalhas voltavam a cobrir os alimentos. Íamos dançar. Quando batia a fome, as toalhas eram baixadas e voltávamos a comer. Essa situação se repetia várias vezes, por dois ou três dias. Festas memoráveis.

Em uma delas, observou-se que um senhor comia demasiadamente. As pessoas estavam impressionadas com a capacidade de ingerir alimentos pelo glutão. Lá pelas tantas, foi solicitado que um médico fosse até ao banheiro. O glutão passava mal. O médico disse-lhe para colocar um dedo na garganta, para vomitar e, assim, ele melhoraria bastante. A resposta do glutão? “Ai, doutor, se eu conseguisse pôr um dedo na garganta eu comeria mais uma banana”. Existiam também os forrós, com a participação de todo o pessoal da fazenda. Dançávamos no “terreiro de pedra”, onde era secado o café. Empregados e patrões se misturavam. As meninas tiravam os sapatos para não gastá-los e nós consumíamos um sapato por noite. As músicas eram as dos caboclos, ritmadas, gostosas, ótimas para dançar. E existiam meninas bonitas. Eu não perdia os bailes.

O FUTEBOL – Em Leopoldina, organizamos um time de futebol. Camisas com nome do clube, joelheiras, chuteiras, foram adquiridas. A maioria dos jogadores era constituída por primos da família Junqueira, àquela época (1940) a mais tradicional da cidade. O Francisco José, um dos jogadores, forneceu a bola. O Ary, também nosso primo, foi escolhido como juiz, e encarregado de organizar o time adversário, os filhos dos colonos e habitantes da vila. No dia do jogo podia-se observar uma grande diferença entre os times, desde o vestuário à constituição física. Um time constituído por meninos saudáveis, bem uniformizados; o outro, por uma maioria de meninos frágeis, magros, alguns descalços e até sem camisa. Começa o jogo e, em um minuto, os adversários já tinham marcado um gol. Com vinte minutos de jogo, perdíamos de 5X0. Foi então que ocorreu um fato insólito: o Francisco José agarrou a bola e não quis mais devolvê-la. Tudo foi tentado. Ele só dizia: “A bola é minha !” e não a largava. Como se não existisse outra bola, o Ary terminou o jogo. Os ricos haviam perdido, vergonhosamente, de 5X0. Foi a primeira e única partida do nosso time.

A CAÇA AOS RATOS - A despensa era imensa e sempre cheia de cereais. Tinha um pé direito de cinco metros. Nela os ratos proliferavam. Desde ratinhos a ratazanas. À noite, o Ary levava quatro gatos para a porta da despensa. Ao abrila, os gatos se atiravam para seu interior. Ao acender as luzes, um espetáculo terrível. Os ratos corriam para todos os lados, inclusive subindo pelas paredes, e os gatos atrás. Por noite, três a quatro ratos eram pegos e assassinados pelos gatos. E a meninada vibrava com a caçada.

OS TROTOS- Nas férias levávamos nossos primos, principalmente os cariocas, para a fazenda. Pela manhã, íamos para o curral beber leite, tirado na hora, das vacas da raça Guernsey, que tinha alto teor de gordura. Leite com açúcar e conhaque. A mistura era uma delícia e os visitantes tomavam dois a três copos. Depois, aos cavalos. Com o balanço, era um descer e subir dos cavalos a toda hora. Nenhum deles escapava da diarreia.

MEUS COLÉGIOS

O CURSO PRIMÁRIO

As escolas, "no meu tempo", frase cujo uso deve ser evitado, só recebiam alunos a partir dos seis anos. Lembro-me como se fosse hoje que, ao passar em frente ao Colégio São José, localizado na principal avenida de Leopoldina, eu aprontei o maior berreiro. Deitado no chão, eu gritava: - "Quero ir para a escola! Quero ir para a escola!". Tinha quase cinco anos. Minha mãe atravessou a rua e, nesse dia, conheci a melhor e maior professora do mundo - D. Judith Lintz diretora da escola. Não recebiam crianças com cinco anos, mas meu caso foi considerado especial, e D. Judith "criou" o 1º ano "A" e eu pude começar a estudar.

Minha caligrafia era tão feia que tive que repetir o primeiro ano. Creio que para não ficar traumatizado, não fui reprovado, mas tive que cursar o primeiro ano "A" e, aprovado, o "B". Considero-me o único aluno reprovado no primeiro ano primário por causa da caligrafia. Vencida essa etapa inicial, sempre me classifiquei entre os melhores alunos. E a caligrafia? Melhorou pouco. Exerço uma profissão que prima pela péssima caligrafia, o que torna, não raramente, as prescrições inlegíveis. A situação é tão grave que os Conselhos de Medicina recomendam que seus membros escrevam de forma legível.

DONA JUDITH - Dona Judith era a diretora do Colégio São José. Deixava-me de castigo, após as aulas, em frente a um flanelógrafo, para aprender composição: "Peri tem uma bola. A bola é verde. Tupi é um cachorro com manchas pretas e brancas...". Meu companheiro de "prisão" era o Geraldo Barbosa, que chorava o tempo todo, não fazia a composição e, quando eu entregava o meu trabalho, ele saía comigo. A Irecê, aluna que estava no último ano, me ajudava para que eu saísse mais cedo. Quarenta anos após, ela se tornaria minha sogra. Com as professoras, irmãs Lintz, aprendi a ler, a escrever e, principalmente, continuei meu aprendizado de princípios, valores, limites e disciplina.

Guardo até hoje meu pequeno livro sobre "Civilidade", adotado no Colégio.

Com D. Judith aprendi muito, inclusive que existem pessoas que nos punem para nosso bem. Até sua morte, jamais deixei de visitá-la, de contar-lhe minhas vitórias, de dizer-lhe o quanto ela era responsável pelos meus eventuais sucessos. Com as Lintz eu aprendi a importância, muitas vezes não reconhecida, do papel das professoras do curso primário na formação da personalidade dos cidadãos.

Durante o curso primário, só um incidente. Durante o recreio, rasguei minha calça. Ao voltarmos para a sala de aulas, fui chamado para ir até o quadro negro. Recusei-me terminantemente a me levantar da cadeira, por motivos

óbvios. A professora ficou espantada com meu comportamento estranho. Saí do Colégio com a pasta no traseiro, para tapar o rasgão.

O CURSO SECUNDÁRIO

Em 1938 entrei para o “Gymnasio Leopoldinense”, à época, considerado um dos melhores do Brasil. E deve ter sido mesmo, pois saí do interior, não fiz cursinho, e consegui ser aprovado em oitavo lugar no vestibular da Faculdade Nacional de Medicina, no Rio de Janeiro. No Ginásio, entoávamos o Hino Nacional diariamente.



Desfilávamos pelas ruas da cidade em dias festivos – Independência, Proclamação da República, Dia da Bandeira, Aniversário do Colégio. Aprendi a amar minha pátria, a Bandeira de meu país, meu colégio, a respeitar meus colegas e professores.



Quando terminei a quinta série, entrei para o segundo ano do Curso Científico, e o Gymnasio passou a chamar-se “Colégio Leopoldinense”. Em 1944, com 17 anos, terminei meus estudos (foto). Diferentemente dos dias de hoje, os pais de alunos que tiravam notas baixas procuravam os professores e pediam-lhes que “apertassem” seus filhos. Em nenhum momento assisti a qualquer episódio de desrespeito aos professores.

MINHA PRIMEIRA PAIXÃO - No segundo ano ginásial, com 12 anos, tive minha primeira paixão - a Senhorita Helena (Maria Helena Motta), a professora de Ciências. Ficava louco para chegar o dia da aula, para vê-la. Ficava fascinado. Trinta anos mais tarde, confessei-lhe minha paixão de adolescente, quando ela já era cunhada de um tio meu.

O PROFESSOR DE MÚSICA - Nosso professor de Música chamava-se Manuel, apelidado pelos alunos de Manuel Reco-Reco. Pessoa humilde, pobre, os alunos transformavam sua aula numa bagunça. Atiravam cascas de banana, bagaços de laranja, falavam em voz alta. Frequentemente, a confusão se tornava tão grande que era chamado o diretor – Carlindo Mayrink, para a situação voltar ao normal. Um dia, um dos alunos pediu para tirar uma fotografia dele com a turma, fomos para a entrada da sala e o Manuel perguntava “Tem filme?”. O “fotógrafo” respondia que sim, pedia poses, ajeitava as pessoas, e o tempo da aula acabava. Detalhe: a câmera nunca tinha filme.

BATE PRIMEIRO EM MIM – Renildo era um menino muito agressivo. Costumava bater nos colegas, principalmente nos menores. Ameaçou bater no

Darcy. Resolvi defendê-lo, e disse aquela célebre frase: “Se quiser bater nele, tem que bater em mim primeiro”. E, assim, ele o fez. Deu-me um murro no queixo e eu caí de costas. Fiquei com o queixo inchado, mas o Darcy não apanhou.

FUTEBOL –No Ginásio, fui goleiro do São Cristovão até o dia em que perdemos de 6X0. Dia em que pedi minha demissão e terminou meu sonho de ser um bom jogador. Nessa época, eu era torcedor do Vasco, do Rio de Janeiro. Em 14 de fevereiro de 1939 o Vasco perdeu do Bonsucesso, um dos piores times do campeonato carioca. No dia seguinte, a gozação no colégio foi tremenda. A turma não me perdoou. Resolvi passar a torcer pelo Bangu, um time simpático, sem inimigos. Quando me perguntavam qual era o meu time, eu respondia: Bangu. Nunca mais discutiram futebol comigo. Salve o Bangu!

IVETE – Quarta feira, 14 horas, sala de música. Havia um buraco no chão, perto do quadro negro. Ivete, a menina mais bonita do colégio, foi chamada ao quadro e começou a escrever as respostas às solicitações do professor. Ouvi um ruído, olhou para o chão e viu um olho no buraco. Alguém mirando suas lindas pernas. Gritou, apontando para o buraco: “Professor, tem um homem aqui”. O Diretor foi chamado, a sala evacuada. O Chico, um regente que quase não enxergava, foi colocado vigiando o alçapão existente no meio do salão para evitar a fuga dos meliantes, que eram três: Dandão, Tonão e Jurací, os colegas mais velhos da minha turma. A Ivete era bem mais nova. Na ânsia de verem as pernas da menina, um tropeçou no outro e, daí, o barulho. O Diretor mandou chamar, em voz alta, um carpinteiro para pregar o alçapão. A turma ficou apavorada com a ideia de ficar presa no porão. Sentiram que as pessoas haviam saído da sala, saíram pelo alçapão, saltaram por uma janela localizada a quase dois metros de altura e chegaram a rua. Mas, o Chico, embora quase ceguinho, os viu, e comunicou ao Diretor. A população da cidade ficou revoltada. Os comentários iam desde “isso é coisa de menino” até a exigência de expulsão. O Diretor, Prof. Carlindo Mayrink, um homenzarrão de mais de 100 quilos, voz tonitruante, respeitado e temido pelos alunos, chamou os três ao seu gabinete. Passou-lhes um sermão e deu-lhes como punição ficarem, durante um mês, presos uma hora após as aulas, com a obrigação de escreverem mil vezes uma mensagem, em que confessavam que haviam agido de forma errada. Nessa altura, felizes por não terem sido expulsos, Dandão perguntou ao Diretor: “O senhor vai dar a tinta ou eu terei que trazê-la de casa?”.

PROVA DE QUÍMICA-Houve uma época, no Ginásio, que costumavam chamar para participar das Bancas Examinadoras pessoas da comunidade que se interessavam pelos temas. Para a de Química, chamaram o Miguel. No dia da prova, um dos alunos misturou reativos que resultaram em uma tremenda explosão. Não houve feridos, mas o susto e a correria foram enormes. Terminados os exames, a Banca se reuniu para dar as notas. As notas recebidas pelo aluno que causou a explosão foram 0 – 0 – 10. Os dois professores que deram zero fizeram ver ao outro, o da comunidade, que aquele aluno era o da

explosão e se ele não queria mudar a nota. A resposta foi: “Não. Se ele fez isso hoje, imaginem o que poderá causar na segunda época?”.

O PROFESSOR DE QUÍMICA – Tínhamos, em determinada época, um professor de química meio fraco. Os alunos viviam fazendo brincadeiras. Um dia, trocaram os reagentes. Ao dar a aula, ele disse: “Cloreto de sódio mais nitrato de prata dá um colorido branco de...”. Olhou para o vidro, e a mistura era azul. Voltou para os alunos e completou “assim dizem os livros”. Parece piada, mas não é.

O PROFESSOR MACHADO – Português, ex-militar, bravo e competente, era nosso professor de matemática. Falava com um autêntico sotaque lusitano. Ainda consigo lembrar-me de algumas histórias.

Plínio era um péssimo aluno. Para conseguir um auxílio, assentou-se atrás da Erondina, a melhor aluna da turma, que estava vestida de verde. O Professor entra na sala, percebe o golpe, se dirige à dupla e fala: “Plínio. O verde é a cor das florestas; o verde é a cor dos mares bravios; o verde é a cor da bandeira nacional; mas, também, o verde, é a cor do capim. Vá se assentar em outro lugar”.

“Menino, vá à lousa, e desenhe duas linhas paralelas”. O menino vai, e desenha duas linhas oblíquas. E ele diz: “Menino, paralelas são como os varais de uma carroça”.

Darcílio era um excelente colega, porém um mau aluno. As provas de matemática costumavam ser constituídas de cinco questões-problemas. Os melhores alunos conseguiam resolver quatro, devido ao tempo. Ao começar a prova, o professor se dirigia a alguns alunos, e principalmente ao Darcílio, e dizia: “Seja leal. Entregue a prova. Você não sabe. Não adianta você ficar tentando”. Se responder as questões já era difícil, imaginem para o Darcílio e outros alunos menos aplicados. Caso o Darcílio saísse, ele procurava outra vítima.

LAVOURA—Uma das formas de “elogiar” os maus alunos: “Aqui! Você está roubando o dinheiro do seu pai. Vai trabalhar na lavoura. A lavoura precisa de braços”.

FORMATURA—Ao terminarmos o quinto ano, não houve festa. Dos 30 alunos, 18 foram reprovados em matemática. Como no ano seguinte começaríamos a fazer o clássico ou o científico, estava ameaçada a existência dos cursos. Na segunda chamada, foi convencido a aprovar mais 12.

CLÁSSICO OU CIENTÍFICO? -Primeiro dia de aula: 24 alunos no científico, 2 no clássico. O Prof. Machado era do científico. Olhando os alunos e apontando-os, um após outro, esbraveja: “Ladrão! Você, aqui!”. E continua: “Estão aqui porque, pensam que serão cientistas? Porque estão com medo do grego e do latim não foram para o clássico? Pois aqui, vocês nunca sairão do segundo ano! Nunca serão nem cientistas, nem nada!”. E passou um bom tempo vociferando. Resultado: 10 alunos se transferiram para o clássico.

BAILES – O João Bosco havia bebido demais. Começou entrando no vestiário das meninas e expulsando-as de lá. Depois queria agarrá-las para dançar. O

presidente do Clube Leopoldinense e o delegado resolveram retirá-lo do salão. No topo da escada de saída, o João Bosco, bêbado e forte, jogou os dois pela escada abaixo e gritou: “Aqui não tem homem para me colocar para fora do Clube!”. Meu tio José, que estava ao meu lado, que era forte, que não estava bêbado, agarrou o João Bosco pelo colarinho, jogou-a escada abaixo, e disse: “Se você for homem, suba até aqui”. E voltou a paz no baile.

HISTÓRIAS DE LEOPOLDINA

VISITA DO GOVERNADOR HELIO GARCIA – O governador estava conversando com alguns amigos. Aflito, o piloto avisou-o que eram quatro da tarde e o aeroporto local não permitia decolagens à noite.

Perguntou-lhe: “Quando o senhor pretende ir para o aeroporto?”. Resposta: “Quando terminar esta garrafa de uísque”.

DE UM GOVERNADOR DE MINAS – O nome, não direi. Na inauguração da exposição, no meio do discurso, disse: “Leopoldina, terra onde a pita (nome de uma planta) abunda”. Percebendo o que havia dito, corrigiu: “Leopoldina, onde a a bunda apita”. Ficou bem pior.

SURSUM CORDA – Ia ser aberta a exposição, um dos acontecimentos mais importantes da cidade de Leopoldina. Os oradores se sucediam. Um deles resolveu apelar para o latim e disse “sursum corda”. O governador, ou porque não aguentava mais, ou por ignorar o latim, entendeu como se fosse “corta a corda” e, rapidamente cortou a faixa que barrava a entrada do recinto e disse: “Declaro inaugurada a exposição”.

ANEMIA PERNICIOSA – Moran era meu colega de turma. Foi ficando cada vez mais pálido. Diagnosticada a anemia perniciosa, sem solução. Aliás, não era o primeiro caso a acontecer na cidade. Morreu. Hoje, este tipo de anemia é curável com vitamina B12.

O SERVIÇO MILITAR

Com 16 anos alistei-me na Escola de Instrução Militar 313 (EIM 313). Naquela época, o serviço militar obrigatório era cumprido nos Tiros de Guerra ou nas Escolas de Instrução Militar. Em Leopoldina, o número de alunos costumava estar acima de cem. Em 1943, ano em que servi, o número caiu para 36. Época da guerra, as mães temiam pelos filhos.

Por estranho que pareça, ao fazer o serviço militar aprendi grandes lições de democracia. Nos brejos chafurdavam juntos os filhos do prefeito, dos magistrados, dos profissionais liberais, dos lavradores, dos comerciantes, dos barbeiros. Todos tinham que fazer longas marchas cansativas, sob um sol de rachar; beber água suja dos rios; ficar ao relento em noites frias e chuvosas; dormir em estábulos. Todos eram iguais. Meu grande companheiro foi o Jorginho, aprendiz de barbeiro, magro, quase desnutrido, sambista inveterado.

Fui designado comandante de um pelotão que congregava os mais malcriados e insubordinados da turma, que se tornaram meus grandes amigos. **OS EXAMES** - Duas vezes por ano vinha um tenente de Juiz de Fora para avaliar os atiradores (nome dado aos alunos). Os exames constavam de provas: escrita, oral e prática de tiro ao alvo.

AS PROVAS ESCRITAS - Mensalmente, tínhamos provas escritas. Eu sempre me saía mal, e o sargento instrutor tripudiava: “Como é possível que você, um dos melhores alunos do colégio, não tire notas boas. Você tem que estudar mais”.

As provas constavam de questões do tipo risque o que está errado nesta sentença: “DEVER é chegar sempre no horário”; “PONTUALIDADE é cumprir com suas obrigações”. Ora eu riscava a definição, ora riscava o a ser definido. O sargento marcava como errado as duas alternativas. Em uma das provas, resolvi perguntar-lhe o que eu deveria fazer: riscar o que deveria ser definido ou corrigir a definição errada. Respondeu-me: “Se eu lhe dissesse, não seria vantagem nenhuma”. E continuou dando-me más notas.

Quando vinha o tenente para nos examinar, o sargento, todo humilde e carinhoso, colocava os piores alunos ao meu lado, e pedia que eu não deixasse de ajudá-los nas respostas ao questionário.

AS PROVAS ORAIS - Os alunos vinham de todos os estratos sociais e culturais o que tornava aceitável qualquer tipo de resposta. Vou contar-lhes somente um diálogo, entre o tenente e um rapaz semianalfabeto:

- Tenente: Você poderia me dizer como você reconheceria um cabo?
- Atirador: Tem duas “listras” no ombro. - E um 3º sargento?
- Tem três “listras”.
- E um 2º sargento?
- Tem quatro “listras”.
- E um 1º sargento?

- Tem cinco "listras"?

O tenente estava admirado. Todas as respostas certas. Aí, resolveu perguntar-lhe:

- E um 2º tenente?

- Seis "listras".

Aí, o bicho pegou. A resposta deveria ser uma estrela. - E um 1º tenente?

-Sete "listras".

- E, como você reconheceria um general?

- Tenente, eu nunca vi um general, mas deve ser um bicho "listrado" que nem zebra.

AS PROVAS DE TIRO AO ALVO - O mesmo tenente avaliava os atiradores. Eu atirava mal, mas tive bastante sorte no dia do exame, após encher minhas orelhas de algodão para não me assustar. O atirador tinha que acertar, no mínimo, três, dos cinco tiros, no alvo. O tenente ficava em uma cobertura com o sargento e os atiradores. O alvo a 100 metros e, ao lado, havia um monte de terra, atrás do qual ficavam dois atiradores. Após os tiros, eles levavam o escantilhão e conferiam se os tiros haviam acertado o alvo. Em caso positivo, levantavam o polegar o que, com certa frequência faziam, mesmo que o atirador houvesse errado.

Tudo ia bem, até que o tenente resolveu conferir e se dirigiu ao alvo. Sem saber o que fazer, pois já haviam levantado o polegar, resolveram furar o alvo com os dedos. O tenente desconfiou dos buracos e perguntou:

- Como vocês explicam esses buracos muito grandes para uma bala?

- É "seu" tenente, só se elas entraram de lado.

- Quantos tiros foram dados?

- Cinco.

- Então, como vocês explicam existem seis buracos?

- Bem, aí "seu" tenente, só pode ter sido o eco.

A GRAVIDADE - Estávamos em sala de aulas. Um aluno pergunta:

- Sargento, por que a bala cai?

- Você é mesmo um ignorante. Não saber por que a bala cai. Por causa da gravidade do ar, seu burro.

DEMOCRACIA - Em 1943, época da guerra, estávamos em sala de aulas. O sargento pergunta:

- Exemplo de democracia?

- Argentina, Brasil, Chile, Rússia...

- Rússia? Não!

- Estados Unidos, França, e uma vozinha, lá no fundo, repete: Rússia!

- Quem falou? Ninguém? Todos para fora da sala.

Para aprendermos que a Rússia não era uma democracia, tivemos que pegar os fuzis e subir e descer um morro por mais de uma hora.

O NOÉ —Era um dos mais travessos. Um dia, durante uma aula, o sargento Mario e o Noé se desentenderam. Ao sair da sala o Noé chama o sargento de “veado” e o sargento expulsa-o da EIM. Ficamos estarelecidos. Passados alguns dias, quem está de volta? O Noé. O que aconteceu, perguntamos? “O sargento foi até o alojamento, pediu-me desculpas, que esquecesse o acontecido, e que voltasse”. Fiquei matutando, tentando entender o acontecido, e logo descobri tudo. As Escolas e os Tiros de Guerra só poderiam funcionar com um mínimo de 36 alunos. Nós éramos 36. E, se o Noé fosse expulso, a Escola ficaria com 35 e seria fechada. E o nosso sargento, que levava uma vida folgada, que era sempre convidado para as festas, bailes e solenidades, voltaria para a dura vida do corpo de tropa. De passagem, o sargento era mesmo homossexual.

MARCHA DE 20 QUILOMETROS - Chegamos às seis da manhã. O sargento, baixinho, gordinho, malandro, espertamente convidou para coordenar a marcha um tenente de Juiz de Fora, magro e de porte atlético, já que ele não tinha condições de participar da marcha. Fardados com fuzil, cantina e mochila, sob um sol de rachar, iniciamos a marcha. No trajeto existiam três quilômetros de serra. Após sete quilômetros, começamos a subir a serra. O fuzil parecia pesar vinte quilos. O sol, comparável ao do Saara. Pensei em não aguentar. O que me salvou foi o Jorginho, que marchava ao meu lado. Moreno, magérrimo, quase desnutrido, não demonstrava sinais de cansaço. Pelo contrário, cantarolava sambas: “Amigo urso, saudações polares...”. Eu o olhava e pensava: se ele aguenta, eu também, e continuava marchando. No meio da serra minha vontade era de assentar-me debaixo de uma árvore. Olhava o Jorginho, firme, cantarolando, e eu raciocinava: “Se ele pode, porque eu não posso?”. Graças a ele, consegui vencer a serra e os 20 quilômetros.

Após uma curva fechada, o tenente mandou que parássemos. Poucos minutos após, chegou um caminhão com quatro atiradores (nós éramos chamados de atiradores) na carroceria. Mandou que descessem e se juntassem a nós.

Após a descida, cumprida a metade da marcha, foi-nos dado meia hora de descanso. Os cantis estavam vazios. Loucos de sede, bebemos a água de um riacho, sem levarmos em consideração suas condições sanitárias.

Ao chegarmos ao final da marcha, o tenente disse: “A turma do caminhão venha comigo”. E eles pegaram mais uma hora de marcha. Nessa noite, fomos dormir sobre as palhas de milho em um paiol.

O ACANTONAMENTO - Depois da marcha, o acantonamento foi em um sítio do pai do Pedro Matola, um dos artilheiros. Na manhã seguinte, nova marcha, com o sargento. Tivemos que chafurdar em um pântano, rolar sobre espinhos de bougainville, e, por último, marchar sob uma chuva torrencial. O “bom” sargento, não mais o tenente, nos comandava bem protegido, com capa de chuva e capuz, e nós, fardados e molhados. Ao acabarmos os exercícios, não deixou que mudássemos nossa roupa. No outro dia, seis estavam resfriados, com febre. Os sadios saíam à noite para beber cachaça em um boteco, em uma vila denominada Timbiras, a cerca de meio quilômetro do sítio. Eu e o Darcílio,

meu primo e colega de ginásio, estávamos “de mal”. Não nos falávamos. Bobagem de adolescentes. Ele fervia de febre e estava sem agasalho. Dei-lhe meu suéter. Pouco tempo após, ficamos de “bem”. Durante o tempo em que não falamos, tive uma febre, chamada “piscinite”, por estar relacionada aos banhos de piscina, que durou uma semana. O pai do Darcílio, Zequinha Reis, pediu-me que ele me visitasse. Quando o vi entrando no meu quarto, achei que estava prestes a morrer. Fiquei apavorado, achando que ele estivesse vindo se despedir de mim.

A PENSÃO DA CLARICE

No dia 14 de dezembro de 1944, segui para o Rio de Janeiro. Fui morar em uma pensão na Rua Clarisse Índio do Brasil, em Botafogo, cuja proprietária, Clarice, era uma senhora com menos de um metro e meio, mas decidida e de muita fibra. Ela controlava os 17 jovens que ali viviam, todos eles, de alguma maneira, seus parentes. Foram sete anos de aprendizado, de uma convivência amigável, que começou desde os primeiros dias.

Meus colegas de quarto eram dois bancários. O quarto servia de passagem para outro, onde viviam mais três pessoas. Eu, que gostava de estudar sozinho, passei a ter que conviver com duas pessoas e com um trânsito pesado. Havia um único banheiro, que ficava congestionado pelas manhãs. Como havia um só rádio, durante o almoço, aos domingos, “democraticamente” passei a ter que ouvir canções de Carlos Galhardo, Orlando Silva, Francisco Alves, e a abdicar das músicas americanas de que tanto gostava.

Nos dias anteriores ao vestibular, sofri bastante. A turma ia para a praia, e eu ficava estudando. O horário das refeições era rígido, e quem se atrasasse não comia. Havia uma única exceção: eu. A comida vinha fria, e, muitas vezes, cortei o feijão como se fosse pé de moleque. Para melhorar o gosto, usava limão. Os doces e frutas que recebíamos de casa, principalmente as goiabadas, eram repartidos entre todos. Tenho boas recordações das brincadeiras, dos trotes, dos namoros e das festinhas. Recebia uma pequena mesada para todas as despesas, que se destinava quase totalmente ao pagamento da pensão. Lavava parte de minha roupa. Jantar em restaurantes? Só se fosse pago por alguém, geralmente meu tio Toinzinho, de quem eu também herdava os ternos e os sapatos.

Ao voltar da Faculdade, costumava descer do bonde no Mourisco, em Botafogo, para economizar o pagamento da segunda seção. Felizmente, as coisas melhoraram no terceiro ano do curso médico, quando fui aprovado no concurso para interno oficial da Faculdade de Medicina e, mais ainda quando, no quinto ano, fui aprovado no concurso para acadêmico da Prefeitura. Dispensei a mesada e ganhei de presente de meu pai, um velho Ford Inglês.

Morei na pensão até me casar, em 8 de julho de 1952. A Clarice, prima e dona da pensão, foi minha madrinha de casamento.

Morar em uma pensão foi uma experiência tão boa, tão gratificante, que acredito que todas as pessoas deveriam passar por ela.

A HORA DO PATO –Aos domingos havia um programa de calouros chamado Hora do Pato. As pessoas se inscreviam para cantar. Quando iam bem ganhavam um prêmio; quando mal, o pato cantava. O Marcelo gostava de cantar no banheiro. Resolvemos convencê-lo a cantar na Hora do Pato. Combinamos em elogiar o seu canto. “Marcelo, nunca havia percebido que você cantava tão bem” dizia um. No dia seguinte, outro lhe perguntava: “Você já fez

aulas de canto? Você canta muito bem!”. E assim, durante semanas, os elogios, feitos por diferentes autores, continuavam. Até que, um dia, a pergunta fatal: Marcelo, por que você não vai cantar na hora do pato? Aceitou o desafio e se inscreveu. No dia da apresentação toda a pensão se reuniu em torno do rádio. Marcelo começou a cantar. Não levou um minuto, e o pato cantou. Voltou furo de raiva.

DOENTE? - O Toninho, meu colega de quarto, era facilmente impressionável. Eram 7 da manhã. Estávamos no banheiro escovando os dentes. Perguntei-lhe se estava se sentindo bem. Pedi a mais três colegas que lhe fizessem o mesmo tipo de pergunta. Ao voltar ao quarto, o Toninho estava debaixo das cobertas, sentindo-se mal e dizendo que não iria trabalhar.

ATESTADO FALSO - Janeiro de 1951. Eu tinha acabado de receber meu diploma. Marcelo, estudante de engenharia, pediu-me, e eu lhe dei, um atestado médico para justificar uma falta. Dois dias após, o Paulo, seu colega no curso de engenharia, chegou à pensão e disse: "Antonio Marcio. Você é a pessoa mais popular na escola de Engenharia. O professor recebeu o atestado, leu seu nome, rasgou o atestado na frente de todos os alunos e disse ao Marcelo para dizer ao médico safado e picareta o que havia feito com o atestado, e deu-lhe nota zero". O Marcelo havia saído no meio de uma prova e dito ao professor que nada iria lhe acontecer porque ele iria levar um atestado médico. Foi o primeiro e único atestado médico que dei de favor, em 64 anos de prática.

A NAMORADA - A Marília tinha nove anos. Morava na Rua Clarisse Índio do Brasil, em uma casa próxima à nossa pensão. Sabia meus horários de chegada e de saída e, com muita frequência, ficava esperando que eu passasse para falar comigo. Às vezes se atrevia a bater na porta da pensão para levar-me uma flor ou pequenos presentes. Estava apaixonada por mim. Os colegas não me poupavam: "Antonio Márcio, sua namoradina está na porta, perguntando por você". Um dia, desapareceu.

O RENATO - Era apaixonado por uma mulher que trabalhava no "dancing" Avenida. Resolvemos dar-lhe um trote. Pedimos que uma moça telefonasse para ele como se fosse a dançarina, convidando-o para um encontro no Largo da Carioca, às cinco da tarde. Dos trotes participavam várias pessoas. Uma delas passava pelo local e conversava com o Renato, sempre de terno e gravata, esperando o seu amor. Renato chegava à pensão bem tarde. Sempre perguntávamos como havia sido o encontro. Os convites foram repetidos algumas vezes e, afinal, com pena, encerramos o trote.

VENDA DO CARRO – Fausto queria vender o carro de seu pai, um Ford 1930. Resolvemos dar-lhe um trote. Um dos colegas ligou para ele e perguntou-lhe.

- Você que está vendendo um Ford 1930?
- Sim.
- Ele anda?

- Muito bem. Está em estado de novo.
- Como? Novo com 18 anos? Vamos marcar um encontro em frente ao Bar da Brahma. Amanhã, às 6 da tarde.
- Tudo bem, eu estarei com um terno branco.

No outro dia, colegas voltando para casa viram o Fausto plantado na rua e, ao chegarem à pensão, nos contavam.

Às nove da noite, chega o Fausto. A turma pergunta como foi a venda. -

- Ele não apareceu, respondia.

Após uma hora, um telefonema chama o Fausto. É o “comprador”.

- Você pensa que eu sou um palhaço, Fiquei até agora em frente à Colombo, te esperando.

- Mas, não era na Brahma?

- Quem falou em Brahma? Você não está querendo vender o carro.

- Não, vamos marcar outro encontro.

Encontros e desencontros foram marcados várias vezes. E as conversas como as acima, se repetiam. Por último, o “comprador” disse que o Fausto o estava enganando, que não queria vender o carro por estar muito velho e que ele iria fazer-lhe um favor: enviar um caminhão de lixo para recolher o veículo.

NELIUS – Era conterrâneo de alguns moradores da pensão. Não era muito estimado, pois ao nos acompanhar nas idas aos bares, onde só se bebia cerveja, pedia uísque e sempre saía antes de pagar a conta. E era o único rico. Era mais velho do que todos nós, estudava contabilidade há quatro anos, o pai um rico fazendeiro, havia lhe dado um Buick, um dos carros mais caros da época. Era muito feio, mas usava o dinheiro para comprar mulheres.

Costumávamos fazer festinhas na pensão. Festinhas-família. Em uma delas, o Nelius convidou uma moça para dançar e ela recusou. A moça era irmã da namorada de um dos moradores. Com a recusa, Nelius a agarrou pelo braço e disse-lhe que ela iria dançar com ele, por bem ou por mal. Eu estava ao lado e disse-lhe, com raiva, que largasse a moça. Perguntou-me se ela era minha namorada ou minha noiva. Disse-lhe que não, mas que largasse. Largou, e chamou-me para brigar na rua. Eu era bem magro, pesava 55 quilos. A turma do “deixa disso” tentou convencer-me a não acompanhá-lo, mas não conseguiram. Na frente da pensão ficamos eu, ele e a turma. Ele pediu-me que nos afastássemos uns vinte metros. Acompanhei-o, pronto para a briga. Ele começou a chorar e disse que não esperava isso de mim, que meu tio era como um irmão para ele, que eu o tinha humilhado na frente de todos e outras coisas mais. Fiz-lhe ver que ele estava errado e que nunca mais repetisse o que havia feito. Foi embora, sem brigar e sem voltar para a festa.

JUNQUEIRINHA – Foi convocado para ir para a guerra. Ficou apavorado e dizia que não iria. Sumiu da pensão por uns três meses. Voltou magérrimo. A toda hora, dizia: “Eu não disse a vocês que eu não iria? Não vou mais”. E ele contava-nos o que havia acontecido. Ao chegar ao local da convocação resolveu simular que estava louco. Gritava, esperneava e xingava os oficiais médicos. Chegou a agredir a um deles. Foi preso e internado. Levou vários eletrochoques.

Fez greve de fome. Os médicos chegaram à conclusão que ele era um psicopata irrecuperável e o mandaram para casa. Era o que ele queria.

OLAVO – Estava fazendo vestibular de medicina. Ao chegar à pensão, perguntei-lhe como havia se saído na prova de Biologia. Muito bem, respondeu-me. E como foi a prova? “Muito fácil. Mostraram-me alguns animais e perguntaram o nome deles. Mostraram um rato e eu respondi um rato; uma cobra, respondi uma cobra; uma coruja e respondi uma coruja. E me mandaram embora”. Perguntei-lhe: “E você acha que passou?”. Foi reprovado. Os examinadores queriam que ele classificasse os animais por família e espécie. Mais tarde, se tornou médico e um grande cirurgião em uma cidade do Vale do Paraíba.

O PEDRO PATRULHA – Viviam dizendo que, ao se casar, só teria filhos homens, pois tinha uma bolsa escrotal volumosa. Teve seis filhas. O apelido de patrulha surgiu do hábito que tinha de caminhar horas, todas as noites. **OS**

DOCES – Quase todos recebiam doces de suas famílias, que eram divididos por todos. Quando alguém tentava burlar a lei, seus doces eram roubados e degustados, sem sua presença.

O FIAT PULGA – Meu tio Antonio, o Toinzinho, comprou um Fiat, modelo Topolino, também chamado de “Fiat Pulga”, por ser muito pequeno. Era tão pequeno, que uma pessoa conseguia levantá-lo pela traseira. Um dia resolveu emprestar-me o carro. Na Faculdade, com alguma frequência, eu tinha que pedir aos colegas que pusessem meu carro no chão, para que eu pudesse andar. Em Leopoldina a brincadeira era colocá-lo em cima da calçada, principalmente nos dias de bailes. Madrugada, eu tinha que conseguir alguns amigos para voltá-lo para a rua. Por último, o carro quebrava tanto que eu tinha que levantar cedo porque, se ele não funcionasse, eu ainda teria tempo de ir de bonde para a Faculdade, e gastava todo meu pequeno orçamento. Após alguns meses, agradei e devolvi o carro ao meu tio.

O BAILE – Ao chegar ao Rio, eu não costumava aceitar convites para bailes. Os colegas de pensão, eram 17, costumavam ir aos bailes, todos com ternos azuis, o uniforme da pensão. Um dia, depois de muito insistirem, fui com a turma a um baile no Fluminense. Acostumado com os bailes em Leopoldina, minha terra, assim que cheguei atravessei o salão para convidar uma moça para dançar. Recebi um solene NÃO. O primeiro e último de minha vida, Passei mais um bom tempo sem frequentar os bailes

O JOSÉ E O MARCELO – Eram irmãos. O Marcelo, mais velho, recebia as mesadas e dava uma parte para o irmão, de forma controlada, pois o José gostava de jogar no bicho. O mês estava acabando e o José, nervoso, resmungando, dentro do quarto, sem sair da pensão. Perguntei-lhe se estava bem. Respondeu-me: “Bem? Como? Hoje, já estamos no fim do mês e esse cara não dá meu dinheiro. Não posso nem pegar um bonde”. E disse palavras

impublicáveis. Ligou para o pai, que mandou que ele falasse com o Marcelo. Quase todo final de mês, a cena se repetia.

O GILBERTO – Filho da pessoa mais rica de Leopoldina. Simples, humilde, amigo de todo mundo. Resolveu vender gravatas na rua. Todos os dias saía e voltava com uma caixa cheia de gravatas. Ninguém entendia.

O EDUARDO–Irmão do Gilberto. Louro, olhos azuis, alto, bonitão. Cadete da Aeronáutica. Frequentava a pensão nos fins de semana. As meninas o assediavam. Sofreu dois grandes acidentes de avião. Um, quando cadete, em Leopoldina, quando morreu o Aurélio Columbani. O segundo, em Recife, defronte à praia da Boa Viagem, quando dois aviões se colidiram. Ele e um sargento, salvo por ele, sobreviveram. Perdeu um olho no acidente. Passou a vida tentando provar que poderia continuar a pilotar, mesmo sem um dos olhos.

UM BAILE MEMORÁVEL - Uma das minhas maiores paixões foi a Ivete, minha contemporânea de ginásio. Um dia, recebo um telefonema dela, pedindo-me para levá-la, juntamente com sua mãe, a um baile, no centro do Rio, na praça das barcas. Fiquei louco de alegria. Isso nunca havia acontecido. Ao chegarmos ao clube, começaram minhas decepções. Lá estava o namorado. O três se assentaram em uma mesa e eu fiquei andando. Naquela época o dinheiro era curtíssimo e eu não podia nem pensar em dividir contas. Comecei a ficar preocupado em ver a quantidade de bebida que a senhora mãe estava ingerindo. Passado algum tempo, a Ivete, nervosa, pede que eu vá até o banheiro das mulheres, pois a mãe dela estava passando mal. O banheiro ficava no andar de baixo. Ao tentarmos descer a escada, o guarda nos barrou: só podiam descer as mulheres. Ivete me arrastou e disse ao guarda que eu era médico (?), e que a mãe dela estava passando mal. A cena no sanitário era horrível: a senhora estava completamente bêbada, debruçada em um lavatório, vomitando a alma. Tínhamos que levá-la para casa. O namorado havia sumido. Eu de um lado, a Ivete do outro e a mãe no meio, amparada por nós. Ao sairmos do banheiro, várias senhoras passavam, olhavam, e perguntavam: “Ivete, essa é sua mãe?”. E ela tinha que dizer que sim. Horrível! Fomos para o carro. Eram duas horas da madrugada. Pensei em dar-lhe um café. Achei um bar aberto na Lapa. Desci do carro, comprei um café, inclusive tive que pagar o copo. Foi tomar, e vomitar. O que fazer? Levá-la para um Pronto Socorro? Não, lá eu iria encontrar meus colegas e seria motivo de gozação em toda a Faculdade. Como eu trabalhava no Carlos Chagas, tinha uma boa experiência em tratar de “pinguços”. Tinha que achar uma farmácia às duas horas da madrugada. Achei uma na Estação da Central. Comprei Coramina e seringas. Fomos para a casa delas, um apartamento na praia do Russell. Ao entrarmos, uma correria das moças, que estavam de camisola, e ali também moravam. Colocamos a paciente em uma cama e apliquei uma Coramina na veia. Começou a acordar e a falar: “Minha filha, aquele seu namorado não presta. Você tem que ficar com o Antonio Marcio. Ele é um ótimo rapaz e está apaixonado por você...” A Ivete agarrou-me pelo braço e disse-me: “Tudo bem, Antonio Marcio, você pode ir”. E eu fui retirado do

apartamento. A mãe tinha certa razão. Ivete casou-se com aquele namorado e sofreu o diabo. Separou-se, casou de novo e foi muito feliz.

FRANCISCO JOSÉ - Meu primo, considero um irmão. Nascemos na mesma casa e, durante algum tempo, fomos criados juntos. Hoje, com mais de 80 anos, continuamos nossa amizade igual à dos primeiros dias. As histórias do Chico Zé, para serem contadas, exigiriam um livro.

Estava subindo a Avenida Niemeyer com o carro cheio de meninas quando foi parado por um guarda, que solicitou-lhe os documentos. Conferiu-os e devolveu-os. O Francisco José perguntou:

- Tudo bem?
- Mais ou menos.
- Mais ou menos, por quê?
- Pode tocar o carro.
- Sou um oficial do exército (da reserva) e quero ver seus documentos. Quem sabe o senhor não é um policial.

O guarda, constrangido, entrega os documentos, que são conferidos pelo Francisco José e devolvidos ao guarda.

- Guarda. Os meus documentos estão mais ou menos, mas os seus estão em ordem. Pode seguir.

FINAL –Tive duas grandes escolas em minha vida: o Serviço Militar e os anos que morei na pensão. Aprendi muito.

A FACULDADE NACIONAL DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE DO BRASIL

Todos os meus colegas e professores foram, de uma ou de outra forma, importantes em minha vida profissional e/ou pessoal. Os casos aqui contados tiveram seus nomes trocados, para que eu pudesse narrá-los com liberdade.

Terminadas as provas do vestibular, viajei para Leopoldina com todos os meus pertences, certo de que havia sido reprovado. Alguns dias depois, recebi um telefonema comunicando minha aprovação em oitavo lugar recomendando-me, no entanto, que eu permanecesse em minha casa, pois os alunos haviam entrado em greve para reivindicar a construção do Hospital de Clínicas, na Ilha do Fundão. Felizmente, dois meses depois, em abril de 1945, a greve terminou, e eu comecei meus estudos. O Hospital do Fundão só viria a funcionar vinte anos após.

A Faculdade Nacional de Medicina também era chamada de Faculdade de Medicina da Praia Vermelha, por estar aí localizada, em um lindo prédio, onde tínhamos as aulas das cadeiras básicas. Como ocorre até hoje, existiam bons e maus professores.



OS TROTES - Ao entramos na Faculdade sofremos o tradicional trote, que durou quase um mês. Tínhamos que entrar, com roupa e tudo, em um lago na Praia Vermelha; fingirmos de estátua; lermos trechos que, para 1945, eram considerados pornográficos. Em um deles fomos, eu e o Praxedes, um colega negro com 120 quilos, no estribo de um bonde, da Praia Vermelha ao Teatro Municipal, fantasiados de mulher. No outro dia, saímos nos jornais, e eu recebi um elogio: “Aquela linda morena no bonde, é um calouro”.

Como tinha cara de criança, até o sexto ano, no início dos anos letivos, ao subir as escadarias da Faculdade, meus colegas gritavam “Peguem o calouro”. E não é que os novatos tentavam me dar trotes?

FARMACOLOGIA—Primeira aula de Farmacologia. O Professor Pedro Pinto era o terror dos alunos. Velhinho, uma grande cicatriz na testa, um bigodinho,

dava as aulas enrolando uma pequena toalha. Deu uma rápida olhada nos alunos assentados em um anfiteatro e disse: “O menino de vermelho, saia da aula; o menino da quarta fileira, saia da aula; o menino de cabelo despenteado, saia da aula”. E, assim, colocou para fora do anfiteatro uns vinte alunos. Motivo: estavam sem gravata. Desse dia em diante, para assistir as aulas, amarrávamos qualquer coisa no pescoço, desde gravatas até cintos, xales, lenços, qualquer objeto que simulasse uma gravata.

Segunda aula de Farmacologia. Um aluno se levanta e indaga: “Professor, posso fazer uma pergunta?”. Sem levantar os olhos, o velho professor responde: “Claro que não!”. Foi a primeira, única e última pergunta feita em sala de aulas. E por que em sala de aula não eram admitidas perguntas? Porque o professor colocou na porta de sua sala uma caixa para serem colocadas as perguntas, por escrito. As respostas eram dadas em sala de aula. Em tempo, o professor era o que mais cultivava a língua portuguesa na Faculdade. Ao iniciar uma das aulas, o professor disse: “Aquele menino que perguntou se devia me mandar tomar no, ou em o, quero dizer que o correto seria pelo”.

O Professor considerava um erro grave, motivo de reprovação, se o aluno prescrevesse “dar uma colher de chá”, pois, o correto, seria “dar uma colher das de chá”.

A Farmacologia era o terror da moçada.

BIOQUÍMICA - No segundo ano, nas aulas de Bioquímica, o professor se utilizava simplesmente da leitura de um livro, texto em francês e, ao final da aula, dizia: “Li até a página 32, mas considerem como lidas até a 45”. E eram cobradas as páginas lidas e não lidas.

BIOFÍSICA E FISILOGIA- O ensino da Biofísica utilizava peixes elétricos para o ensino. Em Fisiologia, disciplina da maior importância, aprendi a matar inúmeras rãs para estudar os seus reflexos. De aplicável, na prática, nada.

OFTAMOLOGIA E OTORRINOLARINGOLOGIA - O número de alunos era tão grande, 189, que, em Oftalmologia e Otorrinolaringologia os professores facultavam a assistência às aulas aos que assim desejassem, e davam frequência a todos.

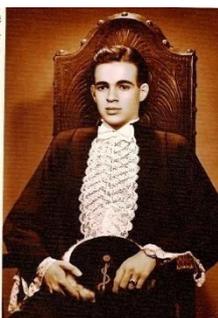
ORTOPEDIA - Era ensinada em anfiteatros. O professor, bem velhinho, colocava as meninas na segunda fila, para poder visualizar bem suas perninhas. **CIRURGIA** - Nunca participei de uma cirurgia na Faculdade. Assistíamos as cirurgias em anfiteatros e tínhamos aulas teóricas. Lembro-me de um colega que assistiu a uma cirurgia durante meia hora e disse-me: “Esta eu já aprendi”. Um dos professores de cirurgia, aliás, um grande cirurgião, dava aulas se promovendo. Enquanto operava, dizia o nome dos materiais cirúrgicos e o nome de quem os havia inventado, logicamente, ele. “Pinça O. M. Abaixador, O. M.. Afastador, O. M...”. Muitas vezes terminava a aula dizendo: “No Rio de Janeiro existem dois grandes cirurgiões: meu pai e, o outro, a modéstia me impede de dizê-lo”.

OS ALUNOS -E nós, os alunos? Em algumas disciplinas, alunos subornavam serventes, bedéis, técnicos ou, até mesmo, os doentes. Em histologia, tínhamos de examinar uma lâmina e descrever os achados. O bedel vinha e ditava. Em Dermatologia sorteei um paciente com uma doença rara, que estava internado há mais de um ano. O paciente foi logo dizendo: “Me dê uns vinte mil reis e eu lhe digo tudo”. Ditou tudo: desde quando foi internado, história clínica, diagnóstico diferencial, exames a serem solicitados, o diagnóstico final: Sarcoma de Kaposi, e o tratamento recomendado.

OS COMPANHEIROS DE ESTUDO - Eu, Jacques Bulcão, Roberto Bittencourt e José Luiz Campinho Pereira, estudávamos juntos, na casa do Campinho. D. Julia, mãe do Campinho, preparava deliciosos pães com manteiga, bem quentinhos. Morador de pensão, eu costumava comer uma meia dúzia. Eu morava em Botafogo. Jacques, em Copacabana, Roberto, na Tijuca. Quando voltávamos para casa, vínhamos conversando e eu tentando convencer o Jacques que me apresentasse sua prima Dora, uma loura linda. Ao voltarmos para casa, eu brincava com o Jacques sobre a Dora. Um dia, o Jacques desceu do ônibus e o Roberto disse-me que ele deveria gostar muito de mim. Perguntei-o porquê. Respondeu-me: Ele é noivo da Dora há muito tempo e não se importa com suas brincadeiras. Jacques e Dora se casaram, tiveram muitos filhos. Os dois, Campinho e Aparecida, eu e Therezinha, saíamos juntos. Costumávamos passar os domingos no pontão, na Barra da Tijuca. Os seis no meu fusca recém-chegado da Alemanha.

A Barra da Tijuca era só areia. Umas casinhas do início e o bar no Pontão. Eu dizia para as pessoas que ali estava o futuro do Rio. Todos respondiam que não, pois não havia água. Em minha pensão havia um primo que trabalhava para o Banco do Distrito Federal vendendo lotes na Barra, por 1.000 reais (?). Eu ganhava isso por mês e não tinha como comprá-los.

AS FESTAS—Sempre contei com a amizade e o carinho dos colegas, que me



elegeram, em 1949, presidente da Festa do Termômetro, oferecida pelos alunos do quinto ano aos do sexto ano. No ano seguinte, 1950, fui eleito presidente da Festa de Formatura. No dia 13 de dezembro, a despedida da Faculdade. Falou o vencedor do renhido concurso de oratória, o colega gaúcho Edson Luzardo, que fez um discurso emocionante. Durante o discurso, um dos alunos ressonava, tranquilamente, assentado em frente ao orador. Foi motivo de riso e de críticas. Ciro morreu cinco

meses depois de um tumor cerebral.

No dia 14, a solenidade de formatura no Teatro Municipal. Ouvimos as palavras do paraninfo Professor Deolindo Couto e eu tive a honra de ler o juramento de Hipócrates, que foi repetido pelos meus 189 colegas.

Dia 15, o baile nos salões do Copacabana Palace. O mais lindo baile que assisti. Deu algum trabalho, pois eu é que tinha que evitar os penetras, inclusive amigos e familiares dos formandos. Dia 16, éramos médicos.

Todos os dias 14, de 1951 a fevereiro de 1967, nos reuníamos os na Churrascaria Recreio, na Praça José de Alencar no Rio. As reuniões terminaram com minha vinda para Brasília.

JACQUES BULCÃO E JOSÉ LUIZ CAMPINHO PEREIRA – Eram dois dos meus maiores amigos desde antes do vestibular. Conheci o Campinho no Colégio Andrew, no meu curto curso pré-vestibular, onde a Dora era secretária. Nesse colégio, um dia, um professor falando sobre herança genética, citou a família Junqueira como exemplo de família cheia de problemas, como retardos mentais. Foi uma risada geral. Perguntou se tinha algum Junqueira. Eu e o Casemiro fomos apontados. Perguntou ao Casemiro se era meu parente e ele respondeu: “Muito longe. Muito longe”.

Jacques foi um dos melhores cardiologistas que conheci. Foi professor de Cardiologia na Universidade de Brasília. Morreu no hospital que trabalhávamos de um infarto fulminante. Meia hora antes havia feito um eletrocardiograma. Perguntei-lhe se havia dado alguma coisa. Respondeu-me que não. Andou quinze metros dentro do hospital e, em frente à UTI, teve um infarto fulminante.

Campinho se tornou psiquiatra. Casou-se com Aparecida e teve nove filhos. Ele morava em um apartamento com “triliches”, camas com três andares, com os filhos, cunhada e um cachorro policial, negro e imenso. Eu e Terezinha, Jacques e Dora, fomos padrinhos dos quatro primeiros filhos.

Eu tinha uma clínica grande e muitos chamados noturnos. Com frequência, altas horas eu passava pela casa do Campinho (período em que morou em casa) e pelo apartamento do Jacques, que era térreo, e batíamos longos papos. Em uma das noites, o Campinho estava dormindo no térreo e, no topo da escada que levava ao andar superior, havia um portão fechado com corrente e cadeado. Perguntei ao Campinho, então com seis filhos, se aquela era uma fórmula a mais para controle da natalidade. Seis meses depois a Aparecida estava grávida, pela sétima vez. Será que ela teria se esquecido de trancar o cadeado?

Terminado o curso médico, nossas opções eram: solicitar ao Dr. Segadas Viana, do PTB, um emprego, ou fazer concurso para as forças armadas. Eu optei pela Aeronáutica, o Campinho, pelo Exército e o Jacques pelo Segadas Viana.

Quase todos os sábados nós nos reuníamos na casa do Campinho para conversar e comer bananas. Eu fazia o Curso Especial de Saúde, na Aeronáutica, e, o Campinho, no Exército. Campinho detestava as aulas de equitação, obrigatórias. Para justificar as faltas eu e o Jacques, dávamos atestados. Chegaram até a cogitar sua expulsão do curso. Soubemos que ela foi evitada pelo coordenador, que o considerava o melhor aluno da turma e que teria dito ao comandante que, após a formatura, ele daria um jeito. O jeito foi

enviá-lo para o 6º Batalhão de Cavalaria, em Alegrete, Rio Grande do Sul, onde ia para o quartel a cavalo.

Do Rio para Porto Alegre, a família Campinho foi de navio, se é que aquilo poderia ser denominado navio. Fomos nos despedir. O “navio”, o “Itaberá”, boiava dois metros abaixo do cais. O “adeus” era dado para baixo, e não para cima.

Alguns anos após, a família Campinho retornou para o Rio. Após aposentar-se do Exército, foi professor de Psiquiatria da Faculdade de Medicina de Vassouras até sua morte, no Hospital Universitário de Vassouras.

Jacques optou por ser visitador domiciliar, em Copacabana, em um dos institutos, o dos Bancários. Um de nossos colegas de turma havia morado na casa dele, de favor, durante o curso de Medicina. Feliz, por ter conseguido um emprego (sua mãe era viúva), contou para o colega. Ao tomar posse soube que iria fazer as visitas não em Copacabana, mas em Cascadura, subúrbio do Rio. Um colega, com uma recomendação mais forte, havia tomado seu lugar. O colega era, ninguém menos, o que morava em sua casa. Por incrível que pareça, o usurpador procurou-me para saber minha opinião, tentando justificar-se. Disse-lhe que eu o considerava um canalha.

JORGE TIBIRIÇÁ – Era um doente mental. Seus maiores amigos eram: eu e o Osiris. Formou-se médico, porque os professores tinham pena dele. Um absurdo. Por ser um doente mental, não conseguia emprego para sobreviver sem o auxílio das pessoas. Tinha consultório no mesmo prédio que eu, em Copacabana. Com bastante frequência ficava horas na sala de espera do meu consultório, esperando que eu terminasse as consultas e o levasse para jantar em minha casa. Conversava muito comigo. Em uma das vezes, contou a história de duas pessoas apaixonadas, que namoravam. Disse-me que a mulher ficou sem condições de pagar o aluguel de sua casa. E perguntou-me se, nesse caso, o namorado não deveria pagar o aluguel. Respondi-lhe que sim. “Então, Antonio Marcio, me dê o dinheiro para que eu pague o aluguel”.

Uma prima viu o nome dele no quadro do prédio de nossos consultórios e resolveu consultá-lo. Ele receitou-lhe um supositório gigante para que ela o usasse diariamente. Estranhou e me procurou. Aí soube da história toda.

Por várias vezes marcou reuniões na casa do Osiris para discutirmos um projeto dele: uma fábrica de supositórios. Discutia o local, a planta da fábrica, a fabricação e a venda dos supositórios. Aproveitava para pedir um auxílio para a construção da fábrica. Quantas vezes encontrei-o imundo, sem sapatos, camisa rasgada, carregando tábuas, em frente ao prédio dos nossos consultório.

JOAQUIM EUGÊNIO DUTRA DE REZENDE - Meu amigo sobrevivente. Grande companheiro. Fazia aniversário no Natal. O “réveillon” era na casa do Joaquim e da Diva. Depois, íamos para a praia festejar Iemanjá. Joaquim ia de branco, levando charuto e cachaça, e rodopiava na areia. Até hoje, quando vou ao Rio faço questão de visitá-lo. Foi presidente, durante todo o curso, da área de esportes. Um dia, pediu-me para participar de uma competição de natação. Disse-me que eu não me preocupasse, pois era só para fazer número. Fui ver a

piscina que ficava no Mourisco. Era do Botafogo. A piscina era imensa. Achei que eu nunca conseguiria atravessá-la a nado e recusei o convite.

FRANCISCO LUDOVICO DE ALMEIDA NETO – Fundou a Faculdade de Medicina de Goiás e foi seu diretor durante muitos anos. Durante o curso médico, nos plantões, contava-me como iria criar a Faculdade. Foi meu companheiro na comissão de Formatura. Jacques olhava para o Francisco e me dizia:

“Veja como as risadas dos ricos são diferentes”. Deixou a direção da Faculdade perseguido pelo governo militar. Além de um grande administrador foi um excelente cirurgião. Ao morrer, em 2014, recebeu inúmeras homenagens.

JOFFRE MARCONDES DE REZENDE – Quando era Diretor da Faculdade de Medicina de Goiás, fui visitá-lo. Estranhei que a Pediatria tivesse um quarto com oito leitos para internação, no Hospital Universitário. Conversamos sobre a necessidade de um espaço maior. Joffre mandou construir instalações excelentes para atender às necessidades da Pediatria. E perguntou-me: “Agora você está satisfeito?”. Foi um dos melhores gastroenterologistas brasileiros e professor emérito da Universidade de Brasília. Escreveu excelentes livros e foi um dos fundadores da Academia Goiana de Medicina. Costumava visitá-lo com frequência. Morreu em 2015.

MARIA JOSÉ MESQUITA– Era neta da Baronesa do Bomfim, proprietária de uma das maiores e melhores fazendas no Município de Leopoldina, minha terra. Ficamos amigos desde o primeiro ano. Casou-se com o Nedo, médico de origem italiana. Teve um grave problema hematológico que obrigou-a a retirar o baço. Os médicos diziam que ela não poderia ter filhos. Teve dois, e eu fui o pediatra deles até se mudarem para Santos. Eu morava em uma pensão. Vida dura. A Maria José convidava-me para as excelentes festas na casa da Baronesa, onde até as empregadas me conheciam e me levavam para a cozinha para comer quitutes.

Maria José e Nedo foram ser professores de medicina em Santos, até se aposentarem. Um dia, tive uma triste notícia: o jardineiro, um empregado antigo e amigo deles, havia assassinado o casal. Mandaram assinar cheques e colocaram sacos plásticos na cabeça de ambos. Mortos por sufocação. Os assassinos foram prontamente identificados e presos. Como lembrança fiquei com um quadro de uma paisagem italiana, pintado por um tio do Nedo.

MARGARIDA MAGALHÃES– Filha do Sr. Magalhães, gerente do Hotel Glória e, posteriormente, do Copacabana Palace. Convidava-me para jantar, com ela e seus pais, com alguma frequência, nos hotéis. Therezinha, então namorada e noiva, tinha ciúmes da Margarida, pois não era convidada. Tinha crises de depressão e, nessas ocasiões, ia procurar-me na pensão, para conversar. Em 1948, a Vila Santa Izabel (Abaíba), foi quase arrasada por uma tromba d’água. Os habitantes perderam tudo. Margarida enviou um caminhão cheio de roupas para serem distribuídas entre os habitantes. Meu primeiro otoscópio foi um presente dela. Após a morte do pai, foi morar no Grajaú, onde

eu costumava passar, após os plantões no Carlos Chagas. Foi uma grande amiga. Mora nos Estados Unidos.

IBRAHIM –Era meu conterrâneo e estava um ano na minha frente na Faculdade. Seu apelido era “Jaguar”, devido aos grandes olhos, que lembrava o farol do automóvel que tinha o mesmo nome. Era um “turco” meio feio, com dentadura linda. Foi convocado para servir ao exército durante a Segunda Grande Guerra. Para não ser aceito, arrancou todos os dentes e foi recusado. Havia um conterrâneo, o Euler que, convocado, morreu na Itália. O Ibrahim, para se justificar dizia: “Perdi os dentes, mas não a vida, como o Euler.”

O HOSPITAL MONCORVO FILHO – Cursando o segundo ano, solicitei um estágio na 5ª Cadeira de Clínica Médica, no Hospital Moncorvo Filho. O Chefe de Clínica era o Dr. José Schermann, sisudo, altamente competente e exigente. Com o tempo tornou-se meu amigo e meu padrinho de casamento. Fui aceito graças à minha insistência, pois achavam que meu pedido era muito precoce. Foi sorte, pois esse era um dos melhores serviços de Clínica Médica do Rio de Janeiro, congregando alguns dos melhores clínicos e especialistas. Aí convivi com grandes médicos: Julio de Moraes, Olavo Fontes, José Neder, Jacques Houli, Manuel Barreto Neto, Emilio Amorim, Francisco Arduino, Fernando Duque e muitos outros.

INTERNO -No final do terceiro ano, fiz concurso para Interno Oficial da Cadeira. Trinta e cinco internos do terceiro e quarto anos disputavam quatro vagas. Consegui o segundo lugar. Virei rato de hospital. Chegava às sete e meia e só saía para assistir às aulas. Como tínhamos uma reunião às onze horas, que às vezes terminava tarde, os internos da Clínica costumavam chegar atrasados para o almoço, e comíamos as sobras, sempre arroz e batatas cozidas. Procuramos o Diretor do Hospital para pedir-lhe uma providência. Ele respondeu-nos: “Vocês são internos da



Facul-

dade de Medicina, não nossos. Se vocês não estiverem satisfeitos com a comida, vão para um boteco ou um restaurante” – e encerrou a conversa. No Moncorvo, aprendi muita medicina, principalmente a raciocinar e a resolver problemas de alta complexidade.

CATETERISMO CARDÍACO – Os primeiros cateterismos feitos no Brasil foram no Hospital Moncorvo Filho, pelos cardiologistas Nelson Botelho Reis, meu primo, e Jacques Bulcão, meu colega de turma, e por mim, pediatra. Os dois usavam aventais de chumbo para se protegerem contra a irradiação e eu, não. Eu estava recém-casado e minha esposa não engravidava. Cismei que tivesse uma relação com essa atividade e resolvi pedir desculpas aos amigos e encerrei minha quase carreira de cardiologista. Por essa atividade, eu participei da fundação da Sociedade Brasileira de Cardiologia. Nela fiquei até o dia em que fizeram uma eleição e inscreveram dois candidatos à Presidência. Levei um

susto quando vi meu nome e o do Dr. Gilberto Struck, grande cardiologista, como postulantes, sem meu aval. Explicaram-me que, pelo estatuto, teriam que existir dois candidatos. Eu tive um voto, e ainda acharam que fosse o meu. Sai da Sociedade, onde fiz grandes amigos.

D. HELENA –Era a chefe da enfermagem. Boa parte dos palavrões, aprendi com ela. Como eu tinha cara de criança, ela apelidou-me e só me chamava de “Caçulinha”.

OS COLEGAS – Fiz grandes amizades com meus colegas internos que se tornariam expoentes da medicina brasileira, como Jacques Bulcão, Abercio Arantes Pereira, José Afonso Escosteguy, Joffre Rezende, Israil Cat. **A**

PEDIATRIA -. Em meados do sexto ano, transferi-me para a Policlínica Geral do Rio de Janeiro a fim de estagiar em Pediatria. Orlando Orlandi (foto) orientou meus primeiros passos.



Até hoje, tenho orgulho de ter sido aluno da Faculdade Nacional de Medicina.

O HOSPITAL CARLOS CHAGAS

Em 1948, quando cursava o quarto ano de medicina, fui aprovado em concurso público para acadêmico da Secretaria de Saúde do Distrito Federal (Rio de Janeiro) e enviado para o serviço de pronto-socorro do Hospital Carlos Chagas, em Marechal Hermes, onde permaneci até 1951.

OS PLANTÕES - Meus plantões eram às quartas feiras, à noite, e aos domingos, durante o dia. A equipe era constituída por dois cirurgiões, dois clínicos, um ortopedista, um obstetra e quatro acadêmicos. Não contávamos com laboratório nem radiologia. Tínhamos que resolver tudo utilizando nossos conhecimentos.

Meu primeiro plantão foi em um domingo. Assim que cheguei ao hospital recebi um boleto onde constava: meu nome, Antonio, a hora, 8:15 h, o nome da rua, Odilon 15, do bairro, Bento Ribeiro, e o motivo do chamado, parto. Era meu primeiro chamado. Pela primeira vez segui em uma ambulância para atender a um chamado em domicílio. Minha emoção foi tanta que, passados mais de 60 anos, ainda guardo os dados desse atendimento. Segui para o local, encontrei uma senhora em trabalho de parto e removi-a para o hospital. Em seguida, outro chamado, e outro, e outro. Passei o dia na ambulância. Mas, algo me intrigou. Enquanto eu trabalhava, o Pedrosa, o outro acadêmico, dormia.

No segundo plantão, quarta-feira à noite. A situação se repetia. Eu saía de ambulância seguidamente e o Pedrosa dormia. Fui conferir os boletos das chamadas e notei que o nome dos acadêmicos eram Antonio, Lisboa, Marcio e Junqueira, ou seja, os meus nomes e sobrenomes. Fui perguntar ao telefonista que preenchia os boletos qual a razão dessa variação. Respondeu-me: “São os novos acadêmicos. Estes quatro e o Dr. Pedrosa”. “Quem lhe disse que eram estes cinco?”. “O Dr. Pedrosa”. Aí entendi porque eu trabalhava o tempo todo, enquanto ele dormia. O Pedrosa era interno de um serviço de cirurgia e um bom profissional. Deu-me muito trabalho porque era difícil acordá-lo à noite.

- Dr. Pedrosa, tem um chamado para o senhor.

- Hummm.

Passados quinze minutos, a luz do quarto continuava acesa, para avisar que havia um chamado pendente. Nova pergunta:

- Dr. Pedrosa, tem um chamado. Quem vai?

- Hummm. Todo mundo, menos eu.

E eu acabava ficando tão preocupado que saía no lugar dele. Atendi a centenas (ou milhares?) de chamados em domicílios, ruas, favelas, estações de estradas de ferro, que envolviam uma imensa gama de situações e patologias. Na Faculdade, não trabalhávamos em pronto-socorro. Tudo que aprendi sobre urgências foi no Carlos Chagas: infecções agudas, acidentes, traumatismos, envenenamentos, partos domiciliares, em via pública, em ambulâncias, abortos, suturas, luxações, fraturas, cirurgias, infartos, hemorragias. Sem professores, sem laboratório, sem raios-x, tive que aprender

a utilizar ao máximo meus conhecimentos em semiologia e clínica, bem como a ter iniciativa e criatividade. O Carlos Chagas foi uma grande escola. Devo muito do que sei ao que lá aprendi.

DOUTOR VERBERO, O CHEFE DA EQUIPE - Era um excelente cirurgião. Baixinho, gordinho, pletórico, calvo, agitado e louco por malfeitos. Vejamos algumas, das muitas dele:

O GALO LOUCO - Marechal Hermes, Hospital Carlos Chagas, Setor de Emergências, onze horas da manhã, sol escaldante, temperatura 38°.

Entra na sala de consultas um menino de cinco anos acompanhado pelo pai.

- O que houve com seu filho? Perguntei-lhe.

- Levou uma esporada de um galo.

Na perna do menino um corte com cerca de três centímetros, de onde havia escorrido um filete de sangue, já coagulado.

Enquanto esperávamos o material de sutura, entrou na sala o Dr. Verbero. Olha a criança e se dirige ao pai, perguntando:

- O que foi isso?

- Esporada de galo.

- O galo estava doente?

- Que eu saiba, não, doutor.

- O galo é vacinado?

- Contra que?

- Ora, contra raiva!

- Mas, não é só cachorro e gato?

- Claro que não! Se não é vacinado, você terá que trazê-lo até aqui para que eu o examine, pois só assim poderei saber se o menino terá ou não que receber vacina antirrábica.

Terminei a sutura e o pai e o filho se retiraram.

No final da tarde volta o pai com um galo imenso debaixo do braço, procurando pelo Dr. Verbero, que chega e manda soltar o galo. O espetáculo é insólito. O galo caminhava altaneiro pelo consultório, a passos lentos, sendo observado por todos e, em especial, pelo Dr. Verbero que o chuta várias vezes e, após alguns minutos de observação, e concentração, diz:

- Sorte a sua. O galo não tem raiva, está sadio; não vai ser necessária a aplicação da vacina.

E lá se foi o pobre homem, caminhando pelas ruas ensolaradas tomar o trem de volta a sua casa, carregando no colo, o galo criminoso.

Em tempo: galo não transmite a raiva humana e, portanto, não tem que ser vacinado contra esta doença.

LUXAÇÃO DE OMBRO - Naqueles idos de 1949, a anestesia geral era feita com clorofórmio, utilizando-se uma máscara para administrá-lo. Os anestesistas ainda não haviam sido inventados e esse tipo de anestesia envolvia riscos imprevisíveis. Por esse motivo, ela era reservada para situações que não podiam ser resolvidas de outra maneira.

Eu estava na sala de curativos tentando reduzir uma luxação de ombro, processo extremamente doloroso para o paciente e cansativo para o médico, que exige muita força física.

A cada tentativa de redução, o paciente urrava. Eu suava em bicas e continuava tentando. Dr. Verbero a tudo observava, sem uma palavra. Após quase meia hora de luta, consegui reduzir a luxação. Nesse exato momento, ele examina o ombro do paciente e diz:

- Lisboa, o que você estava fazendo?
- Reduzindo a luxação do ombro.

Verbero examina novamente o ombro e retruca:

- Este ombro está normal, não tem nada!
- Mas tinha, Dr. Verbero.
- Não sei o que está se passando com você, mas não fica bem submeter as pessoas a um sofrimento tão grande. Aliás, não é a primeira vez que eu vejo você reduzir uma luxação que não existe. Deixe que eu vou fazer a imobilização. O paciente soltava fumaça pelas ventas, de raiva, toda vez que me olhava.

Para que a situação não se tornasse mais constrangedora, retirei-me da sala, enquanto Verbero exibia um sorriso maligno.

O CACHORRO DO FUZILEIRO - Sempre aos domingos. Mais uma criança mordida por um cão. Estou atendendo-a quando entra o Verbero e pergunta:

- Onde está o cão?
- Na casa de meu vizinho.
- Você tem que trazer a cabeça dele para ser examinada pelo veterinário.
- Mas, doutor, o meu vizinho é fuzileiro naval. O cachorro é de estimação.
- Você gosta mais de seu filho ou do vizinho? Você vai trazer a cabeça às 9 horas e entregá-la ao Dr. Simas, que é o veterinário do hospital. Cuidado! Ele não gosta de trabalhar. Vai dizer-lhe que não é veterinário e vai se negar a examinar a cabeça. Você vai ter que insistir muito. Insista, não desista. No dia seguinte, o pobre homem chega ao hospital, procura o Dr. Simas que se nega a receber a cabeça.
- Eu não sou veterinário.
- O senhor vai examinar esta cabeça para saber se o cachorro estava doente, pois ele mordeu meu filho.
- Estou dizendo-lhe que sou médico.
- Ontem fui prevenido pelo seu colega que o senhor ia dizer isso tudo e que o senhor não gosta de trabalhar. Mas, comigo não! Ou examina a cabeça ou lhe parto a cara.

Com a ameaça, todos foram ao gabinete do diretor, para resolver o impasse.

Em tempo: o Dr. Simas era o cirurgião chefe da equipe de segunda feira.

OUTRA DE CACHORRO - Domingo. Chega ao hospital uma criança mordida por cachorro. O pai trouxe o cachorro. Aliás, um cachorro imenso, negro, que estava se balançando na carroceria de um caminhão. O Dr. Verbero examina a

criança, vai até ao caminhão, e olha detidamente para o cão. Vira-se para o pai e diz:

- Você tem que levar este cachorro para ser examinado no serviço de prevenção à raiva na Rua das Marrecas (centro do Rio de Janeiro), hoje. Lá vai o pai levando o cachorrão, em um domingo, às quatro da tarde, para ser examinado em um local distante cerca de vinte quilômetros do Carlos Chagas.

Quase duas horas após, o pai telefona para Verbero:

- Doutor, o serviço está fechado. Só abre amanhã.
- Onde você está?
- Na Cinelândia, em frente ao cinema Metro.
- Então, solta o cachorro e vai para casa.

Naquela época o ponto chique, de maior movimento no Rio, era este. Fico imaginando aquele cachorro imenso, na carroceria de um caminhão, defronte ao cinema mais frequentado do Rio.

O DINHEIRO – Em meus plantões costumava atender a um grande número de crianças. Um dia, o Dr. Verbero, vendo a minha sobrecarga, disse-me: “Tenho pena de você. Vou dar-lhe um conselho: do cliente só vale o dinheiro. Ele paga o seu serviço. Se ele gosta da consulta, paga, e volta. Se não gosta, não volta. As vezes irão a sua casa visitá-lo. Em pouco tempo, a visita vira consulta: “Doutor, aproveitando que estamos aqui, em tenho tido umas dores nas pernas. O que o senhor acha bom?”. Você conseguiu conquistar essas famílias mas, tenha certeza, que estão vindo por ser de graça. Com o tempo, e as decepções, você chegará a mesma conclusão que eu: do cliente, só o dinheiro”. Naquela época, com o meus 22 anos, fiquei revoltado com “o conselho”. Infelizmente, com o passar dos anos, cheguei à conclusão que havia uma certa razão no seu desabafo.

DOUTOR EVARISTO - Conheci o Dr. Evaristo em 1948, quando ingressei como acadêmico no Hospital Carlos Chagas, em Marechal Hermes, no Rio de Janeiro. Era um dos clínicos da equipe. Vivia caminhando pelos corredores com o estetoscópio enrolado no pescoço.

A FEBRE - Estava há um mês no Hospital quando fui abordado por ele pela primeira vez. Com um ar doutoral e compreensivo olhou para mim e disse:
- Lisboa, não me interprete mal. Você é muito jovem, talvez inexperiente, e o que vou dizer-lhe só tem a intenção de ajudá-lo. Você já reparou que tem atendido um volume muito grande de pacientes com febre?

- Sim, Dr. Evaristo. Creio que isso acontece por estarmos em um serviço de urgência, que atende pessoas portadoras de processos agudos, principalmente infecciosos e, com muita frequência, com febre.

- Engano seu. Tenho observado como você tem tomado a temperatura das pessoas e creio que não o está fazendo corretamente. Você já olhou cuidadosamente um termômetro? Se o fizer, poderá observar que nele está escrito o tempo para se tomar a temperatura - um minuto. Você tem deixado o termômetro, às vezes, mais de cinco minutos. Ora, é claro que assim, todo mundo estará com febre!

O FURÚNCULO- Chego de um atendimento e encontro o Dr. Evaristo atendendo um paciente que apresentava as pálpebras do olho esquerdo extremamente edemaciadas, avermelhadas e arroxeadas. Próximo ao nariz, um furúnculo, que, ao que parecia, havia sido manipulado. Tratava-se de uma trombose do seio cavernoso, condição grave, conseqüente a processos infecciosos localizados no nariz, lábios e face. Horas após sou procurado pelo Dr. Evaristo que me pede para assinar, com ele, o boletim de atendimento.

- Lisboa, assine este boletim.
- Doutor, o senhor atendeu o paciente, o senhor é que deve assiná-lo. - Mas o acadêmico sempre tem que assiná-lo (eu era aluno do quinto ano de Medicina).
- Doutor, todos os atendimentos feitos por mim, eu assino; o dos outros, nunca. O senhor se importaria em me dizer onde está o paciente?
- Mandei-o para casa.
- Então seria conveniente mandar buscá-lo, porque, o que ele tem não é só um furúnculo como está neste boletim, e sim uma condição muito grave, com risco de morte, que exige internação imediata.

PRENHEZ TUBÁRIA RÔTA - Os Drs. Valente e Verbero eram cirurgiões muito competentes e trabalhavam no Carlos Chagas. Um domingo, Valente telefona e pede a Verbero, o chefe da equipe que estava de plantão, que enviasse uma ambulância para remover uma paciente portadora de prenhez tubária rota, condição cirúrgica de urgência. O Dr. Evaristo estava disponível e foi designado para fazer a remoção. Duas horas após, novo telefonema de Valente;

- Verbero, se você não mandar remover essa mulher, ela vai morrer.
- Como? Enviei uma ambulância assim que você solicitou.
- Quem você mandou?
- O Evaristo.
- Verbero, escolha um mais competente e diga-lhe que é para remover a paciente.

Fui designado para buscar a paciente que, felizmente, foi operada em tempo e salvou-se.

Tudo seria esquecido, se o Verbero não tivesse lido o boletim de socorro. Lá estava registrado: "Causa do Socorro: diarreia. Tratamento: sulfaguanidina". Verbero ficou fulo de raiva com o Evaristo e passou a arquitetar uma vingança.

Algum tempo após, chego ao Hospital com uma paciente com o mesmo diagnóstico. Procuro o Dr. Verbero para que ele providenciasse a cirurgia.

- Dr. Verbero, trouxe-lhe uma paciente com prenhez tubária rota.
- Onde ela está?
- Na sala de exames.
- Você contou a alguém?
- Não.
- Então reúna toda a equipe na sala e chame o Evaristo.

Dez minutos após todos estavam em torno da paciente. Verbero se dirige a Evaristo e diz:

- Mandei chamá-lo porque você é o clínico mais antigo da equipe e estamos com dificuldade para diagnosticar o problema desta senhora. Quero que você a examine.

Evaristo auscultava, tomava o pulso, apertava o abdome e, em voz baixa, repetia:

- É, Verbero. Você tem razão. O caso é complexo, é difícil.

Verbero ouvia em silêncio. Até que, em determinado momento, disse:

- Evaristo. Vou ensinar-lhe uma coisa. Quando você se defrontar com casos difíceis como este, pergunte à pessoa o que ela tem. Às vezes ela sabe o que poderá ajudá-lo.

Evaristo olha a paciente e pergunta:

- O que a senhora tem?
- Prenhez tubária rota, doutor.
- Viu, eu não lhe disse? Ela sabe o que tem e agora vamos operá-la e ela ficará curada.

O ambiente era de profundo constrangimento. A punição havia sido terrível.

Foi a última vez que vi o Dr. Evaristo. Após o fato, pediu transferência para outra equipe.

Como podem ver, o ensino médico já vem capengando há muito tempo.

O DR. TAVEIRA - Grande, quase um gigante, voz rouquenha, queixo quadrado. Parecia um atleta com mais de 60 anos. De família de políticos importantes, todos tinham medo de enfrentá-lo. Dava plantão aos sábados, onde, algumas vezes, tive a oportunidade de conviver com ele. Alguns de seus atendimentos viraram piadas.

TOSSE - Verbero estava uma fera. Alguém do Carlos Chagas havia atendido um paciente, algumas horas antes, não o havia removido, e ele havia falecido pouco após o atendimento. Verbero foi verificar o boletim da ocorrência para saber quem havia feito o atendimento. O Dr. Taveira e o diagnóstico: tosse. Procurou o Dr. Taveira para tentar esclarecer o caso.

- Dr. Taveira, o senhor atendeu este paciente?
- Sim.
- Ele morreu logo após o senhor haver saído da casa dele. O senhor sabia?
- Não.
- O diagnóstico do senhor foi "tosse"?
- Sim. E que tosse! Chegou a matá-lo.

O paciente era cardíaco e havia morrido de edema agudo de pulmão.

NOVOCAÍNA - Nos idos de 1950, em dores, como nas denominadas cólicas hepáticas, costumava-se anestésiar a pele no local da dor e, com isso, conseguia-se melhora em muitos casos. O Dr. Taveira estava observando o que eu estava fazendo. Eu disse-lhe que estava injetando um anestésico na pele, no local da dor.

- Isto funciona?
- Boa parte das vezes, sim.

Passadas algumas horas, o Dr. Taveira atende um caso de cólica hepática e manda aplicar duas ampolas de Novocaína no braço. Entendeu mal minha explicação.

A MÃE DO CORONEL - Este caso, embora verídico, virou piada. O Dr. Taveira foi chamado para atender uma senhora na Vila Militar, no subúrbio de Deodoro. Tratava-se de uma senhora, mãe de um coronel do Exército, idosa, com hemorragia vaginal. O Dr. Taveira examinou-a e deu o diagnóstico:

- Coronel, trata-se de um aborto.
- Como, Doutor? Minha mãe tem 70 anos e é viúva.
- Não importa, pois, neste mundo, ninguém está livre de um mau passo. **AS GRÁVIDAS** - Taveira era odiado pelos obstetras. A primeira pergunta que ele fazia às mulheres era se elas estavam grávidas. Em caso positivo, ele as transportava para o hospital e mandava colocá-las na sala da obstetrícia. Estivessem elas com dor de dente, diarreia, resfriado, febre. Um dia, o Pinheiro, obstetra de nossa equipe, resolveu reclamar.
- Dr. Taveira, esta senhora está resfriada. Está no segundo mês de gestação. O caso é de clínica. O senhor é que deveria atendê-la.
- Vou fazer-lhe uma pergunta. Ele está ou não grávida?
- Está, mas...
- Então é responsabilidade tua.

O ACADÊMICO LISBOA - Foram três anos de intensa aprendizagem e muito trabalho. Vivenciei situações cômicas e trágicas.

O EMPRÉSTIMO - O Mário era motorista de ambulância. Ficamos amigos de tal ordem que o Mário trocava os plantões para trabalharmos juntos. Essa amizade durou muito tempo até que o Mário precisou de uma importância que, para um estudante de Medicina, não era pequena. Eu tinha conseguido reservar um dinheirinho para comprar um rádio para o meu carro. Diante das dificuldades do amigo, dei-lhe todas minhas economias. Nunca mais demos um plantão juntos. Perdi o amigo e o dinheiro.

PARTOS - Aprendi a fazer partos em todas as situações imagináveis: ambulâncias em alta velocidade, fazendas, favelas, domicílios e até em plataforma de trem. Um fato insólito: as caixas de material das ambulâncias só traziam uma luva. Tínhamos que escolher em qual das mãos usá-la. Felizmente, naquela época, não se falava em AIDS. Fiz centenas de partos. Vamos relatar alguns.

PLATAFORMA DA ESTAÇÃO DE MARECHAL HERMES – Domingo, quatro da tarde, dia ensolarado. Recebi, com estranheza, um chamado: “Parto. Estação de Marechal Hermes”. Chegando ao local, encontrei a plataforma lotada. Uma senhora em trabalho de parto, deitada no chão, urrando de dor. Pedi ao enfermeiro uma manta e com ela cobri minha cabeça e o local do nascimento. O bebê estava para nascer, a cabecinha já despontando. Transportar para o hospital, nem pensar! Tínhamos que fazer o parto, ali mesmo, naquela hora. E assim foi feito. Ao primeiro choro do bebê, eu, debaixo da cobertura, ouvi o grito da multidão, saudando o nascimento.

FAZENDA - Em fins da década de 40, o Carlos Chagas dava cobertura a toda Barra da Tijuca, Jacarepaguá, Cascadura, Madureira, Deodoro, Bento Ribeiro, e vasta área rural. Existiam algumas casas no início da Barra. Assim, os chamados para o atendimento em sítios e fazendas eram comuns.

Em um desses chamados, após quilômetros de estrada, chegamos a um sítio. A senhora estava em trabalho de parto. Os pés do bebê já haviam saído. Tratava-se de um parto podálico e havia risco de morte. Não havia como transportar para o hospital. Tentei retirar o bebê. Não saía. Eu suava em bicas, sendo observado pela família. Os pais desesperados. E eu, mais que eles.

Enfieei meus dedos na boquinha do bebê, levantei suas perninhas até o abdome, e tentei retirá-lo, puxando-o pelas pernas e pela boca. Saiu, e vivo. O pai fez questão de abrir um vinho do Porto para comemorarmos. Voltei exausto e feliz para o hospital.

Passados alguns dias, na disciplina de Obstetrícia, tive uma aula onde o professor ensinava o que eu tinha feito. Chamava-se grande extração. Manobra de alto risco para o bebê, que só deveria ser feita por obstetra em ambiente hospitalar.

FAVELA – Noite fria e chuvosa. Um chamado de parto em uma favela. Madrugada, subi o morro. Para chegar ao barraco, tínhamos que passar por um pedaço de terra de menos de um metro. Do lado direito, o precipício. Acima de tudo ventava muito. O bebê já havia nascido. A placenta estava retida. Retirei a placenta. Senti medo.

ESTRADA – Tive vários chamados em um acampamento que existia no alto da Estrada Grajaú-Barra, em construção. Quando eu chegava, era ovacionado. Aqueles peões, pobres, humildes, faziam-me feliz. Ao me verem chegar, começavam a gritar: “É o doutor Lisboa!”. Eu, ainda estudante de medicina, vibrava.

Em um dos chamados, tratava-se de um trabalho de parto. Entrei no casebre, que tinha um só cômodo. Estávamos eu, a parturiente, uma velhinha de uns 80 anos, e uma lamparina. Eu fazendo o parto e a velhinha andando com a lamparina para todo lado. A toda hora, eu ficava em uma escuridão total e eu pedia à velhinha para trazer a lamparina. A situação era trágica. Que, felizmente, acabou bem.

MORTE – Fomos atender uma chamada em um sítio, distante quarenta quilômetros do hospital. Tivemos que caminhar, de madrugada, mais de um quilômetro. Ao chegarmos, encontramos a mulher morta. Um aborto. A parteira estava presente. Os filhos em volta da mãe ensanguentada. Um horror! Nada que eu pudesse fazer.

AMBULÂNCIA – Fiz vários partos no interior das ambulâncias. Eu ficava na parte de trás ao lado da gestante, incentivando o motorista a correr mais. Algumas vezes o bebê nascia e eu gritava “Mario! Já nasceu”. Ou, o bebê chorava, e o motorista sabia que era hora de parar a correria.

ABORTO – Domingo, às duas horas da tarde, Estação de Marechal Hermes. Dentro do trem, uma mulher ensanguentada. Era um caso de aborto. O enfermeiro disse que não tinha como entrar com a maca e que não era função

dele pegá-la no colo. Apesar de franzino, eu levantei-a e carreguei-a nos braços até a ambulância. Logo chegamos ao hospital e tudo se resolveu bem e, eu, empapado de sangue.

NAVALHA – Paulo chegou ao hospital com o tórax aberto. Podíamos ver o pulmão inspirando e expirando e o coração batendo através do extenso corte. Estava consciente e falava. Contou que estava no estribo de um bonde, em Madureira, quando um homem, sem nenhum motivo, passou a navalha no seu tórax. Foi operado e sobreviveu. Aliás, durante os anos que estive no Carlos Chagas, tomei horror de navalhas, o instrumento mais usado nas brigas.

MORROS – As chamadas para atendimento em morros e favelas eram temidas. Muitos acadêmicos, inclusive alguns amigos e colegas de turma, já haviam levado surras. Em alguns locais, os acadêmicos eram acompanhados por policiais. Um dia, tive um chamado em um desses locais de má fama. Era uma manhã. Ao chegarmos ao pé do morro o enfermeiro se negou a subir. Havia uma pessoa nos esperando. Pedi que ela carregasse a caixa de socorros, e subimos. Era uma senhora grávida de gêmeos, em trabalho de parto. Descemos todos juntos e, ao chegarmos à ambulância o, marido me confidenciou: “Doutor, o senhor é o primeiro médico a subir este morro”.

Muitos médicos e acadêmicos chegavam ao pé do morro e mandavam descer o paciente, que era examinado na ambulância, por comodismo ou medo de serem agredidos. Várias vezes subi morros e entrei em favelas, sozinho. Talvez por ter cara de criança e muito magro, nunca fui agredido por pessoas pobres e humildes. Entretanto algumas, da classe média ou alta, costumavam não aceitar-me por ser muito jovem. Diziam: “por isso que morre muita gente. Mandam crianças para atender a população”. Interessante que uma delas, enquanto me criticava, foi observada por mim e cheguei à conclusão que era minha conterrânea. Perguntei-lhe se não era de tal família e se havia morado em Leopoldina. Identifiquei-me, e começaram os pedidos de desculpas. Era um caso de aborto. Removi a paciente para o hospital e recebi os agradecimentos.

O SARGENTO – Havia levado uma facada no tórax. Estava bem, mas o cirurgião achou que havia necessidade de saber se a faca havia atingido o coração. O sargento era um tipo fortíssimo e estava lúcido. Manifestou seu desejo de não ser operado. Ao tentarem levá-lo para o centro cirúrgico, reagiu violentamente. Foram necessárias quatro pessoas para contê-lo e anestesiá-lo

Na cirurgia, estávamos o cirurgião e dois acadêmicos- eu e o Pedrosa. Aberto o tórax, o sangue jorrou. A artéria mamária havia sido seccionada. Não se conseguia ver nada, a não ser o sangue que era enxugado e logo voltava a encher a cavidade, impedindo o encontro do vaso lesado. Uma hora de luta e o sangramento continuava. De repente, o cirurgião diz “Não tem mais jeito”. Tira as luvas e vai embora. Ficamos eu e o Pedrosa tentando salvá-lo, mas a batalha já estava perdida.

APENDICITE – Eu me lembro até hoje do menino, com seus doze anos, acompanhado dos pais, no corredor do hospital, na área do pronto-socorro. Estava esperando para ser operado de apendicite.

Encontrei-o novamente no centro cirúrgico. Estávamos o cirurgião, eu, que iria auxiliá-lo e um estagiário, o Hermógenes, que iria dar a anestesia. O Hermógenes era meu colega de turma, estagiava em cirurgia, e morava perto da minha pensão. Costumávamos ir juntos para o hospital. Era um excelente colega.

A anestesia era feita usando-se uma máscara chamada de Ombredane e éter ou clorofórmio. Não existiam equipamentos nem anestesistas bem treinados, como hoje.

A cirurgia era simples. Entretanto, logo após abertura do abdome, as alças intestinais inflaram e começaram a sair da cavidade. O cirurgião pedia que fosse aprofundada a anestesia. Apesar dos esforços, as alças continuavam infladas e não voltavam para a cavidade. Pedia mais anestesia. De repente o coração e a respiração do menino pararam. Apesar da correria, não conseguimos reanimá-lo.

O chefe de equipe, conhecido da família foi avisado. Perguntou quem havia feito a anestesia. Chamou o Hermógenes e disse-lhe: “Você está vendo aquele casal no fim do corredor? Vá até lá e diga-lhes que você matou o filho deles”.

ASMA – Estávamos em 1948. A menina tinha dois anos. Às nove da noite, chegou ao hospital com febre e muita falta de ar. Foi colocada na tenda de oxigênio e medicada. Não melhorava. Chamei o clínico da equipe. Achei que era asma. Passei a noite toda ao lado da criança. Só piorando. Eu chamava o clínico e ele respondia “é asma”, e não ia vê-la. Morreu às sete horas da manhã. Chorando, a mãe perguntou-me: “Doutor, a asma mata?”. Eu era um aluno de medicina. Chamei meu colega médico várias vezes para me ajudar. Não recebi o apoio que necessitava. Fiquei revoltado.

Anos mais tarde fiz o diagnóstico do que a menina havia tido: laringotraqueobronquite aguda descendente, só curável com antibióticos, que não existiam naquela época. Na minha carreira eu vi vários casos, todos curados.

TRAUMATISMO CRANIANO – A menina tinha três anos. Acabava de ser atropelada e estava no colo da mãe, sem sentidos. Atendia-a prontamente e, ao afastar seu cabelo para ver a lesão, uma massa branca escorria. A mãe perguntou-me:

- É o cérebro, doutor?

Era, e morreu logo depois.

CORREDOR POLONÊS – Quarta feira, 8:15 da noite. Recebi um chamado; Costa Barros. Ao chegar à casa, estranhei o fato de entrar por um corredor, com um banco do lado esquerdo, onde estavam assentados uns dez homens. Ao entrar no quarto, vi uma mulher deitada, que aparentava estar morta há algumas horas. Um oitavo mulheres estavam ao redor do leito. Para ganhar tempo, fiz os testes indicados para confirmar a morte. Ao final, uma das mulheres disse:

- Está morta e foi o senhor que veio aqui pela manhã.

- Não fui eu. Entrei no plantão agora, às oito horas. Mas, contem-me o que aconteceu.

- Chamamos o pronto socorro porque ela estava com muita dor de dente. O médico chegou, aplicou uma Benzetacil e disse que era um absurdo nós termos chamado uma ambulância por causa de uma dor de dente. Duas horas depois da injeção, ao meio dia, ela morreu.

Nesse ponto, as agressões aumentaram. Várias mulheres responsabilizando-me pela morte. Uma delas não parava de agredir-me. Pensei no corredor polonês. Eu nunca conseguiria sair vivo, se tentasse escapar. Procurei o enfermeiro. Havia sumido. Eu estava sozinho e teria que tentar sair daquela situação conversando. Quando os argumentos estavam se esgotando eu escuto uma voz forte, gritando várias vezes:

- Saíam daqui. Deixem-me passar!

Era o delegado com o enfermeiro. Perguntou-me:

- O que está havendo, doutor?

Contei-lhe que havia assumido o plantão à noite, que havia encontrado a mulher morta. Perguntou-me se eu tinha uma ideia da causa da morte. Disse-lhe que não e aí apontei a mulher que me agredia e disse ao delegado: - Não sei, mas ela sabe!

A mulher negou e saiu correndo da sala.

Voltando para o hospital falei com o enfermeiro:

- Amarildo! Você me deixou sozinho no meio daquelas feras.

- Doutor, quando eu vi que eles queriam pegar o senhor, saí e fui chamar o delegado.

MORTO? – Pediram-me que fosse até o repouso do pronto socorro para constatar a morte de um paciente. Fui, examinei-o e confirmei com a enfermeira que ele estava morto. Ao virar as costas, o “morto” deu um profundo suspiro. “Doutor, ele está vivo!”. Levamos um susto. Fui reexaminá-lo e tornei a confirmar a morte. Fui aos livros e aprendi que este fato não é raro.

O ACADÊMICO DALTON - O Dalton havia sido meu colega de ginásio em Leopoldina. Entrou para a Faculdade de Medicina um ano depois de mim. Chamava atenção pelo grande nariz e pelo seu comportamento, às vezes, inaceitável. Apesar de meio louco, era bastante inteligente.

CONCURSO - Quando estava no quinto ano, ele fez um concurso para admissão ao quadro de Acadêmicos do Pronto Socorro da Secretaria de Saúde do Rio de Janeiro. Um dos examinadores era um famoso médico ortopedista, do Hospital de Bonsucesso, que primava por ser muito exigente.

Na prova oral, o examinador fez cinco perguntas. Dalton acertou todas.

- Estou satisfeito.

- Somente cinco perguntas? Professor, eu estudei para ganhar a nota máxima. Queria que o senhor continuasse as perguntas e me desse a nota máxima. Os presentes, conhecendo o perfil do examinador, ficaram estarecidos.

Acharam uma loucura.

As perguntas continuaram e o Dalton acertou todas. O professor, vendo o preparo do Dalton, resolve tentar levá-lo para o seu serviço. Perguntou-lhe:

- Você não quer visitar o meu serviço?
- Quando?
- Na sexta feira, pela manhã.
- Neste dia, não posso.
- Por que?
- Neste dia tenho que fazer uma operação.
- Então, você já está operando? Que tipo de operação você irá fazer? - Bancária.

O PRIMEIRO DIA - O plantão começava às 20 horas. O Dalton chegou às 23. Logicamente, recebeu uma repreensão do Chefe de Equipe. A mim confessou que estava dando um “plantão vaginal”, o que o impediu de chegar no horário. Ao receber o primeiro chamado para sair na ambulância, queria sair comigo.

Justificava-se dizendo que “nunca havia ido àquele lugar”. Expliquei-lhe que as saídas de ambulância para “locais que não conhecíamos” fazia parte de nosso trabalho. Reclamou tanto, que resolvi ir com ele nesse primeiro chamado.

APENDICITE - Ainda traumatizado pelas reprimendas recebidas, estava atendendo a um paciente no pronto socorro. O paciente demonstrava ter sinais de apendicite aguda. Não tínhamos laboratório ou raios X. O diagnóstico tinha que ser feito pela clínica. Naquela época, 1950, para orientarmos costumávamos tirar as temperaturas retal e axilar, o que ajudava no diagnóstico. O Dalton foi ao quarto dos médicos e foi-lhe dada esta orientação. E daí, o diálogo com o paciente:

- Vou ter que tirar-lhe a temperatura retal.
- Que é isto?
- Vou ter que colocar este termômetro no ânus.
- O senhor está dizendo no c...?
- Sim, senhor.
- No meu ou no seu? Se for no seu, eu não me importo.

O DR. TORRES – Era o ortopedista da equipe, solteiro, tipo atlético. O tipo clássico do carioca: fala mansa e lenta, andava gingando, nunca tinha pressa. Tinha um compromisso sério com a cama e respeitava, sempre que possível, o horário da sesta. Como nosso plantão era aos domingos, almoçava, subia para o quarto dos médicos no segundo andar, ficava de cuecas e dormia a tarde toda. Resolvemos fazer uma brincadeira. No horário das visitas colocamos um punhado de jornais no quarto, tocamos fogo, e passamos a gritar: “Fogo! Fogo! Fogo!”. Em fração de segundo sai o Torres esbaforido, de cueca, correndo no meio das visitas. Desse dia em diante, passou a fechar o quarto.

Aos domingos, pouco antes do término do plantão, banhava-se e se perfumava. Não raramente, ao pegar seu carro, o encontrava com todos os vidros pintados de gesso ou coberto de papel higiênico. Coisas do Verbero, que não gostava de vê-lo todo cheiroso. Sempre com encontros femininos marcados, ele ficava uma fera, pois, antes de sair, tinha que lavar o carro. De vez em quando, só lavava o para brisa e saía com o carro coberto de papel higiênico.

ISTO NÃO SE FAZ - O “Big” era cirurgião. Como o apelido indicava era um tipo alto, forte e avesso a brincadeiras. Por isso mesmo era vítima de algumas, absolutamente indefensáveis, como urinar ou fazer coisas piores nos seus sapatos. Big estava louco para colocar a mão no(s) desgraçado(s) que fazia isso com ele.

Um dia a turma se reuniu e resolveu pregar-lhe mais uma peça. Pinheiro era o obstetra da equipe. Baixo, franzino, tinha o perfil oposto ao da vítima. Mesmo assim, animadíssimo, se apresentou para ser, naquela noite, o autor da brincadeira, o que faria pela primeira vez. Big dormia. Pé ante pé, Pinheiro entra no quarto e pega os sapatos. O que não imaginava é que ele seria a vítima daquela noite. Assim que se preparava para sair, carregando os sapatos, um dos colegas gritou “Big, venha cá!” e acendeu a luz do quarto. Em menos de um segundo o Big agarrou o Pinheiro pelo pescoço e o suspendeu no ar. “Canalha, então era você. Vou lhe arrebentar para que você aprenda a nunca mais fazer isso com ninguém”, e chamava o Pinheiro de todos aqueles nomes impúblicáveis. Difícil foi retirar o Pinheiro das mãos do Big.

FINAL - Em 1951, aprovado em concurso público para médico do Serviço de Saúde da Aeronáutica, deixei o Carlos Chagas e fui para o Hospital da Aeronáutica dos Afonsos, ambos em Marechal Hermes, no Rio de Janeiro

O INSTITUTO OSWALDO CRUZ

MANGUINHOS

Em 1956, tendo as manhãs livres, resolvi estagiar no renomado Instituto Oswaldo Cruz, em Manguinhos. Aí permaneci somente alguns meses. Meu pedido de demissão foi ocasionado por um fato insólito. Os colegas do hospital, inclusive seu diretor, José Fonseca, resolveram que eu seria a pessoa mais indicada para dirigir o Hospital Evandro Chagas, o hospital de pesquisas do Instituto. Tentei convence-lo, e a todas as pessoas, inclusive o diretor do Instituto, de que eu, um jovem médico com seis anos de formado, não tinha condições de assumir um cargo de tal responsabilidade. O diretor do Instituto não se conformou e, rotariano como meu sogro, passou a pressionar-me e à minha família, para que eu aceitasse o cargo. Pedi demissão e encerrei minha curta carreira de “pesquisador”.

SANGUE NA URINA? – Estava no hospital. Fui ao banheiro e a urina saiu bem avermelhada. Levei um susto. Fiz um exame de urina imediatamente e o resultado foi normal. Repeti o exame: normal. Nesse dia descobri que, se comermos determinados alimentos, a urina sairá vermelha. No meu caso, foi beterraba. Em crianças, a causa mais comum são as pipocas coloridas.

Alguns anos após, eu estava dando um curso para professores de medicina em São Luis, Maranhão. Urinei vermelho. Tinha comido um peixe com bastante tempero e corantes. Pensei: deve ser do peixe. Suspendi os alimentos suspeitos: a urina persistia avermelhada. O exame constatou sangue. Fiz uma radiografia e lá estava um grande cálculo. O urologista disse-me que só sairia com cirurgia e explicou-me o que deveria ser feito. Desobedecendo as ordens, passei a tomar chá de quebra-pedra e muita água. Passados uns dois meses, ao urinar, eliminei um cálculo grande, preto e cheio de chifres. Estava curado.

COMUNISTA– Estávamos no governo do Presidente João Goulart. Um dos colegas médicos era da esquerda e defendia uma revolução embora, sem muita convicção. Tentava converter-me. Então fiz-lhe uma pergunta: “Por que na Rússia e em Cuba, os opositores são levados ao “paredon” e fuzilados?”. “Respondeu-me: “Lisboa, o preso é um problema nas revoluções. Ele desperta piedade e até raiva da população, que deseja libertá-los. Matando, acabou o problema. Mas você fique tranquilo. Você é médico, não é rico, não explora a população, nada vai acontecer com você”. Houve a revolução, ao contrário do que ele esperava. O governo militar costumava prender pessoas em um navio, na baía de Guanabara. Ao passar de ônibus pelo local, alguns passageiros rangiam de raiva e xingavam o governo. Ouvindo-os, eu me lembrava das palavras de meu colega: não prenda, mate!

O SERVIÇO DE SAÚDE DA AERONÁUTICA

Em julho de 1951 fiz concurso para o Curso Especial de Saúde para admissão ao quadro de oficiais médicos do Serviço de Saúde da Aeronáutica. Fui aprovado em primeiro lugar, na área de Clínica Médica. De 1952 a 1954, fui membro das Bancas Examinadoras dos Concursos para o ingresso de médicos no Curso.

O CURSO ESPECIAL DE SAÚDE DA AERONÁUTICA - No Curso, tive a infelicidade de passar a acreditar que alguns professores realmente perseguem alguns alunos. Minhas notas eram excelentes em todas as disciplinas, exceto Oftalmologia. Ficava entre os primeiros e a prova de Oftalmologia me derrubava. Já era motivo de brincadeiras entre os colegas o meu sobe e desce. Não aguentando mais, pedi a revisão de uma prova, mas, antes, copiei a prova do colega que era oftalmologista. O professor disse-me que a minha nota estava correta. Mostrei-lhe que ele havia considerado erradas respostas que ele havia considerado certas para o outro colega. Resposta: “Lisboa, ele é meu colega de especialidade e eu tenho que protegê-lo”. Continuou perseguindo-me e protegendo o colega. Aprendi bastante no curso, principalmente na área de otorrinolaringologia.

A VIAGEM - Durante o Curso, fizemos uma viagem de avião Rio-Belém-Rio, com escalas. A viagem mais horrível de minha vida. Enfrentamos temporais terríveis. Avião pulava, embicava, subia. A escadinha de ferro, usada para subir no avião, se deslocava até o teto. Ficávamos chutando-a para impedir que nos ferisse. Ao tentar a decolagem em Salvador, Recife, Natal e Fortaleza, ela foi abortada, e voltávamos ao estacionamento. Quatro panes na decolagem. Aprendi o nome do mecânico – Scotelari, e as panes eram no condensador. Em Fortaleza, minha vontade foi pedir demissão e voltar de ônibus ou navio. Guardei até o nome dos pilotos: Capitão Machado e Tenente Nelson. Em Salvador, enquanto esperávamos o conserto, ficamos no hangar assentados em pneus. Chovia e fazia muito frio. O Boechat comentou “Se ficarmos aqui, vamos acabar pegando uma pneu...monia”.

O CAPITÃO ALBERTO – Fez concurso e foi aprovado. Servia na Divisão de Seleção e Controle. As moças gostavam dele. Era um oficial bonito, bem vestido, competente. Os oficiais achavam que sua postura era uma afronta; tinham vontade de enviá-lo para a reserva. Era “gay”, facilmente reconhecível pelos trejeitos. Como enviá-lo, porém, para a reserva, se ele era um bom profissional. Um dia o Alberto, com 42 anos, teve uma dor de cabeça muito forte. Tiraram sua pressão e estava “alta”: quinze por nove. Foi aposentado.

BANCAS EXAMINADORAS – Assim que terminei o Curso Especial de Saúde, passe a integrar todas as Bancas Examinadoras de Clínica Médica. Qual foi

minha surpresa ao ter que examinar o Edgard, meu examinador no concurso que havia feito quando no terceiro ano de medicina, para Interno Oficial da 5ª Cadeira de Clínica Médica. Brinquei com ele dizendo-lhe: “Viu como é a vida? Se você tivesse me reprovado...”.

O HOSPITAL DA AERONÁUTICA DOS AFONSOS

Como havia sido classificado em primeiro lugar na prova de Clínica Médica, o presidente da Banca Examinadora, Ten.Cel. Dr. Oriovaldo Benitez de Carvalho Lima, requisitou-me para trabalhar no Hospital de Aeronáutica dos Afonsos, onde ele era o diretor.

Aí atendia o Ambulatório, Setor de Metabolismo e de Eletrocardiografia, Chefia da Seção Auxiliar (Administração), Controle de Pessoal de Voo (pilotos), substituto do Chefe da Clínica Médica. O serviço era tanto que meu chefe, Dr. Milton Guarita, disse-me: “Lisboa, de hoje em diante, quando lhe perguntarem se você sabe fazer determinada coisa, você negue!”.

No hospital tive a felicidade de conhecer um dos maiores trovadores brasileiros, o Luis Otavio, dentista do hospital. Batíamos longos papos.

O hospital tinha fama de mal-assombrado. Diziam que um oficial havia perdido a cabeça em uma explosão em Gericinó e uma mulher de preto, costumavam aparecer de vez quando nos corredores do hospital. Verdade ou mentira, alguns fatos estranhos ocorriam.

OFICIAL DE DIA – Durante os plantões, éramos obrigados a provar a comida a ser servida aos oficiais e funcionários, antes das refeições. Eu tinha um apetite fora do comum e comia duas vezes. A segunda, no almoço dos médicos e enfermeiras. Como eu havia saído de sete anos de pensão, onde a comida não era um ponto forte, nunca deixei de aprovar as refeições, o que era motivo de reclamação dos colegas. Quando achavam a comida sofrível diziam: “O Lisboa deve estar de plantão”.

FANTASMA - Como o trabalho era intenso, eu costumava dormir no hospital ou trabalhar aos sábados. Saí de Botafogo às 20 horas e avisei ao sargento enfermeiro de plantão que estava indo para o hospital. Um pneu furou e atrasei-me um pouco. Ao chegar, encontrei o sargento transtornado. Foi logo perguntando se eu estava bem. Estranhei o comportamento dele e perguntei-lhe se algo havia acontecido. “Dr, Lisboa, às 9 horas e 15, ouvi o barulho de abertura do portão de entrada. Vi uma pessoa e julguei que fosse o senhor. Desci e eu o vi dirigindo-se ao ambulatório. Chamei-o e o senhor não respondeu. Resolvi segui-lo. O senhor entrou no consultório e eu também. Não havia ninguém no consultório. Voltei e verifiquei que o portão do hospital estava fechado por dentro. Fiquei apavorado. Achei que o senhor teria sofrido algum acidente grave. Pedi ao Dr. Celso para telefonar para sua casa e confirmaram sua vinda para o hospital, o que aumentou minha aflição. Como explicar o acontecido?”

TRAUMA CRANIANO - Dois cadetes estavam prestes a decolar. O avião que estava atrás decolou e seu piloto não viu que o da frente estava parado. A hélice foi destruindo o que tinha pela frente e só parou na cabeça do cadete que pilotava o outro avião. Esse fato ocorreu em 1952. O cadete foi levado em coma para o hospital. Ficou internado em um leito sem proteção lateral. Rolava de um lado para outro, o que exigia extrema vigilância para que ele não caísse. Fiquei ao seu lado e, às nove da noite, chamei um soldado e mandei que ele fosse dormir, pois eu precisaria que ele me substituísse às seis da manhã. Às seis em ponto ele chegou, avisei-o de que não poderia se afastar do leito por um minuto sequer e fui dormir. Acordei às seis e quinze da manhã, correndo feito um louco, de pijama, no corredor do hospital. Entrei no quarto e segurei o cadete ainda do ar, evitando a queda. O soldado havia saído para tomar café. Quem me acordou? Não sei.

O ROUBO DO CAMINHÃO - Estava dormindo. Acordei às duas horas da madrugada. Algo me impelia a ir até a garagem do hospital. Noite fria, eu relutava em levantar. Não conseguindo dormir, vesti o uniforme e resolvi ir até a garagem, localizada fora do hospital. Constatei a falta de um caminhão. O sargento, encarregado de vigiar o hospital, havia retirado o veículo para fazer uma mudança. Esperei-o no portão. O que ele havia feito era considerado falta gravíssima, suscetível de demissão. Tinha 25 anos de serviço e pedi-me que não comunicasse o ocorrido. Após chamar-lhe a atenção, resolvi encerrar o caso. O que me fez levantar e ir até a garagem? Não sei.

GRANIZO -Terça-feira, manhã linda, sem uma nuvem. Aproveitando o bom tempo, os cadetes decolaram. Às dez horas da manhã, o tempo fechou e, em poucos minutos, caiu uma chuva de granizo. Fato insólito, ainda mais por ter acontecido no Rio de Janeiro. Atingidos pela chuva de granizo, ainda no ar, os cadetes chegavam ao hospital, um após outro, vítimas de hipotermia. Os colegas em tom de brincadeira diziam: “Só poderia ter acontecido no plantão do Lisboa”. A estrada em frente ao hospital ficou coberta por uma camada de gelo durante dois dias.

ATROPELAMENTO -Sábado à noite. Chegou ao hospital um rapaz que, andando de bicicleta, havia sido atropelado por um carro. Examinei-o, constatei que havia fraturado o fêmur e, como era um acidente, disse-lhe que eu teria que comunicar o fato à polícia. Ao começar a registrar a ocorrência, chegou o atropelador. Os dois se conheciam, trocaram abraços. Conversaram, e o atropelado assumiu a culpa pelo acidente para salvar o amigo. Alertei-o sobre as possíveis consequências de suas declarações. Disse-me que era um grande amigo do atropelador e não queria vê-lo complicado com a justiça. Registrei as informações e internei o fraturado. Dez dias depois, sou chamado na enfermaria. Choroso, o rapaz me disse que o “amigo” o estava processando e exigindo que ele pagasse o conserto do carro.

MEU FILHO NÃO COME NADA -A criança tinha três anos. A mãe o tinha levado para ser consultado por “não comer nada”. Menino sadio, bem nutrido,

alegre. Não encontrei nada de anormal. De repente, a mãe tira da sacola um enorme sanduiche de marmelada. Não o pãozinho de hoje! Pão modelo 1951, com um pedaço de marmelada de dois centímetros. Perguntei-lhe:

- A senhora não me disse que ele não comia nada?
- Não, doutor, doce ele come. Não come comida de sal.

Esse episódio virou um capítulo do meu livro “O Seu Filho no Dia a Dia”.

INFARTO- Jovelino tinha 54 anos. Chegou ao hospital com fortes dores no peito. Diagnostiquei como infarto, comprovado pelo eletrocardiograma. Não queria ficar internado. Tive que convencê-lo. Após o jantar, fui visitá-lo na enfermaria. Estava assentado na borda da cama. Dizendo-me que não estava sentindo mais nada, pediu-me que lhe desse alta. Respondi-lhe que, pela manhã, voltaria a vê-lo. Virei as costas e ouvi um barulho surdo. Jovelino estava caído no chão, morto.

O ALCOÓLATRA - Juarez era um alcoólatra inveterado. Atendi-o no ambulatório e avisei-o que, se continuasse bebendo tanto, ele iria começar a tremer muito e a ver animais como ratos, gatos, pulando em cima dele (“delirium tremens”). Respondeu-me: “Doutor, todos os dias eu estou vendo onças, elefantes, leões, cobras, querendo me pegar. Estou apavorado”. Resolvi interná-lo. Após cerca de vinte dias, pediu-me para dar-lhe alta, pois já não estava vendo mais os animais. Enquanto falava comigo, fazia movimentos com os braços e mãos como se estivesse enxotando bichos que estariam pulando sobre ele. Resolvi mantê-lo mais um tempinho no hospital.

RASPAGEM DE TÁRTARO – O soldado tinha 18 anos. Foi ao dentista, que resolveu remover o tártaro. A gengiva começou a sangrar, como costuma acontecer. Mas, não nesse caso. O sangramento não parava, e o pracinha morreu de anemia aguda. Ele tinha leucemia e ninguém sabia.

FORMATURA -Final de ano. Estou de plantão quando chega ao hospital o Comandante do Corpo de Cadetes.

- Dr. Lisboa. Amanhã é o dia da formatura dos cadetes. Vou pedir-lhe alguns favores. O primeiro, vários cadetes irão chegar aqui hoje à noite completamente bêbados e eu lhe pediria para não registrar nenhuma ocorrência. O segundo, eles terão que estar absolutamente em forma às oito horas da manhã para comparecerem à formatura.

Foi uma noite inesquecível. Chegavam os cadetes a toda hora, bêbados, muitos cobertos de vômitos, outros não conseguiam nem falar. Primeiro eles iam tomar um banho frio, colocar o pijama, e, depois, uma injeção de Coramina na veia (o que se usava na época). Às sete horas da manhã, outro banho e, às oito horas, todos para o ônibus.

Mais tarde o comandante veio agradecer-me a eficiência.

REVEILLON - Evaldo tinha sido meu contemporâneo na Faculdade. Um ano à minha frente. Ele e Tiago de Mello eram os que davam mais e piores trotes nos calouros, onde eu estava incluído. Foi lotado no hospital um ano após minha

chegada. Noite de réveillon, de plantão, tomou uma bebedeira e dançou a noite inteira com a chefe das enfermeiras, aliás, uma morena de não se jogar fora. Telefonaram-me dizendo que ele não tinha condições de gerir o plantão. Orientei o sargento para chamar o Dr. Celso, que morava vizinho ao hospital, o que foi feito. O “baile” havia sido assistido e estava sendo comentado, por todos os doentes e funcionários. Evaldo foi chamado pelo Diretor e punido com quinze dias de prisão domiciliar. Ficou revoltado com a “injusta” punição e queria externá-la junto ao Coronel Diretor. Consegui demovê-lo, dizendo-lhe que, se eu fosse o Diretor, o teria demitido.

Pouco tempo após, convidou-me para alugar um apartamento no centro da cidade para encontros amorosos. Fiz-lhe ver que eu estava muito bem casado. Passados poucos meses, foi descoberto que era um local de encontro de gays.

Saí da Aeronáutica e alguns anos após soube que ele tinha ficado noivo de uma moça, filha de um Coronel diretor de uma instituição de ensino e que, pouco antes do casamento, havia fugido com um sargento da corporação. Não sei se estarão casados e, se felizes ou não.

SARAIVADA DE TIROS -Uma conversa comum nos plantões era sobre a intentona comunista, quando vários oficiais foram assassinados pelos colegas. Os mais velhos tinham vivenciado os acontecimentos e nos contavam, com nomes e locais, o que tinha ocorrido. Cumpre dizer que o Hospital da Aeronáutica dos Afonsos, em 1951, ficava isolado, em um local deserto, à beira de uma estrada. Durante às noites, o silêncio era total. E, naquela época, existiam rumores que as ocorrências de 1937 poderiam acontecer novamente.

Em uma dessas noites, estávamos conversando sobre o tema, quando ouvimos uma saraivada de balas, bem no portão do hospital. Ninguém se mexeu. Ouvimos gritos: “Abram a porta! Abram a porta!”. Tive que descer e abrir o portão. Um jipe havia freado subitamente e a metralhadora, disparado. Estavam trazendo um soldado ferido. Um oficial, suspeitando de um movimento anormal em um matagal próximo à Escola de Aeronáutica, mandou um grupo de pracinhas ver o que estava acontecendo. Um deles, apavorado com o mato mexendo, atirou e acertou a coxa do colega, que teve uma fratura no fêmur.

O ORADOR -Na sala de almoço existiam três mesas: a dos oficiais superiores (major, tenente-coronel), a dos oficiais e a das enfermeiras. Eu, tenente, ficava na dos oficiais. Considero-me uma pessoa alegre, mas, naquela época, eu o era muito mais. Assim, o pessoal da minha mesa passava o tempo rindo. Isso incomodava o Coronel Diretor que, obviamente, não sabia o motivo dos risos. Para satisfazer sua curiosidade mandou que: “A partir de hoje, o Dr. Lisboa ficará na minha mesa pois, assim, eu poderei controlá-lo”. Tudo bem, até o momento em que ele nomeou-me orador oficial. Eu não sabia e detestava fazer discursos. Todo aniversário lá vinha a ordem; “Agora ouviremos o Dr. Lisboa que vai saudar o Dr. Guarita, aniversariante do dia”. No início, eu dizia umas duas ou três palavras, me assentava, e ele dizia: “Não foi suficiente. Você não gosta do

Guarita?” Penei. Mas, tudo tem um lado bom. Aprendi a falar em público, o que foi muito útil para minha carreira.

APRENDIZADO -Aprendi muito com o Dr. Oriovaldo Bernitez de Carvalho Lima, Diretor do Hospital. Furioso com algo que havia acontecido, escrevi um memorando violento e levei-o ao Diretor. O Dr. Oriovaldo leu-o e disse-me que não poderia receber um documento naqueles termos. Perguntou-me se eu achava que tinha razão. Respondi-lhe que sim. “Então, você deverá escrever friamente os fatos, como ocorreram, e não a sua raiva. Quando você usa termos ofensivos, ditados pela raiva ou inconformismo, qualquer pessoa percebe que você escreveu com emoção e não somente com a razão. Se, ao contrário, você relata somente o acontecido, com o qual você não está de acordo, as pessoas têm tendência a acreditar no que você escreveu”. Durante 35 anos, chefiar serviços e essa sábia lição me foi extremamente útil. Escreva o que viu, o que realmente aconteceu e deixe o julgamento para quem tem o direito ou o dever de tomar as providências.

CORTE DE CABELO - Os oficiais cortavam o cabelo no alojamento dos médicos. Eu estava na fila, esperando, quando entrou o Custódio, capitão intendente, e disse ao barbeiro: “Depois deste, sou eu”. Disse-lhe que eu estava na fila. Respondeu-me que era capitão e eu tenente, portanto, meu superior. Fiz-lhe ver que eu era médico e não abriria mão do meu direito. Como insistisse em sua atitude, subi ao gabinete do Diretor e disse-lhe o que estava acontecendo. Fiz-lhe ver que me considerava um médico e se meu trabalho dependesse da hierarquia militar, eu iria pedir demissão. A secretária desceu ao alojamento e disse: “Capitão, o Coronel mandou dizer-lhe que o senhor não passe na frente do Dr. Lisboa”. O capitão não gostou, mas cumpriu as ordens. Foi a única vez, em quase cinco anos de médico da Força Aérea Brasileira, que alguém tentou usar a patente contra mim. Sempre fui tratado como médico e de uma forma respeitosa e carinhosa.

O TENENTE CORONEL OSWALDO BALOUSSIER-Era um dos comandantes mais considerados e temidos da Aeronáutica. Para ser promovido tinha que ser aprovado em exame médico. O Cel. Oriovaldo pediu-me que fizesse o exame. Constatei que o Coronel tinha uma arritmia importante e que era um esportista e um fumante inveterado. Apesar de sua idade, praticava futebol, vôlei e basquete, quase diariamente. Pedi-lhe que suspendesse os cigarros e o esporte por um mês e voltasse para novo exame. Os colegas ficaram em pânico, temendo repressões contra mim. O Cel. Oriovaldo chamou-me ao seu gabinete e tentou convencer-me a assinar o laudo, favoravelmente, alegando que eu, inclusive, poderia prejudicar a promoção do oficial. Chegou a um ponto que eu lhe disse: “Dr. Oriovaldo, o senhor é médico. Por que o senhor não assina o laudo?” E com essa colocação, terminou a conversa. Um mês depois o Coronel voltou e disse-me: “Voltei e cumpri as recomendações dadas pelo senhor. Estou às suas ordens”. Não constatei arritmia, e o eletrocardiograma foi normal. “Agora, Coronel, o senhor está bem”. E o que o

temido coronel respondeu? “Dr. Lisboa, eu desejaria que todos os médicos fossem como o senhor. Muito obrigado”.

A VIÚVA E A FAMÍLIA -Praticamente desde a minha chegada ao Hospital, passei a cuidar da família do Coronel Oriovaldo – esposa, filho, familiares e também de pessoas amigas dele. Em uma das vezes, pediu-me para atender a viúva do primeiro diretor do Serviço de Saúde da Aeronáutica. Eu, jovem, estava formado há dois anos e esse episódio marcou-me. A senhora estava muito deprimida e esse talvez fosse o seu maior problema. Como esposa de um Brigadeiro, ocupando um alto cargo, havia tido uma vida cheia de recepções, festas. Uma vida social muito ativa. De um momento para outro, perdeu o marido. Os “amigos” sumiram. As visitas e as festas acabaram. Ela me disse: “Doutor, eu fui enterrada com o meu marido”. Nunca mais me esqueci dessa frase, escutada pela primeira vez. E, quantas vezes mais eu tive a infelicidade de escutá-la! **VOO DE COQUELUCHE** – Semanalmente, às quartas feiras, havia um voo dedicado às crianças com coqueluche. Achavam, na época, e parece que dava certo em alguns casos, que voos a 4.000 metros diminuíssem as crises de tosse das crianças portadoras de coqueluche. Eu fiz vários deles. Grávidas eram proibidas de entrar no avião. Eu, na porta, controlando a entrada das mães com as crianças quando, sobe, rapidamente, uma mocinha barriguda. Eu já havia avisado várias vezes que grávida não poderia entrar. Subo atrás dela e digo, rispidamente: “Você saia do avião. Não ouviu dizer que grávida não entra!”. Ela respondeu-me: “Doutor, eu não sou grávida, sou gorda”. Não falei mais nada.

A ESCOLA DE AERONÁUTICA -Ficava ao lado do Hospital dos Afonsos. Tinha um Centro Médico, que funcionava como um ambulatório e atendia, pela manhã, a cerca de quarenta pessoas. A maioria, soldados que queriam licenças médicas. Havia um capitão médico para atender a eles e a todos os outros casos que aparecessem. Serviço quase impossível. Então implantou algumas medidas para tentar resolver o problema. Quando o soldado se queixava de alguma “doença” para obter licença, ele mandava aplicar uma ampola de “Proctinjectol”, a injeção mais dolorosa já inventada no país, e mandava para uma sala ao lado. Outro grupo de queixosos leves, ele mandava dar uma aspirina. Um terceiro grupo ele mandava para outra sala para serem internados no Hospital. As salas tinham portas que davam para fora do Centro. E o que acontecia? A turma da sala da injeção, escapava pela porta dos fundos, propositalmente deixada aberta. A maioria dos que estavam para ser hospitalizados também fugia. Restava uma meia dúzia de soldados realmente doentes que recebiam licença ou eram enviados para o Hospital. O esquema parecia funcionar até que foi enviado para o Centro o Tenente Dr. Roberto Penteado, meu amigo. Extremamente responsável, o Roberto examinava cuidadosamente e carinhosamente todas as pessoas. A clientela voltou a crescer e o trabalho dobrou. Fui procurado pelo Capitão para que eu convencesse o Roberto a deixar de atender as pessoas como vinha fazendo e passasse a aplicar o método dele:

injeção e ameaças de internação. O Roberto foi o primeiro médico da Aeronáutica a vir para Brasília, convencido por mim.

O DISCO VOADOR – As noites no Hospital eram lúgubres. O local do Hospital era deserto, o silêncio era quebrado somente pelo barulho dos esterilizadores. Uma noite recebo um telefonema dizendo que o centro da cidade estava sendo destruído pelos discos voadores e pedindo eu enviasse ambulâncias, com urgência. Telefonei para minha casa e pedi notícia das crianças. Tudo bem. No outro dia fiz uma comunicação ao Diretor sobre a gravidade da feitura de trotes. Lembrei-lhe de Pearl Harbour. Lá não acreditaram e foi um desastre. E também de uma ocorrência no Hospital Central da Aeronáutica. Uma pessoa, dizendo ser o General Dutra, pediu uma ambulância para o Palácio do Catete, onde ele morava. O oficial médico de plantão, respondeu: “Fulano, seu f.p., vai dar trote na sua mãe”. Pouco depois, outro telefonema. Era o Diretor Geral de Saúde da Aeronáutica pedindo que o oficial médico enviasse uma ambulância para atender ao Presidente da República.

O REVÓLVER – Assim que entrei para a Aeronáutica fui obrigado a comprar um revólver. Passei a levá-lo em minhas viagens. Um dia, acompanhado de minha esposa e dos quatro filhos, o menor com meses, levei uma fechada de um carro na Avenida Brasil, no Rio. Pouco tempo após, outra, do mesmo carro. Perdi o controle, tirei o revólver do porta-luvas, mirei o motorista do outro carro e dissilhe: “Experimente fechar de novo”. Minha mulher e meus filhos começaram a gritar. A fechada não se repetiu, mas, desse dia em diante, não carreguei mais o revólver no carro.

AS CIRURGIAS – Por duas vezes fui ameaçado de ser operado. Tive fortes dores dos joelhos e disseram que eu deveria ser operado dos meniscos. Medroso, não fiz e...fiquei bom. De outra feita, comecei a ter dores violentas na coluna. Andava bem, mas, tinha dificuldade para assentar-me e levantar-me. Ao chegar ao hospital, um enfermeiro tinha que me retirar do carro. O ortopedista examinou-me, mandou fazer uma radiografia de coluna e indicou cirurgia. De novo, o medo salvou-me. Fiquei quase um mês com as dores. Após esse tempo, elas sumiram e não voltaram.

XAVANTINA – Quinzenalmente, era enviado um avião com médicos para Xavantina, interior do Mato Grosso. Em 1952, fui eu o enviado. Xavantina era uma vila com cerca de trinta casas, em torno de uma praça. Assim que cheguei, tomei dois litros de limonada e fui tomar banho no Rio das Mortes. As quatro horas da tarde, comecei a atender a população. Eram mais de trinta pessoa, amontoadas na “sala de espera”. A maior parte dos homens se queixava de diarreia; as mulheres, de corrimento vaginal. As seis e meia, tocou uma sirene, e as pessoas ainda não atendidas, se retiraram. Ai sair do consultório, ninguém mais ali se encontrava. Nenhuma reclamação. Saíram e voltariam quinze dias após, quando chegaria um outro médico. Meu alojamento era constituído de um catre no chão, a porta não fechava, e eu sabia que os índios moravam do outro lado do rio. O gerador foi desligado às nove horas e baixou uma escuridão total.

Coloquei meu revólver debaixo do travesseiro, e tentei dormir. No outro dia, pela manhã, voltei para o Rio de Janeiro. No meu relatório denunciei a falta de informações sobre o consumo de água não tratada, causa das diarreias, e sobre a existência de piranhas no Rio das Mortes, que eu só soube após ter nadado.

ELOGIOS

31.12.1952 - Elogiado, individualmente, pela Direção do Hospital de Aeronáutica dos Afonsos, “pelo espírito de disciplina, competência profissional e capacidade de trabalho”.

30.01.1953 - Elogiado, individualmente, nos seguintes termos: “Em vista dos agradecimentos e congratulações apresentadas a este Hospital pelo Exmo. Sr. Brigadeiro Médico Dr. Manuel Ferreira Mendes, pela colaboração deste Hospital nas comemorações da 2ª Semana do Serviço de Saúde, realizada no transcurso do 12º Aniversário de Criação do Ministério da Aeronáutica, esta Diretoria elogia a 1º Ten.Med. da Aeronáutica, Dr. Antonio Marcio Junqueira Lisboa, pela valiosa cooperação prestada à realização da 2ª Semana do Serviço de Saúde, demonstrando cultura profissional, inteligência e interesse pela manutenção do alto conceito atingido pelo Serviço de Saúde da Aeronáutica”.

24.03. 1953 - Foi elogiado pelo Maj. Med. Dr. Wilson de Oliveira Freitas, Diretor do Hospital de Aeronáutica dos Afonsos nos seguintes termos:” Elogio o Ten. Med. Dr. Antonio Marcio Junqueira Lisboa, médico moço, mas sólido em cultura geral de sua especialidade, sabe se multiplicar de maneira a atender com eficiência aos exames da Junta Especial de Saúde, aos inúmeros doentes de ambulatório e às exigências de suas funções na Seção Auxiliar. É elemento brilhante da geração nova”,

25.05.1953 – Elogiado, individualmente, pelo Exmo. Sr. Brigadeiro Médico Manuel Ferreira Mendes, Diretor Geral de Saúde da Aeronáutica, “pela inteligência, dedicação e didática demonstradas nas sábias aulas ministradas com eficiência e operosidade aos alunos do Curso Especial de Saúde da Aeronáutica”

07.12.1954 - O Cel.Med.Dr. Oriovaldo Benitez de Carvalho Lima, deixou consignado o seguinte elogio para o Ten. Med. Dr. Antonio Marcio Junqueira Lisboa: “Chefe da Seção Auxiliar e, cumulativamente, respondendo pela Chefia da Clínica Médica, pela lealdade, operosidade, interesse e dedicação com que se devota ao trabalho e pelos marcantes dotes de inteligência, cultura atualizada e dignidade com que já se destaca como elemento de escol no Quadro de Saúde da Aeronáutica”.

22.01.1955 - Ao ser desligado do Hospital de Aeronáutica dos Afonsos, por ter sido transferido para o Hospital Central da Aeronáutica, cumpre a esta Direção consignar seus agradecimentos ao Ten.Med.Dr. Antonio Marcio Junqueira Lisboa. “Servindo há cerca de três anos neste Hospital, demonstrou qualidades de profissional competente e dedicado, sempre interessado no aprimoramento de conhecimentos técnicos, aliados ao interesse no desempenho de suas atribuições militares. Oficial moço, diligente e dotado de esmerada educação civil e compreensão do dever militar, fez-se credor da admiração de seus chefes e

amizade de seus colegas. Ao Dr. Lisboa felicidades na nova missão são os votos que lhe faz a Direção do Hospital de Aeronáutica dos Afonsos”

O HOSPITAL CENTRAL DA AERONÁUTICA

Em 1953 fui transferido para o Hospital Central da Aeronáutica. Guardo, dos anos que servi na Aeronáutica, além de gratas recordações, minha folha de serviços com os elogios que ali recebi. Irei relatar alguns episódios que ocorreram durante o tempo em que ali servi.

A REVOLUÇÃO - 11 DE NOVEMBRO - Cinco horas da manhã. Recebi um telefonema pedindo que eu fosse, imediatamente, para o Hospital, fardado e armado. Às seis horas, já dia, eu estava subindo a Rua Alice, em Laranjeiras. Estranhei o trânsito intenso àquela hora. Ao cruzar com um veículo, o motorista disse-me: “Você vai ser preso. O túnel está tomado pelo outro lado”. Recebi outros avisos semelhantes. Raciocinei: está se passando algo que eu não sei; que existem dois lados; que o lado contrário controla o túnel; que eu não tenho como voltar e que, possivelmente, serei preso. Escondi o quepe e o revolver. O túnel estava guardado pela Polícia Militar. Bateram continência e eu passei. Logo cheguei ao Hospital e soube da revolução: Exército de um lado e nós e a Marinha do outro. Fomos todos, os oficiais, reunidos no Gabinete do Diretor, inclusive o Brigadeiro Diretor Geral de Saúde, que nos conclamou a nos comportarmos como médicos e, como tal, atendermos os eventuais feridos de ambos os lados e, sobretudo, a não reagirmos. O Diretor do Hospital, Dr. Salem, Coronel, pediu a palavra e disse: “Sou o Diretor deste Hospital e não admitirei que qualquer elemento do Exército ultrapasse os portões da entrada”. O que inflamou a turma. Felizmente, ninguém do Exército apareceu. Ficamos dois dias de plantão. Havia somente um médico a favor da revolução: um colega meu da Faculdade de Medicina, e eu fui encarregado de vigiá-lo. Sabíamos das notícias pelos rádios de pilha. Eu, muito preocupado com o nascimento da minha filha, que ocorreu dia 20 de novembro, e com o tio de minha esposa, o Presidente Carlos Luz, que havia escapado em um navio. Em pouco tempo, a situação parecia ter voltado à normalidade. Parecia...

A CONTRA-REVOLUÇÃO –Passados alguns dias, fui procurado pelo Major Dr. João Vater, cirurgião. Confidenciou-me que estaria sendo organizada uma contrarrevolução no Rio Grande do Sul. Queria saber se poderia contar comigo e pediu-me sigilo absoluto, inclusive que não comentasse com minha esposa. Eu deveria ficar preparado para embarcar a qualquer momento e receberia um aviso. Procurou-me, novamente, e perguntou-me se eu poderia perguntar ao Presidente Carlos Luz se ele toparia ficar à frente do movimento.

O Carlos Luz era de minha terra natal, Leopoldina, casado com uma prima e havia me conhecido ainda recém-nascido. Nossas famílias foram sempre muito amigas. Minha esposa era sobrinha dele. Eu tinha toda liberdade de ir à casa dele. Foi o que fiz. Perguntei-lhe se poderia liderar o movimento. A resposta: “Antonio Márcio, não quero me envolver, sou contra, acho que vocês

estão fazendo uma loucura que nunca terá o meu apoio. E, ainda mais, não queria vê-lo envolvido nessa história”. Transmiti o recado ao Vater, mas ele disse que continuaríamos de qualquer maneira.

Algum tempo após, estou de plantão, e o Vater telefonou-me pedindo que eu fosse até a clínica dele. Pensei: é o sinal. Telefonei para meu amigo e colega Jacques Bulcão e pedi-lhe que fosse ao hospital, e, pedindo sigilo, contei-lhe os planos, e disse-lhe que eu deveria desaparecer por uns tempos. Chamou-me de louco e tentou convencer-me que eu estaria cometendo um grande erro. À noite, após o plantão, segui para a clínica do Vater. Ao chegar, ele agradeceu-me a vinda, e disse que queria que eu visse uma criança internada, um caso complicado. E, nessa hora, terminou minha participação na revolução de onze de novembro. Sem mortos ou feridos.

APENDICITE - Eu estava no Hospital havia poucos meses. O Diretor chamou-me e pediu para internar uma criança com apendicite, examiná-la e assinar a autorização, para que fosse operada de urgência. Examinei-a, não achei que fosse apendicite e não assinei. Eu tinha quatro anos de formado. O Diretor, informado da minha recusa, manda chamar-me, e diz: “Lisboa, essa criança foi enviada pelo Professor de Pediatria fulano, meu cunhado, para ser operada.

Cabe a você só assinar a autorização”. “Dr. Salem, não posso assinar porque eu não acho que seja apendicite. Mas, o senhor pode assinar”. “Se alguma coisa de ruim acontecer com esta criança, vou responsabilizá-lo”, disse ele. A conversa chegou aos corredores e vários colegas me procuram para avisar-me do risco que eu estava correndo. Suspeitei de pneumonia e, como a criança tinha o fígado aumentado, de comprometimento hepático, pedi os exames necessários. A criança estava com uma grave infecção estafilocócica, com pneumonia e abscesso hepático. Comuniquei ao Diretor o resultado dos exames e justifiquei o porquê de não haver assinado a autorização. Se eu a tivesse assinado, possivelmente a criança estaria morta. Após quinze dias internada, teve alta e curada.

FEBRE TIFÓIDE- Às três da madrugada, atendi a uma senhora de 60 anos com febre alta havia cinco dias. Estava desidratada e o estado geral bem comprometido. Resolvi interná-la para reidratá-la e, como o laboratório àquela hora estivesse fechado, seriam feitos, pela manhã, os exames complementares necessários ao diagnóstico. Pela manhã, estava atendendo no ambulatório, quando várias pessoas informaram-me que o Diretor estava furioso. A paciente havia feito os exames e foi diagnosticado febre tifóide, doença sobre a qual havia uma determinação da direção, proibindo terminantemente a internação. Até a secretária do Diretor, que gostava muito de mim, veio me prevenir que viria “chumbo grosso” e que todos os médicos haviam sido convocados para uma reunião para tratar do caso. Resolvi me adiantar e fui ao gabinete. O Diretor estava inconformado e furioso. Fiz-lhe ver que eu não poderia recusar a internação de uma paciente idosa, desidratada, gravemente doente. E se ela morresse na ambulância, durante a remoção? Fiz-lhe ver que o diagnóstico

havia sido laboratorial e o laboratório não funcionava a noite. Ele sempre contra-argumentando. Para terminar, eu lhe disse: “Dr. Salem, de hoje em diante, eu vou telefonar para sua casa, a qualquer hora, para saber se o senhor permitirá ou não qualquer internação. Assim, acredito que não existirão mais problemas”. Às onze e trinta começou a reunião; Todos esperando minha crucificação. O Dr. Salem, disse: “A noite passada foi internada uma pessoa com febre tifoide. Quero aproveitar esta reunião para reiterar a importância de não serem internadas patologias como essa, por não estar o Hospital preparado para recebê-las. A internação foi feita pelo Dr. Junqueira (às vezes me chamava pelo sobrenome), um dos nossos mais brilhantes colegas, que justificou plenamente seu comportamento. Está encerrada a reunião”.

PNEUMONIA ESTAFILOCÓCICA -Novembro de 1955.Eu estava me preparando para o concurso para entrar para o Serviço de Pediatria do Hospital dos Servidores do Estado, no Rio. Diziam que eram noventa candidatos inscritos para seis vagas. Brincavam comigo: “Se você for reprovado vão lhe mandar para a Base Aérea de Belém”. “Você sabe que já existem quatro vagas a serem preenchidas por apadrinhados? ”. Eu respondia que a quinta vaga seria minha. Nesse clima de tensão, deu entrada no Hospital a Lucinha, oito meses, filha de um dos meus melhores amigos, colega de turma, companheiro de estudos na Faculdade, o Roberto Bittencourt. Estava com pneumonia estafilocócica e um quadro respiratório gravíssimo. Colocamos na tenda, aplicamos antibióticos e nada. Suspeitei de um empiema pleural (pus na pleura), uma complicação frequente neste tipo de pneumonia. Mas as radiografias não confirmavam. Pedi a um cirurgião que drenasse o possível empiema. Ele consultou o radiologista e se negou a fazê-la. Como eu insistisse muito, ele resolveu drenar, desde que eu assumisse a responsabilidade se a criança morresse no procedimento. Aceitei, e o cirurgião enfiou uma agulha no tórax da criança. Não saiu nada. “Lisboa, eu não lhe disse que não tinha nada?”. Pedi-lhe que colocasse uma agulha mais grossa. Temeroso, ele pegou um trocarer (agulha grossa) e o enfiou no tórax. O pus jorrou a quase um metro de distância. A respiração melhorou imediatamente e a cianose acabou. Dez dias após, teve alta, curada. E eu fiz as provas do concurso, peguei o quinto lugar, e saí da Aeronáutica.

SARCOMA BOTRIÓIDE – Logo que cheguei ao HCA, pediram que eu atendesse a uma criança com um mês de idade, que apresentava uma hemorragia vaginal. Ao examiná-la notei que, da vagina, saía uma formação que simulava um cacho de uvas bem pequenas. Nenhum dos ginecologistas e obstetras havia visto uma situação igual. Fui estudar e consegui fazer o diagnóstico, mais tarde confirmado pela biópsia. Trava-se de um câncer altamente maligno denominado Sarcoma botrióide. Mesmo operada, a criança não sobreviveu. Em 1954, foi o primeiro caso dessa patologia publicado no Brasil.

SANGUE NA FRALDA – Fui designado para servir no berçário, em substituição ao colega que havia entrado em férias. Um dia, ao examinar um

recém-nascido, notei a fralda suja de sangue. Naquela época, ainda usávamos alfinetes para prendê-las. Chamei as enfermeiras e busquei a culpada que, não apareceu.

Como eu não soubesse nada sobre recém-nascidos, fui estudar o caso. Envergonhado, aprendi que, aquele “sangue” não era nada mais que cristais de urato, comuns em urina de recém-nascidos.

TUMOR DE WILMS– Criança com sete meses, com uma pequena tumoração abdominal. Diagnosticuei como um tumor denominado de Wilms que, se operado precocemente, é curável. Expliquei aos pais a necessidade da cirurgia imediata. Não concordaram. Voltaram quatro meses após. Tumor imenso, com metástases, já inoperável.

PENSÃO -Carlos Eduardo e Maurício eram dois capitães aviadores, pilotos de caça. Morreram jovens.

Em uma manhã, Carlos Eduardo levantou-se, tomou banho e pediu à esposa, com voz de bebê, que lhe passasse talco. A esposa achou graça do pedido, mas colocou o talco. Com a mesma voz, pediu para lhe colocar uma fralda. Começou a engatinhar e evacuou na fralda. A esposa ficou assustada e ligou para o Hospital. O Carlos Eduardo foi internado, entrou em coma e morreu, no mesmo dia. Causa: rompimento de aneurisma cerebral. Tinha esposa e dois filhos.

O Maurício levantou-se, vestiu-se e, ao colocar as meias, caiu de costas na cama. Estava morto. A esposa disse-me que o ato de colocar as meias exigia-lhe um grande esforço. Causa: infarto do miocárdio. Tinha esposa e três filhos.

Fui encarregado dos dois inquiridos. Se a causa da morte tivesse relação com as atividades desempenhadas por eles, as viúvas receberiam uma pensão maior. Caso não houvesse, receberiam parte do salário dos maridos. Estudei bem os casos. Aprendi que o comportamento bizarro, de regressão, pode ser um dos sinais do rompimento do aneurisma. Estudei, sempre com o objetivo de proteger as famílias, as crianças. No relatório final, consegui provar como a atividade de pilotos de caça poderia ser responsável pela causa da morte dos aviadores.

Meses após fui ao Ministério falar com o Coronel Sabrosa, que tinha recebido os relatórios. Olhou para mim, riu, e disse: “É, o senhor conseguiu provar a relação entre a atividade de piloto e a causa da morte dos dois”. O tom foi irônico e de provocação. Respondi-lhe: “Coronel Sabrosa, acho que o senhor deveria dar meu nome e endereço para sua esposa, porque, se algo lhe acontecer, sua família não ficará desamparada”. E as famílias receberam a pensão devida.

O GUARDA-COSTAS - Eu desempenhava várias funções no Hospital, inclusive substituía o cardiologista. Nessa função, atendi a um paciente negro, fortíssimo. Quando tirou o paletó, apareceu uma imensa pistola 45. Conversamos;

- Por que você usa esta pistola?

- É preciso, doutor.
- Se eu fosse forte como você, eu não usaria a pistola.
- Mas, o que eu faço pode exigir a pistola.
 - Você caça bandidos?
- Às vezes.

E a conversa continuava sempre em tom irônico, enquanto eu o examinava e fazia um eletrocardiograma.

Logo que ele saiu, um colega sussurrou; “Você sabe com quem você está fazendo esta gozação?” “Não”. “Com o Gregório Fortunato, guarda-costas do Presidente Getúlio Vargas”. Gregório voltou mais uma vez, agradeceu-me e disse: “O senhor gosta de uma brincadeira”.

CRIAÇÃO DA PEDIATRIA - Durante o período em que servi na FAB (Força Aérea Brasileira), tentei convencer meus superiores da necessidade de admissão de médicos pediatras, sem resultado. Argumentavam que os aviões não tinham filhos. E eu contestava que deviam ficar grávidos, pois existia o quadro de obstetras. Em 1954, estagiei no Serviço de Pediatria do Walter Reed Army Hospital, em Washington. Ao voltar, avisei meus superiores que, caso não fosse criado um serviço de pediatria, eu iria pedir demissão. Em dezembro do mesmo ano, prestei concurso para o Hospital dos Servidores do Estado e fui aprovado. Minha saída, em abril de 1956, não foi bem aceita pelo Diretor Geral de Saúde da Aeronáutica, que ficou furioso. Como vingança mandou abrir, em julho do mesmo ano, o primeiro concurso para médicos pediatras, o que me dá o direito

de inferir que, de alguma maneira, contribuí decisivamente para que isso acontecesse.

ELOGIO

“Cap.Med.Dr.Antonio Marcio Junqueira Lisboa. Durante o tempo em que serviu neste estabelecimento, revelou-se um médico culto, trabalhador e, sobretudo, criterioso. Deixa neste Hospital uma plêiade de colegas que muito o estimam e que aqui ficam lhe desejando muitas felicidades na nova vida que espontaneamente escolheu”. Brig. Med. Dr. Antonio Melibeu da Silva, Diretor do Hospital Central da Aeronáutica.

A MATERNIDADE E POLICLÍNICA

ALEXANDER FLEMING

Pertencer ao quadro de médicos do Hospital dos Servidores do Estado (HSE) do Rio de Janeiro, nas décadas de 50 e 60, era um sonho de todos os médicos. Em fins de 1955, aprovado em concurso, entrei para o serviço de Pediatria do HSE, dirigido pelo Dr. Luiz Torres Barbosa, a quem considero meu mestre. Fui lotado na Maternidade e Policlínica Alexander Fleming, em Marechal Hermes, a primeira do Brasil a contar com pediatras de plantão trabalhando lado a lado com os obstetras.

O PRIMEIRO RECÉM-NASCIDO - No dia da inauguração, um sábado do mês de fevereiro de 1956, eu estava de plantão e tive aos meus cuidados o primeiro recém-nascido a ser atendido por um pediatra efetivo de plantão na sala de partos, no país. Nesse dia teve início a grande batalha para que todos os recém-nascidos fossem atendidos por um pediatra na sala de partos, pelo menos nas grandes maternidades. A semente plantada deu frutos e, hoje, grande parte dos recém-nascidos é atendida pelos pediatras, ainda na sala de partos. Em 1957, fui eleito Chefe do Serviço de Pediatria. Mais tarde, passei a Vice-Diretor da Maternidade, pioneira no ainda difícil processo de integração obstétrico pediátrica e no atendimento aos recém-nascidos na sala de partos.

CENTRO DE ESTUDOS PERINATAIS - Em 1959, consegui convencer, a não mais que uma dúzia de pediatras e obstetras, a fundar o Centro de Estudos da Maternidade e Policlínica Alexander Fleming. Reuníamos-nos uma vez por mês no prédio do IPASE, na Rua Pedro Lessa, região central do Rio de Janeiro, local escuro e lúgubre. Esse foi o primeiro centro de estudos perinatais criado no país. Mais tarde, passei a Vice-Diretor da Maternidade, pioneira no ainda difícil processo de integração obstétrico pediátrica e no atendimento aos recém-nascidos na sala de partos.

O AMBULATÓRIO DE PREVENÇÃO DO CÂNCER – O presidente do Instituto de Pensões e Assistência aos Servidores (IPASE) era um conhecido obstetra e, para mostrar serviço, resolveu inaugurar este ambulatório. Chegou à Maternidade em um sábado pela manhã e, a toque de caixa, escolheu uma sala, colocou uns móveis e algum equipamento e, às 11 horas, com a presença de jornalistas, da televisão e muitos discursos, estava inaugurado o Ambulatório de Prevenção do Câncer. À tarde, foi desativado. Foi a primeira vez que assisti esse tipo de inauguração enganosa.

PEDRO - Era um médico inteligente, mas não muito ético. Chefe do Banco de Sangue da Maternidade, encarregado de fazer as transfusões de substituição. Fora da Maternidade, exercia a pediatria. Como pediatra, sempre anotava o endereço e atividade dos clientes. Costumava ir ao local de trabalho deles, se

identificar como o pediatra dos filhos e, se possível, conseguir alguma vantagem, desde a diminuição dos preços ou ganhar presentes. E disso, se vangloriava. Eu era o chefe da Pediatria. Um dia procurou-me muito nervoso, chamando o Diretor de canalha e usando palavras de baixo calão. Contou-me que o diretor se negava a pagar-lhe extras relativos a transfusões feitas em seu horário de trabalho. O Pedro, quando era chamado durante a noite, com alguma frequência, empurrava o atendimento para seu horário de trabalho, que era das 8 às 12 horas. O Diretor mandava pagar os atendimentos fora desse horário, mas, com razão, questionava pagá-los quando realizados dentro dele. Terminou a conversa dizendo-me: “Você vai ver! Vou acabar com este canalha!”. Pedro procurou um deputado do PTB, seu amigo, e disse-lhe que o Diretor estaria vendendo ovos de galinhas de sua granja, a preços superfaturados, para a Maternidade. Os jornais noticiaram o fato. Foi aberto um inquérito administrativo. O Diretor, um tipo honesto, foi suspenso, em princípio até o final da investigação, mas, nunca mais voltou, apesar de ter sido inocentado. “Lisboa, eu não lhe disse que iria acabar com a vida dele?”, disse-me o Pedro, exultante. Esse episódio ocorreu em 1957. Em 1969 eu já estava em Brasília, e um colega perguntou-me: “Você tem notícias daquele diretor ladrão de ovos?” Triste.

DOR NAS COSTAS –O Nilson atendia adultos. Era um clínico estimado por todos. Atendia todo mundo, dez, vinte pacientes, pelas manhãs. Estávamos em 1958 e eu era vice-diretor da Maternidade. Entra um senhor furioso em minha sala, reclamando do atendimento recebido e pedindo providências. Chamei o Nilson e perguntei-lhe o que tinha ocorrido. Respondeu-me: “Lisboa, você sabe que eu atendo todo mundo. Às vezes, até 20 pessoas. O ambulatório, como sempre, está cheio. Esse senhor assentou-se e disse-me: “Doutor, em 1935, tive uma dor nas costas”. Interrompi-lhe, e disse-lhe para começar a contar o que ele estava sentindo, hoje. Foi o suficiente para que ele tivesse uma crise de fúria. Você tem que compreender que, se eu for ouvir as pessoas que se queixam de problemas há mais de 20 anos, eu não conseguiria atender a quase ninguém”. Nilson você não está muito certo, mas o que disse tem uma certa lógica. **OS**

OLHOS – Mateus passava a visita nos berçários em uma hora. Pedia as papeletas e passava as medicações, muitas vezes, sem examinar as crianças. Fiz-lhe ver que não era correto o que estava fazendo. Respondeu-me que assinava tudo que fazia e, assim, se responsabilizava. Até o dia que examinou um recém-nascido e escreveu que seus olhos eram normais. O recém-nascido não tinha olhos. De outra feita, constatamos que ele havia receitado um medicamento para vários prematuros com icterícia. O medicamento dava icterícia e ele pensou que fosse para curar a icterícia.

MALFORMADO –O recém-nascido era portador de malformações múltiplas. Não havia como sobreviver durante muito tempo. Eu havia passado a noite ao lado dele. Chegou vivo pela manhã. O pediatra que me substituiu leu a papeleta e disse-me: “Não entendo o seu esforço para manter viva uma criança malformada, que não viverá muito tempo”. Respondi-lhe: “Se você pensa assim,

é só você desligar o oxigênio”. Perguntei-lhe se havia desligado e ele respondeu-me: “Não tive coragem”. Aprendemos a lutar até o fim.

ÁLVARO –Era meu conterrâneo. Pessoa afável e amiga. Bem mais velho do que eu. Tentei convencê-lo a participar das reuniões do centro de estudos que eu havia fundado. Dada a minha insistência, um dia, resolveu dizer-me porque não queria participar: “Antonio Márcio, você é jovem, tem que trabalhar muito para se projetar, para construir um futuro brilhante. Para ser visto como um grande pediatra e, principalmente, rico. Minha situação é outra. Casei-me com uma mulher rica, que me ama. Não preciso de mais nada na vida. E, do ponto de vista financeiro, só tenho que me preocupar é como é que conseguirei gastar o dinheiro dela”. Não insisti mais.

ESPOSA TRAÍDA – Margarida era uma boa pessoa e boa funcionária. Chorava as mágoas comigo. Era traída pelo marido da forma mais descarada. Um dia, diante de tanto sofrimento, resolvi aconselhá-la a se separar do marido. Respondeu-me: “Isto é o que elas querem. Se eu largá-lo, ele não pagará mais as contas da casa, o estudo dos meus filhos. O dinheiro ficará todo para elas. Isso, não!”. Não a aconselhei mais.

ELOGIOS

20.05.1960 - Sr. Diretor do Hospital dos Servidores do Estado “Considerando o desvelo, eficiência e correção dos auxiliares mais diretos com que tive a honra de contar, comigo colaborando na Divisão de Órgãos Periféricos, ao deixar o cargo, como medida de justiça, solicito que sejam lançados nos assentamentos funcionais dos servidores abaixo relacionados os elogios a que fizeram jus nas diversas atuações: Dr. Antonio Marcio Junqueira Lisboa, Chefe do Setor Técnico da Maternidade e Policlínica Alexander Fleming”. Laim Pontes de Carvalho.

03.02.1961 – “Tendo em vista a atuação do Dr Antonio Márcio Junqueira Lisboa, matrícula 1.762.422, à frente do Setor Técnico Científico, no período de abril de 1959 a janeiro de 1961, quando demonstrou a pujança de sua inteligência, o equilíbrio necessário ao bom administrador, e sua capacidade realizadora e elevado espírito público, tudo em benefício desta Maternidade e Policlínica Alexander Fleming, venho, através do presente, solicitar a V.S. se digne tomar as providências cabíveis no sentido de que conste em seus assentamentos funcionais os reais serviços por ele prestados. Dr.Olyntho Resende, Diretor da Maternidade e Policlínica Alexander Fleming”.

O HOSPITAL DOS SERVIDORES DO ESTADO

Em fevereiro de 1961, o Dr. Luiz Torres Barbosa solicitou minha transferência para o Hospital dos Servidores do Estado. Como eu havia trabalhado algum tempo em cardiologia infantil, ele queria que eu organizasse esse setor no Serviço de Pediatria. Assim que me apresentei, perguntou-me em que área eu desejaria trabalhar. Respondi-lhe: “No Berçário”. Perguntou-me: “Por quanto

tempo?”. Respondi-lhe: “Para sempre”. A surpresa do Dr. Luiz era justificada, pois, naquela época, o Berçário do HSE era chamado de “Sibéria”, local onde todos tinham que passar, compulsoriamente, um mês por ano. Assumi o Berçário e organizei o terceiro ano de Residência Médica em Neonatologia, o primeiro em nosso país.

Com o objetivo de divulgar conhecimentos e mostrar a importância da assistência aos recém-nascidos, atendi a inúmeros convites para conferências, congressos, cursos, sempre prestigiado e apoiado pelo Dr. Luiz. Aliás, os primeiros cursos sobre recém-nascidos foram ministrados no HSE, a partir de 1954, promovidos e coordenados por ele. Atualmente, os estágios e as residências em Neonatologia tornaram-se obrigatórios, tanto nos currículos das escolas médicas quanto nos serviços de Pediatria. Tudo isso nasceu em 1961, no HSE.

PREMATURO COM DENTE - Havia nascido um prematuro pesando 1.700 gramas, com dois dentes, os incisivos centrais. Quando ele chorava, os dentes saíam da boca e pareciam prestes a cair. Com medo que o prematuro aspirasse os dentes, telefonei para o Serviço de Odontologia solicitando que um dentista fosse ao Berçário. Dois dias de espera e nada. Pedi que a enfermeira chefe insistisse. Em vez de um dentista recebi um telefonema do Gabinete do Diretor pedindo-me que fosse até lá. Fui e o Diretor informou-me que o Chefe do Serviço de Odontologia de que eu estaria passando trotes e perturbando o funcionamento do serviço. Expliquei-lhe o caso e ele mandou que um dentista extraísse os dentes do prematuro.

PIRARUCU – A minha relação com a chefia de enfermagem do Berçário estava meio tensa. Entra o Magno e diz que iria contar uma piada. Fiz-lhe ver a inconveniência. Disse-me que era inofensiva e passou a contá-la. “Um senhor estava de carro, passou em frente a uma peixaria e perguntou ao peixeiro: tem pirarucu? O peixeiro respondeu: Tiraram o que?”. Meia hora após, eu estava no Gabinete do Diretor, por permitir que os residentes contassem piadas de baixo calão na presença de enfermeiras.

ATESTADO DE ÓBITO - Um senhor estava no corredor do Hospital brandindo um atestado de óbito e comentando que o seu filho estava tão mal que haviam até lhe fornecido um atestado de óbito. O atestado estava assinado por um colega de turma, com quem eu me encontrava todos os meses. Consegui pegar o atestado. No dia do nosso jantar, comentei com o colega: “Como você assina um atestado de óbito de uma criança que está viva e, ao que tudo indica, não vai morrer?”. “Essa criança mora em Queimados. Esteve em meu consultório extremamente desidratada. No dia seguinte, o pai foi ao consultório e disse-me que ele havia morrido e pediu-me o atestado. Como ele morava muito longe, achei impossível ir até a casa dele para constatar o óbito, e dei-lhe o atestado”. Durante minha vida profissional foi-me feito o mesmo pedido, várias vezes. Sempre por uma família chorosa pela morte de um ente querido. Uma das vezes em que neguei o atestado soube, mais tarde, que a pessoa havia sido

morta a pauladas. Outro colega de turma entrou para as páginas policiais como cúmplice de um assassinato por ter dado um atestado de favor.

O ANTONIO MÁRCIO - O Dilair era um dos maiores amigos de um tio meu. Casou-se e nasceu o primeiro filho, em um hospital no centro do Rio de Janeiro. Pediu-me para atendê-lo. O menino era um prematuro que pesava 1.400 gramas. Ao chegarmos ao hospital, atravessamos duas portas fechadas a chave, antes de entrarmos no Centro Cirúrgico, onde estava o bebê, envolto em algodão, em uma incubadora. Não havia nenhuma possibilidade de sobrevivência se ele permanecesse ali. Examinei-o e, ao sairmos, o Dilair perguntou-me: “Ele é pequeno, mas é forte, você não acha?”. Respondi-lhe: “Prematuro com esse peso, nunca é forte”. Providenciei a transferência para o Hospital dos Servidores do Estado, onde seria atendido pelo Dr. Julio Dickstein, um dos melhores pediatras do Rio. Foi feita a transferência e o menino sobrevivia. Uma coisa me intrigava: todos os dias eu era assediado pelo Dilair para saber se ele iria morrer ou sobreviver. Um dia, resolvi perguntar-lhe o porquê dessa pergunta. E ele respondeu-me: “Porque, se ele for morrer, vou dar-lhe o nome de meu pai, em homenagem a ele e, se não morrer, o seu”. Sobreviveu, chama-se Antonio Márcio e já é avô.

O DIA QUE EU QUIS SAIR DO HOSPITAL- Considero o Dr. Luiz Torres Barbosa um dos maiores mestres da Pediatria brasileira. Meu respeito e estima por ele fizeram com que eu o escolhesse como patrono das cadeiras que ocupo na Academia Brasileira de Pediatria e de Medicina de Brasília.

Um dia, por estar atendendo a um recém-nascido grave, cheguei atrasado a uma reunião clínica onde eu era o relator. Ao chegar, encontrei-o furioso e agrediu-me bastante, com palavras ofensivas. No dia seguinte, procurei-o para avisá-lo que estaria pedindo minha saída do serviço e minha possível volta para a Maternidade Alexander Fleming, de onde eu havia saído a pedido dele. Por várias vezes, ele conseguiria minha transferência para o seu serviço, se eu pedisse. Nesse dia, disse-lhe que eu nunca havia feito o pedido para que não passasse a dever-lhe um favor e poder sair na hora que eu quisesse. Disse-lhe que eu não aceitava ser tratado daquela maneira. Pediu-me desculpas e que queria que eu continuasse no Serviço. Disse-lhe que eu só ficaria se ele pedisse desculpas na mesma reunião em que eu havia sido ofendido. E assim ele fez. Alegou cansaço, elogiou-me e pediu desculpas pela agressão. Continuamos amigos.

G.O.K. –Ao atender crianças, verifiquei no prontuário, que várias tinham como diagnóstico as letras G.O.K.. Como não conseguia saber o que significava, procurei meu colega João Barbosa, que usava fazer esse diagnóstico. Respondeu-me: “G.O.K., significa “God Only Knew”, ou seja, só Deus sabe”. Passei a usar este diagnóstico quando não conseguia saber o que tinha a criança. Sorte que a grande maioria delas não tinha nada sério.

O CAPELÃO – A Neurologia do Hospital ficava no segundo andar. As mortes eram tantas que chamávamos o capelão de residente do 2º andar. Contam uma

história que chamaram o capelão para dar a extrema unção a um paciente terminal, que, havia vários dias, vinha recebendo medicação somente por via intravenosa ou por supositório. O capelão se aproximou do enfermo com uma vela em uma das mãos. O moribundo abriu os olhos, olhou o capelão e disse: “Acesa não, padre”. Pensou que fosse um supositório.

ELOGIO

20.03.1961- “O Diretor do Hospital dos Servidores do Estado, usando de suas atribuições, resolve elogiar o Dr. Antonio Marcio Junqueira Lisboa pela eficiência e dedicação, elevado espírito público demonstrados no desempenho de suas funções à frente do Setor Técnico Científico da Maternidade e Policlínica Alexander Fleming. Aloysio Salles da Fonseca”

A UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

A partir de 1965, pensei em ser professor universitário e tentar concretizar algumas ideias, o que eu acreditava ser impossível no Rio por implicar profundas mudanças no ensino da medicina. No dia 6 de janeiro de 1966, meu aniversário, em um restaurante na rodovia Rio-São Paulo, conversava com um colega, Cláudio Souza Leite, sobre minha falta de perspectivas, dizendo-lhe que estava fadado a ficar rico e pouco realizar.

O CONVITE - Estava nesse estado de espírito quando, em 11 de janeiro de 1967, o Professor Agnelo Collet transmitiu-me o convite do diretor, Professor Luiz Carlos Lobo, para organizar as atividades de assistência, ensino e pesquisa em Pediatria na recém-criada Faculdade de Ciências Médicas da Universidade de Brasília. Havia acabado de me mudar para um consultório amplo e luxuoso na Clínica Sorocaba, que congregava um grupo de médicos altamente qualificados e cuja construção havia durado cinco anos e consumido todas as minhas economias.

Aceitei o convite em 28 de janeiro e, no dia 1º de março, assumi o cargo e o desafio. O “hospital universitário” era um barracão de madeira, em Sobradinho, cidade-satélite a trinta quilômetros de Brasília, com 27.000 habitantes.



Optei por sair do HSE, uma das glórias da medicina brasileira, e trabalhar no velho e decadente Hospital Rural de Sobradinho (foto) onde, não raramente, matavam-se ratazanas, cobras e escorpiões que, colocados em vidros, faziam parte de um “museu”. Não existia serviço de radiologia e de patologia.

Quase todos os prematuros mor-

riam; hidratávamos crianças até em prateleiras da “biblioteca”; o consultório resumia-se a uma sala dividida em duas partes por um lençol, localizado debaixo da escada (foto); a enfermaria contava com dez leitos; havia apenas dois pediatras docentes: eu e a Dra. Marília Meira. Tremendo desafio. Era o que eu queria. Começar do zero e testar minhas ideias. Larguei a segunda maior clínica do Rio, só suplantada pela do meu saudoso amigo Rinaldo de Lamare, e mudei para Brasília, ganhando a décima parte e trabalhando em regime de dedicação exclusiva. Eu e Therezinha éramos filhos únicos, com filhos entrando na adolescência, pais idosos, um imenso círculo de amigos. Tudo isso tornava mais difícil a decisão. Graças a Therezinha, minha esposa, e ao incentivo de meu querido mestre Luiz Torres Barbosa, consegui concretizar mais um sonho.

UNIDADE INTEGRADA DE SAÚDE DE SOBRADINHO

Em maio do mesmo ano, mudávamos para a Unidade Integrada de Saúde de Sobradinho (UISS), a cem metros do primeiro hospital, que iria sediar

a maior experiência pedagógica relacionada com o ensino médico no país. O desafio era formar médicos em um hospital comunitário responsável pela saúde dos habitantes de uma pequena cidade, contando com um corpo docente constituído, em sua maioria, por professores sem titulação universitária, trabalhando em tempo integral e dedicação exclusiva. A mudança para a UISS, que durou cerca de dois meses, foi feita pelos professores e funcionários. Nesse período, para atender os pacientes, tínhamos que correr de um hospital para outro, chafurdando na lama.

Profissionais competentes e com alto grau de comprometimento social foram ali formados e, hoje, ocupam posições de destaque no meio médico. Essa experiência pedagógica, vivida intensamente, permitiu-me concluir que, para serem formados bons médicos generalistas, capazes de promover, proteger e recuperar a saúde de 80% da população, necessita-se, sobretudo, de um corpo docente motivado, dedicado e competente, que goste de ensinar e esteja profundamente comprometido com as necessidades sociais e de saúde da população.

ESTÁGIO RURAL - Com a finalidade de promover a integração de programas de promoção da saúde e prevenção de doenças com os de recuperação (hospitalares), pela primeira vez no Brasil, alunos de uma escola médica foram enviados para estagiar em áreas rurais, urbanas, em centros de saúde. Pioneiro em nosso país, o programa de integração docente-assistencial iniciado em 1968 por nós e pelo grande sanitarista Dr. Átila de Carvalho, na Unidade Sanitária de Planaltina, foi um sucesso.

OBJETIVOS EDUCACIONAIS- Em 1969, também pela primeira vez no Brasil, foram definidos os objetivos educacionais e as competências a serem alcançadas em cada local de estágio, pelos alunos, internos e residentes, registrados em várias publicações, que foram largamente utilizadas como modelo no país e no exterior.

A RESIDÊNCIA - A Comissão de Promoção de Programas de Residência em Pediatria na América Latina, da Academia Americana de Pediatria, indicou como modelo o Programa de Residência da Faculdade de Ciências da Saúde. A Residência de Pediatria na UISS foi considerada a mais completa do Brasil pelo Professor Eduardo Marcondes, presidente do Comitê de Residência em Pediatria da Sociedade Brasileira de Pediatria (foto). A excelência do ensino da Pediatria na Universidade de Brasília pôde ser atestada pelas inúmeras visitas de importantes professores e pediatras.

DISCIPLINA DE NEONATOLOGIA - Conseguimos implantar ou modificar algumas atividades assistenciais, assimiladas por um grande número de serviços de pediatria. Em 1967, criamos, pela primeira vez no país, as disciplinas de Neonatologia e Crescimento e Desenvolvimento, hoje existentes em quase todas as escolas médicas.

PROGRAMA MÃE ACOMPANHANTE -Entre outros programas dedica-

dos à humanização da assistência, destacou-se o da mãe acompanhante. Uma das práticas hospitalares era a de permitir a visita dos pais em certos dias da semana ou, na melhor das hipóteses, algumas horas por dia. Esse tipo de prática era capaz de originar problemas emocionais nas crianças, de gravidade variável, conhecidos como hospitalismo psicossocial. Em 1969, resolvemos promover a permanência das mães nas enfermarias, para acompanhar seus filhos. Esse programa, chamado de “mãe acompanhante”, “mãe participante”, “internação conjunta mãe-filho”, após uma fase de dificuldades de aceitação, principalmente pelo corpo de enfermagem e pela direção do hospital, foi tão bem sucedido que foi implantado em todos os hospitais de Brasília, passou a ser um programa prioritário da Sociedade Brasileira de Pediatria e foi incluído no Estatuto da Criança e do Adolescente, tornando-se obrigatório. O programa “mãe acompanhante” foi

objeto de inúmeras palestras e conferências no Brasil e no exterior

A REAÇÃO DOS MÉDICOS – Ao tentar implantar o Programa Mãe Acompanhante, encontramos reações, principalmente entre o pessoal de enfermagem, alguns médicos e a direção do hospital. O Marcelo era um dos médicos que não aceitava. Em sua enfermaria estavam internados gêmeos que, há quase um mês, não aumentavam de peso, apesar de todos os cuidados nutricionais. Pedilhe que permitisse que a mãe alimentasse os filhos, sem interferir na conduta ou tratamento. Concordou. Os meninos aumentaram meio quilo em uma semana. Marcelo, finalmente, ficou convencido da importância das mães ao lado dos filhos. Tal como o Marcelo, houve uma grande resistência por parte dos médicos. Com o tempo, a baixa da mortalidade das crianças internadas, a diminuição acentuada do tempo de internação e a satisfação das mães e crianças se incumbiram de convencer aos colegas da importância do programa, hoje implantado em quase todos os hospitais do país.

A REAÇÃO DA ENFERMAGEM – A internação conjunta de mães e filhos modificou o ambiente hospitalar. A permanência das mães protagonizou alguns conflitos. Os chamados aumentaram e foram constatadas divergências entre os relatórios da enfermagem e as informações prestadas pelas mães. Chegou a um ponto em que a Chefe da Enfermagem solicitou uma reunião no sentido de interromper o programa. Contaram-me os problemas enfrentados. Em resumo, disse-lhes que eu estaria de acordo se elas achassem que a presença das mães piorava a assistência às crianças. Nesse caso, eu seria obrigado a impedir a permanência de todas mães nas enfermarias, inclusive das mães ou avós, que trabalhavam no serviço de enfermagem, e tivessem filhos ou netos internados. E eu iria verificar pessoalmente o cumprimento de minhas ordens. Dei um tempo para deliberarem e resolveram continuar com o programa.

A REAÇÃO DA DIREÇÃO – Como era um programa pioneiro, sem nenhum tipo de avaliação, a direção do hospital reclamava dos custos, embora pequenos, com a alimentação e outros. Íamos controlando até que, durante uma madrugada, uma das mães saiu espavorida pelo corredor, gritando que o filho estava morrendo. Acordou todo mundo. No outro dia, o diretor me chamou e

perguntou-me se eu já tinha conhecimento do ocorrido. Disse-lhe que sim. Sugeriu-me que o programa deveria ser interrompido. Respondi-lhe que, como médico, o que ele teria achado melhor: o ocorrido, e o salvamento da criança, ou nada ter acontecido, e ela ter morrido. Se ele optasse pela morte da criança, ele deveria mandar cancelar o programa. Nunca mais fui chamado à diretoria.

A COLÔNIA DE FÉRIAS – Todos os anos, nas férias, alunos matriculados na colônia eram enviados aos hospitais para fazerem exames médicos. Em 1972, morreu um dos alunos afogado. O Coronel coordenador da colônia foi ao nosso hospital, procurou o diretor e mostrou-lhe um atestado assinado por mim. O Coronel achava que o atestado poderia ter sido dado de favor ou por algum aluno. O diretor esclareceu-lhe que tinha sido fornecido pelo Chefe do Serviço de Pediatria. Pediu o prontuário e o levou. Meses depois fui chamado pela polícia. Fizeram-me algumas perguntas e disseram-me que a família havia dito que eu havia examinado cuidadosamente o filho deles. Fui liberado e o guarda da piscina, indiciado. Lembrei-me dos problemas resultantes do primeiro e único atestado de favor que havia dado a um colega de pensão.

O DOMÍNIO MILITAR -Em Brasília consegui realizar tudo aquilo que eu desejava como professor e médico, a custo de alguns sofrimentos e decepções. Em 1975, fui perseguido tenazmente pelo vice-reitor José Carlos de Almeida Azevedo, oficial da Marinha, ligado aos órgãos de repressão, cuja real motivação eu desconheço até hoje. Pressionou-me e, sem meu consentimento, mudou o meu regime de trabalho de dedicação exclusiva para 12 horas, o que significava perder a Chefia do Departamento e da Pediatria, e ter o salário reduzido à quarta



parte. Embora avisado por amigos, temerosos de que medidas repressivas mais violentas fossem tomadas, entrei com uma ação trabalhista contra a Universidade de Brasília. Fui convocado para uma sessão na Justiça do Trabalho. Na véspera, à tarde, meu filho, que estudava na Universidade, foi sequestrado. Um

claro

recado. Poucos dias após, foi-me feita uma proposta: soltar meu filho contra a retirada do processo. Não aceitei. Resolvi sair da Universidade, até que o viceritor, depois premiado pelos militares com a reitoria, fosse afastado, o que ocorreu em 1985. Meu filho, denunciado por alguém da Universidade como elemento importante de uma célula comunista, foi preso, torturado e libertado cinquenta dias após, com um pedido formal de desculpas da Polícia Federal a ele, a mim e à minha esposa. Na Polícia Federal soube do nome de quem havia solicitado sua prisão – a pessoa de quem eu já suspeitava.

Afastei-me da Universidade por nove anos, até a saída do comandante. Voltei em 1985, por insistência do Reitor Cristovam Buarque. Therezinha foi minha grande companheira em todo esse sofrimento.

A VOLTA PARA O RIO – Perseguido, pensei em voltar para o Rio. Procurei o Prof. Hélio Fraga, Reitor da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Recebeu-me de braços abertos e disse-me: “Você nunca deveria ter saído do Rio. Você é um patrimônio nosso. Vou providenciar sua requisição”. A requisição nunca saiu.

Eu soube, anos após, que o reitor da Universidade de Brasília, Prof. Amadeu Cury, havia procurado o Hélio e dito que eu tinha um filho comunista e que minha transferência poderia causar-lhe sérios problemas

PABLO - Professor de obstetrícia, estava dando uma aula sobre doenças sexualmente transmissíveis para os alunos, com a participação de uma prostituta. Pablo resolveu perguntar quanto ela cobrava pelo serviço e, ela, respondeu-lhe: “Cinquenta reais. Mas, para o senhor, doutor, não é nada”.

Pablo entrou em um elevador e pediu o quinto andar. O ascensorista parou no sexto. Reclamou. Uma senhora não se conteve e disse: “Jovem e incapaz de descer um andar”. Pablo respondeu-lhe: “A senhora não diria isso se tivesse uma perna mecânica”. Criou-se um mal-estar no elevador. O ascensorista baixou para o quinto. Pablo saiu andando normalmente. A senhora viu, e disse: “O senhor não tem nada nas pernas”. Pablo retrucou: “Eu não disse que eu tinha perna mecânica. Disse que se a senhora tivesse...”

Outro do Pablo. Pintou de azul uma galinha e colocou-a no jardim. As pessoas achavam um espetáculo insólito e perguntavam que bicho era aquele. Ele respondia: “Uma galinha da Tasmânia”

AMPUTAÇÃO DO PÉ – O menino tinha um ano. Chegou ao hospital gravemente enfermo e em choque. No dia seguinte à internação, seus pezinhos começaram a ficar roxos e, logo depois, negros. Estavam gangrenados. Havia necessidade de amputá-los. O pai trabalhava na roça. Para a amputação, havia a necessidade da concordância dos pais. Ao pedir permissão, ele respondeu-me:

- Cortar os pés, dotô? Como é que uma pessoa pode viver sem os pés, dotô? Como? Não pode cortar não, dotô.

Sem permissão, não se poderia fazer a amputação e a criança fatalmente iria morrer. Entrei em contato com a OAB, com os Conselhos de Medicina (1970). Ninguém me ajudou. Quando voltei ao hospital o pai havia retirado o filho.

Para um lavrador, uma pessoa não poderia viver sem os pés.

O BERNE– Benedito, quatro anos, tinha um tumor na cabeça. Havia tomado quinze dias de antibiótico e feito vários exames. Pediram-me para vê-lo. No topo da tumoração, havia um furinho. Apertei o “tumor” e pulou um berne, grande e gordo. Estava resolvido o problema.

PROGRAMAS -Vários programas ali implantados, tais como, atendimento aos recém-nascidos em função do risco, mãe acompanhante, ensino por módulos e por objetivos, inserção dos estudantes na comunidade, ensino interdisciplinar e integrado com as áreas de Psicologia, Sociologia e Antropologia, ensino da Ética e da relação custo-benefício dos procedimentos,

ensino utilizando dramatização, são hoje praticados em vários serviços e escolas médicas brasileiras e estrangeiras.

VISITANTES - O Serviço de Pediatria da Unidade Integrada de Saúde da Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade de Brasília constituiu um marco no atendimento às crianças e no ensino da Pediatria, tendo sido visitado e recebido elogios do Profs. Robert Debré, de Nathalie Masse (Diretora do Centre International de l'Enfance), Nelson Ordway, da Academia Americana de Pediatria, Eduardo Jurado Garcia y Joaquin Craviotto (do México), Juan Murtagh (Argentina), Roberto Caldeyro Barcia (Diretor do CLAP, Uruguai), Luiz Torres Barbosa, Eduardo Marcondes, Azarias de Carvalho, Fernando Figueira, Enio Pilla (Brasil) e muitos outros.

CONSULTORIAS -

CENTRE INTERNATIONAL DE L'ENFANCE - Paris, onde me tornei amigo: do Professor Robert Debré, considerado o mais eminente pediatra francês; da Dra. Nathalie Masse, diretora do Centre; da Dra. Annie Marie Raimbaud, professora do Centre. Aí participei de um curso sobre problemas perinatais, com duração de três meses.

CENTRO LATINOAMERICANO DE PERINATOLOGIA Y DESARROLLO

HUMANO - onde fui amigo do Diretor, Professor Roberto Caldeyro Barcia, um dos maiores pesquisadores sobre fisiologia do parto, que me convidou para aí trabalhar e onde permaneci por um mês.

INSTITUTO INTERAMERICANO DEL NIÑO, Montevideu, onde fui convidado para permanecer no quadro de consultores.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE – Participei de várias consultorias.

FUNDAÇÃO MACY'S– O programa de residência foi contemplado com quatro bolsas de estudo. Participei de várias reuniões no exterior.

COMITÉ DE PROMOCIÓN DE RESIDENCIAS EN PEDIATRIA da Academia Americana de Pediatria – Participei de várias reuniões e o programa de Residência em Pediatria da Unidade Integrada de Saúde de Sobradinho foi escolhido como o modelo ideal para a América Latina.

CONSELHO NACIONAL DE PESQUISAS –Fui consultor da subárea materno – infantil, durante dois anos.

COMISSÃO DE RESIDÊNCIA DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO – Fui consultor para a área de Pediatria durante oito anos.

A FUNDAÇÃO HOSPITALAR DO DISTRITO FEDERAL

Tendo sido obrigado a me afastar da Universidade de Brasília, em função da perseguição que eu vinha sofrendo e que culminou com a prisão de meu único filho que ali estudava, fui convidado para trabalhar no Ministério da Saúde, onde fiquei cerca de seis meses. Deixei o Ministério por ter aceitado um convite do Secretário de Saúde para ser diretor da Divisão de Seleção e Controle da Fundação, atividade ligada ao ensino, principalmente ao Internato e Residência.

A DIVISÃO DE SELEÇÃO E APERFEIÇOAMENTO (DAS)-Em 28 de agosto de 1976, fui contratado pela Fundação Hospitalar do Distrito Federal (FHDF) para dirigir a recém-criada Divisão de Seleção e Aperfeiçoamento, que cuidava da Residência Médica, Internatos, estágios, treinamentos, concursos públicos. Trabalho interessante, que me deu a oportunidade de muitas realizações, entre as quais a elaboração de um projeto para a criação de um grande Instituto de Recursos Humanos para a Saúde, capaz de atender a demanda do Centro-Oeste, que, infelizmente, não foi concretizado. A Divisão programou, supervisionou e coordenou mais de uma centena de cursos. Foram elaborados novos regulamentos para internos, residentes, estagiários e firmados convênios para o recebimento de alunos de várias universidades. Em 1977, foi aberto concurso público para médicos. Com 50 anos, pedi licença da direção e fiz o concurso. Como os títulos contavam pontos, classifiquei-me em primeiro lugar e entrei para o quadro de médicos da FHDF.

Recebi durante minha gestão o apoio inestimável do Dr. Roberto Azambuja, meu amigo.

Na DAS tivemos a oportunidade de produzir vários manuais e ministrar cursos ligados às áreas da saúde. Nos concursos para Residência, tivemos alguns dissabores.

CONCURSO PARA RESIDÊNCIA -Um senador do nordeste procurou-me e, ironicamente, disse-me que o nosso concurso era de cartas marcadas pois, uma afilhada sua tinha sido reprovada, embora tivesse recebido boas notas na prova escrita e na entrevista. Convidei-o a ver a prova escrita, onde a protegida havia sido aprovada, e a péssima nota recebida na entrevista. Acontece que o médico entrevistador, amigo do senador, havia lhe dito que havia dado uma boa nota para sua protegida. Aproveitei para dizer-lhe que não ficava bem para um senador julgar mal as pessoas.

Em outro caso, um filho de um colega pediatra, muito amigo meu, se candidatou a residente. O colega procurou-me, antes do concurso, para avisarme que o filho era candidato. Infelizmente, ele foi reprovado. Meses depois, procurou-me para dizer que o filho tinha sido reprovado naquela m..., mas aprovado em um bom serviço da capital paulista. Deu o recado, virou as

costas e saiu. Algum tempo depois, uma cliente minha solicitou-me que fosse atender sua filha internada no hospital onde o colega trabalhava. Ele disse à mãe que, enquanto estivesse vivo, ele não deixaria que eu entrasse no hospital.

MEU CONCURSO- Nessa época, 1977, foi aberto concurso para contratação de médicos. Quiseram convencer-me de que eu poderia ser efetivado em função dos meus títulos. Recusei. Como o concurso seria realizado pela minha Divisão, pedi licença do cargo, inscrevi-me, e fiz o concurso, juntamente com meus exalunos, que não deixaram de fazer gozação. Fui aprovado em primeiro lugar, em função dos títulos, e fui efetivado.

O INSTITUTO PARA FORMAÇÃO DE RECURSOS HUMANOS

PARA A SAÚDE - Apresentamos um projeto para a criação do Instituto de Formação de Recursos Humanos para o Centro-Oeste, Norte e Nordeste do país. Foi meu melhor trabalho e um sonho. Como era pediatra de filhos de vários ministros, eles me prometeram os recursos necessários para a concretização do sonho. Já tínhamos até a planta. Infelizmente o sonho não foi aprovado pelo Secretário de Saúde e eu pedi minha transferência para o Hospital Regional de Taguatinga.

O HOSPITAL REGIONAL DE TAGUATINGA (HRT)

A decepção pela não concretização do Instituto levou-me a pedir a transferência para o HRT. Fui lotado no Setor de Neonatologia da Unidade Regional de Pediatria do Hospital Regional de Taguatinga, cidade-satélite de Brasília, onde voltei às minhas origens. Chefiava a Unidade o Dr. Luiz Osório Serafim, o mesmo que havia trabalhado comigo na UnB, meu amigo e compadre. No HRT, o trabalho era intenso. Implantei um programa de humanização da assistência às mães e aos recém-nascidos. Promovi o parto normal, o alojamento conjunto, a amamentação, a visita dos pais logo após o nascimento dos filhos, a participação das mães nos cuidados dos filhos em unidades de risco, a implantação de um mini banco de leite no berçário, as aulas com as mães, as sessões conjuntas com a obstetria. Implantamos um programa de alta precoce dos prematuros, muito bem sucedido, que diminuiu a morbimortalidade, preveniu o hospitalismo e reduziu custos.

Todos nós sentimos a saída do Serafim da direção da Unidade por problemas político-administrativos. Para que a Unidade não ficasse acéfala, assumi a chefia. Durante minha gestão, foram criados: o estágio dos residentes em centros de saúde; uma nova modalidade de internato – o rotativo integrado – que chegou a ser recomendada pelo Ministério da Educação; um programa de vigilância epidemiológica nas enfermarias, que permitia estabelecer a ligação da patologia com a procedência de cada criança internada e, conseqüentemente, a identificação de áreas de maior risco.

Quando assumi a Unidade, o pronto-socorro vivia lotado: duas crianças em cada leito, hidratações feitas em bancadas de pias, mães segurando os filhos no colo por horas. Como não existiam vagas, muitas crianças não eram atendidas e sim enviadas de volta para casa, com a recomendação que

retornassem. Infelizmente, com frequência, retornavam em estado crítico, e a mortalidade era alta.

Havia quase um consenso da necessidade de se construírem mais leitos para o Hospital. Com pequenas modificações na organização do atendimento, conseguimos resultados fantásticos, sem aumento de custos ou de pessoal. As internações, que eram de cerca de 500 por ano, passaram a mais de 2.000. A mortalidade entre os internados baixou de 16% para 1%. A referência para hospitais de maior complexidade praticamente acabou. Não faltaram mais vagas no pronto-socorro e nas enfermarias. Todas as crianças passaram a ser internadas quando necessário. Desapareceu a necessidade de se aumentar o número de leitos. Servi no HRT de 11 de janeiro de 1979 a 30 de novembro de 1984.

Continuando o trabalho do Serafim, trabalhamos no sentido de melhorar o Banco de Leite e mostrar sua importância nos cuidados aos recém-nascidos. Hoje, 2015, o Banco de Leite do HRT é considerado um dos mais importantes do país.

O CENTRO DE DESENVOLVIMENTO DE RECURSOS HUMANOS (CEDRHUS)

Em 2 de novembro de 1986, fui transferido para o CEDRHUS, como assistente do Diretor. Em 10 de julho de 1987, assumi sua direção, que terminaria em 28 de agosto de 1989. Durante minha gestão, criou-se a Revista de Saúde do Distrito Federal, reorganizaram-se a residência médica e o internato, os estágios para todos os profissionais de Saúde e o próprio CEDRHUS; cadastraram-se 672 médicos que desejavam desenvolver atividades docentes; foi implementado um grande número de cursos e desenvolveu-se uma série de pesquisas operacionais. Pelo meu trabalho, recebi uma despedida carinhosa de todos os funcionários e a medalha Henrique Bandeira de Mello, criador do plano de saúde de Brasília, da Secretaria de Saúde do Distrito Federal.

A FUNDAÇÃO DO SERVIÇO SOCIAL

Preocupado com o aumento da criminalidade, o Governador José Aparecido de Oliveira convidou-me para assumir a direção da Coordenadoria de Planejamento da Fundação do Serviço Social (COPLAC).

Assumi em 2 de outubro de 1986, onde fiquei até 30 de julho de 1987. Foram poucos meses, mas extremamente produtivos. Aprendi muito. Foi constituído um grupo de trabalho com a colaboração das professoras Maria Helena Corrêa e Márcia Mamede e participação de profissionais do mais alto nível. As creches domiciliares foram reativadas, implantou-se um programa de atendimento ao menor infrator e foi elaborado um projeto para a implantação dos Centros Integrados de Desenvolvimento Infantil – os CIDI.

OS CIDI - Projeto de baixo custo e grande alcance social que, se tivesse sido realizado, revolucionaria a assistência às crianças com até seis anos de idade. Esse projeto serviu de modelo para os CAIC, implantados em 1991 pelo Ministério da Saúde. Infelizmente faltaram aos CAIC alguns pontos essenciais para funcionarem de modo eficiente.

. Durante minha gestão, fui eleito coordenador da Comissão Criança e Constituinte do Distrito Federal, o que me deu a oportunidade de trabalhar ativamente na elaboração do Estatuto da Criança e do Adolescente.

Os CIDI serviram de base para os CIAC do Ministério da Saúde. Infelizmente, uma das principais partes do projeto – o controle por parte da comunidade - não foi incluído nos CIAC. Em função desse projeto recebi, da Secretaria de Serviço Social, uma medalha “por bons serviços prestados”.

COMPRA DE ALIMENTOS—Uma das atividades da Fundação do Serviço Social era a compra de alimentos para as creches. Como as creches estavam sob a minha gerência, um pedido de compras foi-me enviado para análise. A firma interessada na venda mandou-me um recado de que a compra já estava autorizada e só havia necessidade da minha assinatura. Verifiquei que os preços cobrados pelos alimentos eram três vezes maiores do que os dos supermercados. Fiz um arrazoado mostrando o absurdo da compra, um verdadeiro roubo. Quinze dias após, em uma reunião da Fundação, vejo o processo aprovado. Denunciei o fato e me contestaram, dizendo que deveria ser outro o projeto por mim analisado. Mandei minha secretaria procurar a cópia do meu parecer. Ele tinha sido roubado.

O MINISTÉRIO DA SAÚDE

Em junho de 1975, perseguido pela cúpula militar da Universidade de Brasília, afastei-me e fui convidado pelo Dr. João Yunes a ocupar o cargo de assessor do Programa de Saúde Materno-Infantil do Ministério da Saúde. Fiquei até janeiro de 1976.

A DIVISÃO DE SAÚDE MATERNO-INFANTIL

Em 1989, fui convidado pelo Ministro Alceni Guerra para assumir a direção da Divisão de Saúde Materno-Infantil. Minha primeira ação foi a realização de um seminário com a participação de técnicos do CEDRHUS, UNICEF, Pastoral da Criança (Dra. Zilda Arns), Secretaria de Saúde de Fortaleza (Dra. Anamaria Cavalcanti), para a elaboração de um “plano para a melhoria da saúde e da redução da mortalidade de crianças menores de cinco anos no Brasil”.

Um dos pontos mais importantes identificados pelo documento foi a falta quase completa de uma articulação entre os programas do Ministério da Saúde e as ações relacionadas com a saúde que vinham sendo desenvolvidas por outras entidades públicas, privadas, filantrópicas ou mesmo pela própria população. Só na área de planejamento familiar existiam mais de quinze instituições agindo de forma descoordenada e até mesmo antagônica às ações preconizadas pelo Ministério. A principal estratégia utilizada foi a articulação com



várias instituições governamentais e não-governamentais, como a Pastoral da Criança e organismos internacionais, que, muitas vezes, subsidiavam programas que desenvolviam atividades relacionadas com a saúde da criança, da mulher e do adolescente sem seguir as orientações do Ministério. Realizamos reu-

niões em Brasília para expor nossos planos e pedir a colaboração de várias instituições e de outras áreas do Ministério.

Uma das maiores iniciativas para acabar com o trágico paralelismo de ações foi a criação, pelo Presidente Collor, do Ministério da Criança. Fui indicado pelo Ministro Alceni Guerra para participar das reuniões, como Diretor da DINSAMI. Mensalmente os Ministros e seus assessores, entre os quais eu me incluía, tinham reuniões com o Presidente para a prestação de contas. Não tenho conhecimento de nenhum Presidente que tenha feito o mesmo. O Ministro Alceni Guerra, pediatra e grande defensor das crianças, foi, injustamente, crucificado pela imprensa. O Ministério da Criança acabou. Eu pedi demissão, mas valeu.

A CLÍNICA

O INÍCIO - Em 1953, aluguei um consultório no centro do Rio de Janeiro. Durante três anos frequentei o consultório uma vez por mês, para pagar o aluguel. Atendi somente uma criança, por sinal, sobrinha da atendente. Decidi ser mais assíduo, ser facilmente encontrado, atender com presteza a todos os chamados domiciliares, em qualquer lugar da cidade, a qualquer hora do dia ou da noite, mesmo aos domingos. Costumavam dizer que, se uma pessoa necessitasse de um pediatra durante a madrugada só existia um no Rio de Janeiro: eu. Ao mudarme para Brasília, tinha meu consultório na Clínica Sorocaba, em Botafogo, e contava com o auxílio de dois colegas e amigos, José Carlos Mafra e Raul Ferrante.

O FIM – A clínica cresceu rapidamente. Em 1965 eu tinha a segunda maior clínica em quantidade e qualidade do Rio, só inferior a do meu grande amigo Rinaldo Delamare. Atendia a cerca de vinte crianças por dia, no consultório, mais os atendimentos em sala de partos, crianças internadas, chamados domiciliares que, aos domingos, chegavam a dez. Recebia uma média de cinquenta telefonemas diários. Assistia a cerca de uma centena filhos de médicos, o que fez com que minha clínica progredisse cada vez mais. Além disso, tinha que chegar ao hospital às oito horas da manhã, preparar aulas, conferências, etc. A situação chegou a um ponto que a Therezinha, minha esposa, tinha que cortar a carne nas refeições; quase todos os dias a vizinha nos perguntava se o nosso telefone estava quebrado; aos domingos meus filhos já levantava dizendo: “Vamos ver clientes com o papai; muitas vezes tive que sair de casa com amigos para conseguir conversar com tranquilidade. Infelizmente, pouco tempo restava para os filhos, para a família, e para tornar realidade um grande número de ideias que eu tinha, principalmente sobre o ensino médico. Em 1967, mudei-me para Brasília, a convite da recém-criada Faculdade de Ciências Médicas, para organizar a assistência, o ensino e a pesquisa na área de Pediatria, trabalhando em regime de tempo integral e dedicação exclusiva. Em 1994, aposentei-me.

A maioria das histórias da minha clínica ocorreram na cidade do Rio de Janeiro.

A MEDALHA– Abércio Arantes era um radiologista famoso. Ele e a esposa, Carmem Dolores tiveram filhos gêmeos. Queriam dar meu nome a um deles e o outro receberia o nome do obstetra – Antonio Quinet. Um, era bem maior do que o outro e eu o escolhi para ter meu nome. Com o passar dos meses, o Antonio Marcio passou a ser o menor. Um dia fui chamado para atender o Antonio Marcio que estava resfriado, com tosse. Dois dias depois, como não tivesse melhorado voltei para vê-lo e encontrei sinais de uma possível pneumonia. Justamente no dia que os pais haviam embarcado, de navio, para a Europa. Os avós aflitos queriam avisá-los, mas como? Eles já estavam em alto mar e, mesmo avisados, como voltar? A radiografia mostrou um achado impensável de ocorrer em um bebê de oito meses: uma medalha na entrada da

traqueia. O bebê havia engolido uma medalhinha que estava funcionando como uma válvula, jogando parte dos alimentos para os pulmões. Tinha que ser retirada com urgência. Os avós cada vez mais nervosos, e eu tentando controlá-los. Chamamos um especialista e fomos todos para o hospital. O bebê foi anestesiado e começou o processo de retirada da medalha. Nesse momento, queima a lâmpada do aparelho. Não existia outra para repô-la no hospital. Teríamos que consegui-la em outro local. Sai um mensageiro. O bebê anestesiado e eu desesperado por dentro e tranquilo por fora. Meia hora após chega a lâmpada, a medalha é retirada e restou o tratamento da pneumonia por aspiração. Em quatro dias o meu xará estava pronto para outra. Na casa desse casal tive a honra de conhecer o Professor Silva Mello, um grande médico e escritor.

CARDIOPATIA CONGÊNITA– Era a primeira filha do Jacques e Dora. Jacques, meu colega de turma e um dos meus maiores amigos. Estavam no México, em 1954, quando foi diagnosticada uma cardiopatia congênita – persistência do canal arterial. Hoje a cardiopatia de mais fácil correção. Ainda bebê, Lia foi a primeira pessoa a ser operada de persistência de canal arterial (PCA) no Rio de Janeiro. Foi operada pelo Dr. Jesse Teixeira, um dos melhores cirurgiões de tórax que nosso país produziu. Como “tio” e pediatra, fui assistir a cirurgia. Tudo corria bem até que houve um sangramento inesperado e foi necessário interromper por alguns segundos o fluxo de sangue no cérebro. A operação terminou às onze horas. Esperava-se que Lia acordasse antes das treze horas, o que não aconteceu. As horas foram passando, e eu muito nervoso, só pensando no que havia acontecido. E se o cérebro tivesse sido lesado? O Jacques brincava comigo, dizendo que eu estava tão nervoso que parecia ser o pai da criança. Às sete horas da noite, a Lia acordou. Estava curada e eu tinha vivido um dos piores dias da minha vida.

RETINO-BLASTOMA -A primeira filha do casal. Casal muito amigo nosso. Na consulta de um mês, examinando a pupila, vi algo errado: um pequeno ponto esbranquiçado. Pensei em retino-blastoma, um tumor altamente maligno. Avisei aos pais a necessidade de uma consulta urgente com um oftalmologista. No dia seguinte, o Professor Hilton Rocha, em Belo Horizonte, confirmou o diagnóstico e o olho doente foi extraído. A menina, linda, parecia estar curada. Os pais sempre atenciosos não descuidavam. Já adolescente, foi vítima de vários tipos de cânceres. Com bravura enfrentou todos eles, sempre com alto astral e trabalhando. Infelizmente, antes dos trinta anos, perdeu a luta. Fui vê-la no Rio, pouco antes de sua morte. Ainda conseguiu sorrir para mim.

MAMADEIRA –Verinha tinha dois anos quando, correndo com uma mamadeira de vidro nas mãos, caiu. A mamadeira quebrou e feriu a menina. A mãe, ao levá-la, viu que havia um extenso corte no abdome. Telefonou-me. Mande levá-la ao Hospital dos Radialistas, que ficava próximo à minha casa. Já pensando que o ferimento era grave, fui para o Hospital levando o Ney Galvão, cirurgião. Ao atendermos a criança verificamos que o abdome estava aberto,

uma abertura de cerca de quinze centímetros, por onde saíam as vísceras. Estômago, intestinos e fígado, apresentavam cortes. O abdome estava cheio de cacos de vidro. A visão era horrível. A criança mal chorava. Foram retirados os cacos de vidro, lavado o interior do abdome, feitas as suturas e fechada a parede. Por incrível que pareça, em uma semana, a Verinha estava ótima, embora com uma extensa cicatriz. Desse dia em diante, passei a desaconselhar a mamadeira de vidro.

CORTE NA LÍNGUA – Gustavo tinha dois anos. Filho de Soninha e de Elcio, um casal com quem tínhamos uma grande convivência social. Eu era, inclusive, padrinho de um dos filhos. Subindo uma escada correndo, tropeçou e bateu com o queixo no chão. Mordeu e cortou a língua. Soninha, a mãe, telefonou-me dizendo que a língua estava sangrando muito. Mandei levá-lo para o hospital. Achei que deveria ter sido cortado algum vaso. Chamei o Dr. Roberto Martinho da Rocha, otorrino, que passou a tentar conter o sangramento. O Gustavo chorava, e borrifava sangue para todos os lados. Achei que a situação estava saindo do controle e chamei o Dr. Raul, chefe do Banco de Sangue. Como ele estava demorando, desci ao laboratório e o vi colocando sangue em uma bolsa menor.

Disse-lhe: “Raul, a família desta criança tem dinheiro suficiente para comprar este hospital. Faça a transfusão o mais rápido possível”. Respondeu-me: “Não fique nervoso e mande dar Neozine, para diminuir a reação da criança”. Pouco depois, ele pegou a veia do Gustavo, que parecia dormindo, não chorou e não esboçou qualquer tipo de reação. O Raul disse-me: “Viu como Neozine é boa para relaxar?”. “Eu não lhe dei Neozine”, respondi. A criança estava com quadro de anemia aguda por hemorragia. O sangue começou a ser transfundido, não em gotas, mas bombeado o mais rapidamente possível. Salvamos o Gustavo.

HOSPITAL ALEMÃO– Ficava no Rio Comprido. Uma noite chamaram-me para atender a um recém-nascido, com algumas horas de vida, que estava passando mal, com um problema respiratório grave. O recém-nascido era um prematuro e pesava 2 quilos. Estava em uma incubadora, muito dispneico e cianosado. Fiz o diagnóstico de pneumotórax. Havia uma indicação de se fazer, com urgência, uma radiografia e uma punção plural, para se retirar o ar do espaço pleural. Não havia condições de se fazer qualquer uma das duas coisas onde estávamos. Como levá-lo para outro local? Não existiam ambulâncias para o transporte. Resolvi conversar com os pais, bem jovens, e expor a situação: “Se ficarmos neste hospital, o bebê irá morrer em poucas horas. Se tentarmos levá-lo para outro lugar, a única chance para que ele sobreviva, ele poderá morrer no transporte. Preciso que vocês me ajudem a decidir. Vamos levá-lo ou não?”. A decisão foi no sentido de removê-lo. Liguei para um pronto socorro infantil, a AMIU, que ficava em Botafogo e pedi que preparassem uma incubadora e todo o material para punção pulmonar. Coloquei o caszinho e o bebê no banco de trás e sai dirigindo como um louco o meu “fusquinha”. Chegamos à AMIU, colocamos o bebê na incubadora e fizemos a punção.

Inacreditável! Em dez minutos o bebê passou a respirar normalmente. Estava curado.

O CAMARÃO – Leãozinho tinha quatro meses e só mamava. Chegou no consultório com os pés e metade da canela bem vermelhos, como se tivesse usado meias. Izabel, a mãe, disse-me que isso acontecia sempre que ela comia camarão. Não acreditei. Foi quando ela me disse: “Dr. Lisboa, no próximo mês vou comer camarão e vai acontecer de novo. Vou trazê-lo, e não vou pagar a consulta”. Aconteceu de novo e ela não pagou a consulta. Moral da história: sempre acredite nas mães.

ESTENOSE DO PILORO – Rodrigo era o primeiro filho e primeiro neto. Os avós eram pessoas importantes. O avô paterno era um conhecido obstetra, e a avó pertencia a uma família muito amiga de minha esposa. Os maternos pertenciam a famílias importantes e tradicionais no Rio de Janeiro. Rodrigo nasceu bem. Com 18 dias, começou a vomitar. Chamaram-me para atendê-lo. Eu tinha seis anos de formado e aparentava ter 18 anos de idade. Suspeitei de uma doença chamada estenose hipertrófica do piloro, que costuma ocorrer em meninos primeiros filhos, e é uma condição cirúrgica. Era o caso do Rodrigo. Pedi uma radiografia e indiquei o local em que deveria ser feita. A família fez em outro local, não confiável, e o laudo foi normal. A família, com razão, ficou apavorada com a ideia de um bebê ter que ser operado. Procurou os médicos mais famosos do Rio. Inclusive, seguindo recomendações médicas, levaram o bebê para Petrópolis para ser amamentado. Tudo em vão. O Rodrigo continuava vomitando e perdendo peso. Dia 6 de janeiro de 1957, dia do meu aniversário, resolveram chamar-me novamente. Respondi que iria, com uma condição: que os pais e avós estivessem presentes. Às sete horas a família estava reunida e eu disse a todos: “O Rodrigo tem uma condição cirúrgica. Não ficará bom se não for operado. E, se vocês não quiserem operá-lo, esta será a última vez que vocês me verão. E por quê? Porque eu me recuso a assinar o atestado de óbito desta criança”. Imediatamente telefonaram para o Dr. Sylvio Braune, cirurgião amigo da família, que chegou em meia hora, examinou o bebê, disse que eu tinha razão e marcou a operação para o dia seguinte, pela manhã. No dia seguinte, o hospital estava cheio de familiares. No meio da operação, o Dr. Sylvio levantou o polegar para confirmar o diagnóstico. Ao sair do centro cirúrgico, dezenas de pessoas vieram ao meu encontro. À frente, as duas avós. Uma se adiantou e perguntou:

”Era?”, para saber se eu tinha acertado. Respondi-lhe: “Era. Mas, eu pensei que o que senhora fosse perguntar era pelo seu neto. Ele está ótimo e curado”. Já atendi os filhos do Rodrigo, em Brasília.

FEBRE TIFOIDE –O Márcio estava com três meses. Há cinco dias doente, com febre alta e diarreia. Solicitei exames complementares e foi confirmado o diagnóstico de febre tifoide. O primeiro e único caso desta doença, nesta idade, que vi em toda minha vida. A situação estava controlada, mas a família resolveu chamar um pediatra da família, um professor de Pediatria, para uma conferência

médica. Chegou, examinou o Márcio, concordou com tudo e disse, para tranquilizar a família: “O Antonio Márcio está certo. O filho de vocês está em boas mãos. Tenham certeza que, daqui a dez anos, ele será um dos melhores pediatras do Rio”. Eu tinha sete anos de formado. O professor, que era meu amigo, elogiou e acabou comigo ao mesmo tempo. Certamente os pais não ficaram satisfeitos de saberem que quem estava tratando do seu filho era uma pessoa que seria um bom médico daí a dez anos.

NEM TANTO – Eu era o pediatra dos filhos da Lucia. A festa estava cheia de pessoas, muitas delas minhas conhecidas e mães de clientes. Ao entrar na festa, com Therezinha ao meu lado, Lucia me vê e grita: “Dr. Antonio Márcio, você é o pai dos meus filhos”: Eu respondi: “Nem tanto, Lucia, o pai dos seus filhos é o Eduardo”.

LEUCEMIA – Nos dez primeiros anos de formado, eu costumava atender crianças em Leopoldina, minha cidade natal. Em uma das vezes, um amigo e colega médico pediu-me para examinar seu filho, que vinha tossindo há mais de um mês. O menino tinha oito anos. O pai gostava de pescar e caçar e o filho era seu companheiro inseparável. O pai vivia para o filho. Assim que a criança tirou a camisa constatei inúmeras equimoses e petéquias, que permitiam supor que ela estivesse com leucemia. Situação extremamente constrangedora. O que e como conversar com o pai? Eu trabalhava no Hospital dos Servidores do Estado, no Rio e convenci-o a ir até lá fazer os exames necessários. Na ida, disse-me que, se fosse leucemia, ele não trataria o filho. Naquela época, os tratamentos eram paliativos. Os exames confirmaram o diagnóstico. O tratamento não foi feito e o menino morreu poucos meses após. O pai conviveu anos com uma profunda depressão.

O OTOSCÓPIO – O casalzinho se tratava por “paizinho” e “mãezinha”. Era a segunda vez que o filho tinha dor de ouvido. Ela virou para ele e disse: “Paizinho, por que você não compra este aparelhinho e não precisamos de chamar o Dr. Lisboa?”. A resposta: “Mãezinha, o problema é que o Dr. Lisboa estudou seis anos para saber usar este aparelhinho”.

DR. BALEIA - A mãe só me chamava de Dr. Baleia. Com certa razão, pois eu era bem gordo. Ao ler a receita, pediu milhões de desculpas. Fui também chamado, várias vezes, de Dr. Poerugal

CONFERÊNCIA MÉDICA – Aline estava com febre alta há mais de dez dias. Os exames pareciam indicar que se tratasse de um linfoma. Convidei um dos maiores hematologistas para uma conferência médica. Teve a mesma suspeita. A família resolveu convidar o José, parente e pediatra, para uma nova conferência. No dia marcado, o pediatra parente assumiu o comando da reunião e disse que a menina estava com “febre ganglionar de Pfeiffer” (nome que era dado para a mononucleose infecciosa há mais dois séculos). A menina, a não ser a febre, não tinha nenhum outro sinal de mononucleose. Aí, o José prescreveu um antibiótico, eritromicina, em doses altíssimas, e pediu que um de

nós fizesse a receita. Ninguém era suficientemente louco para assinar aquela prescrição. Respondemos que não tínhamos receituário naquele momento e questionamos o diagnóstico, a medicação e a dose. Ele nos contestou e manteve a prescrição. Eu e o hematologista saímos apavorados. Febre ganglionar? Não mais existia esse termo para designar a mononucleose. A eritromicina não era indicada para o tratamento da mononucleose. A dose prescrita estava muito acima da máxima indicada. Tudo errado. E o que aconteceu? A menina ficou boa em três dias. Perdi a cliente e toda sua família. Nunca mais me chamaram. Mas, sempre se tira algum ensinamento. Ficou claro que nunca se deve levar o receituário em conferências médicas.

OPERAÇÃO DE HÉRNIA – Roberto era um excelente pediatra. Prestou um concurso, em que eu fui examinador, e pude comprovar sua sólida formação profissional e, mais tarde, suas qualidades de cidadão. Tinha um filho único, de dois anos, portador de uma hérnia inguinal. Naquela época aprendíamos que hérnia diagnosticada, hérnia operada. Roberto achava que o menino deveria ser operado, a mãe não. A operação era de baixíssimo risco e o Roberto mandou operá-lo. E, aí, ocorreu o inesperado: uma parada cardíaca. Reanimado, o menino ficou com lesão cerebral grave. Nessa época, 1955, eu era o único médico no Rio que tinha aparelhos de pressão para crianças. Emprestei-os e fiquei sabendo de toda a história. A mãe, inconformada, responsabilizava o marido pelo acontecido, chamando-o inclusive de assassino. Foram para os Estados Unidos em busca de tratamento para o filho. Voltaram dois anos após, sem nenhuma melhora. O filho descerebrado, a mulher acusando-o pelo acontecido e o Roberto, aquela figura amiga, sofrendo calado. Até que um dia, abriram a porta do quarto e, sobre a cama, depararam com os corpos do menino e o do pai. Roberto havia matado o filho e se suicidado. Não havia aguentado a pressão. **TUMOR CEREBRAL** – Alberto, médico e grande amigo meu, casou-se com

Eva, uma mulher maravilhosa. Tiveram um filho. Primeiro filho e primeiro neto. Com sete meses, começou a ter vômitos pela manhã. Iniciamos um tratamento, e os vômitos não melhoravam. Ocorriam sempre pela manhã, após a mamadeira. Mandei dar a mamadeira mais tarde e os vômitos ocorreram em jejum. Esse tipo de vômito costuma ocorrer em um tipo de tumor cerebral – tumor na fossa posterior. Fiquei apavorado. O casal era extremamente ligado a mim e minha esposa. Enviei ao neurologista, que nada encontrou, e recomendou um gastroenterologista, que pediu exames radiológicos do abdome, e nada encontrou. O casal estava de férias em Petrópolis, com o filho, e um amigo comum informou-me que o menino havia parado de vomitar e que havia dito ao pai que estava feliz porque eu suspeitava de tumor cerebral. A mãe telefonou-me, dizendo que a criança estava com o pescoço torto (torcicolo) e que havia recomeçado a vomitar. Pedi que descessem. Já não tinha dúvidas quanto ao diagnóstico, ainda mais que a moleira já estava ficando abaulada. Solicitei que a criança fosse examinada pelo Prof. Asdrubal Costa, famoso pediatra. Enquanto o esperava na casa dos pais, a avó não se aguentou e me disse:

"Antonio Márcio, não estou lhe entendendo. Você parece querer que o menino tenha um tumor cerebral !" Respondi-lhe que, o meu papel, era fazer o diagnóstico o mais precoce possível. O Prof. Asdrubal confirmou minha suspeita e o bebê foi operado dois dias após. Era o que eu achava: tumor da fossa posterior, que não conseguiram retirar todo. Ao saber do resultado, confesso que chorei.

Após a cirurgia, o tumor continuou crescendo e a cabeça do bebê, também. No dia em que completou um ano, morreu. Mas, o destino resolveu que o casal deveria passar por mais sofrimentos. Nasceu um segundo filho – o Antônio, e eu fui convidado para ser o padrinho. E mais tarde, uma linda garotinha. Fui examiná-la no berçário e nada encontrei de anormal. Com 20 dias a mãe telefonou-me que a criança estava com obstrução nasal e cansada. Pedi que a levasse ao consultório. Chegou às seis da tarde. Examinei-a. Estava com insuficiência cardíaca. Falei com o pai e com o Jacques, cardiologistas, e a levamos, imediatamente, para o hospital. Foram feitas radiografias. O pai foi o primeiro a olhar as radiografias, e fez o diagnóstico – coarctação da aorta, malformação sem solução na época. Após cerca de dois meses internada, a menininha faleceu. Tiveram mais filhos, hoje profissionais conceituados. Nossa amizade, minha e do casal, perdura até hoje.

LEUCEMIA – Jaques tinha oito anos. Era filho único. O casal e o filho moravam em um apartamento na Tijuca. O Jacques queria ter um cachorro, o que era impossível naquele pequeno apartamento. O pai, louco pelo filho, resolveu fazer uma linda casa em São Conrado, bairro nobre do Rio, para que esse desejo se concretizasse. Jaques ficou doente. Chamaram-me para atendê-lo. Estava com febre há vários dias. Com os exames, diagnostiquei mononucleose infecciosa. O hemograma da mononucleose, às vezes, se confunde com o da leucemia. Mas, passados alguns dias, o menino parecia ter ficado bom. Até que, um domingo pela manhã, o tio, médico, me telefona dizendo que o Jaques estava no Pronto Socorro do Hospital Souza Aguiar, com um quadro de abdome agudo e queriam operá-lo. Pedi-lhe que me esperassem. Fui para o hospital e constatei que o menino apresentava um abdome muito duro, denominado ventre em tábua, que ocorria em leucemias.

Os exames confirmaram o diagnóstico. Nessa época, os pais se mudaram para a casa e compraram o cachorro. Tive a oportunidade de ver essa situação emocionante: o menino, portador de uma doença fatal, brincando com o objeto de seu maior desejo: o cãozinho. Embora cuidado pelos maiores especialistas do Rio, Jaques morreu pouco tempo depois. Alguns anos após tive a oportunidade de atender a irmãzinha do Jaques.

CARDIOPATIA CONGÊNITA CIANÓTICA – Eu e meu colega e amigo Jacques Bulcão tínhamos combinado atender crianças pobres em nossos consultórios, sem cobrar. Manuel era um dos nossos pacientes. Tinha três anos e era portador de uma cardiopatia grave, que impedia o seu crescimento normal. Chegava ao consultório cansado, roxinho (cianosado), alegre, sempre acompanhado pela mãe. Atendi-o várias vezes e sempre ficava emocionado ao

atender aquela criaturinha inocente, fadada a morrer, pois, sua doença, ainda não tinha uma solução cirúrgica. Chegou o Natal e o Manuel fez questão de me dar um presente. Todo sorridente, entregou-me um embrulhinho. Abri. Era uma lata de goiabada marca Peixe. Sai da sala e chorei. Foi um dos presentes que mais me emocionou, em todos os meus 64 anos de pediatria. Nunca mais o vi, mas imagino o que tenha acontecido.

CARDIOPATIA CONGÊNITA ACIANÓTICA – Outra cliente minha e do Jacques. Atendi-a na Policlínica do Rio de Janeiro. A Rita era uma pretinha muito viva e tinha seis anos. Sofria do coração desde o nascimento. Fiz o diagnóstico de persistência do canal arterial. Preparamos a Rita para a cirurgia, que foi realizada sem nenhum custo. Ficou curada. Durante anos, no dia do meu aniversário, a Rita ia ao meu consultório e me dava de presente um saquinho de deliciosas balas de coco. Pobre, mas agradecida.

INGRATIDÃO – Marina era filha de um rico funcionário do Banco do Brasil. Tinha dez meses e era portadora de uma cardiopatia grave, com insuficiência cardíaca. Havia dois meses que estava internada, dentro de uma tenda, na Policlínica Geral do Rio de Janeiro. A falta de ar a impedia de sair da tenda de oxigênio. Seu caso foi discutido várias vezes com os alunos. Estava à espera da morte. O professor que a estava acompanhando pediu-me que cuidasse dela. Brinquei com ele dizendo que só aceitaria com carta branca. Concordei. Chamei o Jacques, sempre naquela base: não cobrar. O Jacques compensou a insuficiência cardíaca, solicitamos os exames necessários e diagnosticamos persistência do canal arterial, cardiopatia suscetível de correção cirúrgica. Conseguimos que a cirurgia fosse feita de graça. Fizemos todo o pré e o pós-operatório sem cobrarmos nada. A Marina ficou curada. Pouco tempo após, nasceu a irmã e eu a atendi. Uns seis meses após a cirurgia, a Marina caiu de uma escada e fui chamado. Eu morava em Botafogo e ele no Meyer. Atendi e achei justo cobrar a consulta. Nunca mais fui procurado. Dois anos após, a esposa do Jacques estava em uma festa de funcionários do Banco do Brasil e um parente dela estava comentando o atendimento de uma criança, com as características do caso da Marina, e dizendo que o pediatra, Dr. Lisboa, “tinha enfiado a mão no bolso de seu colega fulano”. A Dora entrou na conversa, disse que havia acompanhado todo o caso, e que, eu e o Jacques não havíamos recebido um vintém com a cirurgia da Marina. Em resumo: dois pobres agradecidos e um rico que nem disse “muito obrigado”.

AMERICANA – Tive uma vizinha que era americana. Eu cuidava dos filhos. Um dia a menina apareceu com um quadro de infecção grave. Mandeí interná-la. Qual foi minha surpresa quando, no dia seguinte, encontrei-a de volta à sua casa. Não demorou um dia e o quadro clínico se agravou. Mandeí que fosse reinternada. À meia-noite recebo um telefonema da mãe pedindo-me que fosse ao hospital. Naquela época eu, com oitenta anos, já não costumava atender a chamados fora de minha casa. Não sei porque, alguma força me dizia que deveria ir ao hospital. Chegando lá, constatei que a criança corria risco de morte.

A pressão arterial estava quase zero e ela não respondia aos estímulos. Pedi que a transferissem urgentemente para a UTI. Aí ela ficou alguns dias entre a vida e a morte. Após vinte dias internada, teve alta curada. A família agradecida, deu uma recepção na embaixada americana, 100.000 dólares de presente para os médicos da UTI. E eu? Não recebi nenhum agradecimento e nem meus honorários relativos às visitas feitas no hospital. Assim é a vida.

CIGARRO – Era uma moça linda, grávida. Fumava desbragadamente. No consultório, soprava baforadas de fumaça em minha direção, e ria. Várias vezes tentei convencê-la dos riscos do cigarro para uma gestante. Não acreditava, e citava exemplos de amigas, fumantes, que tinham tido filhos normais. Disse-lhe que fumar durante a gestação era o mesmo que jogar roleta russa: cinco possibilidades de não acontecer nada e uma de morrer. Deu a luz a uma criança de baixo peso, com uma cabeça muito pequena e, o pior, com atraso no desenvolvimento já diagnosticável logo após o nascimento. Mudou-se de Brasília e nunca mais a vi.

DESIDRATAÇÃO – Final de tarde, tive um chamado para atender uma criança, no Leblon, que estava com vômitos e diarreia. Era filho de um médico, amigo meu. Encontrei um menino, por sinal um gigante, que tinha a idade de um ano. Estava dentro de um cercado, caminhando apoiado nas bordas. Parecia muito bem. Fiz a prescrição e, quando me preparava para sair, o menino desmaiou. Começou o corre-corre. A mãe não estava em casa. A criança estava com a babá e uma amiga (avó honorária), que pesava mais de cem quilos. Corri para o carro e coloquei a criança desmaiada e a amiga no banco. Tinha que levá-la até o pronto socorro na praia de Botafogo, distante uns oito quilômetros. O caminho mais perto era pela Visconde de Albuquerque, que dava mão em sentido contrário e que, naquele horário, tinha grande movimento. Entrei na contra mão e em alta velocidade. A avó gritava a toda hora: “Antonio Márcio! Pare! Ele está morrendo! ”. Não adiantava parar. Segui feito um louco até o pronto socorro, onde o menino foi prontamente hidratado e ficou internado por três dias. Estava presente o Julio de Moraes, famoso gastroenterologista, amigo meu e da família. Interessante que, nesse dia, tive uma dor no ponto apendicular. A avó honorária, Lulu Ibirocay, passou a me assediá-la para tomar um determinado comprimido, que eu não queria. O Julio disse-me: “Se eu fosse você eu tomaria logo. Eu a conheço e sei que ela vai assediá-lo a noite inteira até você tomá-lo”.

MINHA APENDICITE - O Julio diagnosticou apendicite. Eu tinha que ser operado. Mas, eu havia sido convidado para participar de uma mesa redonda no Congresso Brasileiro de Pediatria, em Fortaleza. Pedi ao Júlio que prescrevesse antibióticos, pois eu não poderia deixar de ir. Uma loucura total. Tomei o avião no aeroporto Santos Dumont. Levantou voo e fomos para o Galeão. Na subida senti dor. Chegando em Fortaleza fiquei na casa do Luiz Alberto Meireles, meu colega da Faculdade e da Aeronáutica, em repouso, tomando antibiótico e colocando gelo na barriga. Fiz a palestra “Anemias Hemolíticas por Agentes Químicos” e voltei para o Rio. Fui logo internado para ser operado pelo Antero

Junqueira, meu primo e um grande cirurgião. Fomos para a sala de cirurgia, deite-me na mesa e passamos a esperar o anestesista, também um ex-colega da Faculdade. Antero, com razão, tinha pressa, e estava pronto para operar-me. Nesse momento eu resolvi ficar assentado. Passados uns vinte minutos, chega o anestesista esbaforido, pedindo desculpas, mandou-me deitar, colocou a máscara, disse-me para que eu respirasse fundo, e apaguei. Acordei no quarto. Julio estava ao meu lado preocupadíssimo. O resto, eu soube depois. Fui para o quarto cianosado - lábios e face azulados. Vendo a preocupação do Julio com o quadro, o anestesista comentou: "Você nunca notou que o Antonio Márcio sempre tem uma cor cianótica". O Julio não respondeu, mas ficou ainda mais apavorado. A novela, porém, não acabou.

A VISITA –Tinha acabado de ser operado de apendicite. Estava acordando. Sentado em uma cadeira, ao lado de minha cama, um vulto. Lembro-me que passei a mão na testa várias vezes, tentando identificar a pessoa. Até que enfim, identifiquei. Era o Fabio, pai de um prematuro que deveria estar com um mês. Pensei que ele estivesse me fazendo uma visita. Não. Ele queria fazer perguntas sobre o bebê, em um momento totalmente inconveniente. Eu ainda sedado, tentando dar uma consulta. Uma loucura. Não gostou, e trocou de médico.

O ABCESSO DE PAREDE– Meses depois, apareceu um abscesso no local da cirurgia. Procurei o Jesse Teixeira, o maior cirurgião torácico daquela época, que resolveu drenar o abscesso. Cirurgia simples de curta duração. Fui para a Beneficência Portuguesa. Resolveram fazer a cirurgia com anestesia local. Avisei à equipe que eu tinha problemas com esse tipo de anestesia. Aplicado o anestésico, o abscesso foi drenado e eu comecei a sentir a vista turva e a sensação de que iria desmaiar. Foi convocada toda a equipe, colocaram um soro em minha veia e o Jesse desabotoou minha camisa. O anestesista tirava minha pressão seguidamente. Como eu era o pediatra de todos os membros da equipe, eu ainda conseguia brincar dizendo-lhes que se algo me acontecesse eles iriam ficar sem pediatra. Jesse interrompeu a cirurgia, fechou o local com gaze. A situação foi melhorando e uma hora após eu estava almoçando com a turma. O buraco estava aberto, mas teria que ser fechado. "Com você, Antonio Márcio, só internado e com anestesia geral", disse-me o Jesse. E assim foi feito, e eu fiquei bom.

CASOS DE APENDICITE? – Celso procurou-me no consultório. Pediu-me para ver seu filho em um hospital. Ele iria ser operado no dia seguinte. Disse-lhe que, sem permissão do cirurgião, eu não poderia examiná-lo. No dia seguinte, meia hora antes da cirurgia, procurou-me novamente e disse-me que a permissão havia sido concedida. Fui ao hospital e, apesar dos exames serem compatíveis com apendicite, o quadro clínico não era. Pedi que convencessem o cirurgião a adiar a cirurgia por uns dois dias. Quem sabe os antibióticos não resolveriam? Uma hora depois, Celso telefonou-me e disse-me que o cirurgião não mais se responsabilizaria pelo caso e que chamassem outro médico. Duas horas após, passei no hospital e mandei o menino para casa.

Lívia perguntou-me se eu poderia ir a um hospital, ver sua sobrinha que deveria ser operada de apendicite em poucas horas. Respondi-lhe que só poderia atendê-la em minha casa. Logo depois, chegou com a criança, que se assentou na sala de espera, alegre e risonha. Olhei o hemograma e disse: “Esse hemograma é compatível com apendicite”. Olhei a ecografia, li o resultado: do exame - apendicite aguda, e disse: “Essa ecografia é compatível com apendicite. Agora, essa criança, não tem apendicite”. O exame clínico foi normal. Em minhas aulas, eu sempre dizia aos meus alunos: “Tratem as pessoas, nunca os exames”.

CIRURGIA DE AMÍGDALAS –Leonardo tinha amigdalites de repetição e eu indiquei que suas amígdalas fossem retiradas. O pai era alto, forte e nervoso. Pediu-me que fosse assistir a operação. A todo momento queria informações de como andava a cirurgia. Terminada, eu disse-lhe que tudo havia corrido bem e fiz uma brincadeira. Um dos tios disse-me: “Antonio Márcio, você está brincando porque não sabe o risco que correu. O Rodolfo (pai) estava armado e dizendo que, se o filho morresse, ele lhe mataria”.

ESTENOSE DE DUODENO – Kátia começou a vomitar logo após as primeiras mamadas. Os vômitos eram amarelados, continham bile. Suspeitei de estenose do duodeno. Chamei o Dr. Claudio Souza Leite, famoso cirurgião pediátrico, que concordou com o diagnóstico, posteriormente confirmado pelas radiografias. Feita a cirurgia e corrigida a malformação. Infelizmente ela havia aspirado os vômitos e feito uma grave pneumonia. A família tinha poucos recursos e não podia manter a criança no hospital. Eu e o Claudio montamos uma pequena UTI em casa, alugamos uma incubadora. O quadro respiratório da Kátia melhorava e piorava. Quando pensávamos que ficaria curada, recaía. Foram quase duas semanas. O duodeno fechou. Kátia, com pneumonia, teve que ser reoperada. Um dia, a mãe me disse: “Vocês fizeram de tudo. Quando Deus não quer, não tem solução”. Respondi-lhe que iríamos continuar lutando até conseguirmos curá-la. Vinte anos após, já em Brasília, Kátia, uma linda aeromoça, telefonou para agradecer-me.

ESTENOSE DO ESÔFAGO – Conheci a Gisele no dia que nasceu. Casa de Saúde São José, Rio de Janeiro. Chegando ao Berçário, encontrei o pai, que me perguntou: “Antes de examinar minha filha, eu queria saber seus honorários”. Disse-lhe, e então, me autorizou. Princípio complicado de uma amizade que já dura mais de meio século. A Gisele não aumentava de peso e tivemos que prescrever uma mamadeira. Aí começou nosso suplício. Começou uma diarreia que não conseguíamos debelar. Com um mês, continuava com o peso do nascimento. Com um mês e meio após um troca-troca de vários leites, a diarreia cedeu. Acabou o sufoco? Não. Com cerca de dois meses, a Gisele começou a regurgitar. Não conseguia engolir. Tinha uma estenose de esôfago. Teve que ser operada. Cirurgia delicada e de risco. Ficou boa. Quando fez 15 anos, ligou para Brasília para agradecer-me. E, quando fez 50 anos, também.

MORTE SÚBITA– No dia em que eu chegava das viagens costumava não atender aos chamados. As crianças eram atendidas por um assistente. Naquele domingo à noite, embora cansado da viagem, resolvi atender a um chamado. Era da Lúcia, professora do Chapeuzinho Vermelho, colégio do qual eu era médico, pedindo que eu atendesse seu filho Mário. O Mário tinha um ano e estava na idade de estranhar os pediatras. Lembro-me que, ao tentar examiná-lo, ele corria de um lado para outro na cama. Estava com gastroenterite, mas com estado geral bom. Mediquei-o. Às cinco horas da manhã, Lúcia telefonou-me dizendo que o Mário estava com fome e se poderia dar-lhe uma banana. Respondilhe que sim. Às nove da manhã eu estava no hospital quando recebi um telefonema avisando-me que o Mário havia morrido. Foi um dos piores dias de minha vida. A necropsia não conseguiu identificar a causa da morte. Até me transferir para Brasília, tinha que, todas as quintas-feiras, encontrar-me com a Lúcia, o que era um sofrimento.

TIA INOCÊNCIA - Costumava ir a Itajubá visitar minha família – os Lisboa. De uma feita, em lá chegando, encontrei minha tia Inocência, irmã de meu pai, muito mal. À noitinha, a família se reunia no quarto dela. Dava a triste impressão de que estavam participando de um velório antecipado. Tia Inocência tinha tido uma cardiopatia reumática quando jovem, que tinha lesado seu coração. Estava em insuficiência cardíaca, muito cansada, já não saía da cama. O que estavam fazendo: nada, esperando o fim.

Tia Inocência era uma pessoa alegre, muito querida. Só fazia o bem. Tocava piano para que nós dançássemos.

Voltei ao Rio e, no fim de semana seguinte, lá estava eu com meu grande amigo Jacques Bulcão, cardiologista. Jacques medicou-a. Daí a uma semana, estávamos de novo em Itajubá. Tia Inocência estava bem melhor. O cansaço havia passado e ela já caminhava pela casa. Passamos ao plano B: levá-la para o Rio, para ser operada. O marido, Alberto, não queria. O irmão médico, Gaspar, não era nem a favor, nem contra. Levei-a para minha casa, preparamos para a cirurgia e levamos para o cirurgião – Domingos Junqueira, meu primo e colega de pensão. Na véspera da cirurgia, tive uma surpresa desagradável: da família, inclusive meu pai, só eu queria que ela fosse operada. Quando soube da situação, minha mãe disse ao meu pai: “Lisboa, você tem que ficar do lado de seu filho”. Pelo menos, não falou mais contra.

A cirurgia durou cerca de cinco horas. As primeiras palavras da tia Inocência ao acordar, foram: “Dr. Dominginhos, o senhor deve estar muito cansado. Vá para casa”. Nenhuma queixa de desconforto ou dor.

Tudo parecia bem, quando começou um sangramento. Foram seis litros de sangue e nova abertura do tórax. Tive que procurar sangue em todo Rio de Janeiro. Eu estava desesperado. E se ela morresse? A decisão de se fazer uma cirurgia tinha sido minha. O marido, tio Alberto, tinha se recusado a sair de Itajubá. Achava, e dizia, que aquilo que queriam fazer com a mulher dele era uma loucura. As horas passavam e ela continuava na sala de cirurgia.

Finalmente, o sangramento foi debelado. Após uma semana, voltou para minha casa, onde ficou um mês e, depois, Itajubá. Ainda viveu dez anos.

Em toda situação difícil sempre se aprende alguma coisa. Controlada a situação, fui falar com o Nelson Botelho Reis, cardiologista, meu primo, e um dos maiores cérebros que conheci. Conte-i-lhe a história e ele me disse: “Você andou mal. Fez tudo errado. Você não pode, e não deve, assumir a responsabilidade de caso como o da sua tia. Se morresse, você seria o culpado. Antonio Márcio, nós somos técnicos. Nós diagnosticamos, orientamos o paciente ou a família sobre o que nós achamos que deva ser feito. O paciente ou a família poderão, ou não, estar de acordo. A responsabilidade da decisão caberá a eles, não a você”.

Pouco tempo após atendi uma criança com apendicite. O pai disse que a criança poderia ser operada, mas a responsabilidade seria minha. Eu respondi “O senhor pode consentir, ou não, com a operação. Se o senhor não tiver confiança no diagnóstico, o senhor pode mudar de médico. A responsabilidade pela decisão é sua. Se o filho fosse meu, a responsabilidade seria minha”. Vivendo e aprendendo.

OUTRA LIÇÃO -Passava minhas férias em Leopoldina e sempre visitava a Santa Casa para conversar com os médicos. Um dos médicos, Álvaro Junqueira Botelho, meu primo, e um dos melhores cirurgiões que conheci, pediu-me para examinar um menino, com cinco anos, que apresentava um ferimento no pé, há mais de um mês, que não cicatrizava. Perguntou-me qual seria o meu diagnóstico. Disse-lhe: “mal perfurante plantar”, encontrado em uma série de doenças, todas de alguma gravidade. Olhou para mim e disse: “Menininho. Louro, lindo, sadio. E você fez um diagnóstico de condições raras e graves. Não deu nenhuma chance para ele”. Em seguida, pegou uma pinça, e retirou um caco de vidro da ferida. Eu estava no final do quinto ano de Medicina. Disse-me: “Antonio Márcio, você tem um ano para aprender Medicina”. Nunca mais me esqueci.

A MORDIDA –No Rio, o Garcia, um excelente pediatra, trabalhava comigo. Um dia, a mãe de uma cliente perguntou-me quanto eu estava cobrando por uma visita domiciliar. Disse-lhe. Ela respondeu-me que achava estranho um assistente estar cobrando muito mais do que eu. Curioso, perguntei ao Garcia e ele respondeu-me que o valor das consultas era igual ao meu. Conte-i-lhe a conversa que havia tido com a cliente e ele respondeu-me: “Dessa eu cobrei até muito pouco. Um cachorro correu atrás de mim, tive que subir em uma árvore e, mesmo assim, ele rasgou as calças de meu terno novo. O que eu cobrei não deu para pagar o terno. O cão era um dobermann, nada simpático, já havia me dado um susto. Meses antes eu havia sido chamado, no mesmo local, para atender a uma recém-nascida. A casa era imensa e a criança estava no segundo andar. Terminado o exame, desci a escadas sozinho e comecei a procurar a saída. Ao entrar em uma sala lá estava a fera olhando-me fixamente. Consegui fechar a porta e voltar ao segundo andar, onde pedi que alguém que me acompanhasse até a saída.

A ROSE –O Roberto Rocha foi um dos melhores pediatras que conheci. Trabalhamos anos juntos no consultório e na Maternidade Alexander Fleming. No consultório, eu dava as vacinas nas clientes dele e ele, nas minhas. Um dia, Roberto parecia muito agitado. Entrava e saía da minha sala, a toda hora. Aplicou a vacina na criança e a criança passou para a consulta. Quando terminei, ele perguntou-me: “Você não viu quem saiu da sua sala? Você é um insensível! A Rose Rondelli, uma das mulheres mais bonitas do Brasil”. Confessei-lhe que não tinha reparado. A Rose, naquela época, era esposa do Chico Anysio.

O CHICO ANYSIO - Estávamos em 1964, poucos meses antes do Congresso Brasileiro de Pediatria. Eu estava coordenando a parte social. Resolvi fazer um teatro. Os atores seriam os pediatras e o enredo, ocorrências do dia-a-dia. Como era pediatra do filho e sobrinho do Chico, resolvi procurá-lo, não sem antes tentar escrever o enredo. Recebeu-me às onze horas da noite em seu pequeno apartamento, em Copacabana. Expliquei-lhe minha ideia. A primeira coisa que me ensinou foi que o enredo humorístico tem que ser gravado, e não escrito. Diziam que ao se escrever existe uma preocupação com a concordância, sinalização, ortografia etc. e, no final, o escrito perde a graça. Passei a entender porque tudo o que eu havia escrito acabava sem graça. Conversamos umas duas horas, até que o Chico me disse: “Dr. Lisboa, estou muito preocupado com nossa conversa. Se o senhor quiser, eu faço o show de graça. Minha preocupação prende-se ao fato de o senhor deixar de estudar medicina para tentar ser ator. E o senhor é o pediatra do meu filhos. Vamos fazer um trato. Eu faço o show e o senhor não deixa de estudar medicina”. O show não foi realizado por eu não ter conseguido o teatro.

MARIA CLARA MACHADO – Criatura adorável. De fala mansa, olhos azuis, baixinha, mas uma gigante em realizações. Criou e dirigiu o Tablado, uma das maiores escolas de teatro no Rio. Escreveu e dirigiu inúmeras peças infantis. Eu cuidava de filhos de várias amigas da Maria Clara. Quando nos encontrávamos, ela tentava me convencer a ser um artista. Sempre me perguntava se eu não desejava fazer alguns testes no Tablado. Em 1967, com minha mudança para Brasília, o sonho de ser artista acabou.

O DIA EM QUE ME SENTI VELHO – Geralmente os pediatras se sentem velhos quando as crianças deixam de chamá-los de tio e passam a chamá-los de vovô. Costuma ser um choque. No meu caso, foi diferente. Estava em uma recepção na embaixada de Portugal quando se aproximou de mim um rapaz bem vestido, de terno e gravata. Perguntou-me: “Tio, o senhor não está me reconhecendo? Eu sou o Valtinho”. O Valtinho? Aquele menininho que morava no meu prédio, que eu tinha cuidado dele algumas vezes? Tinha virado um senhor, de colete. O Valtinho tinha se tornado um diplomata que, alguns anos mais tarde, seria embaixador. Lembrei-me dos 32 meninos e meninas que eram meus clientes, que moravam no nosso edifício Glória-Lagoa. Lembrei-me de quantas noites eu saí de casa para atendê-los, de pijama. De nossas festas e,

principalmente da medalha que me deram, com o nome de todos, no almoço em que nos despedimos do Rio e nos mudamos para Brasília.

- Até hoje, passados mais de quarenta anos, eu ainda me lembro de vocês e de seus pais!

DOR DE OUVIDO –Manuel, pai de uma menininha de dez meses, era português. Uma madrugada, telefonou-me, dizendo que a “miúda” (menina), estava a chorar havia duas horas. O que fazer? Perguntei-lhe se ela estava com o nariz entupido, por ser a maior causa de otite em bebês. Respondeu-me que sim. Disse-lhe que a criança deveria estar com dor de ouvido e pedi-lhe para pingar quatro gotas de um remédio no nariz – Neo-Sinefrina Infantil, e meio supositório de Espasmo-Cibalena Infantil. “Bem, doutor, vou pingar as quatro gotas de “Neosinferina” e meter-lhe o supositório na orelha”. “Na orelha, não, Manuel”. “Então, doutor, não estou a entender-lhe. O senhor disse que ela está com dor de ouvido. E vou meter-lhe o supositório onde?”. Confesso-lhe que, de madrugada, cansado, não foi fácil explicar ao Manuel, sem ofendê-lo, onde o supositório deveria ser colocado.

GÂNGLIO - Tales estava com seis anos. Foi levado à consulta por estar com os gânglios do pescoço muito grandes. Medi o pescoço, prescrevi a medicação e pedi a Gilda, sua mãe, que os medisse, no dia seguinte, e me telefonasse. Telefonou-me e disse: “Antonio Márcio, ontem ele estava com um metro e vinte e hoje continua com um metro vinte”.

NÃO CONSIGO ANDAR– Pedrinho morava no meu prédio. Hélio Fábio e Doris estavam aflitíssimos, pois o menino estava mancando há mais de dez dias. O ortopedista não havia encontrado nada de anormal. Chamaram-me para vê-lo. Menino alegre, ativo, claudicando ao andar. Pedrinho ficou de um lado da sala e eu no lado oposto. Disse-lhe que eu lhe daria uma bala se ele a pegasse rapidamente de minha mão. Levantou-se e correu para o meu lado, sem mancar. Estava curado.

O CAMPEÃO – Miguel nasceu em 1956, prematuro, com um quilo e meio. Tive que dar-lhe alta com oito dias, pois não existiam UTIS pediátricas. Passei a visitá-lo diariamente, até adquirir dois quilos. Evoluiu muito bem. Em 1969, já em Brasília, sou convidado pela mãe do Miguel para assistir ao Campeonato Brasileiro de Hipismo, onde ele iria disputar o título de campeão brasileiro. Vale a pena ser pediatra.

A PREMATURA - Clara nasceu em 1977, com 1.800 gramas, em Brasília. Não existiam UTIS pediátricas. Levei-a para meu apartamento e fiquei com ela mais de vinte dias. Hoje já tem uma filhinha, minha cliente.

NÃO DORME À NOITE –Um dia, a Sonia telefonou-me dizendo que o marido, desesperado por não conseguir dormir há vários dias, havia tentado agredir seu filho, de apenas oito meses, que chorava a noite toda. Tive que pedir à avó que levasse a criança para sua casa e tomasse conta do neto por alguns dias. Após uma semana, a avó perguntou-me a razão do meu pedido, pois o neto não

tinha nada, dormia a noite inteira. Na minha clínica tive a oportunidade de atender a muitos casos semelhantes. Colocando uma pessoa tranquila para tomar conta do bebê, e permitir que os pais descansem, resolveremos a maioria dos casos. Um deles, filho de um colega, não tinha ninguém que pudesse substituir os pais. Levei-o para minha casa e devolvi-o, dormindo bem, após uma semana.

VAI CRESCER? –Havia nascido a irmã de Marcelo. Tinha cinco dias, e eu estava examinando-a enquanto Marcelo nos observava. De repente, apontando para a vagina da irmã, pergunta-me: “Tio, quando vai crescer?”.

O QUE ESTÁ ACONTECENDO? –Sábado, nove horas da noite. Sou chamado para atender a um bebê que estava passando mal com problema respiratório. O bebê estava com um quadro de bronquiolite que exigia internação. A mãe estava sozinha. O marido, jornalista, trabalhando. Pediu-me para esperar a chegada do marido. Tentou se comunicar com ele, várias vezes, sem resultado. O tempo passava. A criança, piorando. Cerca da meia noite, fiz-lhe ver que não poderíamos esperar mais. Ela arrumou uma malinha, pegou bebê e, ao abirmos a porta para sairmos, quem estava chegando? O marido, que não sabia de nada, levou um susto, vendo-me saindo de sua casa, à meia-noite, com a mala na mão, sua esposa ao meu lado, carregando seu filho nos braços. Perguntou-me de forma agressiva: “O que é que há?”. Respondi-lhe: “Não há nada. Estamos levando seu filho para ser internado em um hospital”. E acabou o mal entendido. **O PRESENTE** –Véspera de Natal. Lúcia, mãe de um bebê, entra em minha casa, assenta no sofá e espera que eu termine de jantar. Tem um lindo embrulho nas mãos. Natal. Acreditei que deveria ser um presente. Lucia abre o embrulho e me pergunta: “Eu queria saber se o cocô da Gildinha está normal...”.

JORGINHO MEIA-NOITE –Por quê? Ele descobriu que sempre me encontraria em casa em torno desse horário. Quando o telefone tocava entre meianoite e uma hora, era o Jorginho. Uma noite, eu estava com amigos em casa e ele telefonou-me, com raiva. Queria que eu o atendesse naquela hora. Pedi-lhe que viesse à minha casa. Pediu-me que eu descesse para encontrá-lo no pilotis. Meus amigos pediram-me que não descesse. O Jorge morava perto de minha casa e, de minha janela, eu podia vê-lo caminhando em direção ao meu prédio. Ele trazia nos braços um grande embrulho. Era um esterilizador, com um pouco de água com uns pequenos ciscos. Perguntou-me se os ciscos prejudicavam a esterilização. Disse-lhe que não. Então, explicou-se: “Em minha casa não tem água. Minha mulher disse que esta água está suja e eu só tenho essa para esterilizar a mamadeira”. Respondi-lhe que ele poderia usá-la para esterilizar e mais, que se ele colocasse um sapato no aparelho ele poderia lambê-lo.

SILVIA E ARLETE – Foram atendentes, em meu consultório no Rio. Silvia, primeiro. Costumava ficar atrás de mim e ler as receitas. De vez em quando, ela fazia observações desse tipo, na presença dos pacientes: “Este leite que o

doutor está passando é muito bom. A senhora pode dar. Tive um filho que usou este aí e se deu muito bem”. Tive que lhe esclarecer, por várias vezes, que eu não precisava da opinião dela, até que não deu mais. Naquela época as atendentes costumavam aplicar as vacinas e, com frequência, serem gratificadas por isso. Arlete era uma pessoa muito boa, mas com uma cara que assustava as crianças. Por essa razão, nós aplicávamos as vacinas. Após alguns meses, ela me perguntou: “Quando é que eu vou começar a furar as criancinhas?”.

CHAMADO EM COPACABANA – Eu tinha uns 32 anos. Eram mais de onze horas da noite quando fui chamado para atender a uma criança em Copacabana. Peguei minha malinha, e segui. Ao entrar no apartamento, três lindas mulheres, bêbadas, mães de clientes. Queriam fazer um programa, logo comigo. Consegui resistir e voltei para casa, não sem antes recriminá-las.

HELENA – Muito jovem, bonita, rica. Casou-se com um professor vinte anos mais velho, desquitado. Com o tempo, o amor foi acabando e ela resolveu separar-se. Ele, desesperado, ameaçava se matar, se ela não voltasse. Esse comportamento repetiu-se várias vezes, e ela deixou de acreditar nas ameaças de suicídio. Um dia, ele disse para ela: “Até amanhã, no Cemitério São João Batista”. No dia seguinte estávamos todos, inclusive eu, participando do velório.

BÁRBARA – Era uma criança de três anos. Meu consultório ficava no terceiro andar. Começava a chorar na entrada do prédio e, tão alto, que eu já sabia que ela estava chegando. Um dia, as duas estavam na sala de espera e Bárbara chorava e a mãe gritava: “Se você não parar de chorar, o doutor Lisboa vai cortar sua língua e jogar para o cachorro comer”. Estava explicado o motivo do medo que ela tinha de mim.

TELEFONE– Estávamos em 1960. Conseguir um telefone era uma proeza. Mesmo caríssimos, eram difíceis de achar. Meu consultório era alugado. Um dia, o proprietário pediu o telefone. E eu fiquei sem um dos mais importantes instrumentos de trabalho – o telefone. Como tinha uma clínica grande, comecei a avisar a todas as mães que eu iria ficar sem telefone, e fiquei. O Claudio Lacombe, que pertencia àquela época ao governo do Rio, conseguiu que abrissem inscrições para pedidos de instalação de telefones, por um dia. Enviou um carro ao meu consultório para que eu assinasse o pedido. O pedido foi para a telefônica e lá ficou. Eu estava desesperado sem o telefone. Recebi um telegrama da Light, que não havia ramal disponível para meu edifício, assinado pelo Rubens Fonseca (ele mesmo, o grande romancista), meu amigo. Fiquei muito aborrecido, mas resolvi telefonar para o Rubens, que me disse: “Antonio Márcio, você não pode ficar sem telefone. A Teia (esposa dele) está lhe procurando há dois dias. Venha até aqui”. Fui até a Light e, no outro dia, estava com o telefone instalado no meu consultório.

MARIA HELENA – Era casada com um primo e morava em uma casa, no térreo. Ficava desesperada porque a criança, de dois anos, não comia. Naquele dia, eu a havia atendido no consultório e explicado que uma das causas

principais de falta de apetite era forçar a criança a comer. Ao voltar para casa, passei pela casa da Maria Helena. As janelas estava abertas. Maria Helena, com a colher das de sopa na mão, gritava e enfiava a colher na boca da criança. E dizia: “Você tem que comer!” Quando ela me viu, eu lhe disse: “Não foi assim que eu lhe ensinei”. Não voltou mais ao consultório.

O JAPONÊS –Tudo indicava ser um recém-nascido mongol. Os pais, bem brasileiros. O “mongol”, tinha um desenvolvimento normal. Eu, sempre fazendo perguntas. Como ele poderia estar tão bem? Um dia, a mãe não aguentou e disse: “Doutor, o pai dele é japonês. Não conte para ninguém”.

O PREMATURO DA SÃO JOSÉ - Fui atender a um recém-nascido na Casa de Saúde São José. Passei primeiro pelo quarto dos pais, para conhecê-los. A avó me chama e diz: “Doutor, eles estão casados há sete meses. Tem que ter nascido prematuro, o senhor me entende?”. Tratava-se de uma família importante, que não queria correr riscos. Estávamos em 1958. O “prematuro” era bem grandinho: pesava 3.500 gramas. Só havia uma solução: colocá-lo em uma incubadora. Assim foi feito, embora o pessoal do berçário estranhasse aquele gigante adormecido na incubadora. A família se encarregou de convencer os visitantes que o bebê havia nascido antes do tempo, estava em uma incubadora e as visitas eram proibidas. Com uma semana dei alta, avisei à família que o “prematuro” não deveria ser visto por uns vinte dias.

GINECOMASTIA –O aumento da glândula mamaria em pré-adolescentes é um fato comum, em meninos e meninas. Como também é comum as mães nos procurarem preocupadas e dizerem: “Se fosse menina ainda bem, mas ele é um menino....”

IDADE DO BANHO DE MAR –Fui entrevistado para uma revista importante. Uma das perguntas foi: “Qual a idade que o senhor acha que um bebê poderá tomar banho de mar?”. Respondi: “Recomendo que a partir de um ano”. Qual foi minha surpresa quando, lendo um jornal, vejo uma reportagem do Prof. Rinaldo de Lamare, o médico mais famoso do Rio, respondendo a mesma pergunta, e criticando pediatras malucos que permitiam que crianças de um mes tomassem banhos mar. Acredito que o repórter que me entrevistou achou que um ano era muito tarde e resolveu colocar um mês.

O MONGOL - Ela tinha mais de 40 anos e o pai, mais de 50. Tinham quatro filhos. O quinto nasceu com a síndrome de Down, o mongolismo, e uma cardiopatia grave. Quase morreu algumas vezes. A mãe me chamava, eu corria para atendê-lo e o salvava. Às vezes, tinha que interná-lo. Em um desses chamados, a mãe, chorando, disse-me: “Não sei porque o senhor se esforça tanto para salvá-lo? Isso só tem prolongado o nosso sofrimento e o dele”. Na próxima vez que ela me chamou, não corri tanto. Quando cheguei, ele havia morrido.

ANEMIA FALCIFORME – Estava trabalhando em um ambulatório de doenças do sangue. Comecei a observar que crianças com anemia falciforme,

doença que ataca principalmente às de raça negra, apresentavam, com muita frequência, hérnia umbilical, o umbigo para fora. Comecei a observar as crianças visando uma possível publicação. Conte para meu chefe que incentivou-me a continuar o trabalho. Um dia, tomei conhecimento de uma reunião médica onde meu chefe iria apresentar o meu trabalho, sem meu conhecimento. Saí do ambulatório. Essa mesma pessoa costumava ter crises de depressão e mandava a esposa me chamar para ficar conversando com ele até de madrugada. Coisas da vida.

ANEMIA APLÁSTICA –A anemia aplástica é uma doença com altas cifras de mortalidade. A medula não funciona, para a produção de sangue e surge uma anemia quase sempre fatal. Em 1955, atendi uma criança que havia tido catapora e tomado dipirona para baixar a febre. Internada em um hospital público, eu a examinava todo os dias e tinha que conseguir sangue para as frequentes transfusões. Sofria a criança, os pais, e eu, vendo-a definhando e sabendo qual seria o seu fim. Morreu dois meses após a internação.

COLÔMBIA – Recebo um telefonema de Bogotá. De um diplomata que havia sido meu cliente, quando criança. O filho havia nascido naquele dia e a pediatra havia pedido uns exames e queria fazer uma transfusão de substituição, trocar o sangue do bebê. Fiz-lhe as seguintes perguntas: o bebê está pálido, cianosado, agitado, sugando mal? A resposta foi não. Então seu filho não precisa de transfusão e o melhor é você sair daí. O diplomata comunicou ao diretor o seu desejo de sair do hospital, e o porquê. O diretor mandou repetir os exames, que estavam errados, chamou a atenção da pediatra e o bebê foi para casa.

NÃO DEIXE ENTRAR! – Ele tinha sido professor de Direito na Universidade de Brasília, na época em que fui perseguido. Ficou solidário até o momento em que meu filho foi preso. Quando sentiu a força do vingativo militar, chegou até minha casa chorando e dizendo que não poderia continuar do meu lado. O pior, passou para o lado do militar e foi premiado com muitas benesses. Sumiu. Anos após, apareceu em minha casa com uma criança, sua parente, que havia sido diagnosticada como portadora de leucemia. Beth, minha esposa, sabia do que havia acontecido e pediu-me que não o deixasse entrar, o que não foi possível. Entrou, mostrou-me os exames e ficou admirando nossa coleção de violetas. O bom foi que a menina não tinha leucemia. O ruim, foi a Beth voltar para a sala e criticar-me por havia deixado que ele entrasse. Perguntei-lhe como tinha concluído que eu o havia deixado entrar? Mostrou-me as violetas: todas murchas.

ENTREVISTA EM COPACABANA – Estávamos em um congresso no Rio. Os conferencistas éramos eu e o Prof. Roberto Caldeyro Barcia, meu amigo. O Prof. Caldeyro Barcia era contrário a determinados medicamentos usados para acelerar o trabalho de parto (ocitócitos) e, inclusive, falou sobre o risco de morte do recém-nascido. Terminada a reunião, fui procurado por duas repórteres do Jornal do Brasil, que queriam uma entrevista. Como já havia antecedentes de má compreensão do que eu havia dito, por parte de repórteres, me neguei a dar

entrevista. Aí, fui ameaçado: ou a entrevista ou a publicação do que elas haviam entendido da minha fala. Sem saída, optei por dar a entrevista. No dia seguinte, viajei do Rio para Florianópolis e, no avião, abro o Jornal e encontro uma manchete: “Pediatra acusa morte de recém-nascidos em maternidades por uso errado de medicamento”. Eu não havia falado nada sobre esse tema e, sim, o Caldeyro. Fiquei com receio de até ser processado pelo Conselho Federal de Medicina. Procurei meu vizinho e amigo, o famoso jornalista Carlos Castelo Branco, que tinha uma coluna Jornal do Brasil e disse-lhe que eu queria enviar uma carta pedindo a retificação. Respondeu-me: “Antonio Márcio, os jornais nunca erram.

Você vai comprar uma briga complicada. Se você quiser, eu posso redigir uma nota e você poderá enviá-la ao Jornal”. Escreveu, e eu enviei. E tudo acabou. Devo-lhe essa, Castelinho.

O AVÔ - Recebi o seguinte recado: “Os pais nasceram para educar. Os avós para deseducar. Tentarei cumprir fielmente o meu papel. Peça-lhe passar na Casa de Saúde São José para examinar meu neto que nasceu hoje”. **UISQUE** – Costumo, até hoje, beber uísque com coca-cola ou guaraná. Um amigo foi visitar-me e vendo-me tomar essa mistura disse-me: “É um absurdo você tomar este uísque (1 2 anos) com coca-cola”. “Vou dividir sua crítica em duas partes. A primeira, o fato de tomar uísque com um refrigerante. Tenho certeza que você já viu pessoas tomando laranja com vodca, rum com coca cola, aguardente com limonada, uísque com suco de limão. Eu tomo uísque com coca cola. A segunda parte de sua crítica refere-se ao fato de tomar “este uísque” com coca cola, Ora, eu sou formado há 65 anos. Considero-me um médico bem sucedido portanto com o direito de tomar uísques de 12 ou 18 anos, com o refrigerante que eu quiser.

UISQUE 2 – Eu e o Dr. Luiz Torres Barbosa, meu chefe no Hospital dos Servidores do Estado, estávamos em uma recepção na casa de um famoso colega pediatra. O Dr. Luiz não se cansava de elogiar a qualidade do uísque que estavam servindo; “Gosto das recepções na casa do Jorge pela qualidade do uísque”. Em um determinado momento fui chamado para atender a um telefonema na cozinha. Qual não foi minha surpresa ao ver que o uísque que estava sendo servido era o famoso “Mansion House”, um dos piores do mercado.

UISQUE 3 – Como professor meu salário era pequeno e tive que recorrer a alguns uísques nacionais. Comprei um que tinha no rótulo uma gravata borboleta e escrito “um senhor uísque”. Não gostei. Ao receber um grupo de alunos em minha casa resolvi servi-lo para certificar-me se era ruim mesmo. Nenhum aluno conseguiu tomá-lo. Conclusão: era ruim.

PROFESSOR BESSA – Professor de Pediatria na Universidade de Coimbra. Convidei-o para jantar em minha casa. Ao final do jantar, Therezinha perguntou-me: “O senhor prefere um pudim ou uma gelatina?”. Respondeu: “Minha senhora, qual se come primeiro?”. Usei esse ensinamento várias vezes.

AS CRIANÇAS DA SÃO CLEMENTE 514 –Ao mudar-me para Brasília recebi uma medalha com o nome das 34 crianças moradoras no meu prédio, que eu havia cuidado. Em minha vida, recebi muitas homenagens, medalhas, diplomas, mas nada me emocionou mais do que a expressão de gratidão daquelas crianças e de suas famílias

AS SOCIEDADES MÉDICAS

ACADEMIA NACIONAL DE MEDICINA – Um de meus sonhos era pertencer à Academia Nacional de Medicina, no Rio de Janeiro. Em 1991, recebi a visita dos professores Jorge de Marsillac e Geraldo Halfeld (foto) respectivamente Presidente e Secretário da Academia Nacional de Medicina (foto), que me entregaram a seguinte comunicação, recebida com surpresa e alegria: “Tenho a honra e a satisfação de comunicar que, em sessão realizada no dia 1º de abril de 1991, foi outorgado a V.Exa. o título de Membro Honorário



da Academia Nacional de Medicina pelos seus elevados dotes e desempenho na área da pediatria e em especial na adolescência, bem como pelos inúmeros títulos de diversas sociedades, no Brasil e no exterior, além de numerosos artigos relativos à medicina, e outros lidando com aspectos deontológicos e organizacionais da profissão médica e do ensino, em especial, na pediatria e

perinatologia. Ao en-
sejo, aproveito para expressar reiterado apreço e o orgulho de ter V.Exa. como membro desta Casa. Ass. Acadêmico Jorge de Marsillac, Presidente da Academia Nacional de Medicina”. Por solicitação do acadêmico Rinaldo de Lamare, meu amigo, tomei posse no mês de outubro, quando ele já havia assumido a presidência da Academia. Fui o primeiro médico de Brasília a ingressar na Academia Nacional de Medicina, o que muito me envaideceu. Fui condecorado pela

Academia por ter participado ativamente da organização de um simpósio sobre

“Saúde do Adolescente”.

ACADEMIA DE MEDICINA DE BRASÍLIA – Resolvi fundar a Academia de Medicina de Brasília, com o objetivo de congregar profissionais altamente conceituados em nossa cidade. Com essa finalidade, em outubro de 1989, convidei os colegas João da Cruz Carvalho, Elias Tavares Araújo (foto), Laércio Moreira Valença e outros para participar da fundação da Academia – Francisco Pinheiro da Rocha, Wilson Sesana, Tito Andrade Figuerôa, Hélcio Luiz Miziara, Manoel Ximenes Neto, Pedro Luiz Tauil, Sergio da Cunha Camões, Rosely Cerqueira de Oliveira. No dia oito de novembro do mesmo ano, foi eleita por aclamação a primeira diretoria – Presidente: Antonio Márcio Junqueira Lisboa; Vice: Francisco Pinheiro da Rocha; Secretário: Laércio Valença; 1º Secretário: Manoel Ximenes Neto; 2º Secretário: Rosely Cerqueira Oliveira; Tesoureiro: Elias Tavares de Araújo; Bibliotecário: Pedro Luiz Tauil. Com o passar dos anos, foram aceitos na Academia vários colegas de reconhecida competência profissional. Ocupo a Cadeira número 1 e escolhi para patrono o meu inesquecível mestre Luiz Torres Barbosa. Em 2014, tornei-me acadêmico emérito.

ACADEMIA BRASILEIRA DE PEDIATRIA – Em 1997, foram escolhidos os membros do Conselho Acadêmico da Sociedade Brasileira de Pediatria, hoje Academia Brasileira de Pediatria, em eleição nacional. Consegui que o Dr. Luiz Torres Barbosa, meu mestre e amigo, fosse o patrono da Cadeira 17, ocupada por mim.



ACADEMIA BRASILEIRA DE PEDIATRIA – 10º ANIVERSÁRIO

ACADEMIA LEOPOLDINENSE DE LETRAS E ARTES-

Eleito, escolhi como patrono o pintor leopoldinense e grande amigo de meu pai, Funchal Garcia. Tomei posse na casa da acadêmica Déa Lustosa Junqueira Xavier, minha prima. Uma semana após, ela, o marido e o filho, faleceram em um acidente de carro. O Dr. Ronald Alvim Barbosa tornou-se a alma da Academia. Fiz algumas palestras a convite dele.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA (SBP)

Ao assumir a Presidência, em maio de 1988, minha maior preocupação foi nortear suas atividades no sentido da defesa dos direitos da criança e do

adolescente. Um dos meus primeiros atos foi a criação do Comitê de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente, do qual assumi a presidência. Procuramos implementar, cada vez mais, a parceria que havia sido iniciada em gestões anteriores entre a SBP e seus aliados. Com a colaboração dos Comitês, presididos por Navantino Alves Filho, de Eduardo Marcondes (Coordenador da Seção de Manuais), e de laboratórios (principalmente da Nestlé), publicamos doze Manuais de Atualização, distribuídos a todos os sócios. Organizamos um Programa de Educação Continuada e conseguimos enviar professores a várias localidades do país. Pela primeira vez, os membros dos Comitês foram eleitos pelos pediatras e não indicados pelo Presidente da SBP. Durante minha gestão, mais de uma centena de eventos científicos tiveram a promoção, participação ou colaboração da Sociedade. Criamos os Departamentos para que os pediatras e outros profissionais da saúde pudessem participar de forma mais integrada e eficiente na solução de problemas da criança brasileira.

Solicitamos aos filiados nomes de pediatras ilustres com o objetivo de criar a Academia Brasileira de Pediatria. Os Departamentos e o Conselho Acadêmico da Sociedade Brasileira de Pediatria, equivalente à Academia de Pediatria, foram concretizados em gestões posteriores. A SBP recebeu o Prêmio Criança, da Associação Brasileira de Fabricantes de Brinquedos, pelo seu papel na defesa dos direitos da criança e do adolescente. Os programas Promoção do Parto Normal, Mãe Participante e Soro Caseiro foram considerados prioritários pela SBP.

Fui representante da SBP na Comissão Nacional de Residência Médica, do Ministério da Educação, por cerca de dez anos, e o primeiro representante da SBP no Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente CONANDA.

Como Presidente da SBP, fui responsável pelo parecer que permitiu que a homeopatia fosse reconhecida como especialidade pela Associação Médica Brasileira, em julho de 1989.

Possuo os Títulos de Pediatra e Neonatologista, emitidos pela Associação Médica Brasileira e pela Sociedade Brasileira de Pediatria.

Fui o primeiro pediatra de Brasília eleito para presidir a Sociedade Brasileira de Pediatria.

SOCIEDADE DE PEDIATRIA DE BRASÍLIA - Senti que Brasília carecia de uma entidade científica que congregasse todos os pediatras. Vencidas algumas resistências e incompreensões, convencemos o mesmo grupo que havia trabalhado para a implantação do CEPPLANC, acrescido de outros colegas, a fundar a Sociedade de Pediatria de Brasília. No dia 3 de outubro de 1968, reunimo-nos na sede da Associação Médica de Brasília e fundamos a Sociedade de Pediatria de Brasília, em substituição ao Departamento de Pediatria. No dia 28 de outubro, foram aprovados os estatutos e eleita a primeira diretoria, tendo eu sido nomeado seu primeiro presidente.

Desde então, a Sociedade reúne-se regularmente e cumpre seu papel. Tenho orgulho de haver sido seu idealizador e fundador.

CENTRO DE ESTUDOS PERINATAIS DO PLANALTO CENTRAL

O Prof. Drauzio Viegas (foto) fundou o primeiro centro de estudos perinatais do país, o CEPENSP, em São Paulo. Logo que cheguei à Brasília, fui procurado por vários colegas, alguns meus ex-residentes no HSE, que passaram a se reunir em minha casa, com a finalidade de discutir problemas comuns e elaborar normas que pudessem ser utilizadas nos hospitais. Devido ao meu bom relacionamento com os pediatras e obstetras de Goiânia, em particular com os professores Jonas Ayube e Geraldo Souza, presidente do Departamento de Pediatria da Associação Médica de Goiás, sugerimos ao grupo, constituído pelos colegas Edson Porto, Heglisson Newton, Rubens Pedrosa Paiva, Eduardo e Rosa Mouzinho Mariz, Walkiria Chianca Pereira, Gilberto Rodrigues Pereira, Pedro Pablo Chacel, Luzia Libânio Costa, a criação do Centro de Estudos Perinatais do Planalto Central (CEPPLANC), para permitir a filiação dos pediatras goianos. Em 20 de agosto de 1968, o grupo reuniu-se na Associação Médica de Brasília e foi constituído o CEPPLANC. Os estatutos foram aprovados no dia 30 do mesmo mês, e a ata de fundação foi subscrita por 91 profissionais. Fui eleito para a primeira diretoria como presidente, e o obstetra Victor Jacobina Lacombe foi nomeado vice-presidente.

A SOCIEDADE LATINOAMERICANA DE PERINATOLOGIA

Fundada em Montevideu pelo Prof. Roberto Caldeyro-Barcia, Raul Bustos e Antonio Márcio Junqueira Lisboa, em 1974. Fui eleito vice-presidente e, em 1976, presidente.

AS VIAGENS

CHINA - Em junho de 1977, a convite da Academia Chinesa de Ciências, visitamos a China. Durante dez dias pudemos conhecer alguns programas de saúde e educação e ter uma visão panorâmica da vida de seus habitantes. O grupo, coordenado pelo Prof. John Lane da UNICAMP, era constituído pelo Profs. Pitanguy (Rio), Zerbini e Takaoka (São Paulo), Pinotti, Lane e Marcondes (CAMPINAS), eu, de Brasília, e nossa esposas. . A China àquela época era um país fechado, misterioso e pouco conhecido. Acredito que tenhamos sido o primeiro grupo de brasileiros a visitá-la a convite do governo chinês após a revolução maoísta.

Entramos no continente asiático por Hong-Kong, de onde seguimos de trem até a fronteira chinesa, onde desembarcamos, atravessamos uma ponte carregando nossas próprias malas, e entramos em território chinês. O local era pouco habitado, cheio de árvores e éramos as únicas pessoas a cruzarem a ponte. Confesso-lhes que vivi aquele momento com um misto de curiosidade, angústia e temor. Embarcamos em um trem bem conservado, confortável e lotado, rumo a Cantão. Durante o trajeto, durante todo tempo, os passageiros eram servidos de chá.

Passamos dois dias em Cantão, onde visitamos as cidades, hospitais, programas comunitários e escolas. De Cantão nos dirigimos a Shangai e depois Pequim (Beijing). Os hotéis eram limpos, porém pobres. Em Cantão, as portas dos quartos não tinham chaves. Mobiliário antigo mostrando as marcas dos anos.

Em Pequim ficamos no melhor hotel - o Beijing. Grande número de quartos, serviço sofrível, restaurante coletivo. Para beber: refrigerante de laranja e uma única marca de cerveja, produzidas pelo governo, sem outras opções. Em cada uma das cidades tivemos um carro colocado a nossa disposição com motorista e guia. Embora tivéssemos escapado uma das noites, liderados pelo Pitanguy, havia recomendação expressa para não sairmos desacompanhados. Ficamos surpresos com o número de bicicletas. Eram centenas de milhares, utilizadas inclusive pelos médicos, professores, chefes de serviço e diretores de hospitais. Eram poucos os ônibus; também escassos e muito mais, os carros. Em várias oportunidades só existiam os nossos. As lojas eram pobres. Havia a "Casa da Amizade", de boa qualidade, reservada para os visitantes estrangeiros. Não havia muita opção de compras, porém o que existia era de boa qualidade e a preços bem acessíveis. Os monumentos antigos - Cidade Proibida, Palácio Imperial, Grande Muralha, Túmulo dos Imperadores - nos impressionaram pela grandeza e beleza. Todos nós, cada qual em sua especialidade, tivemos oportunidade de fazer conferências em hospitais universitários de cada uma das três cidades. Isto nos permitiu um razoável conhecimento de peculiaridades do ensino médico e da assistência hospitalar chinesa. Permitiram-nos a observação de atendimentos médico-cirúrgicos com

a utilização de práticas chinesas, tais como a acupuntura e suas aplicações na clínica e nas cirurgias, o uso das plantas medicinais – fitoterapia, as massagens etc.

ACUPUNTURA - Assistimos a várias cirurgias onde a anestesia era conseguida pela acupuntura. Um dos espetáculos mais impressionantes que presenciamos foi o de uma cirurgia cardíaca onde o médico conversava com o paciente, enquanto manipulava seu coração. De outra feita, assistimos uma senhora ser operada de retirada do útero. O Pinotti, professor de obstetrícia, quis vê-la logo após a cirurgia. Ela estava assentada na cama, tomando uma sopa, e conversando com um filho pequeno. Impressionante!

MÉDICOS PÉS-DESCALÇOS - Visitamos comunidades, cooperativas, escolas, hospitais de pequeno porte e pudemos ver de perto o trabalho dos agentes de saúde - os médicos de pés descalços, no interior do país. Como: eles plantavam as ervas medicinais, faziam os medicamentos, como os estocavam e como eram receitados.

ENSINO MÉDICO- Convivemos com os professores de Pediatria de Cantão, Shangai e Pequim. Achamos todos simpáticos e competentes, principalmente o de Shangai. Em relação ao ensino médico achamos interessante a forma com que escolhiam os locais a serem utilizados para docência. Em vez de construírem hospitais, aproveitavam para a docência, quando necessário, os existentes que se destacassem pela qualidade da assistência prestada, utilizando seus médicos como professores.

Desde 1967, quando viemos para Brasília, defendemos a utilização das unidades assistenciais da Fundação Hospitalar do Distrito Federal para o ensino. A este processo de ensino, utilizando as áreas de serviço, chamamos de integração docente-assistencial, tão sonhada por muitos e dificilmente alcançada, por contrariar interesses pessoais, acabando com os feudos existentes nas faculdades e possibilitando uma concorrência salutar, onde as lideranças seriam exercidas pelos melhores, os mais competentes, os mais dedicados e não pelos mais titulados. Ficamos felizes em observar que os chineses utilizavam este processo que, sem dúvida, além de diminuir os custos, permite que os estudantes tenham uma visão mais realística da prática médica, uma das grandes deficiências do nosso ensino médico, seguidamente denunciadas nas reuniões acadêmicas.

EDUCAÇÃO INFANTIL -Os programas educacionais da China nos impressionaram. A criança pequena, além de ser alfabetizada, aprendia a amar o seu país e a importância do trabalho e da união de todos para o progresso da nação. Durante um período, assistiam às aulas, faziam trabalhos manuais e teatro, onde os temas eram sempre de profunda importância social. No outro período aprendiam música, desenho, pintura, escrita chinesa, faziam teatro e exerciam atividades comunitárias escolhidas de acordo com sua idade. Assistimos a algumas apresentações de crianças pequenas. Os temas eram ligados à promoção de valores: amizade, a união faz a força, solidariedade, amor

ao próximo. Sem saber chinês, eu entendi as mensagens. Nada de Pluto, Mickey, Cinderela. Um grupo de crianças fazia trabalhos manuais: algumas cortavam papel e faziam bandeirinhas que, depois, seriam levadas para festas, onde elas participavam e viam que o seu trabalho as embelezou. Em frente a uma das escolas, crianças pequenas, agachadas, arrancavam o mato. Objetivo: mostrar às crianças que a praça só ficou mais bonita em função do trabalho delas. Educando-as a amar seu país, a mostrar-lhes a importância do trabalho, da responsabilidade e dos valores.

SAÚDE -As crianças e os adolescentes eram saudáveis. Não vi nenhum caso de desnutrição. A dentição dos jovens era perfeita. A obesidade só estava presente entre as pessoas mais idosas. Nós, que conhecíamos a China através de filmes antigos, onde a miséria e a fome era uma constante, e onde as mulheres e as crianças famintas, desnutridas e maltrapilhas perambulavam pelas ruas, ficamos impressionados com o que víamos. Uma população sadia, trabalhadora, pobre, mas não miserável. Quase todos usavam uniforme limpos e bem conservados, e sobretudo havia muita dignidade. Confesso-lhes que, como cidadão e pediatra, fiquei agradavelmente impressionado com o que vi e um pouco frustrado por constatar que grande parte do que eles haviam conseguido poderia ser implantado em nosso país, desde que houvesse vontade política.

A INTERIORIZAÇÃO DOS MÉDICOS –Tivemos uma reunião com o Ministro da Saúde. Um dos grandes problemas na área da saúde é a distribuição dos médicos.

Pinotti – Como o senhor conseguiu colocar médicos no interior?
Ministro – Primeiro, utilizamos o voluntariado. Os médicos escolhem para onde querem ir, em função das vagas.

Pinotti – E isso é suficiente?

Ministro – Não.

Pinotti – E o que senhor faz?

Ministro – Para o resto das vagas, eles vão. (Eram obrigados a ir).

REVISIONISMO –Os chineses chamavam os russos de revisionistas. Aproveitei para perguntar ao professor de Shangai o que significava isso. Respondeu-me que iria explicar-me. “Na Rússia, os governantes gozam de mordomias; possuem carros, casas de campo, iates, boas casas. Na China, quando o diretor do hospital tiver um carro ou uma televisão, eu também terei. Aqui, somos todos iguais. Na Rússia não”.

LIBERDADE – A professora de obstetrícia, que nos acompanhou, era uma senhora muito inteligente. No jantar de despedida, um dos colegas disse-lhe; - Gostei muito da China. Infelizmente, aqui não existe liberdade.

A resposta:

- Aqui, e em seu país, ninguém pode subir em um banco e falar contra o governo. A nossa diferença é que, aqui, não existe miséria, fome, corrupção como existe no seu.

CONCLUSÃO -A revolução realizada nas áreas da saúde e educação não foi à custa de grandes gastos. Pelo contrário, racionalizaram os procedimentos, acabaram com a corrupção, afastaram os incompetentes e cortaram os gastos desnecessários. Forma simples e barata de progredir. Com isto, praticamente desapareceram os analfabetos, os miseráveis, os desnutridos, os corruptos, os malfeitores, que muito contribuem para impedir o progresso de uma nação. Foram dez dias de surpresas e de aprendizado constantes. E, como pediatra, vendo como eram educadas as crianças, eu fiz uma previsão: este país será um dos maiores e mais desenvolvidos do mundo.

A VOLTA -Em julho de 1996, resolvemos voltar à China para constatar, *in loco*, as incríveis mudanças que estariam ocorrendo naquele país, alardeadas pela mídia. Realmente, ao descermos no aeroporto de Pequim já pudemos sentir que muita coisa havia mudado. Seguimos para o hotel em um ônibus de luxo. As ruas coalhadas de carros que, em alguns momentos, congestionavam o trânsito. As bicicletas continuavam trafegando em grande número. O saguão do hotel era de mármore branco, com uma fonte luminosa no centro e, ao lado, um piano de cauda, onde havia sempre alguém tocando uma música suave. As portas dos quartos se abriam com cartões magnéticos. Apartamentos finamente decorados, banheiros espaçosos e lindos, televisão, frigobar, telefone que possibilitava ligação direta para o Brasil. Perguntamos o número de estrelas e nos disseram quatro. Ficamos imaginando como seriam os hotéis de cinco estrelas de Pequim.

Visitamos a cidade e os monumentos. Os monumentos permaneciam iguais. O povo bem mais alegre, vestia roupas coloridas, poucos uniformes. Os camelôs nos assediavam a cada passo: fotos, mapas, relógios, baralhos, uma parafernália. A cidade! Irreconhecível. Arranha-céus por toda parte. Edifícios de linhas arrojadas, muitos sediando grandes multinacionais. Avenidas inteiras com prédios modernos. Comércio fervilhando. No mercado comprava-se de tudo: sapatos, malas, roupas, gravatas, objetos típicos, relógios, sedas, pérolas, jade, por preços baixíssimos, inacreditáveis. Ao lado de locais populares, lojas de departamentos e butikues de luxo. O "fast-food" invadiu a cidade: Pizza Hut, Macdonald e muitas outras. Refrigerantes, cervejas, bebidas de várias procedências, eram encontradas com facilidade.

Sem dúvida, a China que eu conheci em 1977, não existia mais. Parecia outro país, tal o progresso alcançado. Será que poderíamos denominá-lo o milagre chinês?

Como pediatra, entretanto, vi algo que me entristeceu profundamente. Todas as vezes que subíamos ou descíamos dos ônibus, éramos literalmente cercados por mulheres e crianças pedindo esmolas. Mães esqueléticas amamentando bebês em acentuado estado de desnutrição. Saímos de um restaurante às onze da noite e fomos cercados por criancinhas, todas aparentando menos de cinco anos, estendendo as mãozinhas, gritando e esperando algo. A certa distância estavam as mães, assentadas, aguardando.

Espectáculos tristes, infelizmente comuns em nossa pátria, porém inexistentes na China de 77.

Será que o progresso das nações só poderá ser conseguido à custa do sacrifício das crianças? Ou, será que, senhores políticos e economistas, existe alguma maneira menos dolorosa e mais ética de se conseguir o desenvolvimento de um país? Será que hoje, 2015, com o extraordinário progresso econômico da China, a situação das crianças melhorou?

BARBADOS - Convidado pela Macy's Foundation fui a Barbados, uma ilha no Caribe para participar de uma reunião sobre residência em pediatria.

Sáímos da cidade do México. Ao ser apresentado ao avião que iria nos levar até a ilha, não gostei. Um velho Convair, avião que já havia sido aposentado no Brasil há muitos anos. À entrada do avião, fui surpreendido por uma moça. Sorriu e ofereceu-me uma bebida. Quando sorriu, meu medo aumentou mais: ela não tinha nenhum dos incisivos superiores. Era banguela! Sáímos. Os motores rugiam e as asas balançavam como se fossem de borboletas. Depois de uma hora chegamos à linda Barbados, vivos.

GUATEMALA - Também, a convite da Macy's, estivemos na Guatemala, onde conhecemos uma das cidades mais lindas: Antigua de Guatemala. O professor de Pediatria, Carlos Cossich, que já havia estado nos visitando em Brasília, convidou alguns professores para conhecer o Mirante, de onde poderíamos descortinar toda a cidade. Era cerca de oito horas, de uma noite escura. De repente, da escuridão, surgiram vários soldados portando metralhadoras. Mandaram parar o jipe e que todos descessem e colocassem as mãos sobre o jipe. Carlos tentava parlamentar com o que parecia o comandante. Todos foram revistados, menos eu, pois, quando chegou a minha vez, o comandante mandou nos liberar e que voltássemos para a cidade, sem conhecer o mirante. Antes de sairmos do hotel, já estávamos preocupados com a situação da Guatemala, que tentava combater os terroristas.

URUGUAI - Época da luta contra os *montoneros*. Raul Bustos pediatra e meu amigo, me convidou para jantar. Após o jantar, foi mostrar-me o centro de Montevideú. A polícia nos parou, mandou-nos descer do carro, levantar os braços, e ficarmos encostados junto à parede. Raul explicou-lhes que eu era um professor estrangeiro que tinha vindo dar um curso. Com a explicação, fomos liberados, com a recomendação de não sairmos à noite.

FRANÇA - Estivemos na França quatro vezes. A última, em 1975, para fazer um curso no *Centre International de l'Enfance*, com mais 35 obstetras e pediatras de vários países. Fomos eu, Therezinha, Laurista e Maria Elena

Corrêa. **PROF. ROBERT DEBRÉ** – Considerado um dos maiores pediatras franceses.

Esteve nos visitando na Universidade de Brasília e ficou entusiasmado com nosso serviço. Fui convidado para fazer um curso no *Centre International de l'Enfance* em Paris, do qual ele era o presidente. Tive a satisfação de reencontrá-lo. Fomos assistir à inauguração de uma creche. Chovia e o Prof. Debré, com 90 anos, sem pelo menos um chapéu para cobri-lo, fez um discurso que emocionou a todos.

DRA. NATHALIE MASSE - Diretora do Centre. Também visitou o Serviço de Pediatria da Universidade de Brasília e convidou-me para consultor do *Centre* em várias atividades, em diversos países.

AS CESARIANAS – Foi solicitado aos alunos um trabalho sobre a incidência de cesarianas nos diferentes países. Vários foram apresentados. Um obstetra da Tchecoslováquia apresentou uma cifra tão alta, 20%, que, posteriormente, passamos por lá, para saber o porquê. E lá constatamos que elas eram perfeitamente aceitáveis por se tratar de uma maternidade de alto risco. Imaginem se eu e o Laurista apresentássemos as nossas que estavam, naquela época, em 60%!

QUEIJO – Desde criança aprendi a tirar a casca do queijo antes de comê-lo. Convidado pela Anne Marie para jantar, vi que, eu comia o queijo e ela, a casca. Em certo momento, ela me disse: “Márcio, você está jogando fora a melhor parte do queijo!” Vivendo e aprendendo.

ROUBO – Por duas vezes, tentaram assaltar-me no Metrô. A primeira, eu estava saindo do Metrô e senti que estavam enfiando a mão no meu bolso de trás. Segurei o bolso e desci, O ladrão ficou rindo. Da segunda vez, tentaram o velho truque de jogar uma chave no chão para que eu a pegasse. Não peguei, mas, mesmo assim, tentou roubar-me. Saltei do vagão segurando o ladrão pela camisa. Meus filhos pediram-me que largasse. Livre, ficou rindo.

O ALMOÇO – Eu e Therezinha namorávamos um restaurante localizado no Champs Elisée, na outra ponta da rua onde se situava o Arco do Triunfo. Era um dos mais caros de Paris. Um dia recebemos um convite do diretor regional da Nestlé, para almoçarmos com ele. Qual foi nossa surpresa ao sermos levados para o restaurante de nossos sonhos. O local lindo, e o almoço nem se fala. Ao iniciarmos o almoço foi-me perguntado se eu desejaria tomar um vinho Bordeaux ou um Borgonha. Respondi-lhe que poderia ser qualquer dos dois, pois eu os considerava iguais. Lá pelas tantas, perguntei-lhe qual seria a diferença ente o Pigalle o Moulin Rouge. Respondeu-me: ” Doutor, a diferença é quase igual a que existe entre o Bordeaux e o Borgonha”.

TCHECOESLOVÁQUIA

PRAGA - Como parte do curso, fomos de Paris para Praga, então ainda sob domínio russo. Em Paris já havíamos sido avisados de que as mulheres não

seriam bem-vindas e, se elas viajassem conosco, seria por nossa conta e risco. Chegamos à noite. Aeroporto escuro, lúgubre. O policial pergunta-me se eu quero que ele carimbe meu passaporte, ou não. Disse-lhe que sim. Nós fomos levados para um estabelecimento de ensino chamado PODOLI e as mulheres, para local ignorado. No PODOLI, ficamos em quartos separados. Banheiro, no fim do corredor. Banho frio, todo mundo pelado. Durante dois dias sem notícias das esposas. No terceiro dia, reunião com o Ministro de Saúde, que nos disse: “Hoje vou dar uma boa notícia para os colegas brasileiros. Suas esposas irão para o PODOLI, mas ficarão no andar de cima”. Aí soubemos da história delas. Ficaram em um quarto sem chave. Para segurança, colocaram armários de encontro à porta e ficaram aguardando notícias nossas.

COMUNISTA – Estávamos andando em uma praça. Laurista de um lado e eu do outro. De repente ouço um grito: “CHEFE!”. Olho e vejo o Laurista tomando uma fotografia e dizendo: “Agora você está em minhas mãos. Olhe para trás”. Olhei e vi um imenso cartaz fazendo propaganda do regime comunista. Isso, em 1974, na vigência do regime militar. Tenho essa foto até hoje.

RESTAURANTE-O grupo foi para um restaurante e lá começamos a cantar. O garçom pediu-nos para respeitar a tristeza deles, por estarem sob o domínio dos soviéticos. Assim foi feito.

KARLOVIVARY—O balneário dos imperadores. Uma das coisas mais lindas que eu vi.

BRNO— Therezinha havia levado uns discos de sambas e resolveu promover um baile. Foi uma loucura. Todo mundo caiu no samba. No dia seguinte chegou a conta do hotel, relativa aos copos quebrados e à limpeza do local.

MÉXICO- Visitei o México várias vezes, como turista ou participante de congressos e reuniões médicas.

PRIMEIRA VISITA – Costumava descer dos aviões na frente dos outros. Ao descer do avião, corri para o aeroporto. Quase morri de falta de ar e dor de cabeça. Havia me esquecido da altitude. Durante uns dois dias, tive a impressão de que o assoalho do meu quarto no hotel se movia.

ARRITMIA -Therezinha teve uma crise de taquicardia e foi atendida pelos Drs. Joaquin Craviotto e seu filho Alexandre. Levada para um hospital, logo ficou boa. Craviotto foi um dos maiores nutrólogos infantis. Esteve nos visitando em Brasília junto com o Prof. Jurado Garcia, fundador do Instituto Mexicano de Perinatologia.

CUBA- Estive em Cuba duas vezes. Interessante que me tornei amigo de muitos pediatras cubanos que encontrei, lá, ou em outros países, inclusive aqui. Ao me verem, sempre faziam muita festa.

DISCURSO DO FIDEL – Na primeira visita, fomos cumprimentar Fidel Castro, quando foi tirada uma foto nossa e, pouco tempo depois, fomos assistir

a um de seus famosos discursos. A maioria das pessoas ficou em pé, inclusive eu. Duas horas e meia de duração. Desde então, adquiri uma artrose dos joelhos, que não me deixam esquecer o Fidel. Fiquei impressionado com os conhecimentos que ele demonstrou sobre a saúde materno-infantil em Cuba

PLANO DE SAÚDE DE CUBA – Em 1969, encontrei-me em Lima, Peru, com o Dr. Lajonchere, um dos diretores do programa de assistência materno-infantil de Cuba. Eles estavam estruturando a programa de assistência à saúde de Cuba e haviam ouvido falar da Unidade Integrada de Saúde de Sobradinho. Convidou-me para ir a Cuba assessorar o grupo. Eu iria até o México e, de lá, levado a Cuba. Ninguém saberia da minha ida. Disse-lhe que não podia aceitar o convite porque eu amava o meu país e não desejaria correr o menor risco. Alguns anos após, no México, estava como consultor do Centre International de l'Enfance, em um curso internacional. Lá se encontravam os cubanos. O projeto estava pronto e iria começar a implantação. Fizeram uma reunião para ouvir minha opinião. Os pediatras cubanos sempre tiveram uma relação de amizade para comigo. Tenho que confessar que Cuba organizou um dos melhores serviços de saúde do mundo.

O ALMOÇO – Fui convidado por um renomado pediatra cubano para almoçar na casa dele. Casa simples, moveis velhos, de madeira. O almoço constou de arroz, feijão, angu e uma coxa de frango. Serviram-me a única coxa de frango. Confesso-lhes que fiquei extremamente constrangido. Na época, tentei trazê-lo pra o Brasil, sem conseguir.

PERU- Estive no Peru algumas vezes fazendo conferências. Fui honrado com o título de Membro Honorário da Sociedad Peruana de Pediatra.

COSTA RICA – Lindo país. Estive duas vezes, dando cursos de Neonatologia. Recebi o título de Membro Honorário de la *Asociación Costarricense de Pediatría*.

PANAMÁ – Fiquei muito amigo do Dr. Jose Renan Esquivel, pediatra, ex-Ministro da Saúde e fundador do Hospital Infantil do Panamá, o maior do país. Além de tudo, criava camarões em sua granja, a 1.000 de altura. Visitou-me várias vezes em Brasília.

ARGENTINA – Visitei a Argentina várias vezes, onde participei de vários congressos. Fiz grandes amizades.

BAILE – Eu e Therezinha éramos sempre os primeiros a abrir os bailes. Mal começava a música e começávamos a dançar. Em um congresso na Argentina fizemos o mesmo. Ao final da festa o Presidente do Congresso nos procurou e

disse: “O Dr. Lisboa rompio con una tradición argentina. Aca, empezamos a bailar despues del postre. Ustedes, antes de la ensalada”. E eu e Therezinha, recebemos um diploma de maiores dançarinos da festa.

O PRIMEIRO JANTAR – Ovidio Senet e a esposa nos receberam no aeroporto e nos convidaram para jantar em sua casa, às oito da noite. Chegamos em ponto. Coquetéis, salgadinhos etc, e o tempo passando. Passei a acreditar que se tratava de um coquetel. Estávamos exaustos. A uma hora da manhã, foi servido o jantar.

PORTUGAL – Tive a felicidade e a alegria de visitá-lo várias vezes.

PRIMEIRA VEZ – Foi em 1962, no Congresso Internacional de Pediatria. Fomos nos registrar no hotel e seguiu-se o seguinte diálogo:

- Seu nome?

- Antonio Márcio Junqueira Lisboa - Seu nome.

- Antonio Márcio Junqueira Lisboa

Já raivoso, o recepcionista pergunta-me pela terceira vez, agora em inglês, pausadamente: “*What is your name?*”. Resolvi mostrar-lhe minha carteira de identidade e, só ai, ele acreditou.

Como sou brasileiro, acho que o recepcionista tenha acreditado que eu estivesse brincando com ele. Antonio, nome português; Lisboa, a cidade; Junqueira, um dos bairros mais importantes de Lisboa.

NO RESTAURANTE – Ocorreu um forte barulho. Um dos brasileiros gritou: “Caiu um lençol!”. O garçom solícito chegou a nossa mesa e disse-me: “Perdão, doutor, foi uma bandeja”.

O BIFE – Eu e o Eduardo Marcondes estávamos indo para um congresso em Lisboa. Tivemos que pousar em Faro, sul de Portugal, devido ao mau tempo. Tomamos uma garrafa de vinho do Porto, responsável pela maior dor de cabeça que tive em minha vida. Na hora do almoço, o Eduardo pediu um bife. Gostou tanto que chamou o garçom e disse-lhe: “Este bife estava muito bom. Pode repetir”. O garçom respondeu-lhe: “Este bife estava muito bom, pode repetir?”. E foi embora. Passados quinze minutos eu disse ao Eduardo que pedisse novamente. Chamou o garçom e pediu um bife, que logo chegou. Da primeira vez fez o que o Eduardo havia pedido: repetiu o que ele havia dito

ESTADOS UNIDOS

LANCHONETE – Fui convidado pelo Prof. Rudolph Scott, da *Howard University* para ficar em sua casa. Rudolph havia ficado comigo em Brasília e havia me convidado para fazer uma palestra em seu serviço. A família era negra. Convidei a senhora e filha para tomarmos um lanche. Nos assentamos na lanchonete e ficamos esperando. Uma loura de olhos azuis era quem servia. Nos ignorava. A senhora do Rudolph resolveu chamá-la. Como resposta recebeu

uma série de impropérios e que saísse dali pois não iria nos servir. Situação constrangedora. **ALABAMA** – Fato parecido já havia acontecido na primeira vez que fui aos

Estados Unidos. Estava na Aeronáutica e fui enviado para fazer um curso no Walter Reed Army Hospital, em Washington. Passei por Alabama, no sul do país. Fiquei horrorizado com a segregação: brancos e negros separados em escolas, banheiros, restaurantes. Entrei em um ônibus e o motorista não saía do lugar. De repente olhou para trás e mandou que uma senhora negra, sentada em um banco na minha frente, fosse para o fundo do ônibus. Só então ele dirigiu o veículo.

EMBAIXADA – Julho de 1954. Renato, médico, e Marília, sua linda e jovem esposa moravam em Washington. Convidaram-me para ir com eles a uma recepção na casa do embaixador. Lá pelas tantas ela entrou na sala acompanhada da embaixatriz, usando lindas joias. “Olha Renato! Que lindas! São da embaixatriz”. Renato, respondeu-lhe: “Marília, mais vale a juventude nua do que a velhice coberta de joias”. Tive vontade de sumir.

ESTÁGIO NO WALTER REED ARMY HOSPITAL – Em 1954, em Washington, estagiei durante quatro meses neste hospital. Ai conheci o Coronel Médico Ogden Bruton, chefe da Pediatria. O Dr. Bruton, foi o mais completo pediatra que conheci. Respeitado em todo o país, foi quem primeiro descreveu uma doença chamada agamaglobulinemia. Aos sábados discutíamos aspectos físicos, mentais e sociais, relacionados às crianças internadas. Aprendi muito com ele. **O PSIQUIATRA** – Éramos quatro brasileiros. Um deles, psiquiatra, e muito bom. Logo ele, entrou em depressão profunda. Não queria ligar para casa, pois achava a ligação muito cara. Tivemos que pagá-las. Chorava com frequência. Fomos levá-lo para assistir a um filme e tivemos que sair na metade. O filme falava sobre uma viagem de avião para Honolulu, que apresentou defeito no trajeto. Quanto mais emocionante, mais o choro aumentava. Na volta, pediu-nos que não contássemos nada, o que fizemos.

OS ITALIANOS – Uma das coisas que me surpreendeu foi a forma como os médicos informavam às famílias sobre a situação das crianças, nos EUA. A verdade era dita de forma nua e crua. Foi diagnosticada leucemia em uma das crianças, filha de italianos. Doença incurável àquela época. Assisti ao momento em que o Dr. James, um pediatra jovem, chamou os pais e deu-lhes a notícia. Seguiu-se um grito lancinante, e a sala foi invadida pelos familiares. James, estupefacto com a reação, ficou mudo. Aprendeu que a forma que se utiliza para informar americanos, não pode ser a mesma usada para italianos.

FEBRE TIFOIDE – Ao fazermos a visita aos paciente, o Dr. Bruton perguntou-me qual seria o meu diagnóstico a respeito de uma criança de dez meses, com febre alta, sem diagnóstico. Examinei-a, e disse-lhe: “Febre tifoide”. Respondeu-me: “Márcio, há mais de dez anos não temos um caso de febre tifoide. Você quer tentar outro diagnóstico?”. “Não, Dr. Bruton”. O meu diagnóstico foi confirmado e, logicamente, meu conceito melhorou.

FEIJÃO – O almoço era no hospital. Nunca era servido feijão. Um dia, recebemos a notícia que o sonhado feijão seria servido. Divulgamos as notícias entre os colegas e, animados, seguimos para o refeitório. Que decepção! Serviram aqueles “feijões” grandes, parecidos com favas, bem diferente do que queríamos.

ESTRABISMO – Na sessão clínica desse dia só estavam sendo apresentados casos de doenças complicadas. Ao chamarem uma menininha de quatro anos ela se apresentou dizendo: “I am only a crosseye”, ou seja, eu só tenho estrabismo.

CIGARRO –Um dos médicos brasileiros jogou uma ponta de cigarro no chão. Um servente obrigou-o a voltar, apanhá-la e jogá-la no lixo. Um vexame.

INTERNAÇÕES RÁPIDAS – As internações de crianças eram de curta duração. Operações de crânio, coração, não ficavam mais de quatro dias. O serviço atendia caso graves referidos de todo o mundo.

ECUADOR – Estive fazendo palestras por duas vezes. Fui agraciado com o título de Membro Correspondente da Sociedad Ecuatoriana de Pediatría.

REPÚBLICA DOMINICANA – Convidado pela Macy’s Foundation, fiz uma conferência sobre residência em pediatria.

HOMENAGENS E HONRARIAS

- SÓCIO HONORÁRIO, Sociedade Goiana de Ginecologia e Obstetrícia, 1964.
- MEMBRO HONORÁRIO, Academia Nacional de Medicina, 18.04.1989.
- PRESIDENTE E FUNDADOR da Academia de Medicina de Brasília, 1989.
- PRESIDENTE E FUNDADOR da Sociedad Latinoamericana de Perinatología, 1970.
- PRESIDENTE E FUNDADOR da Sociedade de Pediatría de Brasília, 1989.
- PRESIDENTE E FUNDADOR do Centro de Estudos Perinatais do Planalto Central, 1968.
- MEMBRO da Academia Brasileira de Pediatría, 1992.
- SÓCIO HONORÁRIO, Sociedade Goiana de Ginecologia e Obstetrícia, 1964.

- PRESIDENTE DE HONRA, II Congresso Brasileiro de Pediatria Ambulatorial, 30.04.1996.
- HOMENAGEADO com o Título de Leopoldinense Ausente, pela Sociedade de Leopoldina, por relevantes serviços prestados à cidade, Leopoldina, Minas Gerais, 25.06.1966.
- MEDALHA DE PRATA, recebida do Hospital das Forças Armadas de Brasília, 1969.
- MEMBRO HONORÁRIO, Asociación Costarricense de Pediatría, San Jose, Costa Rica, 04.08.1971.
- CONVIDADO DE HONRA, IX Congreso Argentino de Pediatría y Jornadas Gaúchas de Pediatría, Ramo Argentino da Academia Americana de Pediatría, Mar Del Plata, Argentina, 06 - 10.12.1972.
- HOMENAGEADO pelos formandos da Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade de Brasília, 1973.
- HOMENAGEADO pelos residentes formandos na Fundação Hospitalar do Distrito Federal, Brasília, 1977.
- MEMBRO HONORÁRIO, Sociedad de Pediatría del Peru, 1977.

□

□

□

MEMBRO CORRESPONDENTE, Sociedade Ecuatoriana de Pediatria, abril de 1977.

MEMBRO HONORÁRIO, Ramo Argentino, Academia Americana de Pediatria, 1978.

PLACA DE OURO, recebida do Programa de Aleitamento Materno do Estado do Paraná, 1982.

- HOMENAGEADO no XVII Congresso de Obstetrícia e Ginecologia do Norte e Nordeste e I Congresso de Ginecologia e Obstetrícia do Maranhão, São Luiz, Maranhão, 02 - 05.09.1982.
- SALVA DE PRATA, recebida da Sociedade de Pediatria de Brasília, por relevantes serviços prestados à Pediatria de Brasília, 1983.
- MEDALHA DE PRATA, recebida da Sociedade Brasileira de Pediatria, por relevantes serviços prestados ao Ensino da Pediatria, por ocasião do cinquentenário do Ensino da Pediatria no Brasil, Rio de Janeiro, 1984.
- PRESIDENTE HONORÁRIO, Congresso Argentino de Perinatologia, 15.04.1985.
- DIPLOMA DE HONRA AO MÉRITO, recebido do Rotary Clube de Taguatinga, por relevantes serviços prestados, 1985.
- HOMENAGEADO pelo Legislativo Leopoldinense por haver assumido o cargo de Assessor do Ministro da Saúde, Leopoldina, Minas Gerais, 14.05.1985.
- PLACA DE OURO por relevantes serviços prestados, recebida no 25º aniversário da Fundação do Serviço Social, Distrito Federal, 1987.
- PLACA DE PRATA, recebida do Clube de Leopoldina e Cooperativa de Produtores de Leite de Leopoldina, por serviços prestados à cidade de Leopoldina, Minas Gerais, 1987.
- PLACA DE OURO, recebida no XI Congresso Brasileiro de Perinatologia, VI Congresso Latino-americano de Pediatria, por relevantes serviços prestados à Perinatologia Brasileira, Porto Alegre, 1988.
- MEDALHA DA ORDEM DE RIO BRANCO, recebida do Minis-

□

□

tério das Relações Exteriores, grau de oficial, por relevantes serviços prestados, 1988.

- PRESIDENTE DE HONRA, 1º Simpósio Brasil-Cuba de Pediatria, 02.08.1988.
- PRESIDENTE DE HONRA, 1º Congresso Paranaense de Pediatria, Londrina, 28.10.1988.
- PRESIDENTE DE HONRA, VI Congresso Brasileiro de Infectologia Pediátrica, São Paulo, 05.11.1988.
- PRESIDENTE DE HONRA, III Congresso Brasileiro de Terapia Intensiva em Pediatria, 20.11.1988.
- MEDALHA DE OURO, Mérito Henrique Bandeira de Mello, recebida da Secretaria de Saúde do Distrito Federal, por relevantes serviços prestados, 1989.
- HOMENAGEADO DE HONRA, Jornada Comemorativa dos 25 anos do Ensino da Pediatria, Florianópolis, 1989.
- DIPLOMA DE MÉRITO, recebido da Sociedade Brasileira de Pediatria, por relevantes serviços prestados ao ensino e desenvolvimento da Pediatria, 1989.
- MEDALHA DE BRONZE, recebida no XIX Congresso Internacional de Pediatria, Paris, França, 1989.
- DIPLOMA DE MÉRITO recebido na Jornada Comemorativa dos 25 Anos do Ensino da Pediatria, por relevantes serviços prestados ao Ensino e ao Desenvolvimento da Pediatria, Florianópolis, 08 - 10.03.1989.
- HOMENAGEADO DE HONRA, Jornada Comemorativa dos 25 Anos do Ensino da Pediatria, Departamento de Pediatria da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, 08.05.1989.
- HOMENAGEM ESPECIAL, 8º. Simpósio sobre Saúde e Medicamentos, da Academia Nacional de Medicina, Rio de Janeiro, 10.10.1990.
- HOMENAGEM ESPECIAL, 4º. Congresso Brasileiro de Cuidados Primários para a Infância, Fortaleza, Ceará, 1990.
- PLACA DE PRATA, recebida da Academia Nacional de Medicina, Simpósio sobre a Saúde do Adolescente, 1990.

□

□

□

- PLACA DE OURO E PRATA, recebida da Sociedade Mineira de Pediatria, pelo trabalho e dedicação à causa das crianças e adolescentes brasileiros, Belo Horizonte, 1991.
- MEMBRO HONORÁRIO, Academia Nacional de Medicina, Rio de Janeiro, 18.04.1991.
- COMENDA PRESIDENTE CARLOS LUZ, recebida por relevantes serviços prestados a comunidade, Sindicato Rural de Leopoldina, Minas Gerais, 30.06.1991.
- MEMBRO DE HONRA, XI Congresso Espiritossantense de Pediatria, Vitória, 06.10.1991.
- VICE-PRESIDENTE DE HONRA do 44º Congresso Brasileiro de Ginecologia e Obstetrícia, Brasília 13.11.1991.
- MEMBRO HONORÁRIO do Centro de Estudos e Pesquisas em Adolescência, 01.01.1992.
- HOMENAGEM ESPECIAL, I Congresso Nacional de Saúde Materno-Infantil, Aracaju, 08.05.1992.
- RETRATO na Galeria de Ex-Presidentes da Sociedade Brasileira de Pediatria, 07.07.1995.
- PLACA DE PRATA, recebida na abertura do 1º Congresso de Pediatria de Brasília, por relevantes serviços prestados, Brasília, 1996.
- MÉRITO MÉDICO IN MEMORIAM, outorgada ao seu pai, Dr. Irineu Lisboa, por relevantes serviços prestado à Medicina de Minas Gerais, Academia Mineira de Medicina, Belo Horizonte, 20.11.1996.
- HOMENAGEM ESPECIAL, XIX Congresso Brasileiro de Perinatologia, Belo Horizonte, 1996.
- CIDADÃO HONORÁRIO DE BRASÍLIA, título concedido pela Câmara Legislativa do Distrito Federal, em 10.9.1997.
- MEDALHA E DIPLOMA DO MÉRITO CÍVICO, outorgados pela Liga de Defesa Nacional, em reconhecimento pelos relevantes serviços prestados no segmento da saúde, Brasília, 25.11.1997.
- HOMENAGEADO pela Revista NET Canal Brasília, “Dr. Lisboa, o Pediatra de Brasília”, janeiro de 1998.

□

□

- MEDALHA DO MÉRITO LEGISLATIVO, outorgada por relevantes serviços prestados, Assembleia Legislativa do Estado de Minas Gerais, 15.09.98.
- CERTIFICADO recebido da Sociedade de Pediatria de Brasília e do Departamento Científico de Aleitamento Materno da Sociedade Brasileira de Pediatria, por “haver se destacado nos trabalhos de promoção e apoio à amamentação, tendo contribuído para a redução da mortalidade infantil e melhoria na qualidade de vida das crianças do Distrito Federal”, Brasília, 07.10.1999.
- PLACA DE PRATA, recebida do Hospital Brasília, por serviços prestados à criança, Brasília, 26.10.1999.
- PLACA COMEMORATIVA, Departamento de Pediatria da Faculdade de Medicina da Universidade de Brasília “em homenagem aos professores que trabalharam e contribuíram com sua competência e dedicação para a consolidação do ensino da Pediatria na Capital Federal”, 26.11.1999.
- PLACA DE PRATA, recebida da Administração Regional do Lago Sul, por relevantes serviços prestados, Brasília, 2000.
- HOMENAGEADO pela Clínica Materno-Infantil, Brasília, 01.07.2000.

□

□

DIPLOMA DE HONRA AO MÉRITO, recebido do Ministério da Saúde, por ocasião do I Congresso Internacional de Bancos de Leite Humano, em reconhecimento às ações desenvolvidas no incentivo do aleitamento materno, Natal, 18.07.2000.

DIPLOMA DE HONRA AO MÉRITO, conferido pela Sociedade Brasileira de Pediatria ao seu ex-presidente (1988-1989), pelos relevantes serviços prestados na construção de sua brilhante trajetória, Rio de Janeiro, 27.07.2000.

- HOMENAGEADO como o “DESTAQUE MÉDICO DO ANO 2000”, pelo Hospital Anchieta, Taguatinga, Distrito Federal, 27.10. 2000.
- HOMENAGEADO pelo Lions Club Omar Peres, na 1ª Festa Oficial do Leopoldinense Ausente, “pessoas que, embora não morando em Leopoldina, continuam prestigiando e enaltecendo o nome e os valores de nossa querida cidade”. Leopoldina, Minas Gerais, 03.11.2000.
- DIPLOMA DO MÉRITO ÉTICO PROFISSIONAL, conferido pelo Sindicato dos Médicos do Distrito Federal, Brasília, 18.10.2001
- HOMENAGEADO pela Academia de Medicina de Brasília, com a colocação de seu retrato em sua sede, por ter sido seu fundador e 1º Presidente, julho de 2003.
- PLACA COMEMORATIVA dos 25 anos do Banco de Leite de Taguatinga, por serviços prestados à promoção do aleitamento materno, Taguatinga, Distrito Federal, 19.09.2003.
- HOMENAGEADO pela Fundação de Ensino e Pesquisa em Ciências da Saúde, com a colocação de seu retrato na Galeria dos ex-diretores do Centro de Desenvolvimento de Recursos Humanos, Brasília, 23.09.2003.
- PLACA DE PRATA recebida do Sindicato dos Médicos do Distrito Federal por ocasião do seu 25º Aniversário, por relevantes serviços prestados à saúde, Brasília, 28.10.2003.
- RETRATO na Galeria de Grandes Médicos, Hospital Brasília, Brasília, 30.10.2003.
- HOMENAGEADO pela Fundação de Ensino e Pesquisa em Ciências da Saúde, pela atuação em favor da melhoria da

- qualidade e humanização da saúde prestada à população do Distrito Federal, Brasília, 2006.
- ACADÊMICO TITULAR EMÉRITO da Academia de Medicina de Brasília, 10/11/2006.
- DIPLOMA DE HONRA AO MÉRITO NACIONAL MÉDICO por sua importante colaboração à medicina brasileira, XII Conclave Brasileiro de Academias de Medicina, Florianópolis, 29/06/2006.
- HOMENAGEADO pelos médicos e funcionários do Hospital Regional de Sobradinho, 2007.
- HOMENAGEADO pela Administração de Sobradinho (2007), Homenageado pelo Ministério da Saúde por sua atuação no incentivo a organização de Bancos de Leite (2007).
 - HOMENAGEADO Pela Federação Brasileira de Academias de Medicina com o Diploma de Mérito Nacional, Florianópolis, (2007).
 - PRÊMIO Análise Medicina 2009, por ter sido seu nome apontado como um dos Mais Admirados em sua especialidade, São Paulo, 2009.
 - ELEITO PRESIDENTE HONORÁRIO da Sociedade Pernambucana de Pediatria, Recife, 2011.
 - DIPLOMA MOÇÃO DE LOUVOR - Câmara Legislativa do Distrito Federal “pelos relevantes serviços prestados em prol da medicina do Distrito Federal”, Brasília, 19 de outubro de 2001.
 - DIPLOMA DE HONRA A ÉTICA – Conselho Regional de Medicina do Estado de Minas Gerais, pelo disposto no Art. 4º do CEM “Ao médico cabe zelar e trabalhar pelo perfeito desempenho ético da Medicina e pelo prestígio e bom conceito da profissão”, bem como pelos relevantes serviços prestados a sociedade outorga o presente diploma. Belo Horizonte, 20 de maio de 2011.
 - TROFÉU ZILDA ARNS – Unimed-Recife “com o objetivo de homenagear personalidades que desenvolveram, em suas áreas, importantes trabalhos relacionados à criança e ao adolescente”, Recife, 13 de dezembro de 2011.
 - PLACA DE PRATA – Associação Médica de Leopoldina, “pelos relevantes serviços prestados à medicina, sempre honrando e dignificando a nobre arte hipocrática”, Leopoldina, 20 de maio de 2011.

□

□

- HOMENAGEADO no 50º aniversário do Conselho Regional de Medicina do Distrito Federal, 19 de outubro de 2011.
- PRESIDENTE DE HONRA da IV Jornada Unimed Recife de Atualização em Pediatria, 21-24 de julho de 2011.
- CERTIFICADO DE MÉRITO– Centro de Memória da Medicina da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais, “em reconhecimento a sua insigne presença na história desta instituição”, Belo Horizonte, 2011
- PRESIDENTE HONORÁRIO da Sociedade Pernambucana de Pediatria, Recife, 2013.
- HOMENAGEADO pela Fundação de Ensino do Planalto Central (FIPLAC) Brasília, 15.07.2013.
- MEMBRO EMÉRITO da Academia de Medicina de Brasília, 18.06.2013.
- HOMENAGEADO COMO Educador Médico do Distrito Federal pela Associação Brasileira de Educação Médica, Regional Centro Oeste, Brasília, 25.10.2013.
- MEDALHA DO MÉRITO INTEGRAÇÃO SEGURANÇA PÚBLICA DO DISTRITO FEDERAL, Secretaria de Segurança Pública do Distrito Federal, 15.09.2013.

ELOGIOS

- Em 31.12.1952, foi elogiado, individualmente, pela Direção do Hospital da Aeronáutica dos Afonsos, “pelo espírito de disciplina, competência profissional e capacidade de trabalho”.
- Em 30.01.1953, foi público ter sido elogiado, individualmente, nos seguintes termos: “Em vista dos agradecimentos e congratulações apresentadas a este Hospital pelo Exmo. Sr. Brig. Méd. Dr. Manuel Ferreira Mendes, pela colaboração deste Hospital nas comemorações da 2ª Semana de Serviço de Saúde realizada no transcurso do 12º Aniversário da criação do Ministério da Aeronáutica, esta Diretoria elogia o 1º Ten. Méd. da Aeronáutica, Dr. Antonio Marcio Junqueira Lisboa, pela valiosa cooperação prestada à realização da 2ª

Semana do Serviço de Saúde, demonstrando cultura profissional, inteligência e interesse pela manutenção do alto conceito atingido pelo Serviço de Saúde da Aeronáutica”.

- Em ofício número 42 de 20.02.1953 do Chefe do Comissariado de Anchieta e Pavuna ao Exmo. Sr. Diretor Geral da Aeronáutica, foi externado o agradecimento pelo auxílio médico prestado ao detetive Antonio Alves de Oliveira, num tratamento elevado e humano, graças ao qual foi posto fora de perigo, Ministério da Aeronáutica, Rio de Janeiro, 23.03.1953.
- Em 24.03.1953, foi público haver sido elogiado pelo Maj.Méd. Dr. Wilson de Oliveira Freitas, Diretor do Hospital de Aeronáutica dos Afonsos, nos seguintes termos: “Elogio o 1º
Ten.Méd.Dr. Antonio Marcio Junqueira Lisboa, médico moço,

mas sólido em cultura geral de sua especialidade, sabe se multiplicar de maneira a atender com eficiência aos exames da Junta Especial de Saúde, aos inúmeros doentes de ambulatorios e às exigências de suas funções na Seção Auxiliar. É elemento brilhante da geração nova”.

- Em 25.05.1953, foi público ter sido elogiado, individualmente, pelo Exmo. Sr. Brigadeiro Médico Dr, Manoel Ferreira Mendes, Diretor Geral de Saúde da Aeronáutica, “pela inteligência, dedicação e didática demonstradas nas sábias aulas ministradas com eficiência e operosidade aos alunos do Curso Especial de Saúde da Aeronáutica”.
- Em 07.12.1954, foi público que o Cel. Méd. Dr. Oriovaldo Benitez de Carvalho Lima, ao deixar a direção do Hospital de Aeronáutica dos Afonsos, deixou consignado o seguinte elogio: "Chefe da Seção Auxiliar e, cumulativamente, respondendo pela Chefia da Clínica Médica, pela lealdade, operosidade, interesse e dedicação com que se devota ao trabalho e pelos marcantes dotes de inteligência, cultura atualizada e dignidade com que já se destaca como elemento de escol no Quadro de Saúde da Aeronáutica”.
- Em 22.01.1955, foi público ao ser desligado do Hospital de Aeronáuticas dos Afonsos, por motivo de sua transferência para o Hospital Central da Aeronáutica, cumpre a esta Direção consignar seus agradecimentos ao referido oficial. “Servindo há 3 anos neste Hospital, demonstrou qualidades de profissional competente e dedicado, sempre interessado no aprimoramento de conhecimentos técnicos, aliados ao interesse no desempenho de suas atribuições militares. Oficial moço, diligente e dotado de esmerada educação civil e compreensão do dever militar, fez-se credor da admiração dos seus chefes e amizade de seus colegas. Ao Dr. Lisboa felicidades na nova missão são os votos que lhe faz a Direção do Hospital de Aeronáutica dos Afonsos”.
- Em 22.03.1956, foi público haver sido elogiado pelo Exmo. Sr. Brig. Méd. Dr. Antonio Melibeu da Silva, Diretor do Hospital Central da Aeronáutica, o Cap. Méd. da Aeronautica Dr. Antonio Marcio Junqueira Lisboa. “Durante o tempo em que serviu neste estabelecimento revelou-se um médico culto, trabalhador e sobretudo criterioso. Deixa neste Hospital uma plêiade de colegas que muito o estimam e que aqui ficam lhe

- desejando muitas felicidades na nova vida que espontaneamente escolheu”.
- Sr. Diretor do Hospital dos Servidores do Estado – “Considerando o desvelo, eficiência e correção dos auxiliares mais diretos com que tive a honra de contar, comigo colaborando na Divisão de Órgãos Periféricos, ao deixar o cargo, como medida de justiça, solicito que sejam lançados nos assentamentos funcionais dos servidores abaixo relacionados os elogios a que fizeram jus nas diversas atuações: Dr. Antonio Marcio Junqueira Lisboa, Chefe do Setor Técnico da Maternidade e Policlínica Alexander Fleming . Laim Pontes de Carvalho, 20.5.1960. Tendo em vista a atuação do Dr. Antonio Marcio Junqueira Lisboa, matrícula 1.762.422, à frente do Setor Técnico Científico, no período de abril de 1959 a janeiro de 1961, quando demonstrou a pujança de sua inteligência, o equilíbrio necessário ao bom administrador e sua capacidade realizadora e elevado espírito público, tudo em benefício desta Maternidade e Policlínica, Alexander Fleming, venho através do presente solicitar a V.S. se digne tomar as providências cabíveis no sentido de que conste em seus assentamentos funcionais os reais serviços por ele prestados. Dr. Olyntho Resende, Diretor da Maternidade e Policlínica Alexander Fleming, 03.02.1961.
 - O Diretor do Hospital dos Servidores do Estado, usando de suas atribuições, resolve elogiar o Dr. Antonio Marcio Junqueira Lisboa pela eficiência, dedicação e elevado espírito público demonstrados no desempenho de suas funções à frente do Setor Técnico Científico da Maternidade e Policlínica Alexander Fleming. Aloysio de Salles Fonseca, 20.03.1961.
 - A Diretoria do Clube Leopoldina, em feliz inspiração, houve por bem deliberar seja V.S. o “Leopoldinense Ausente”, a receber as homenagens que a Sociedade Leopoldinense tributa aquele que tem sabido elevar, em outras paragens, o nome de nossa cidade. Apraz-nos dar ao conhecimento do ilustre conterrâneo a feliz deliberação do nosso Clube e dizer-lhe das manifestações de simpatia, de júbilo e de apoio com que nossa cidade acolheu a escolha”. Leopoldina, 25.06.1966.
 - “É com a maior satisfação que informo a você (e gostaria que você transmitisse a todos), que o programa de Residência em Pediatria sob sua supervisão é o melhor do Brasil no momento,

graças a um equilíbrio muito bem balanceado entre todas as áreas de ensino. No final da Residência o profissional aí formado tem realmente uma visão global da Pediatria, condição indispensável para o bom exercício da profissão”. Professor Eduardo Marcondes, Presidente da Comissão de Residência da Sociedade Brasileira de Pediatria, 24.05.1972.

- Elogio recebido do Diretor do Hospital Regional da Asa Norte: “pela sua eficiência, criatividade, alto espírito de solidariedade e excelente trabalho desenvolvido, quando da implantação das instalações do Hospital Regional da Asa Norte”. 25.07.1985. □
“Tenho a honra e a satisfação de comunicar que, em sessão realizada no dia 18 de abril de 1991, foi outorgada a V.Ex^a. o título de Membro Honorário da Academia Nacional de Medicina pelos seus elevados dotes e desempenho na área da pediatria e em especial na adolescência, bem como pelos inúmeros títulos de diversas sociedades, no Brasil e no exterior, além de numerosos artigos relativos à medicina, e outros lidando com aspectos deontológicos e organizacionais da profissão médica e do ensino, em especial, na pediatria e perinatologia”. Acadêmico Jorge de Marsillac, Presidente da Academia Nacional de Medicina.
- O Professor de Pediatria da UnB, Dr. Antonio Marcio Junqueira Lisboa, se afastou da Universidade de Brasília por perseguição política nos anos da Ditadura Militar, fato este de conhecimento da sociedade do Distrito Federal, sendo justamente reintegrado no período de abertura democrática no país. Aquela época o perseguiram pelos seus ideais e pela sua luta por uma sociedade mais justa. O uso de seu nome por motivos políticos neste momento retrata de novo insensatez e irresponsabilidade que ofende profundamente os inúmeros médicos formados por ele, a inteligência de seus amigos, colegas, clientes e à sociedade do Distrito Federal. Esta certamente dará a resposta adequada aos que tentam atingir a honradez de pessoa e de profissional do Dr. Antonio Marcio Lisboa que sempre usou seus conhecimentos e a sua arte exclusivamente para curar os males e mitigar o sofrimento do próximo. ASSOCIAÇÃO
- MÉDICA DE BRASÍLIA, 26.10.1994.

FIM

Estou com 89 anos. 64 deles praticando a Medicina das Crianças. Tive a felicidade de ter os pais que todas as crianças desejariam ter. Conseguiram fazer de nosso lar um porto seguro, onde imperava o amor, carinho e segurança. Fui casado com duas mulheres maravilhosas. Tive cinco filhos, que só me deram alegrias. Tive amigos inesquecíveis. Fui professor durante 30 anos. Tive a felicidade de ver meus alunos praticando a medicina com competência e amor ao pródecer a Deus pela vida que Ele me proporcionou. ximo. Escrevi 16 livros. Plantei mais de 50 árvores. Só me resta agra-